O livro que deu origem ao filme de Aaron Sorkin

MOLLY BLOOM

A GRANDE JOGADA



A história real da mulher que comandava
a mesa de pôquer mais exclusiva do mundo

intrínseca

MOLLY BLOOM

A GRANDE JOGADA

Tradução de Renato Marques



Copyright © 2014 by Molly Bloom
Todos os direitos reservados. Esta edição foi publicada mediante acordo com a HarperCollins Publishers.

TÍTULO ORIGINAL
Molly's Game: From Hollywood Elite to Wall Street's Billionaire Boys Club, My High-Stakes Adventure in the World of Underground Poker.

PREPARAÇÃO
Elisa Menezes

REVISÃO
Guilherme Bernardo
Ulisses Teixeira

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Equatorium Design

REVISÃO DE E-BOOK
Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0290-2

Edição digital: 2018

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Este livro é dedicado a minha mãe, Charlene Bloom, que me deu a vida não apenas uma vez, mas duas. Sem seu amor intenso e seu apoio inabalável, nada disto teria sido possível.

SUMÁRIO

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Nota da autora

Prólogo

Parte um
Sorte de principiante

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Parte dois
Hollywooding

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Parte três
Maré de sorte

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Parte quatro
Cooler

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Parte cinco
Uma ficha e uma cadeira

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Parte seis
Baralho frio

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Epílogo

Nota da editora

Agradecimentos

NOTA DA AUTORA

As experiências e os acontecimentos narrados aqui são todos verídicos. Em algumas situações, alterei nomes, identidades e outros detalhes específicos de indivíduos para proteger sua privacidade e integridade, e sobretudo para garantir seu direito de contar — ou não — sua própria versão dos fatos, se assim o quiserem. Os diálogos que recrio aqui partem das nítidas recordações que guardo deles, embora não pretendam representar transcrições literais. Em vez disso, eu os recontei de maneira a evocar o verdadeiro sentimento e significado do que foi dito, de acordo com a essência, o tom e o estado de espírito legítimos das interações.

PRÓLOGO

Estou parada no corredor de casa. É muito cedo, talvez cinco da manhã. Uso um robe fino de renda branca. Um feixe bem forte de luz fluorescente ofusca minha visão.

— LEVANTE AS MÃOS BEM ALTO! — berra um homem.

O tom é agressivo, mas sem emoção... Ergo as mãos trêmulas, e meus olhos aos poucos se ajustam à luz.

Estou diante de uma muralha de agentes federais uniformizados, uma porção deles, amontoados em uma formação interminável. Eles empunham fuzis de assalto — armas que eu só tinha visto em filmes agora estão apontadas para mim.

— Venha em nossa direção, devagar — ordena o homem.

Há certa indiferença, uma ausência de humanidade nesse tom de voz. Percebo que eles acham que sou uma ameaça, o tipo de criminoso que foram treinados para prender.

— MAIS DEVAGAR! — alerta a voz, ameaçadora.

Ando com as pernas trêmulas, avançando um pé após o outro. É a caminhada mais longa da minha vida.

— MUITA CALMA, BEM DEVAGAR, NADA DE MOVIMENTOS SÚBITOS — adverte outra voz grave.

O medo toma conta do meu corpo, fica difícil respirar, e o corredor escuro começa a parecer um borrão. A possibilidade de acabar desmaiando me aflige. Imagino meu *négligé* branco coberto de sangue e me obrigo a continuar consciente.

Por fim, chego à linha de frente e sinto alguém me segurar e me empurrar com rispidez contra uma parede de concreto. Sinto mãos me apalpando e me revistando, percorrendo meu corpo dos pés à cabeça; então, frias algemas de aço se fecham com vigor ao redor dos meus punhos.

— Tenho uma cachorrinha, o nome dela é Lucy, por favor, não a machuquem — imploro.

Depois de um momento que mais parece uma eternidade, uma agente grita:

— TUDO LIMPO!

O homem que me algemou me conduz até o sofá. Lucy vem correndo e lambe minhas pernas.

Dói demais vê-la tão assustada, e tento não chorar.

— Senhor — chamo, nervosa, o homem das algemas. — Por favor, o senhor poderia me dizer o que está acontecendo? Acho que deve ter havido algum engano.

— Você é Molly Bloom, não é?

Faço que sim com a cabeça.

— Então não tem engano nenhum.

Ele me mostra uma folha de papel. Inclino o corpo para a frente, os punhos ainda retidos pelas algemas às minhas costas. Não consigo ir além da primeira linha, escrita em letras pretas e garrafais:

OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA CONTRA MOLLY BLOOM

Parte um

SORTE DE PRINCIPIANTE

Sorte de principiante (locução substantiva)
O suposto fenômeno em que um novato no jogo de cartas experimenta o sucesso com uma frequência desproporcional.

CAPÍTULO 1

Durante as duas primeiras décadas da minha vida, morei no Colorado, numa cidadezinha chamada Loveland, 74 quilômetros ao norte de Denver, capital do estado.

Meu pai era um homem lindo, carismático e complicado. Trabalhava como psicólogo e era professor da Universidade Estadual do Colorado. A educação dos filhos era de suprema importância para ele. Se meus irmãos e eu não voltássemos para casa trazendo apenas notas A e B, estávamos em apuros. Dito isso, ele sempre nos incentivou a ir atrás dos nossos sonhos.

Em casa, ele era carinhoso, brincalhão e amoroso, mas, quando o assunto era o nosso desempenho escolar ou esportivo, exigia excelência. Era movido por uma paixão impetuosa, às vezes tão intensa que dava até medo.

Na nossa família nada era "recreativo"; tudo servia de lição para superar os próprios limites e ser o melhor possível. Eu me lembro de uma manhã de verão em que meu pai nos tirou da cama logo cedo para um passeio de bicicleta. O "passeio" acabou envolvendo uma exaustiva subida quase vertical de novecentos metros, a uma altitude de mais de três mil metros montanha acima. Meu irmão caçula, Jeremy, devia ter uns seis anos, e estava com uma bicicleta sem marcha. Ainda hoje consigo vê-lo com a língua de fora e quase colocando os pulmões pela boca, enquanto meu pai berrava feito uma fera enlouquecida, obrigando Jeremy e todos nós a fazer força e a pedalar mais e mais, sem direito a reclamações. Muitos anos mais tarde, perguntei ao meu pai de onde vinha tanto fervor. Ele parou para pensar: tinha três filhos adultos que haviam superado muito toda e qualquer expectativa com que ele pudesse ter sonhado. A essa altura ele estava mais velho, menos enérgico e mais introspectivo.

— De duas, uma — respondeu ele. — Na minha vida e na minha carreira, vi o que o mundo pode fazer com as pessoas, ainda mais com as meninas. Queria que vocês tivessem as melhores oportunidades. — Ele fez outra pausa. — Ou pode ser que eu visse todos vocês como extensões de mim mesmo.

Minha mãe, por outro lado, nos ensinou a compaixão. Ela acreditava na ideia de tratar com bondade todos os seres vivos, e dava o exemplo. Minha bela mãe é a pessoa mais gentil e amorosa que conheci na vida. Ela é inteligente e competente, e em vez de nos instigar a conquistar e a vencer, nos estimulava a sonhar, e fazia questão de fomentar e facilitar a realização

desses sonhos. Quando eu era bem pequena, adorava fantasias; logo, o Dia das Bruxas era meu feriado favorito, naturalmente. Todo ano eu aguardava ansiosa a data e pensava com carinho na representação de quem ou o que eu seria. Quando eu tinha cinco anos, fiquei indecisa entre uma fantasia de pata e uma de fada. Então, disse para minha mãe que no Dia das Bruxas queria ser uma pata-fada. Ela me fitou com uma expressão séria.

— Pois bem, você será uma pata-fada. — Ela passou a noite em claro costurando a roupa.

Eu, é claro, fiquei ridícula, mas o apoio incondicional que ela dava, sem qualquer julgamento, nossa individualidade nos inspirou a viver de maneira criativa e a forjar um caminho próprio. Ela consertava os carros, cortava a grama do jardim, inventava jogos educativos, criava caças ao tesouro, comparecia a todas as reuniões na escola e ainda encontrava tempo para estar sempre linda e receber meu pai com um drinque na mão quando ele chegava do trabalho.

Meus pais criaram os filhos de acordo com seus respectivos pontos fortes: meus irmãos e eu fomos norteados por sua combinação de energias feminina e masculina. A polaridade deles nos moldou.

★ ★ ★

Durante minha infância, nossa família ia esquiar todo fim de semana. Nós nos amontoávamos dentro da perua e fazíamos o percurso de duas horas até nosso apartamento de um quarto em Keystone. Pouco importavam as condições — nevascas, dores de barriga, dezenas de graus abaixo de zero —, éramos sempre os primeiros a chegar à montanha. Meu irmão Jordan e eu tínhamos talento, mas Jeremy era um prodígio. Nós três logo chamamos a atenção do técnico da equipe de esqui local e começamos a treinar. Pouco tempo depois, já participávamos de competições.

Passávamos nossos dias de verão praticando esqui aquático, ciclismo, corrida e fazendo trilhas. Meus irmãos entraram em times das ligas infantis de futebol americano, beisebol e basquete. Comecei a participar de competições de ginástica e a fazer corridas de cinco quilômetros. Estávamos sempre em movimento, sempre treinando para nos tornamos cada vez mais rápidos, mais fortes, ir além de nossos limites. E não nos ressentíamos de nada disso. Era o que a gente sabia fazer.

Aos doze anos, estava participando de uma corrida de cinco quilômetros quando senti uma dor aguda e uma forte sensação de ardência entre as omoplatas. Depois de ouvir uma primeira, uma segunda e uma terceira opiniões unânimes, fui encaminhada para uma cirurgia de emergência na coluna. Tive uma crise súbita de escoliose. Enquanto meus pais aguardavam, ansiosos, o transcorrer da minha operação, que durou sete horas, os médicos

me abriram do pescoço ao cóccix e cuidadosamente endireitaram minha coluna (que parecia um *S* e fazia uma curva de 63 graus), extraindo um osso do meu quadril, unindo e corrigindo as onze vértebras curvadas e prendendo com hastes, ganchos e parafusos de metal o segmento corrigido. Depois, meu médico me informou, em tom delicado mas firme, que minha carreira nas competições esportivas havia chegado ao fim. Ele começou uma ladainha enfadonha enumerando todas as atividades que eu não poderia fazer e explicou como uma pessoa pode levar uma vida bastante plena e normal, mas eu já tinha parado de ouvir.

Desistir do esqui simplesmente não era uma opção. Era uma atividade com raízes profundas na tessitura da minha família. Levei um ano me recuperando. Em vez de ir à escola, eu recebia educação formal em casa e tinha que passar a maior parte do dia na cama. Cheia de saudade e ansiedade, via minha família sair todo fim de semana sem mim; eu ficava sentada na cama enquanto eles desciam zunindo as encostas das montanhas ou iam para o lago. Tinha vergonha do meu colete e das minhas limitações físicas. Eu me sentia uma forasteira. Decidi, com um empenho ainda maior, que não deixaria a cirurgia afetar minha vida. Eu ansiava por me sentir de novo parte da família; queria o orgulho e os elogios do meu pai, não sua piedade. A cada dia solitário eu me tornava ainda mais determinada a nunca mais ficar de fora, vendo a vida passar por mim. Assim que os exames de raios X mostraram que a cirurgia tinha sido um sucesso e que as minhas vértebras haviam sido unidas e estabilizadas, voltei para as montanhas, esquiando com uma vontade feroz; no meio da temporada, já estava vencendo provas na minha categoria. A essa altura, Jeremy tinha tomado de assalto o mundo do esqui de estilo livre. Aos dez anos ele já dominava o esporte. Jeremy também era um excepcional corredor e jogador de futebol americano. Seus treinadores disseram ao meu pai que nunca tinham visto alguém tão talentoso quanto ele. Jeremy era nosso menino de ouro.

Meu irmão Jordan também era um atleta talentoso, mas a mente era seu atributo mais marcante. Ele adorava aprender. Adorava desmontar as coisas e descobrir como montá-las de novo. Na hora de dormir, ele não queria ouvir contos de fada; queria histórias sobre personagens reais. Toda noite minha mãe tinha uma narrativa nova para ele, sobre grandes líderes mundiais ou cientistas visionários, e ela pesquisava os fatos e os amarrava em tramas envolventes.

Desde a mais tenra idade, Jordan sabia que queria ser cirurgião. Eu me lembro do bichinho de pelúcia favorito dele, o Sr. Cão. O coitado do Sr. Cão foi o primeiro paciente de Jordan, submetido a tantos procedimentos cirúrgicos que começou a ficar parecido com um Frankenstein. Meu pai ficava encantado com seu filho brilhante e ambicioso.

Os talentos e as aspirações dos meus irmãos manifestaram-se cedo, e eu via que esses dons lhes rendiam aplausos pelos quais ansiava

desesperadamente. Eu amava ler e escrever, e quando menina passava quase todo o tempo em meio a livros e filmes e em minha imaginação. Na escola, durante os primeiros anos do ensino fundamental, não tinha vontade de brincar com outras crianças; era tímida e sensível e ficava acanhada perto delas. Então, minha mãe foi falar com a bibliotecária da escola. Tina Sekavic concordou em me deixar matar o tempo na biblioteca, e assim passei os anos seguintes lendo biografias de mulheres que mudaram o mundo, como Cleópatra, Joana d'Arc, a rainha Elizabeth e outras. (De início, tinha sido uma sugestão da minha mãe, mas eu logo fiquei fascinada.) Eu me comovia com a bravura e a determinação daquelas mulheres, e foi exatamente nessa época que decidi que não me resignaria a uma vida banal. Ansiava pelas aventuras; queria deixar a minha marca.

Quando meus irmãos e eu chegamos à adolescência, as façanhas acadêmicas de Jordan continuavam sobrepujando o desempenho dos colegas. Ele era dois anos mais novo que eu quando prestou exames de proficiência em ciências e matemática e obteve notas tão altas que decidiram mudá-lo de nível, e ele acabou sendo matriculado na minha turma. Jeremy quebrava recordes nas pistas de corrida, conduzia o time de futebol americano da escola ao título estadual e era um badalado herói local. Minhas notas eram altas, e eu era uma boa atleta — às vezes, ótima —, mas mesmo assim ainda não tinha revelado nenhum talento que fosse tão impressionante quanto os dos meus irmãos. Os sentimentos de inadequação aumentaram e me levaram, de maneira quase obsessiva, a querer provar meu valor.

À medida que ficávamos mais velhos, via meu pai investir cada vez mais tempo e dedicação nos objetivos e sonhos dos meus irmãos. Cansei de estar sempre de fora; eu também queria atenção e aprovação. O problema era o fato de eu ser uma sonhadora, inspirada pelas heroínas dos meus livros. Tinha ambições grandiosas, bem distantes do pragmatismo do meu pai. Mas ainda assim desejava a aprovação dele.

— O Jeremy vai ser um atleta olímpico, e o Jordan vai ser médico. O que eu devia ser, papai? — perguntei a ele certa manhã, num teleférico.

— Bom, você gosta de ler e discutir — disse ele, o que me soou como um elogio e também uma alfinetada.

Justiça seja feita, eu era mesmo uma adolescente chata que vivia questionando cada opinião que meus pais davam e cada decisão que eles tomavam.

— Você devia ser advogada.

E assim foi decretado.

Saí de casa para cursar a faculdade; estudava ciências políticas e ainda participava de competições de esqui. Num esforço para diversificar meu rol de interesses e habilidades, entrei para uma irmandade, mas quando os requisitos sociais obrigatórios daquele grupo de mulheres começaram a atravancar meu caminho e a impedir que eu alcançasse meus verdadeiros

objetivos, desisti. Precisava me empenhar muito para conseguir boas notas e mais ainda para superar minhas limitações físicas no esqui. Eu estava obcecada pelo sucesso, era movida por uma ambição inata e, mais do que isso, por uma necessidade de receber elogios e reconhecimento.

No ano em que abocanhei uma vaga na equipe nacional de esqui dos Estados Unidos, meu pai me chamou para uma conversa.

— Não acha que é melhor se concentrar nos estudos, Molly? Quer dizer, até onde você vai com isso? Você já superou e muito qualquer expectativa que alguém poderia ter a seu respeito. — Embora ninguém jamais tenha dito, minha família basicamente havia parado de levar a sério a minha carreira de esquiadora depois da cirurgia.

Fiquei arrasada. Em vez de me olhar com o mesmo sorriso orgulhoso que havia mostrado a Jeremy um ano antes, quando meu irmão chegou à seleção nacional, meu pai estava tentando me dissuadir.

A mágoa serviu apenas para alimentar minha determinação. Se ninguém mais acreditava em mim, eu mesma acreditaria.

Naquele ano, Jeremy encerrou a temporada como o terceiro melhor esquiador do país na classificação geral. E, para a surpresa da minha família, eu também. Lembro-me de subir toda orgulhosa no pódio, com uma medalha em volta do pescoço, meu cabelo longo preso num rabo de cavalo.

Naquela noite cheguei em casa e ignorei a dor nas costas e no pescoço. Estava cansada de viver com dor e de fingir que ela não existia. Estava exausta de tentar me manter no mesmo nível do meu irmão superstar e, acima de tudo, cansada de ter que provar o tempo todo o meu valor. No entanto, eu tinha chegado à equipe nacional de esqui dos Estados Unidos e era a terceira melhor esquiadora do país. Estava satisfeita. Era hora de seguir em frente — agora nos meus próprios termos.

★ ★ ★

Eu me aposentei do esqui. A bem da verdade, não queria estar por perto para lidar com as consequências dessa decisão, embora desconfiasse de que, apesar do meu terceiro lugar, meu pai se sentiria aliviado. Para escapar, inscrevi-me num intercâmbio na Grécia. Imediatamente me apaixonei pela estranheza e pela incerteza de estar num país estrangeiro. Tudo era uma descoberta, um enigma a ser desvendado. De repente, meu mundo ficou muito maior, com assuntos mais importantes que buscar a aprovação do meu pai. Em algum lugar, alguma outra pessoa estava ganhando medalhas numa prova de esqui em estilo livre ou tirando nota máxima numa prova, mas eu, sinceramente, não dava a mínima.

Fiquei particularmente apaixonada pelos ciganos na Grécia. Quando penso neles agora, constato que não eram tão diferentes dos apostadores de

pôquer — buscavam aventuras e novas formas de encarar as coisas, ignorando as regras e vivendo uma vida livre e desimpedida. Fiz amizade com algumas crianças ciganas em Creta. Os pais delas tinham sido presos e mandados de volta para a Sérvia, por isso estavam sozinhas ali. Os gregos são bastante cautelosos em relação a estrangeiros, algo compreensível para um país com uma longa história de ocupação. Comprei comida para essas crianças e remédios para o irmãozinho recém-nascido delas. Eu arranhava um pouco de grego, e o dialeto cigano delas era parecido o suficiente para que a gente se entendesse. O líder do grupo ficou sabendo do que eu tinha feito pelas crianças e me convidou para ir ao seu acampamento. Foi uma experiência extraordinária.

Decidi escrever minha dissertação de mestrado sobre o tratamento legal conferido aos povos nômades. Foi triste saber que aquelas pessoas não tinham o direito de viajar livremente, como haviam feito por centenas de anos, e elas não contavam com defensores nem representação. Seu estilo de vida era totalmente livre, muito diferente da rotina que eu conhecia. Eles adoravam música, comida, dança e se apaixonar. Quando um lugar perdia a graça, eles se mudavam para outro. Esse grupo era contra a prática do furto, e em vez disso se dedicava à arte e ao comércio como meio de sustento.

Após o término do intercâmbio, passei três meses viajando por conta própria, hospedando-me em albergues, conhecendo gente interessante e explorando novos lugares. Eu era uma mulher diferente quando voltei para os Estados Unidos. Ainda dava importância aos estudos, mas passei a valorizar igualmente a experiência de vida e a aventura. Foi aí que conheci Chad.

Chad era um homem bonito, cheio de lábia, persuasivo e brilhante. Era um "negociador" meio picareta e cheio de rolos. Ele me ensinou sobre vinhos, levou-me a restaurantes caros e à minha primeira ópera. Ele ainda me deu uma porção de livros incríveis para ler.

Foi Chad quem me levou para a Califórnia pela primeira vez. Jamais me esquecerei do passeio de carro ao longo da Pacific Coast Highway. Eu mal podia acreditar que aquele lugar existia. Fomos à Rodeo Drive, almoçamos no Beverly Hills Hotel. O tempo parecia passar em câmera lenta, como se Los Angeles fosse um eterno dia perfeito. Vi muitas pessoas lindas e elegantes — todas pareciam bem contentes e felizes.

Los Angeles tinha uma aura quase onírica, uma terra de sonho que não era regida pela realidade. Eu tinha começado a reconsiderar meu plano de morar na Grécia, e Los Angeles solidificou meus pensamentos; eu ia tirar um ano de folga para ser livre, sem planos, sem estrutura, e simplesmente viver. Até então eu havia perseguido o inverno (mesmo no verão, frequentava acampamentos de treinamento de esqui nas geleiras da Colúmbia Britânica) e os sonhos que, na minha opinião, meu pai tinha reservado para mim desde sempre. Estava empolgadíssima com a ideia de

percorrer um caminho desconhecido. O curso de direito podia esperar. Seria apenas um ano.

Chad tentou de tudo para me convencer a ficar no Colorado, inclusive me dar uma linda filhote de beagle de presente. Porém, minha decisão já tinha sido tomada. Eu estava agradecida por tudo que Chad me dera — as ferramentas para iniciar uma vida nova —, mas não o amava.

Ele me deixou ficar com a cachorrinha, que recebeu o nome de Lucy. Ela era tão travessa e malcriada que acabou sendo expulsa de todas as creches para cães e aulas de adestramento e obediência que frequentou. No entanto, era doce, muito esperta, além de me amar e precisar de mim. Era bom me sentir necessária.

Por mais que eu tentasse explicar minha decisão, meus pais se recusaram a bancar meu hiato indefinido na Califórnia. Eu havia economizado cerca de dois mil dólares trabalhando como babá durante o verão. Tinha um amigo em Los Angeles, Steve, que fazia parte da equipe de esqui comigo. Ainda que de forma relutante, ele concordou em me deixar passar uma temporada curta dormindo em seu sofá.

— Você precisa de um plano — instruiu Steve ao telefone, quando eu já estava no carro pegando a estrada rumo a Los Angeles. — L.A. não é como o Colorado, aqui ninguém vai notar sua presença — alertou, tentando me preparar para a dura realidade do lugar. Só que quando coloco uma coisa na cabeça, nada nem ninguém é capaz de me dissuadir; isso tem sido um ponto forte, mas, às vezes, é uma enorme desvantagem.

— Aham — concordei, fitando o horizonte deserto, já no meio do caminho da minha próxima aventura.

Lucy, minha copiloto, estava dormindo.

— Qual é o plano? Você pelo menos tem um? — perguntou Steve.

— Claro, vou arranjar um emprego, desocupar seu sofá e conquistar o mundo — gracejei.

— Dirija com cuidado — disse Steve, dando um suspiro. Ele sempre foi avesso a riscos.

Desliguei o telefone e fixei meus olhos na estrada à frente.

★ ★ ★

Era quase meia-noite quando a Interestadual 405 começou a descer rumo a Los Angeles. A cidade era coberta de luzes, e cada luz tinha uma história para contar. Era muito diferente dos longos trechos de breu do Colorado. Em L.A., a luz sobrepujava facilmente a escuridão — representava um mundo inteiro esperando para ser descoberto. Steve havia preparado o sofá para mim e Lucy, e depois da nossa jornada de dezessete horas, desmaiamos de sono. Acordei cedo, e os raios solares fluíam pelas janelas. Levei Lucy

para um passeio. A cidade tinha um cheiro divino, de claridade e flores, mas se eu quisesse ficar lá precisaria arranjar um emprego IMEDIATAMENTE. Tinha alguma experiência como garçonete, e a meu ver essa seria minha melhor aposta, já que poderia receber gorjetas na hora em vez de ter que esperar o contracheque semanal. Steve estava acordado quando voltei.

— Bem-vinda a L.A. — disse ele.

— Obrigada, Steve. Qual é o melhor lugar para conseguir um trabalho de garçonete por aqui?

— O melhor lugar seria Beverly Hills, mas é bem difícil. Toda garota bonitinha é atriz ou modelo desempregada, e todas são garçonetes. Não é como...

— Já sei, Steve, não é como no Colorado. — Sorri. — Como chego em Beverly Hills?

Ele me ensinou o caminho e me desejou boa sorte, com uma expressão cética.

Steve tinha razão; a maioria dos lugares que procurei não estava contratando novos funcionários. Eu era recebida com frieza por uma sucessão de lindas *hostesses* que, uma após a outra, lançavam-me um breve olhar de desdém e explicavam que o quadro de funcionário estava completo. Diziam ainda que eu até poderia preencher um formulário, mas seria perda de tempo porque já havia uma porção de outras candidatas.

Eu estava começando a perder a esperança quando entrei no último restaurante da rua.

— Oi! Vocês estão contratando? — perguntei, com meu sorriso mais largo, reluzente e esperançoso.

Dessa vez a pessoa à minha frente não era uma *hostess* esbelta e maliciosa, vestida com roupas perfeitas, mas um homem de quarenta e poucos anos.

— Você é atriz? — perguntou ele, desconfiado.

— Não.

— Modelo?

— Não! — disse, gargalhando. Eu tinha 1,63 metro em meus melhores dias.

— Há algum motivo que a faria ir para algum *casting*?

— Senhor, nem sei o que isso significa.

O rosto dele relaxou.

— Tenho uma vaga no turno do café da manhã. Você precisa estar aqui às cinco. E, quando digo cinco, quero dizer 4h45 da madrugada.

Abri um sorriso ainda maior para esconder meu horror diante desse horário terrível.

— Sem problemas — respondi, com firmeza.

— Está contratada — falou ele, explicando-me em seguida sobre o uniforme, que consistia em uma camisa social bem passada e bastante engomada, gravata e calça preta. — Não se atrase. Não tolero preguiça —

avisou, e saiu andando a passos largos para repreender algum outro pobre funcionário.

★ ★ ★

Ainda estava escuro quando dirigi até o restaurante. Peguei emprestadas uma camiseta enorme e uma gravata de Steve. Eu parecia um pinguim obeso.

Meu novo patrão, Ed, já estava lá dentro, junto com outra garçonete. Havia apenas um cliente. Ele me mostrou o restaurante todo, explicando minhas atribuições e me informando, cheio de orgulho, que trabalhava naquele lugar fazia quinze anos — o que para mim significava que ele era praticamente dono do estabelecimento. Ed era o único a quem o proprietário dava ouvidos. O verdadeiro dono do restaurante era muito rico e importante, e se eu o visse não deveria jamais lhe dirigir a palavra, a menos que Ed me instruísse a fazê-lo. O proprietário tinha muitos amigos ricos e importantes, os VIP's, que deveríamos tratar como se fossem Deus.

Após o treinamento, Ed me despachou para servir um cliente.

— VIP — disse ele, em tom afetado e dramático.

Fiz sinal de positivo, tentando mascarar meu desprezo.

O cliente era um velhote fofinho.

Caminhei até a mesa dele com um sorriso radiante.

— Olá! Como está sendo sua manhã?

Ele levantou a cabeça, os olhos pálidos e aquosos me fitando de cima a baixo.

— Ora, ora, mas que belezinha. Você é nova aqui?

— Sou, é meu primeiro dia — respondi, sorrindo.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Imaginei mesmo. Vire-se — exigiu ele, desenhando um círculo no ar com um dedo ossudo.

Dei meia-volta e olhei para a frente do restaurante, tentando ver o que o homem queria que eu visse. Não havia nada digno de nota.

Olhei de novo para ele, confusa. Ele estava assentindo em sinal de aprovação.

— Gostaria que você fosse minha amiga especial — comentou ele. — Pago suas contas para você me ajudar — completou, dando uma piscadinha.

Eu estava absolutamente confusa, e meu rosto deve ter transparecido isso.

— Sou diabético. Não consigo nem ter uma ereção — explicou ele, para me tranquilizar. — Só quero atenção e afeto.

Minha expressão passou de confusa a perplexa. Ah, meu Deus, esse velhote com idade para ser meu avô estava me fazendo uma proposta indecente! Fiquei muito constrangida e senti o rosto pegar fogo. Queria dar uma bronca nele, mas a educação que recebi me ensinou a respeitar os mais

velhos. Eu não sabia bem como lidar com a situação. Tinha que encontrar Ed.

Resmunguei uma coisa qualquer e saí às pressas.

Então me aproximei de Ed com o rosto em brasa.

— Ed, sei que ele é VIP e tal, mas... — disse e depois sussurrei no ouvido dele a proposta.

Ed me encarou com uma expressão vazia.

— E qual o problema? Achei que tinha explicado bem a política da casa em relação aos VIPs.

Olhei para ele, incrédula.

— Está falando sério? Eu NÃO volto lá, de jeito nenhum. Será que outra pessoa pode servir aquela mesa?

— Molly, não faz nem duas horas que você começou seu turno e já está causando problemas. Devia se considerar sortuda por um VIP ter gostado de você.

Senti um ódio incandescente me encher o peito.

Ed olhou para mim com um risinho de escárnio.

— Essa talvez seja a melhor oferta que vai encontrar aqui na cidade.

Saí correndo daquele restaurante o mais rápido que pude, mas as lágrimas caíram, incontroláveis. Enfiei-me dentro de um beco e tentei me recompor.

★ ★ ★

Ainda de uniforme, caminhei até o carro.

Um reluzente Mercedes prateado passou a uma velocidade alarmante e subiu na calçada à minha frente, quase me atropelando.

Perfeito. Tem como este dia ficar pior?

Um jovem bonitão usando calças camufladas e uma camiseta com a imagem de uma caveira de cristal saiu do cupê, batendo a porta com violência e berrando ao celular.

Ele parou de gritar quando passei por ele.

— Ei, você é garçonete?

Olhei para meu uniforme.

— Não. Sim. Bom, quer dizer, eu... — respondi, tropeçando nas palavras.

— É ou não é? Não fiz uma pergunta difícil — insistiu ele, impaciente.

— Tá legal, eu sou.

— Fique aqui — ordenou ele. — ANDREW!

Um homem com avental de chef de cozinha saiu de um restaurante e veio até nós.

— Olha só, achei sua garçonete, então pare de choramingar. PORRA! Será que tenho que fazer tudo por aqui?

— Ela tem experiência?

— Como é que eu vou saber, porra? — vociferou o bonitão.

Andrew suspirou e disse:

— Vem comigo.

Entramos num restaurante tomado por uma energia frenética: operários perfurando, martelando, polindo; o decorador dando um escândalo porque havia encomendado peônias rosa-perolado e não rosa-claro; *bartenders* abastecendo o bar, e garçons dando suporte quando necessário.

— Nossa abertura informal é hoje. Vamos inaugurar a casa para amigos e convidados. Falta pessoal, e a obra ainda nem terminou. — Ele não estava reclamando. Só estava exausto.

Segui-o até um belo pátio coberto de videiras, um oásis em meio ao caos. Sentamos num banco de madeira, e ele começou a sabatina:

— Como você conheceu Reardon?

Deduzi que Reardon era o homem assustador do Mercedes prateado.

— Hum, ele quase me atropelou — respondi.

Andrew deu um sorriso, como se me entendesse.

— Faz sentido. Há quanto tempo está em L.A.? — perguntou, em tom gentil.

— Há cerca de 36 horas.

— De onde você é?

— Colorado.

— Algo me diz que você não tem experiência com restaurantes finos e sofisticados.

— Minha mãe era professora de etiqueta e boas maneiras na minha escola, e aprendo rápido.

Ele gargalhou.

— Tudo bem, Colorado, tenho a sensação de que vou me arrepender, mas lhe darei uma chance.

— Qual é sua política em relação aos VIPs? — perguntei.

— Em Beverly Hills, todo mundo é a porra de um VIP.

— Então, hipoteticamente, se um velho tarado me fizer propostas indecorosas, ainda tenho que servir a mesa dele?

— Chuto a bunda velha dele para fora.

Sorri.

— Quando eu começo?

CAPÍTULO 2

Do lado de fora, o Boulevard, o restaurante que tinha acabado de me contratar, parecia sombrio e misterioso. Quando entrei, vi uma turma de jovens estrelas hollywoodianas refesteladas em sofás de camurça e banquinhos com estofado de couro. Tive a sensação de que estava entrando de penetra numa festa particular.

Cheguei pensando que seria parecido com os outros empregos que já tive. Eu receberia algum treinamento e depois começaria para valer. Porém, não era esse o tipo de lugar que Reardon Green gerenciava: no mundo dele, era matar ou morrer, cada um por si. Todo mundo corria de um lado para o outro, ninguém dispunha de um segundo sequer para responder a uma pergunta que fosse, e eu me via constantemente no meio do caminho, atrapalhando. Parei bem no olho do furacão e respirei fundo. Aparentemente ainda não haviam definido as mesas que eu deveria servir, então comecei a vagar pelo restaurante, tirando pratos e reabastecendo as bebidas. Pousei uma taça de martíni com gotas de limão na frente de uma mulher que reconheci de algum programa na TV.

— Ah, será que você poderia me trazer o limão inteiro? — pediu ela.

Ela se virou para os colegas e anunciou:

— Gosto de cortar eu mesma o limão, só para garantir que esteja fresco. A gente vê tantos limões por aí dentro daquelas caixas de plástico, rodeados por moscas. — O corpo dela estremeceu, e todos ao redor da mesa estremeceram junto. É claro que depois disso todo mundo quis enfeitar os próprios drinques. Fui despachada para encontrar uma laranja, um limão-siciliano e um limão-taiti.

No trajeto até a cozinha passei por mesas repletas de celebridades e socialites, e tentei não encarar os rostos megafamosos que eu já tinha visto em revistas, mas nunca pessoalmente. Quando abri caminho pelas portas vaivém da cozinha, o barulho do salão sumiu atrás de mim.

A cozinha tinha um som próprio, uma sinfonia de pedidos e anuências, o tinido de pratos, o baque de panelas de ferro, o chiado de carne tocando a frigideira. Andrew berrava com os *sous-chefs* e dava ordens para que acelerassem a remessa de pratos para as mesas. Forcei passagem em meio a tudo isso e cheguei ao refrigerador, tentando não incomodar ninguém nem atravancar o caminho. Na pressa, errei de direção e me vi dentro de uma despensa onde Cam, um dos donos, estava escorado de costas contra uma

montanha de toalhas de papel e com a calça arriada na altura dos tornozelos. Parei de repente. Foi, de longe, o momento mais humilhante da minha vida.

— Desculpe! — murmurei, ainda paralisada.

Ele sorriu para mim, afável e sem o menor constrangimento.

— E aí? — disse ele. — Quer aparecer no meu filme?

Ele apontou para a câmera de segurança no teto e alargou o sorriso pueril, estendendo a mão para que eu o cumprimentasse com um "toca aqui". A moça agachada de joelhos na frente dele deu uma risadinha. Eu não queria contrariá-lo, por isso me inclinei com extremo cuidado e bati na palma da mão dele e depois fugi o mais rápido que pude, meu rosto ardendo de vergonha.

Onde fui me meter?

★ ★ ★

Uma semana após começar a trabalhar no restaurante, fui a uma festa com Steve. Fiquei lá ouvindo todo mundo falar sobre os pilotos que estavam filmando e os roteiros que estavam escrevendo, sentindo-me uma forasteira, até que uma linda garota agarrou minha mão.

— Quem se importa com isso? — sussurrou ela no meu ouvido. — Vamos tomar alguma coisa!

Ela estava vestida dos pés à cabeça com marcas de grife e carregava uma bolsa que valia mais que meu carro. Fui atrás dela até a cozinha. Três doses de tequila depois, era minha nova melhor amiga.

Apesar de festeira, Blair tinha os pés no chão, era bondosa e parecia não se preocupar com nada. Era herdeira de uma fortuna vinda de uma empresa que produzia pasta de amendoim, e sua família tinha casas no mundo inteiro, incluindo Beverly Hills, onde ela passara a infância antes de ter sido enviada para uma escola chique em Nova York.

Duas garotas entraram na cozinha, e Blair se encolheu. Reconheci uma delas de um *reality show* muito popular da MTV.

— Merda! — disse Blair, agarrando a garrafa de tequila com uma das mãos e meu braço com a outra. Ela me arrastou para dentro de um banheiro no corredor. — Fiquei com o namorado daquela garota, e ela pegou a gente no flagra. Agora quer me matar!

Comecei a rir, enquanto ela virava a garrafa e tomava outro gole. Passamos boa parte da noite dentro do gigantesco banheiro de mármore, dando gargalhadas e bebendo tequila, falando sobre a vida e nossos planos. Contei sobre minha situação, porque dali a uma semana eu não teria onde morar. Steve, com mão de ferro, já tinha decidido.

— Ah, meu Deus! Vem morar comigo! Meu apartamento é lindo! — gritou ela. — Você vai amar. Tenho um quarto extra, é sério!

Numa noite de bebedeira enfiada no banheiro, escondida de uma estrela de *reality show* traída, encontrei uma nova amiga e um lugar para morar.

Assim era Los Angeles. Você nunca sabia o que ia acontecer ao sair de casa.

★ ★ ★

Eu não morria de amores pelo trabalho de garçonete e, para ser sincera, era péssima naquilo, mas o restaurante era a porta de entrada para um mundo novo e estranho, composto de três camadas: equipe, clientes e patrões.

O pessoal que trabalhava lá não era como a equipe de funcionários típica de um restaurante. Eram todos aspirantes a músicos, modelos ou atrizes, e a maioria era de fato talentosa. O grupo dos garçons era formado por jovens atores que, em geral, tratavam seu cargo apenas como mais um papel a ser representado. Eu os observava enquanto entravam no personagem, deixavam o ego de lado e se transformavam em quem precisassem ser de acordo com cada mesa: o paquerador, o confidente, o universitário beberrão. Os *bartenders*, em sua maioria, eram músicos ou modelos. As garotas eram sensuais e glamorosas, e sabiam dominar o ambiente. Eu analisava a habilidade delas de serem sedutoras e tímidas ao mesmo tempo. E me esforçava para imitar o cabelo e a maquiagem, prestava atenção às roupas provocantes que vestiam. Tentava passar despercebida a fim de assimilar tudo aquilo.

Os clientes eram figuras impressionantes: celebridades, astros do rock, presidentes de empresas, gênios das finanças, príncipes de verdade... Não dava para saber quem daria as caras por lá. Em grande parte, eram mimados, tinham um senso absurdo de merecimento, e mantê-los felizes o tempo todo era praticamente impossível. No entanto, aprendi pequenos truques, como falar primeiro e sobretudo com as mulheres (nas mesas de casais) ou ser eficiente e, ao mesmo tempo, invisível durante os almoços de negócios. Eu era boa em ler o comportamento humano, mas um desastre servindo mesas. Vivia derrubando pratos, esquecia-me de tirar determinados talheres e era uma tragédia para abrir garrafas de vinho seguindo o pomposo cerimonial que os donos exigiam.

Para mim, no entanto, os personagens mais interessantes de todos eram Reardon e seus dois sócios.

Reardon era brilhante, impaciente, volátil e impossível. Era o cérebro do negócio.

Cam era filho de um dos homens mais ricos do mundo. Os cheques que ele recebia mensalmente de seu fundo de investimentos eram suficientes para comprar uma ilhota. Ele parecia ter pouco interesse no negócio e, pelo que sei, passava seu tempo conquistando mulheres, caindo na farra,

apostando e se entregando a todo tipo de vício hedonista que se pode imaginar. Ele era o dinheiro, seu papel era assinar os papéis como avalista.

Sam cresceu com Cam. Tinha habilidades pessoais brilhantes. Era charmoso, engraçado e dono do melhor papo que já vi na vida. Acho que ele era o cabeça do marketing e do relacionamento com os clientes.

Ver os três homens interagindo era como observar uma nova espécie. Eles não habitavam o mesmo mundo que eu havia conhecido nos últimos vinte e poucos anos. Passavam de todos os limites, não se intimidavam com as consequências e tinham absoluto desprezo por regras.

★ ★ ★

A fórmula do estabelecimento era a mesma de qualquer restaurante de Beverly Hills que planejasse sobreviver — oferecer aos distintos clientes o melhor de tudo. Os sócios gastaram uma pequena fortuna em toalhas de mesa Frette, copos e taças de cristal Riedel e vinhos das vinícolas mais requintadas. Os atendentes eram bonitos e profissionais, o chef era reconhecido no mundo inteiro, e a decoração era linda.

A atmosfera convidativa que a equipe criava era parte da nossa encenação. Nossa polidez era a cortina que ocultava o frenesi que sempre ameaçava vir à tona. Veja bem, os patrões esperavam perfeição e profissionalismo — isto é, até beberem alguns drinques e se esquecerem de uma hora para a outra dos planos preestabelecidos.

Numa manhã de domingo, abri o restaurante para o brunch e descobri que Sam, um DJ e uma porção de meninas ainda estavam curtindo uma balada. Sam tinha transformado o restaurante grã-fino numa boate particular de quinta categoria, um inferninho sem hora para acabar. Tentei explicar que precisava abrir as enormes cortinas de suede e desmontar a cabine de DJ improvisada a fim de preparar o serviço do dia. Ele deu uma resposta infantiloide.

— Bobona, bobona, bobona, bobona... — balbuciou, e logo fechou as cortinas de novo.

Liguei para Reardon.

— Sam ainda está aqui fazendo a maior farra. Não quer ir embora nem me deixa abrir o restaurante. O que eu faço?

— Puta que pariu! Passe o telefone para ele. Estou indo.

Pus o telefone na mão de Sam.

— Bobão, bobão, bobão, bobão... — disse para Reardon e depois me devolveu o telefone.

— Coloque ele num táxi! — berrou Reardon.

Olhei pelo salão do restaurante, mas Sam tinha desaparecido.

— Calma, acho que ele foi embora — respondi.

Naquele exato momento, olhei pela janela. Com seu enorme Rolex de ouro, sapatos Prada lustrosos e calça de seda bege, Sam estava na calçada, pegando um ônibus. Saí correndo para tentar impedi-lo. Comecei a rir ao telefone.

— O que está acontecendo, o que ele está fazendo? — perguntou Reardon.

— Ele entrou num ônibus para o centro de L.A.

— Tipo, transporte público?

— É — respondi, enquanto Sam, acabado mas feliz da vida, acenava alegre de seu assento no ônibus.

— Jesus — suspirou Reardon. — Pede para o Marreta ir buscá-lo.

O Marreta era o chefe de segurança barra motorista de limusine barra cobrador dos caras. Ouvi dizer que ele tinha saído da cadeia havia pouco tempo por ter feito alguma coisa, mas ninguém nunca me contou o quê.

Liguei para o Marreta, que, de mau humor, concordou em pegar o "trenó", nome que usavam para se referir à limusine da empresa, e encontrar Sam em algum lugar nas ruas do centro da cidade. Quando desliguei e olhei para trás, o DJ e as garotas estavam prestes a abrir uma garrafa de champanhe Luís XIII de mil dólares.

Dei um bote e agarrei a garrafa.

— Não, não, não! Hora de ir para casa, pessoal — declarei, depois desliguei a música feito um pai acabando com a festa e escoltei todo mundo para a rua.

Consegui dar um jeito de abrir o restaurante a tempo para o brunch, e no fim das contas o Marreta encontrou Sam perambulando pelas ruas de Compton com uma garrafa de champanhe Cristal e alguns amigos curiosos. A impressão era de que a cada dia o restaurante ficava mais absurdo do que na véspera; nunca era um lugar entediante.

CAPÍTULO 3

— Porra, você é a pior garçonete que a gente já viu na vida — vociferou Reardon assim que encerrei meu turno certo dia.

Eu tinha consciência de minha aptidão limitada para servir mesas, mas eu era a pior que eles já tinham visto? Sério? Senti um nó no estômago. Eu estava sendo demitida?

— A pior. — Ele fez questão de repetir. — Mas você tem alguma coisa especial. Todo mundo gosta de você. As pessoas voltam só para conversar com você.

— Err... Obrigada? — agradeci, hesitante.

— Por que não vem trabalhar com a gente?

Olhei para ele, confusa.

— No nosso fundo de desenvolvimento imobiliário. Acabamos de levantar 250 milhões de dólares.

— O que eu faria? — perguntei, sondando o terreno com cautela.

— Não faça perguntas idiotas. O que importa? É melhor do que servir comida, e você vai aprender muito.

Bufei baixinho, pensando em todas as travessuras ridículas que havia testemunhado nos últimos meses.

— Ah, você se acha esperta? Não é esperta porra nenhuma. Você não tem a mínima noção de como o mundo funciona.

Não foi uma oferta de emprego muito gentil, mas eu tampouco estava sendo demitida.

— Beleza. Aceito — respondi, por fim.

— Sério mesmo? — perguntou Reardon.

★ ★ ★

Trabalhar no fundo imobiliário eliminou as outras camadas da minha vida, e aí tudo passou a ser Reardon, Sam e Cam o tempo inteiro. Era como se tivessem formado uma fraternidade só deles. Tinham suas próprias regras, tinham inclusive sua própria linguagem. Nem preciso dizer que o mundo que eles habitavam era completamente diferente do meu. O que para mim pareciam oportunidades únicas, daquelas que só surgem uma vez na vida — festival de cinema de Sundance, festas do Oscar, viagens de iate —, eram

para eles planos comuns de um fim de semana qualquer. Seus amigos eram celebridades, atletas famosos, bilionários e socialites. Comecei a passar dias e noites realizando diversas tarefas para os três, sempre assistindo à margem, na expectativa secreta de ser convidada para o clubinho deles.

Reardon entrava na minha sala às 20h30 na sexta-feira e ordenava:

— Faça uma reserva às nove da noite de hoje para mim no [insira aqui o nome do restaurante mais badalado, disputado e impossível de conseguir uma reserva].

Eu ligava, e a *hostess* dava uma gargalhada e desligava na minha cara.

— Está lotado — dizia para ele.

Então, ele tinha uma explosão de fúria.

— Caralho, você é a maior idiota que já vi na vida. Qual é o seu problema? Como espera conseguir alguma coisa na vida se não consegue fazer uma porra de uma reserva num restaurante?

Ele me deixava tão nervosa que eu começava a embaralhar as palavras e a puxar meu cabelo.

— Fala! Fala! Para de tocar no rosto. Para de se remexer — exigia ele.

Esse era o cenário do início da minha curva de aprendizagem; todos os dias, sentia que estava na linha de frente de uma batalha.

Certo dia ele me acordou com uma ligação às 5h30.

— Preciso de você no escritório agora. Traga *bagels* — ordenou. Reardon nunca dizia "alô", nem "oi", nem "tchau". Era o tipo de cara que ia direto ao ponto.

Resmunguei e me arrastei até o chuveiro.

Mal tive tempo de me secar antes de receber uma mensagem de texto.

Cadê você, porra?

Dirigi a toda velocidade rumo ao escritório na esperança de encontrar uma padaria ou loja de *bagels* no caminho. A única coisa que vi foi uma loja de conveniência Pink Dot. Entrei correndo e agarrei algumas rosquinhas e cream cheese. Meu cabelo estava molhado, e meus olhos mal ficavam abertos, mas cheguei ao escritório, levando o café da manhã em tempo recorde.

— Cadê os *bagels*? — perguntou Reardon, em vez de me dar bom-dia.

Coloquei a sacola em cima da mesa.

Ele abriu a sacola. Reardon jamais abria simplesmente as coisas, ele aniquilava tudo em seu caminho.

— QUE PORRA É ESSA? — berrou.

Tive um sobressalto. A essa altura eu já estava acostumada aos súbitos ataques de fúria dele, mas, às vezes, ainda me surpreendia.

— Estas merdas são da PINK DOT? — Pelo visto, a Pink Dot era um tipo de rede de lojas de conveniência de segunda categoria abertas 24 horas. — Era melhor você ter parado numa PORRA de um abrigo de moradores de rua! — vociferou. — EU NÃO COMO ESSAS PORRAS DE *BAGELS* DA PORRA DA

PINK DOT. ISSO AQUI É *BAGEL* DE POBRE, PORRA! — Ele arremessou a sacola na minha direção, mas me esquivei a tempo.

— Onde você gostaria que eu comprasse seus *bagels* no futuro? — perguntei num tom de voz deliberadamente calmo, na esperança de que minha atitude madura lhe fizesse perceber que estava se comportando feito uma criança birrenta e temperamental de dois anos.

— Vá buscar o carro — bradou ele.

Fiz as vezes de chofer e o levei até a delicatéssen Greenblatt's, a fim de comprar *bagels* para "fodões" de verdade.

Ele me fez levá-lo até o local onde participaria de uma reunião.

— Espere aqui.

— Por quanto tempo? — perguntei.

— Até eu voltar, idiota. — Ele riu, batendo com força a porta.

★ ★ ★

Por fim, Reardon começou a me levar com ele para as reuniões em vez de me deixar esperando do lado do fora. Eu o observava com atenção. Ele era um mestre na arte de negociar. Era capaz de convencer pessoas realmente inteligentes a tomar as decisões mais idiotas. Reardon entrava numa sala de reuniões e saía carregando acordos e contratos assinados que atendiam a todas as suas exigências malucas: não assumia nenhum risco e tinha a palavra final em todas as decisões. Pouco importava quem era o oponente na mesa, ele era um jogador mais habilidoso e levava a melhor sempre. Aprendi a reconhecer o momento do xeque-mate, em que o arrogante mauricinho com diploma de alguma universidade privada de primeira linha e envergando um terno bem cortado de repente percebia que tinha sido esmagado pelo cara que vestia calças camufladas e uma camiseta de caveira. O sujeito que tinha estudado numa universidade estadual e passou quatro anos na esbórnia. Eu tinha que disfarçar um risinho quando a expressão elitista do Sr. Pedigree murchava com a derrota humilhante.

Não havia universidade no planeta capaz de me preparar para a educação que recebi de Reardon. Foi um batismo de fogo. Era ao mesmo tempo frustrante e desafiador, mas eu adorava todas as aulas. Adorava o show. Adorava ver Reardon vencer, ter êxito. Para sobreviver no mundo dele, eu tinha que aprender a trabalhar bem sob pressão, e por isso ele era rigoroso, apertava o cerco e dificultava as coisas com o intuito de me ensinar. Reardon era como uma versão mais extrema do meu pai, sempre cobrando, sem jamais permitir que eu relaxasse, querendo fazer de mim uma pessoa durona. Ele me deu uma educação ao estilo Wall Street. O tipo de instrução que os caras dão para os outros na bolsa de valores ou na mesa de operações financeiras e que uma mulher raramente recebe. Comecei a ver o mundo

de verdade, como ele de fato era, ou pelo menos o mundo de Reardon. Também descobri que existiam mais coisas além das rotas tradicionais e seguras para o sucesso.

Reardon se tornou meu programa de pós-graduação, e eu estudava a forma como ele atuava. A faculdade de direito já não estava mais em meus planos. Reardon era um mestre estrategista. Ele sabia como analisar um negócio, e, quando reconhecia uma oportunidade, capitalizava em cima dela. Pouco importava se era uma área em que não tinha a menor experiência; ele aprendia. Estudava noite e dia até entender tudo.

No entanto, as lições que aprendi com ele sobre como conduzir negócios tinham um nível de detalhe absurdamente pequeno.

— A gente está indo para Mônaco, Molly. Cuide da empresa.

Eles ficavam semanas na farra; enquanto isso, documentos que precisavam da assinatura deles iam se acumulando.

— Ei, Molly, cuide do contrato de depósito *escrow*.

— O que é contrato de depósito *escrow*?

— Porra, vá descobrir o que é, sua burra.

Se eu não entendesse ou não fizesse exatamente o que Reardon queria, ele ficava louco, e quando enfim me dispensava, eu voltava para casa e apagava todas as luzes, entrava na banheira e chorava. Ou bebia vinho com Blair depois que ela voltava para casa de alguma festa de verdade com pessoas de verdade ou de um encontro de verdade, e choramingava com ela, lamentando minha vida social inexistente.

— Então cai fora — dizia ela, balançando a cabeça diante da minha estupidez.

Eu nem ao menos recebia um salário tão bom assim; ela não conseguia entender por que eu me agarrava com unhas e dentes a algo que me causava tanto sofrimento.

Blair não via o mesmo que eu. Por mais que eu tivesse a intenção de passar meu ano em Los Angeles sendo jovem, espontânea, feliz e despreocupada, meu instinto me dizia para insistir naquela experiência penosa.

★ ★ ★

No entanto, eu precisava me manter equilibrada, por isso decidi me oferecer como voluntária no hospital das redondezas. Queria trabalhar com crianças. O voluntariado sempre foi um fator importante na minha família, e minha mãe nos levava com frequência para dar comida aos moradores de rua ou visitar idosos em casas de repouso. A ala das crianças tinha um significado bastante pessoal para mim, porque passei vários meses entrando e saindo do hospital após a operação na coluna. Tive complicações muito sérias por

conta da cirurgia. Quando saí da mesa de operação, meu fígado começou a ter problemas, e minha vesícula biliar estava bem inflamada. Os médicos não conseguiam descobrir o que havia de errado e, em dado momento, sugeriram a teoria de que eu havia contraído alguma infecção misteriosa durante a intervenção cirúrgica; por isso fui colocada na ala de isolamento. Parecia uma cena de filme. Os médicos usavam trajes completamente herméticos, e a ala inteira dava a impressão de ser uma gigantesca bolha dentro da qual eu estava aprisionada. Eu não podia receber visitas. Ainda me lembro do medo de acabar morrendo lá, completamente sozinha.

Exceto pelos dias na ala de isolamento, minha mãe jamais saiu do meu lado. Na enfermaria infantil, partia meu coração ver como era difícil para as crianças que não contavam com esse tipo de apoio. Tive a sorte de me recuperar plenamente após a cirurgia, mas a lembrança nunca se apagou.

Tão logo terminei meu treinamento no hospital, comecei a passar tempo com as crianças doentes em estado terminal — duas vezes por semana, depois do trabalho. Éramos alertados de que elas morreriam, mas nada pode preparar uma pessoa para um evento como esse. Ainda que pálidas e fracas, elas eram pequenos espíritos lindos e felizes. A experiência era inspiradora e dava uma lição de humildade.

Após algumas semanas, conheci uma garotinha chamada Grace, que, apesar do corpo frágil, tinha uma energia sem limites e sonhos enormes. Fazia muito tempo que ela não saía do hospital, e o que ela mais queria no mundo era ser arqueóloga, descobrir cidades perdidas. Implorei à direção que me deixasse levá-la para fora do hospital na cadeira de rodas. Por fim, obtive a autorização.

No dia seguinte corri até o subsolo, mas o quarto dela estava vazio.

— Ela faleceu, Molly — contou meu enfermeiro favorito, Patrick, com a mão em meu ombro. Embora meu supervisor tivesse me alertado sobre esse momento e pedido a todos os voluntários que sofressem seu luto em particular e se mostrassem fortes na frente das crianças e dos familiares delas, acabei desabando. Patrick me levou para o banheiro. — Faz parte do trabalho. Você tem que ser forte pelos outros. Fique aqui um momento — disse ele, com delicadeza, e me deixou soluçando no chão do banheiro.

Se por um lado havia quase sempre tragédia e sofrimento, às vezes havia pequenos milagres. Um dos meninos mais novos, Christopher, estava realmente derrotando sua sentença de morte e melhorando dia após dia. A luz estava voltando aos olhos dele, e a pele pálida feito papel ganhava um tom rosado. Ele caminhava pelos corredores contando sua história às outras crianças e lhes dando esperança. A coragem e o otimismo de Christopher me ajudavam a manter uma perspectiva saudável em meu novo e insano mundo.

CAPÍTULO 4

Com o passar do tempo, e sob a pressão da tutela enérgica de Reardon, eu me tornei a assistente capaz de fazer qualquer coisa.

Burlar a longa lista de espera de interessados no mais recente modelo de um caríssimo relógio; reservar um carro durante a greve do transporte público de Nova York; tirar de cena as mulheres com quem Reardon dormia; lidar com as contas *escrow* e providenciar reservas em restaurantes com lotação esgotada havia meses: eu resolvia qualquer coisa.

Agora, quando Reardon pedia o impossível, eu apenas sorria, fazia que sim com a cabeça e ligava para o restaurante.

— Oi, estou ligando só para confirmar minha reserva de hoje à noite.

— Desculpe, não tenho nada anotado aqui.

Pausa.

— Mas eu fiz essa reserva há dez meses. É aniversário do meu chefe, e ele convidou todos os amigos mais próximos, que vieram de avião de Nova York. Ai, meu Deus, ele vai me demitir. Por favor, será que você pode me ajudar? — dizia, acrescentando alguns soluços de choro caso fosse necessário.

Pausa.

— Qual é mesmo seu nome?

— Molly Bloom.

— Tudo bem, srta. Bloom. Estou vendo aqui. Mesa para quatro pessoas às oito da noite.

— Seis.

— Ah, isso mesmo. Seis. Desculpe a confusão, srta. Bloom.

★ ★ ★

Certa noite, eu estava arquivando documentos enquanto ouvia os caras rindo e relembrando histórias na sala de Reardon. Cam e Sam cresceram juntos, e Sam e Reardon cursaram a mesma faculdade. Depois de terminarem os estudos, perceberam que, além de gostarem de curtir a vida na companhia um do outro, poderiam abrir uma empresa com base na contribuição que cada um tinha a oferecer, e assim nasceu a parceria. Nessa noite, os três estavam de ótimo humor, celebrando mais um vultoso negócio que tinham acabado de fechar.

— Lembra quando você atirou no homem da Lua? — perguntou Sam a Cam. — Aquilo foi uma indecência.

Os três caíram na gargalhada. Pude ouvi-los enchendo os copos para mais uma rodada.

— Você precisa contar essa história para a Molly — disse Sam.

Agucei os ouvidos, e entrei correndo na sala.

Cam ficou de pé a fim de ilustrar melhor sua narrativa. Com 1,96 metro, ele era puro músculo, com uma energia efusiva, feito um gigantesco filhote de cachorro descontrolado.

— Bom, a gente estava jogando *paintball* — disse Cam, empunhando um rifle imaginário, com o qual mirou e atirou de mentira em cada um de nós. — Meu pai tinha convidado Buzz Aldrin, sabe, aquele velhote que andou na Lua. Daí cheguei bem na frente dele e mandei bala à queima-roupa, PÁ! — Ele continuou a simulação. — E eu disse: "*Pá! Peguei você, HOMEM DA LUA!*"

Todos tiveram um ataque histérico de riso.

Comecei a rir também, imaginando o absurdo que deve ter sido Cam disparando balas de tinta no lendário astronauta Buzz Aldrin.

— Sirvam um drinque para a pobrezinha da Molly — disse Reardon. — Ela ajudou a gente a fechar esse negócio.

— Você está mesmo começando a ser uma baita jogadora, Mol — disse carinhosamente Sam, que depois me passou uma dose de Macallan dezoito anos.

Erguemos nossos copos.

Eu queria muito fazer parte do grupo deles. Queria fechar negócios, curtir a boa vida que vem na esteira do dinheiro e do status. O uísque escocês puro malte tinha gosto de gasolina, mas sorri e disfarcei a vontade de vomitar.

★ ★ ★

Quanto melhor e mais eficiente era meu desempenho com os rapazes, mais eles esperavam de mim. No entanto, ainda que minhas atribuições se expandissem, eu continuava sendo a responsável pela vida pessoal de Reardon. Boa parte dessa vida consistia em manter suas namoradas felizes, que mudavam em alta velocidade. Eu vivia sendo enviada em missões para comprar presentes em lojas chiques e sofisticadas. Em minha vida no Colorado, eu jamais tivera contato de verdade com roupas e bolsas de grife e nunca tinha me interessado por esse tipo de bem de consumo. Mas os produtos luxuosos que eu comprava para a garota da semana de Reardon começaram a me seduzir, e passei a me imaginar vestindo aquelas roupas, usando os lindos sapatos que eu entregava para Brittny ou Jamie ou qualquer garota para quem Reardon comprasse prêmios de consolação. Não que eu

realmente me interessasse por aqueles elegantes itens, mas percebi que as pessoas que ostentavam esses objetos de preço exorbitante eram tratadas de forma diferente, levadas mais a sério. Certa tarde, Reardon me mandou a uma loja chamada Valerie's.

Descobri que a tal Valerie's era uma requintada loja de cosméticos classe A em Beverly Hills que oferecia aplicação de maquiagem e vendia paletas de tons customizadas para a nata de Hollywood e da sociedade local.

Entrei pela enorme porta da frente e foi como pisar numa terra de princesas de conto de fadas. Cortinas diáfanas de organza, suaves matizes lavanda, cadeiras de veludo creme e uma série de belos produtos de beleza.

Uma loira linda me recebeu.

— Oi, eu sou a Valerie, como posso ajudar?

— Foi você que fez tudo isso? — perguntei.

— Eu mesma criei tudo.

— É muito bonito — respondi, ávida.

Quando ela registrou no caixa os produtos que Reardon tinha pedido, quase engasguei: a conta tinha dado mil dólares por três itens.

— Uau! — exclamei. — As pessoas realmente pagam tudo isso por maquiagem?

Ela sorriu, entretida com a pergunta.

— Venha aqui. — Com um gesto, ela me pediu que a acompanhasse.

Valerie me levou até a estação de trabalho dela, que parecia a penteadeira de uma estrela da velha guarda de Hollywood. Afastou uma cadeira do espelho e, depois de alguns momentos manejando pincéis, lápis e rímel, entregou-me um espelhinho de prata. Eu estava completamente transformada.

Era inacreditável, como se eu estivesse olhando para uma pessoa diferente.

— Incrível... — falei, fitando meu reflexo.

— O verdadeiro luxo vale o investimento.

Assenti, dando outra olhada para meu rosto transformado.

— Volte aqui e me procure quando estiver pronta — disse ela, dando uma piscadinha.

E, embora durante a vida inteira eu tivesse ouvido que dinheiro não compra felicidade, sem dúvida ficou claro que ele era capaz de propiciar algumas agradáveis melhorias.

★ ★ ★

O salário que Reardon me pagava cobria as despesas básicas, mas decidi que precisava ganhar um dinheiro extra para turbinar meu guarda-roupa. A fim de complementar minha renda, fui procurar uma vaga de atendente de bar.

Candidatar-me a uma vaga de atendente de bar era bem diferente de procurar emprego de garçonete num restaurante normal. Por exemplo, a maioria das casas noturnas exige *head shots*, fotografias de rosto com enquadramento na altura dos ombros, em geral feitas por profissionais.

Quando tentei a sorte no Shelter, descobri que Fred, o gerente, era o excêntrico ex-programador de computador do primeiro restaurante onde eu tinha trabalhado. Los Angeles era uma cidade cheia de personagens que viviam trocando de papéis. Vejamos o caso de Fred, por exemplo. Um dia, ele estava de óculos e uma gravata fininha dando cursos sobre sistemas operacionais de restaurantes; no dia seguinte, era o gerente-geral de uma boate estilo homem das cavernas e envergava um terno Armani. Assim que me contratou, Fred explicou que meu uniforme seria feito sob medida e me passou um cartão. O "estúdio" do estilista era um apartamento bagunçado e minúsculo em West Hollywood, e o próprio estilista era uma figura extravagante e pitoresca que, enquanto tirava minhas medidas, me respingava com seu *spritzer* de vinho branco.

— Já terminei, amorzinho! — cantarolou ele, e prometeu me ligar quando a roupa estivesse pronta.

Dois dias depois, meu telefone tocou.

— Vem cá, coraçãoooooo — ouvi. — Depreeeeeesssa! Queremos fazer um desfile de moda!

Quando cheguei, a assistente do estilista me entregou uma taça de vinho rosé e uma tira de tecido, e me empurrou para dentro de um banheiro minúsculo.

Eu me despi e me enfiei no que era basicamente uma exígua imitação de pelica com gola de pele falsa. No tempo em que prestei o exame de seleção para o curso de direito, nem em um milhão de anos teria imaginado que, em vez de terninhos e *tailleurs*, eu usaria aquele traje.

— Hã, pessoal, acho que preciso de mais tecido — anunciei, constrangida demais para abrir a porta.

— Deixa de ser loucaaaaa! — berraram o estilista e seus assistentes, estirados no sofá enquanto bebiam vinho. — Você está deslumbraaaaante!

Para fechar com chave de ouro, entregaram-me uma peruca de moicano feita da mesma pelagem de animal falsa. Agradeci, e eles me sopraram beijinhos lá do outro cômodo.

Uma parte de mim dizia: *Você vai ficar parecendo uma mistura de prostituta com galo de briga*. A outra parte, por sua vez, rebatia: *Aguenta firme. As garotas que servem bebidas no Shelter ganham mais numa noite do que você numa semana inteira*.

★ ★ ★

O dinheiro que eu ganhava no Shelter era ótimo. O sucesso da noite se devia aos *promoters*, e os mais badalados tinham um séquito fiel de celebridades, bilionários e modelos. Nas noites mais agitadas, uma multidão de pessoas esperava horas junto às cordas de veludo, implorando para entrar. Acabei conhecendo os *promoters* e trabalhando nas melhores noites, nos endereços mais concorridos da cidade. Muitos *promoters* e gerentes eram alcoólatras nojentos ou viciados em drogas que alavancavam seu poder decidindo quais caras mereciam passar pelas cordas de veludo a fim de pegar as meninas bonitas. As moças bonitas eram quase todas aspirantes a atrizes ou modelos, e acreditavam piamente que bastava entrarem numa boate com a festa mais concorrida para serem descobertas. Tudo parecia uma grande besteira, mas eu ficava calada e cuidava da minha própria vida. Eu era pontual, responsável e profissional. Enquanto os outros atendentes bebiam tequila e ficavam de bobeira batendo papo com os clientes, eu trabalhava para cuidar bem das minhas mesas. Minhas gorjetas sempre passavam de 20%, e em geral eu era a que mais vendia bebidas. Estava ali para fazer dinheiro, não amigos.

Inesperadamente, minhas noites nessa boate contribuíram ainda mais para meu aprendizado em L.A. Toda noite eu observava, absolutamente sóbria, a politicagem hollywoodiana em ação, os figurões que se encontravam e matavam tempo. O dinheiro que eu ganhava como atendente me permitiu economizar um pouco, não o suficiente para comprar sapatos de grife, mas o bastante para melhorar meu guarda-roupa do Colorado. Eu também adorava voltar para casa no fim da noite carregando um maço enrolado de dinheiro vivo.

Eu cumpria um longo expediente durante o dia, e toda noite ia trabalhar numa boate diferente. Estava completamente exausta. Porém, descobri que, quando o assunto era ganhar dinheiro, eu tinha uma energia inesgotável.

Por mais ocupada ou cansada que estivesse, nunca dizia "não" para um trabalho.

CAPÍTULO 5

Nas últimas semanas, tinha ouvido Reardon mencionar um lugar chamado Viper Room. Como não estava de fato autorizada a fazer perguntas, sobretudo durante as negociações iniciais, pesquisei o assunto por conta própria. Descobri que o Viper Room era um dos bares mais icônicos de Los Angeles. Pintado de preto fosco, enfiado num pedacinho decadente da Sunset Strip entre lojas de bebidas e uma charutaria, o Viper Room tinha uma rica história de celebridade e libertinagem. Li que na década de 1940, ele pertencia ao gângster Bugsy Siegel e se chamava Melody Room. Quando Johnny Depp e Anthony Fox compraram o lugar em 1993, Tom Petty tocou na noite de inauguração. Além disso, River Phoenix morreu de overdose na calçada da frente do bar no Dia das Bruxas de 1994, enquanto Flea, do Red Hot Chilli Peppers, e Depp tocavam no palco.

Eu também sabia que, no ano 2000, o sócio Anthony Fox processou Depp por conta da divisão de lucros, mas desapareceu com o processo em pleno andamento. Durante essa confusão, o bar foi colocado nas mãos de um fiel depositário nomeado pelo tribunal, que por acaso era amigo da família de Reardon, a cuja empresa foi oferecida a oportunidade de assumir o Viper Room — que àquela altura estava perdendo muito dinheiro —, a fim de torná-lo lucrativo de novo. Creio que esse acordo devia estar sendo consumado, porque certo dia, depois de cumprir sua habitual rotina de berrar com as pessoas durante uma ou duas horas, Reardon deu ordens para que eu buscasse o carro e o levasse até o estacionamento do Viper Room.

Assim que chegamos, Reardon se virou para mim com uma expressão séria.

— De acordo com as vendas de ingressos e o inventário de estoque, esse lugar deveria ser lucrativo, mas há cinco ou seis anos vem perdendo dinheiro. A equipe de funcionários só tem canalhas; todos eles trabalham aqui há mil anos, e dizem por aí que estão roubando uma grana preta. Provavelmente vou demitir todo mundo, mas preciso que você arranque informações deles, descubra como o lugar funciona.

Em seguida, ele saiu do carro e bateu a porta com tanta força que achei que fosse quebrar. Quando desci do veículo, Reardon já estava no meio do estacionamento, e, como sempre, corri para alcançá-lo.

Entramos no edifício preto pela porta lateral. De repente, a ensolarada Los Angeles desapareceu, e estávamos numa caverna sinistra e úmida, sendo

recebidos por um homem cabeludo, usando delineador e cartola.

— Oi. sr. Green. Meu nome é Barnaby — disse ele, estendendo a mão.

Reardon o ignorou e caminhou em direção à escada.

— Prazer, Molly — falei, segurando a mão que ele havia estendido para Reardon e dando um sorriso amistoso para compensar a grosseria do meu chefe.

— Barnaby — repetiu ele, retribuindo o sorriso.

Segui Reardon escada acima. Os funcionários estavam sentados ao redor de uma mesa, e nenhum deles parecia feliz.

— Meu nome é Reardon Green. Eu mando neste lugar agora. Vai haver uma porção de mudanças por aqui. Quem não gostar pode ir embora. Se quiserem manter o emprego, terão que cooperar e ajudar a fazer a transição da melhor forma possível. Se derem conta do recado, o emprego de vocês está garantido. Esta é minha assistente, Molly. Ela vai passar um tempo com vocês hoje. Preciso que mostrem a ela como as coisas funcionam por aqui.

Então, ele se virou para ir embora. Abri um sorriso nervoso e falei para a pequena multidão carrancuda que voltaria num segundo.

— Reardon, é sério? Vai me deixar aqui? O que quer que eu faça?

— Só não faça nenhuma cagada — respondeu ele, e foi embora.

De repente, tomei consciência do meu vestido ridículo de alcinha e do meu cardigã fuleiro.

Inspecionei os rostos furiosos à minha frente. Os empregados do bar estavam discutindo entre si, exaltados. Todos vestiam roupas pretas, a maioria tinha tatuagens e piercings, coturnos e moicanos. Eram caras durões, eram rock and roll, e eu não sabia como falar com eles. Queria sair correndo para a luz do sol na Sunset Boulevard, mas respirei fundo e caminhei até o grupo enfurecido. A coisa mais importante era descobrir um jeito de me relacionar com eles, fazer com que simpatizassem comigo.

— Oi, pessoal — disse, baixinho. — Meu nome é Molly. Não sei exatamente o que está acontecendo. Não me deram informação nenhuma antes do Reardon me deixar aqui. Mas sei que posso defender vocês. Também trabalho na área de serviços, à noite, e durante o dia tento me virar para que o maluco que acabaram de conhecer não berre comigo nem me mande embora. Por falar nisso, geralmente fracasso nessa parte de não ouvir desaforo dele.

Ouvi alguns resmungos e até mesmo uma risadinha.

— Em todo caso, se eu e vocês pudermos trabalhar juntos para dar ao Reardon o que ele quer, acho que conseguiremos manter nossos empregos.

Uma mulher usando um pesado delineador preto e coturnos me lançou um olhar malicioso.

— Vocês acham que vão conseguir o que precisam e depois mandar a gente embora? Não confio nem um pouco em vocês — disse ela, sacudindo uma unha preta e comprida assustadoramente perto do meu rosto.

— Isso é verdade? — perguntou um cara mais velho de cavanhaque.

— Não sei — respondi com sinceridade. — Não posso garantir nada, mas sei que essa é a melhor chance que têm de manter esse emprego, e dou minha palavra de que vou lutar por vocês.

— Dê um minuto para a gente — disse uma loira bonita que usava uma minissaia xadrez.

Atravessei o salão e fui me sentar num banquinho encardido, fingindo verificar as mensagens no celular.

Houve uma acalorada discussão, e duas pessoas foram embora.

As demais vieram até mim.

— Pode me chamar de Rex, eu sou o gerente. Bem, eu *era* — disse ele, estendendo a mão. Os outros se apresentaram.

Passei o restante do dia com Rex, que me mostrou como ele gerenciava o lugar, enquanto eu tomava notas. Fiquei sabendo que ele tinha uma esposa e um filho pequeno, e vinha tocando o bar havia dez anos. Parecia um sujeito legal de verdade. Duff era a encarregada de agendar os shows com as bandas, e me deu sua lista mestra, sua programação, e me explicou como funcionava o processo. No fim do dia eu tinha nas mãos um manual de instruções totalmente funcional, os contatos de bandas e agentes, informações de compras e pedidos e assim por diante. Agradeci muitas e muitas vezes e lhes dei meu número de telefone.

— Podem me ligar a qualquer momento. Vou falar com Reardon e dizer a ele o quanto foram prestativos e solícitos. — No fundo eu sabia que ele provavelmente mandaria todo mundo embora. Voltei para o trabalho me arrastando, me sentindo uma pessoa horrível. Entrei na sala de Reardon e lhe entreguei toda a papelada com minhas anotações. Fui para minha sala e tentei pensar na melhor maneira de dar uma chance ao pessoal que eu tinha conhecido no bar.

Reardon entrou na minha sala.

— Molly, este trabalho aqui não está bom — anunciou ele. Assim que comecei a me defender, ele me interrompeu. — Está excelente. — Fiquei tão chocada que quase caí da cadeira. — Estou orgulhoso de você — disse, simplesmente.

Eu tinha esperado muito tempo para ouvir uma palavra de incentivo, uma confirmação de que Reardon não me considerava a maior idiota do planeta.

— Sobre os funcionários...

Ele se virou, os olhos castanhos faiscando, o mesmo olhar que ele lançava antes de dar uma bronca.

— O que é que tem? — perguntou ele.

— Esquece — respondi, com ódio de mim mesma.

— Você vai sair com a gente hoje à noite. Esteja pronta às sete. Fez um trabalho realmente muito bom hoje.

Voltei de carro para casa sentindo lampejos de felicidade seguidos de pontadas de culpa.

A limusine me pegou às sete, e todos os caras já estavam lá dentro.

Reardon abriu uma garrafa de champanhe.

— Um brinde à Molly, que finalmente está começando a entender as paradas.

Sam e Cam ecoaram:

— À Molly!

Sorri.

A limusine parou na porta do restaurante Mr. Chow, e os flashes dos *paparazzi* espocaram assim que saímos.

— Olhe para cá! — berraram os fotógrafos, disparando os flashes no meu rosto.

— Eu não sou... — Comecei a dizer, mas Reardon agarrou meu braço e empurrou os *paparazzi*. Tínhamos uma mesa especial reservada, onde nos juntamos a lindas modelos, *socialites* infames e alguns dos atores amigos de Reardon, polêmicos mas famosíssimos. Era noite de sexta-feira e todas as mesas do Mr. Chow estavam reservadas para os ricos e famosos. Toda vez que eu olhava para baixo, havia outra taça de martíni de lichia. Fomos embora do Mr. Chow e seguimos para a mais nova casa noturna impossível de entrar de Los Angeles. Todo mundo estava empolgado, feliz e despreocupado. Fomos direto para o início da fila, onde alguém nos conduziu até a melhor mesa da casa.

Eu estava tão embriagada com os drinques, inebriada com tanto glamour fácil, livre acesso e prestígio que quase me esqueci de que havia enganado os funcionários do Viper Room, fazendo com que confiassem em mim. Quase me esqueci de que os havia usado para obter informações e depois quebrei minha promessa de lutar por eles.

Agarrei o braço de Reardon. Eu precisava ao menos tentar.

Ele sorriu para mim, os olhos cheios de orgulho.

Aquilo era tudo o que eu mais queria, e tive uma sensação tão boa que deixei os funcionários do bar e todas as promessas que fiz desvanecerem.

CAPÍTULO 6

No fim da tarde de uma sexta-feira, eu estava zanzando de um lado para o outro no escritório, tentando acabar depressa o trabalho para ir embora cedo. Tinha um encontro com um dos *bartenders* de uma das boates onde eu também trabalhava. Jamais contaria isso para os caras porque, se soubessem, tirariam sarro de mim para sempre.

— VEM AQUI! — berrou Reardon.

Eu me preparei para o pior. Ele estava fazendo a mesma coisa que fazia quando tinha uma ideia nova: encher de rabiscos um bloco de notas amarelo. Reardon desenhava quadrados que se conectavam entre si e se repetiam até preencher uma página inteira. Ele tinha cadernos abarrotados disso — era sua maneira de arquitetar as coisas.

— Vamos reunir uma galera para um jogo de pôquer no Viper Room — disse ele, fitando o papel e rabiscando sem parar. — Vai ser na terça à noite, e você vai me ajudar a organizar tudo.

Eu sabia que Reardon jogava pôquer de vez em quando, porque desde que tinha começado a trabalhar para ele, já havia entregado e buscado alguns cheques.

— Mas na terça à noite eu trabalho na boate.

— Confie em mim, vai ser bom para você. — Ele ergueu os olhos do bloco de papel. Seus olhos estavam sorrindo como se soubesse de algum segredo. — Anote os nomes e números e convide um por um. Terça que vem, às sete — vociferou, rabiscando seus quadradinhos. — Diga a eles para trazerem dez mil dólares em dinheiro vivo para o primeiro *buy-in*. Os *blinds* são de cinquenta e cem dólares.

Eu anotava freneticamente, não conseguia entender nada do que ele dizia, mas tentaria decifrar por conta própria antes de ousar fazer uma pergunta.

Ele começou a rolar a tela de seu celular e a dizer em voz alta uma porção de nomes e números.

— Tobey Maguire... Leonardo DiCaprio... Todd Phillips...

Meus olhos se arregalaram à medida que a lista prosseguia.

— E NÃO CONTE A NINGUÉM, PORRA!

— Não vou contar — prometi.

Encarei meu bloco de notas amarelo. Escritos com minha letra estavam os nomes e os números de telefone de alguns dos homens mais famosos, poderosos e ricos do planeta. Desejei ser capaz de voltar no tempo e

sussurrar o segredo para minha versão adolescente, a menina de treze anos, romântica e apaixonada, que assistiu a *Titanic*.

Assim que cheguei em casa, procurei no Google palavras e expressões que Reardon tinha usado quando me passou as instruções. Por exemplo, ele me disse que os *blinds* seriam de cinquenta e cem dólares. Descobri que um *blind* é uma aposta obrigatória para iniciar a ação de um jogo. Há o *"small" blind* e o *"big" blind*, e ambos são sempre de responsabilidade do jogador à esquerda do *dealer*.★

Ele também disse: "Diga a eles para trazerem dez mil dólares em dinheiro vivo para o primeiro *buy-in*." O *buy-in* é o "valor de entrada" de um torneio, a quantidade mínima de fichas que o jogador deve comprar "para fazer parte de um jogo" e se sentar à mesa de pôquer. Munida com uma compreensão mínima, comecei a elaborar um texto.

Oi, Tobey, meu nome é Molly. É um prazer conhecer você.

QUE PORCARIA!, pensei. Apague a parte "É um prazer conhecer você".

Estou comandando o jogo de pôquer na terça. Vai começar às 19h em ponto. Por favor, traga dez mil em dinheiro vivo.

Mandão demais?

O *buy-in* é de 10 mil, todos os jogadores devem trazer dinheiro vivo.

Passivo demais.

Os *blinds* são...

Pare de pensar demais, Molly. São apenas pessoas, e você só está fornecendo a elas detalhes para um jogo de cartas. Escrevi um texto simples e apertei a tecla "enviar". Eu me obriguei a entrar no chuveiro a fim de me arrumar para o encontro. Tranquilamente me sequei e passei hidratante no corpo, o tempo inteiro de olho no celular, posicionado do outro lado da sala.

No fim das contas não consegui mais me segurar. Corri e peguei o aparelho.

Todas as pessoas que receberam a mensagem de texto responderam, e a maioria fez isso quase de imediato.

Estou dentro
Estou dentro
Estou dentro
Estou dentro...

Um arrepio delicioso percorreu meu corpo, e de repente meu encontro com o *bartender* pareceu bem desinteressante.

★ ★ ★

Ao longo dos dois dias seguintes tentei descobrir como organizar e ser a anfitriã do jogo de pôquer perfeito. Não havia muita informação disponível a respeito do tema. Procurei no Google coisas como "Que tipo de música jogadores de pôquer gostam de ouvir?" e gravei CDs com escolhas constrangedoramente óbvias como "The Gambler" [O apostador] e "Night Moves" [Jogadas noturnas].

Enquanto testava minha nova trilha sonora para ver se fluía bem, experimentei todos os vestidos do meu armário. A cada tentativa, o reflexo no espelho era uma decepção. Eu parecia uma menina ingênua e simplória de uma cidadezinha do interior. Em minhas fantasias, eu arrebataria o salão num exuberante vestido preto sob medida comprado numa das lojas mais caras da Rodeo Drive, com um par de saltos agulha Jimmy Choo (a grife era sempre a escolha infalível de Reardon quando queria dar sapatos de presente) e um colar de pérolas Chanel. Na verdade, eu tinha um vestido azul-marinho com um laço nas costas e um par de saltos altos azul-escuros, presente de Chad dos tempos da faculdade. Sem dúvida, tanto o vestido quanto os sapatos já tinham visto dias melhores.

★ ★ ★

No dia do jogo, corri de um lado para o outro fazendo coisas para Reardon e para a empresa. Entre uma tarefa e outra, encontrei tempo para comprar uma tábua de queijos e alguns outros petiscos.

Ao longo de todo o dia, os jogadores me mandaram mensagens de texto quase compulsivamente. Queriam atualizações constantes sobre quem tinha confirmado presença. Eu sentia uma ligeira vertigem toda vez que a tela do meu celular se iluminava. Era como receber uma mensagem de texto do cara de quem você estava muito a fim, só que melhor ainda. Reardon me segurou até tarde no escritório para trabalhar na versão definitiva de alguns documentos para um novo projeto de empreendimento imobiliário.

Mal tive tempo de secar o cabelo e passar maquiagem. Vesti minha roupa decepcionante de tão banal e decidi que compensaria a falta de elegância sendo supersimpática, profissional e diligente. Fui às pressas para o Viper Room com meus CDs e minha tábua de queijos. Tentei acender algumas velas e espalhar arranjos de flores para tornar o ambiente mais convidativo, mas poucos lugares no mundo são tão sórdidos quanto o porão do Viper Room, e flores e velas não mudariam muita coisa.

Diego, o *dealer*, foi o primeiro a aparecer. Vestia calças de sarja cáqui e uma camisa branca engomada; apertou minha mão e abriu um sorriso

amigável. Reardon o conhecia das noites de pôquer no Cassino Commerce, um salão de carteado não muito distante de L.A. Diego trabalhava como *dealer* em cassinos e em jogos particulares havia mais de duas décadas, e provavelmente já tinha visto quase todas as situações possíveis e imagináveis que poderiam ocorrer num jogo de cartas. Porém, mesmo todos os anos de experiência dele não seriam capazes de prepará-lo para o quanto esse jogo mudaria a vida de todos nós.

— Você está pronta? — perguntou ele, enquanto tirava de uma caixa uma toalha de mesa de feltro verde.

— Mais ou menos.

Observei a rapidez dos movimentos de suas mãos enquanto ele contava e empilhava as fichas.

— Precisa de alguma ajuda? — perguntei.

— Você joga? — disse ele, em tom de provocação. — Não me parece uma jogadora de pôquer.

— Não. É minha primeira vez num jogo.

Ele riu.

— Não se preocupe. Vou lhe ajudar a passar por essa.

Respirei um pouco mais aliviada. Precisava de toda ajuda que pudesse conseguir.

Barnaby apareceu em seguida, de cartola e tudo. Era um dos únicos que Reardon tinha mantido no quadro de funcionários. Ficou encarregado de cuidar da porta; dei a ele a lista e salientei que só quem estava nela poderia entrar.

— Sem problema, querida.

— Não deixe mais ninguém entrar — repeti diversas vezes. — Me desculpe, Barnaby. Sei que você sabe o que está fazendo, mas estou nervosa. Quero que tudo saia perfeito.

Ele colocou o braço em volta de mim.

— Não se preocupe, meu anjo. Tudo vai ser mais que perfeito.

Sorri, agradecida.

— Espero que você esteja certo.

★ ★ ★

Às 18h45, eu me plantei junto à porta da frente e esperei. Meu vestido me deixava inquieta. Comecei a me sentir insegura sobre a forma como eu deveria receber os jogadores. Eu sabia o nome de todos, mas isso significava que eu deveria me apresentar?

Pare com isso, pensei comigo mesma. Fechei os olhos e tentei me acalmar, imaginando-me como a pessoa que queria ser.

Molly Bloom, você está usando o vestido dos seus sonhos, é confiante e destemida e fará tudo perfeito. Nada disso era verdade, claro, mas eu queria que fosse. Abri os olhos, levantei o queixo e relaxei os ombros. Era hora do show.

A primeira pessoa a chegar foi Todd Phillips, roteirista e diretor de *Dias Incríveis* e da franquia *Se Beber, Não Case!*

— Oi — cumprimentei-o com entusiasmo, estendendo a mão. — Meu nome é Molly Bloom — disse, abrindo um sorriso genuíno.

— Oi, linda. Sou Todd Phillips. Prazer em conhecer você pessoalmente. Deixo o *buy-in* com você?

— Claro — respondi, encarando a gigantesca pilha de cédulas de cem dólares. — Posso lhe servir uma bebida?

Ele pediu uma Coca Diet. Fui para trás do bar e deixei lá a enorme quantia de dinheiro.

Depois de lhe servir a bebida, comecei a contar a pilha. Tudo certo: dez mil dólares. Guardei tudo na caixa registradora com o nome de Todd anotado. Eu me sentia incrível, descolada, arrojada e perigosa contando todo aquele dinheiro. Os outros começaram a chegar.

Bruce Parker se apresentou e também me entregou seu *buy-in*. Graças às minhas pesquisas, sabia que ele era um dos sócios-fundadores de uma das empresas de artigos de golfe mais prestigiosas do mundo. Bob Safai era um magnata do ramo imobiliário, e Phillip Whitford vinha de uma longa linhagem de aristocratas europeus. Sua mãe era uma glamorosa supermodelo e seu pai, um dos mais famosos playboys de Manhattan. Reardon entrou a mil por hora com seu característico cumprimento: "Oh, yeah!" O amarrotado Houston Curtis apareceu em seguida, acompanhado de Tobey e Leo. Endireitei os ombros e sorri da forma mais natural que consegui. *São apenas pessoas*, falei para mim mesma enquanto sentia um frio absurdo na barriga. Eu me apresentei, recolhi os *buy-ins* e providenciei as bebidas que cada um pediu. Quando apertei a mão de Leo, e ele me deu um sorrisinho torto de debaixo de seu boné, meu coração bateu um pouco mais rápido. Tobey também era encantador e me pareceu muito simpático. Eu nada sabia sobre Houston Curtis, exceto que ele estava de alguma forma envolvido na indústria do cinema. Ele tinha olhos bondosos, mas havia algo de diferente nele. Parecia não fazer parte daquela turma. Steven Brill e Dylan Sellers, dois diretores do primeiro escalão de Hollywood, foram os últimos a chegar.

A energia no recinto era palpável. Parecia mais uma arena esportiva do que o porão do Viper Room.

Reardon terminou de abocanhar um sanduíche e berrou para todo mundo, sem se dirigir a ninguém em especial:

— Vamos jogar!

★ ★ ★

Eu assistia, fascinada. Era tudo inacreditavelmente surreal. Eu estava num canto do Viper Room contando CEM MIL DÓLARES EM DINHEIRO VIVO! Estava na companhia de astros do cinema, diretores importantes e poderosos magnatas. Eu me sentia a Alice no País das Maravilhas caindo pela toca do coelho.

Diego espalhou dez cartas, e cada jogador tomou seu lugar em volta da mesa. Essa ação parecia ser muito importante e foi realizada com grande seriedade.

Assim que todos se sentaram, Diego começou a dar as cartas. Achei que era um bom momento para oferecer aos jogadores mais uma rodada de bebidas. Estampei no rosto meu melhor sorriso e contornei a mesa oferecendo drinques e canapés. Por mais estranho que pareça, não tive uma acolhida muito calorosa.

Phillip Whitford agarrou meu braço e sussurrou em meu ouvido.

— Não fale com um cara quando ele estiver com uma mão. A maioria não consegue pensar e jogar ao mesmo tempo.

Agradeci de maneira cortês e aprendi a lição.

Com exceção de alguns pedidos de drinques, ninguém me dirigiu a palavra durante o jogo inteiro, e tive tempo de observar tudo com atenção. Os dez homens sentados ao redor da mesa falavam abertamente uns com os outros. Os astros e diretores de cinema conversavam sobre Hollywood, Reardon e Bob Safai analisavam a situação do mercado imobiliário, Phillips e Brill se provocavam sem parar, o que era muito engraçado. Claro que o bate-papo girava também em torno do jogo. Eu me sentia feito uma mosquinha na parede de um clube ultrassecreto de mestres do universo.

No fim da noite, enquanto Diego contava as fichas de cada jogador, Reardon disse:

— Não se esqueçam de dar uma bela gorjeta para a Molly se quiserem ser convidados para o próximo jogo.

Ele deu uma piscadinha para mim.

À medida que foram saindo em fila, um a um, os jogadores me agradeceram, alguns deles me beijaram no rosto, mas todos enfiaram cédulas em minha mão. Eu sorria e retribuía o agradecimento, tentando não deixar as mãos tremerem.

Assim que todos se foram, eu me sentei, perplexa e em êxtase, e com mãos ainda trêmulas, contei três mil dólares.

Porém, melhor que o dinheiro foi a constatação de que agora eu sabia por que eu tinha ido para L.A. Agora sabia por que havia suportado todos os chiliques e acessos de fúria de Reardon e seus constantes insultos, os degradantes uniformes de garçonete, os caras nojentos que apalpavam a bunda das mulheres.

Eu queria uma vida maravilhosa, uma aventura grandiosa, e ninguém me entregaria isso de mão beijada. Ao contrário dos meus irmãos, eu não havia

nascido com os meios que abririam as portas para alcançar meus objetivos. Estava esperando minha oportunidade, e de alguma forma sabia que ela chegaria. Mais uma vez, pensei na Alice de Lewis Carroll dizendo: "Não posso voltar para ontem, porque eu era uma pessoa diferente." Entendi a profunda simplicidade dessa declaração — porque, depois daquela noite, eu sabia que nunca mais poderia voltar a ser quem eu era.

★ O *dealer* é o crupiê ou carteador, a pessoa que trabalha com as cartas e as embaralha e distribui, monitora o desenrolar do jogo e forma os potes. O jogador à esquerda do *dealer* coloca o *small blind*, enquanto o jogador dois lugares à esquerda do *dealer* aposta o *big blind*. Como regra, a quantia da aposta do *big blind* é sempre o dobro do *small blind*. O *blind level* (nível de *blinds*) é o nível de apostas obrigatórias em determinadas fases de um torneio. (N. do T.)

Parte dois

HOLLYWOODING

Los Angeles, 2005-2006

***Hollywooding* (verbo)**
Agir de maneira exagerada e afetada numa mão de pôquer, numa estratégia para ludibriar os adversários.

CAPÍTULO 7

Acordei numa manhã escura e fria, antes do raiar do sol e do toque do despertador, deleitando-me nos lençóis e deixando meus pensamentos se perderem nos acontecimentos da noite anterior. Que mundo novo e estranho era aquele que eu tinha acabado de descobrir!

Quando terminei de arrumar tudo no Viper, eram quase duas da madrugada. Tranquei as portas e corri para meu carro protegendo bem a bolsa debaixo do braço. Voltei para casa cantando a plenos pulmões.

Blair ainda estava na rua quando cheguei. Tomei um banho quente, tentando me acalmar, mas, quando me arrastei para a cama e me enfiei debaixo das cobertas, ainda estava eufórica. Comecei a criar listas mentais de todas as coisas que poderia fazer com o dinheiro das gorjetas. Pagar o aluguel do mês seguinte. Comprar roupas novas, quitar a fatura do cartão de crédito. Talvez até conseguisse guardar um pouco.

Por fim peguei no sono.

Assim que saí da cama, fui logo checar a gaveta de meias. O maço de notas de cem dólares ainda estava no mesmo lugar onde eu o havia guardado.

Fui para a cozinha fazer café. Não eram nem seis da manhã, mas a notícia era boa demais para guardá-la só para mim. Eu precisava contar para Blair. Tinha que contar para alguém, senão explodiria. Ela havia ficado na rua até tarde, então eu sabia que era melhor ter na mão uma caneca de café.

— Por que está tão feliz? — resmungou ela, aceitando a caneca com os olhos entreabertos.

Eu já estava prestes a entrar em erupção com toda aquela história maluca e inacreditável quando a cafeína fez efeito e a realidade começou a ficar mais nítida. Embora Blair fosse minha melhor amiga e contássemos tudo uma para a outra, eu não podia revelar a ela o que havia acontecido. Era um segredo que eu — e não ela — deveria carregar. Se Blair cometesse um deslize, vazasse a informação e um dos jogadores ficasse sabendo, todos perderiam a confiança em mim.

Decidi, naquele momento, que não contaria nada sobre o jogo a ninguém, nem mesmo para minha família. Eu não faria nada que pudesse comprometer ou colocar em risco meu lugar naquele salão de pôquer.

— Nada de especial — respondi, tentando refrear o entusiasmo. — É que o dia está lindo e não quero que você perca nem um minuto dele.

— Não tenho condição de falar com você agora. Por favor, feche a porta quando sair. — Ela soltou um muxoxo e se revirou na cama.

— Desculpe — respondi, deixando o quarto.

★ ★ ★

Naquela manhã, cheguei cedo ao escritório, pois queria provar que o pôquer não afetaria meu desempenho. Passei uma hora limpando e organizando a escrivaninha de Reardon e arquivando documentos.

Quando terminei de colocar o trabalho em dia, chequei as mensagens no celular. Sete mensagens novas! Senti o coração pular. Geralmente isso significava que Reardon estava com raiva por algum motivo. Mas não naquele dia. Naquele dia minha caixa de entrada estava repleta de mensagens dos jogadores, perguntando quando seria a próxima noite de pôquer ou comentando que tinham se divertido muito. Também queriam assegurar seu lugar à mesa no jogo seguinte. Dei uns pulinhos na minha dança da felicidade.

Reardon só apareceu por volta das dez da manhã.

— Oi! — cumprimentei, animada, entregando-lhe o café e a correspondência.

— Alguém parece feliz — disse ele, com uma piscadela.

Relaxei um pouco; graças a Deus ele estava de bom humor.

— Quanto você ganhou?

— Três mil! — respondi e suspirei, ainda incrédula.

Ele riu.

— Eu falei que queria ser bom para você, sua idiota.

Abri um sorriso radiante.

— Todo mundo adorou — disse ele. — Não calam mais a boca sobre isso. Ficaram me ligando a manhã inteira.

Tentei não parecer ansiosa demais.

— Vamos organizar um jogo toda terça.

Meu rosto se iluminou e não consegui controlar o enorme sorriso que se espalhou.

— Não deixe isso ferrar seu trabalho — alertou Reardon.

Depois ele olhou para meus pés.

— E vá comprar sapatos novos. Aqueles de ontem eram horrorosos, porra.

★ ★ ★

Para o segundo jogo, Reardon estipulou que todos os jogadores deveriam levar dez mil dólares para o *buy-in* inicial e um cheque para qualquer dívida que viessem a contrair. Ao longo da semana, à medida que ele recebia ligações de pessoas que tinham ouvido falar do jogo e queriam participar, fiquei de antenas ligadas. Depois, criei uma planilha incluindo os atuais e os potenciais jogadores.

Eu queria encontrar uma maneira de me tornar insubstituível. Ainda tinha muita coisa a aprender sobre pôquer... a bem da verdade, ainda precisava aprender tudo, mas sabia uma ou outra coisa sobre comportamento humano, por conta do meu tempo nos restaurantes e de tanto observar meu pai trabalhando. Eu sabia que os homens, sobretudo aqueles de classe social mais alta e com o status dos jogadores de pôquer, queriam se sentir confortáveis e bem cuidados. Melhorei o nível da tábua de queijos: em vez da comprada no mercado, agora era uma versão mais sofisticada de uma queijaria grã-fina de Beverly Hills. Memorizei a bebida e os aperitivos prediletos de cada um, além de seus respectivos pratos favoritos do refinado restaurante de onde encomendávamos comida. Sem dúvida esses pequenos detalhes ajudariam bastante e garantiriam meu sucesso.

Quando Reardon me entregou a lista definitiva dos jogadores que eu deveria convidar para o segundo jogo, havia nove nomes — a maioria tinha participado do primeiro —, e me pus a aprender tudo o que podia sobre cada um deles.

1. Bob Safai, magnata do ramo imobiliário. Um sujeito confiante, que podia ser charmoso ou assustador, dependendo de seu desempenho no jogo. Na semana anterior, eu o vira destratando vários oponentes e o *dealer*. Ele havia sido muito legal e gentil comigo, mas tive a sensação de que era o tipo de pessoa de quem é melhor você ter a aprovação.

2. Todd Phillips, roteirista/diretor cujo filme mais recente, *Se Beber, não Case!*, deixara sua marca no hall da fama do gênero "comédia masculina".

3. Phillip Whitford, o aristocrata, bonitão, bem-educado e com boas maneiras, empanturrado de dinheiro antigo, e provavelmente o melhor jogador da mesa. Ele me dera a dica de não conversar com os jogadores durante as rodadas, e me oferecera sorrisos cordiais de incentivo. Senti que seria um aliado.

4. Tobey Maguire era casado com Jen Meyer, filha do CEO e chefão da Universal Studios. Apesar da baixa estatura, era um baita astro do cinema e, de acordo com os caras, o segundo melhor jogador da mesa.

5. Leonardo DiCaprio, talvez o astro do cinema mais conhecido do mundo. Não era apenas arrasadoramente bonito, mas também incrivelmente talentoso. Contudo, tinha um estilo estranho à mesa: era quase como se não estivesse tentando perder ou ganhar. Desistia da maioria das mãos e ouvia música em enormes fones de ouvido.

6. Houston Curtis era o que não fazia parte do grupo. Teve uma juventude sem riqueza ou privilégios. Era o produtor de televisão responsável por *reality shows*, como *Best of Backyard Wrestling*, um programa sobre luta livre amadora. Seu diferencial, e a razão de sua fama, era o fato de ter aprendido a jogar cartas ainda menino, e chegou a Hollywood sem um centavo no bolso. Parecia ser um grande amigo de Tobey.

7. Bruce Parker já estava na casa dos cinquenta. Eu o ouvi dizer que tinha começado na vida vendendo maconha. No fim, impulsionou sua carreira lançando mão do conhecimento em negócios para galgar os degraus de uma das mais antigas e bem-sucedidas empresas de artigos de golfe até chegar ao alto escalão executivo. Dizem que ganhou bilhões em vendas e ajudou a abrir o capital da empresa.

8. Reardon, de quem eu já sabia mais do que o necessário.

9. Mark Wideman, que eu ainda não havia conhecido pessoalmente, era amigo de Phillip e, naquela semana, seria o novato da mesa.

★ ★ ★

Dessa vez, escrever uma mensagem de texto para o grupo foi mais fácil. Eu sabia quem era quem e o que esperar. Apertei a tecla "enviar" e, exatamente como da última vez, os caras responderam de imediato com "Estou dentro" e "Quem vai jogar?".

Esperei ansiosamente pela terça-feira, que demorou uma eternidade para chegar.

CAPÍTULO 8

No fim de semana fui com meu surrado Jeep Grand Cherokee até a luxuosa loja de departamentos Barneys. Constrangida, entreguei as chaves para o manobrista, consciente de que minha lata-velha não combinava muito com os reluzentes Mercedes, BMWs, Ferraris e Bentleys do estacionamento.

Dentro da loja, deixei de lado minhas inseguranças e rumei para a seção de calçados. Passei os olhos pelas vitrines imaculadas. Pela primeira vez na vida eu podia me dar ao luxo de comprar o que quisesse. Parecia uma criança numa loja de doces.

— Em que posso ajudá-la? — perguntou um dos vendedores, vestido de maneira impecável e lançando um olhar de reprovação para as surradas sandálias de dedo que eu usava.

— Estou só dando uma olhada — respondi, ignorando seu esnobismo.

— Posso lhe mostrar alguns modelos?

— Claro! — respondi, animada.

Depois de experimentar dez pares, escolhi um clássico escarpim preto da Louboutin.

— Você também é bom assim para escolher vestidos? — perguntei.

— Venha comigo — disse ele, de forma cordial, assim que abri a carteira e tirei mil dólares em notas para pagar pelos sapatos. Ele passou a ser mais legal comigo depois que comecei a gastar dinheiro. — Quero lhe apresentar uma amiga do quarto andar.

O nome dela era Caroline. Caminhando a seu lado, me senti como meu carro deve ter se sentido lá no estacionamento junto com todas aquelas versões mais bacanas e sofisticadas do que um automóvel poderia ser. Eu estava totalmente consciente da minha aparência desleixada. A Barneys estava lotada de mulheres perfeitas e elegantíssimas que pareciam jamais ter acordado com um fio de cabelo fora do lugar. Eu estava de short jeans, sandálias e blusa de moletom; meu cabelo bagunçado estava preso num rabo de cavalo e enfiado num boné dos Denver Broncos. Porém, o pior era a minha bolsa Prada claramente falsificada, que eu tinha comprado na barraquinha de um vendedor ambulante no centro de L.A.

— Como posso ajudá-la? — perguntou ela.

— Estou procurando um vestido que me deixe menos parecida comigo mesma — respondi, dando uma risada. Ela riu também.

— É para o trabalho? Um encontro? Um teste de elenco?

— Com esses preços, espero que sirva para todas essas alternativas.

— Vou trazer algumas opções. Sente-se, por favor.

Com um gesto, ela apontou para o enorme e luxuoso provador da loja.

— Enquanto faço isso, tire seu boné, faça um coque e calce os sapatos novos.

Fiz o que Caroline mandou.

Ela voltou com vários vestidos maravilhosos.

— Experimente todos — pediu ela.

Coloquei um Dolce & Gabbana preto. Foi como um truque de mágica: o vestido levantava meus seios, estreitava minha cintura e acentuava minha bunda.

Saí do provador.

— Nossa, de onde surgiu esse corpão? — perguntou Caroline, de forma elogiosa, levando-me até um espelho triplo. O vestido criava uma ilusão de óptica que me deixava não apenas elegante, mas também sexy.

Como eu poderia dizer não, mesmo com aquele preço na etiqueta? O vestido havia me transformado tanto quanto a maquiagem de Valerie.

— Esta é sua versão sexy. Agora vamos fazer sua versão clássica e, daqui a pouco, você estará pronta para dar adeus a seu antigo eu.

Sorri, feliz da vida.

Experimentei um Valentino azul-marinho que apertou meu corpo em todos os lugares certos sem ser provocante demais.

Arrematamos o visual com um colar de pérolas Chanel.

— Você é muito boa nisso! — falei, admirada.

Ela sorriu.

— É só me dar seu cartão de crédito e libero você num instante.

— Ah, vou pagar em dinheiro — comentei, pegando o maço de notas de cem.

O rosto de Caroline desabou. Fiquei triste. Deu para ver que ela pensou que eu era garota de programa.

— Já volto com a conta. — A voz dela ainda era simpática, apenas um pouco mais fria. Eu estava recolocando minhas roupas quando ela entrou no provador. — Olha, eu não devia fazer isso, posso perder o emprego. Mas gostei de você e já vi esta cidade destruir muitas meninas.

— Eu juro, Caroline, não sou acompanhante nem nada do tipo. O que aconteceu foi que tive muita sorte num jogo de pôquer. É verdade.

Ela sorriu.

— Isso é bem legal, e muito melhor que a resposta que eu estava esperando. Aqui está meu cartão, pode me ligar sempre que precisar de qualquer coisa.

Retribuí o sorriso.

— Obrigada por ter sido sincera, mesmo correndo o risco de se meter em encrenca.

Saí da Barneys com minhas roupas novas, sorrindo de orelha a orelha.

★ ★ ★

A terça-feira finalmente chegou. Reardon até me deixou sair do escritório num horário razoável, de modo que tive tempo de voltar de carro para casa e me trocar.

Eu estava dirigindo quando o telefone tocou: era um dos meus patrões do mundo das casas noturnas. Eu ainda pegava alguns trabalhos como garçonete sempre que podia.

— Oi, T.J. Tudo bem?

— Preciso que você trabalhe hoje à noite — disse ele. Parecia impaciente. Todo mundo que trabalha na vida noturna é sempre mal-humorado e reclamão durante o dia.

— Não vai dar — respondi.

Era a primeira vez que eu dizia "não" a ele.

— Acho que você não valoriza seu trabalho — retrucou, num tom de voz agressivo. — Há um milhão de garotas nesta cidade que matariam por essa chance.

Pensei na grana que tinha ganhado na semana anterior trabalhando na mesa de pôquer, mais dinheiro numa noite do que eu ganharia num mês inteiro ralando no bar. Respirei fundo e disse:

— Bom, então por que não liga para uma delas? Estou fora.

Ele ficou em silêncio, perplexo. Educadamente agradeci pela oportunidade e desliguei.

Eu sabia que estava sendo imprudente. Não havia garantia alguma de que o carteado duraria, mas eu tentaria continuar ali pelo máximo de tempo possível. E tive uma sensação muito boa ao me livrar daquele trabalho ingrato e degradante de servir bebidas.

★ ★ ★

Apareci usando o vestido e os sapatos novos. Escolhi o visual mais sexy.

— Uau, olhe só para você! — exclamou Diego, pegando as sacolas de bebidas que estavam comigo. — Suas gorjetas vão ser boooooas hoje.

— Não está exagerado? — perguntei.

— De jeito nenhum. Você está gostosa, benzinho. Falando em gorjetas, como quer fazer a respeito disso?

— A respeito de quê?

— Das gorjetas. Os caras me dão gorjetas durante o jogo todo. Vi que lhe deram algum dinheiro vivo no fim. Você vai sempre ganhar mais se

receber fichas em vez de grana. A gente pode rachar, se quiser. Meio a meio.

Pensei no assunto com cuidado. Tinha visto os caras arremessando fichas no centro da mesa depois de ganharem uma mão. Então a lógica me disse que dez caras distribuindo gorjetas ao longo de várias horas provavelmente se converteria num bocado de dinheiro. Reardon, no entanto, havia deixado bem claro para os caras que me dar gorjetas era um requisito fundamental para serem convidados para jogar de novo.

— Vamos ver o que acontece hoje à noite e a gente decide depois do jogo.

Eu queria ver quanto ele ganhava.

— Beleza — disse Diego, sorrindo.

Nesse momento Reardon entrou.

— Uau! — exclamou ele, gargalhando. — Você está um tesão. — Era o mais próximo de um elogio que eu receberia dele na vida.

Olhei para meu chefe de soslaio, desaprovando o comentário.

Ele olhou para o banquete disponível em cima da mesa.

— Agora, sim! — anunciou ele, abocanhando um sanduíche.

Tradução: eu havia me saído bem na escolha da comida. Verdade seja dita, eu tinha aprendido tudo com Reardon, que adorava o melhor do melhor — caviar quando estava de ressaca, por exemplo. Eu havia percorrido um longo caminho desde a ocasião em que Reardon jogara os *bagels* da Pink Dot em cima de mim. Todas as vezes que ele me despachava para comprar ou buscar comida, todas as tábuas de queijos que ele encomendava para o escritório tiveram impacto em meu conhecimento a respeito de coisas mais refinadas.

Houston entrou a passos lentos e me deu um abraço afetuoso.

Preparei seu copo com chá gelado diet sabor framboesa.

Bruce Parker foi o próximo a chegar, seguido de Todd Phillips. Os dois entraram às gargalhadas.

— Do que estão rindo, seus pervertidos? — perguntou Reardon, cumprimentando-os com um soquinho. Germofóbico, ele preferia saudar as pessoas assim ao tradicional aperto de mãos, por razões higiênicas. Claro que, quando o assunto eram suas façanhas sexuais, o medo de germes evaporava.

— Acabaram de bater uma punheta para o Parker no estacionamento — explicou Phillips.

— Ela era bonitinha e só quis quinhentos paus, achei que me daria boa sorte — contou Parker, rindo.

— Seu safado... — Reardon meneou a cabeça em aprovação.

Nesse momento, eles perceberam que eu tentava desaparecer no corredor.

— Ora, me desculpe, docinho — disse Todd.

— Molly já ouviu de tudo, ela trabalha para mim. — Reardon dispensou os pedidos de desculpas enquanto eu assentia e me obrigava a abrir um sorriso amarelo.

— O que seu namorado acha de você usar esse vestido e ficar na companhia de um bando de canalhas como nós? — indagou Todd.

— Eu não tenho... — comecei a responder, mas já haviam perdido o interesse em mim.

Tobey e Leo tinham acabado de entrar. Os caras ficaram um pouco tímidos e constrangidos, menos Reardon, que cumprimentou Leo com outro soquinho.

— E aí, jogador?

Enquanto os caras se aglomeravam em volta de Leo, Tobey foi até Diego e lhe entregou sua Shuffle Master, uma máquina de dezessete mil dólares que teoricamente propicia um embaralhamento mais justo e aleatório, aumentando a velocidade e a precisão de cada partida. Na semana anterior, Tobey avisara aos caras que não jogaria sem ela.

O próximo a chegar foi Bob Safai. Na semana anterior, eu vira Diego dar a ele o que os outros chamaram de uma "*bad beat*". Isso significava que, embora o jogador tivesse começado com uma mão bem mais forte, ainda assim perdeu. Vi Bob ficar furioso e arremessar as cartas no *dealer*.

Estatisticamente, Diego me explicou depois, Bob deveria ter levado a melhor na rodada. Era um *two-outer*, o que significava que havia no baralho apenas duas cartas capazes de dar a vitória ao oponente. Quando Tobey conseguiu uma delas, Bob ficou louco de raiva. Olhou de cara feia para Diego e resmungou algo sobre o baralho estar manipulado ou marcado para favorecer Tobey. Por conta de incidentes como esse eu estava agradecida pelo fato de Tobey ter trazido a máquina de embaralhar e por não ser *a dealer* do jogo.

— Oi, querida — disse Bob, enquanto eu tirava seu casaco. Vi que ele olhou de relance pela sala; até mesmo Bob sentiu certa vertigem quando viu que Leo estava lá.

Phillip Whitford chegou com seu amigo Mark Wideman. Mark era amigo do tenista Pete Sampras, que, segundo consta, também jogava pôquer com muito dinheiro envolvido. Wideman era um bom jogador, mas dissera que tentaria trazer Sampras, o que seria uma grande atração para o jogo.

Quando me viu, Whitford soltou um assobio baixinho e beijou minha mão.

Corei e olhei para o chão, saboreando cada momento surreal de ser a única mulher entre homens tão bonitos e bem-sucedidos.

Em seguida, em meio ao burburinho, ouviu-se a voz retumbante de Reardon:

— Vamos jogar!

★ ★ ★

Todos se ajeitaram em suas cadeiras e o ar se encheu com a suavidade de minha seleção musical de Frank Sinatra, o zumbido da Shuffle Master, o embaralhar das fichas e as brincadeiras animadas dos jogadores.

Com o jogo já em andamento e a pleno vapor, era difícil acompanhar. Os caras empilhavam continuamente suas fichas e apostavam todas de uma vez só, o que Phillip — num raro intervalo — me explicou que era chamado de "*all in*". Embora eu fosse novata no pôquer, estava fascinada. O jogo parecia intenso e empolgante. E eu não era a única que sentia essa energia. Diego distribuía as cartas na velocidade da luz. Além da aposta principal, os caras também começaram a fazer apostas paralelas sobre a cor do *flop* (as três primeiras cartas comunitárias distribuídas por Diego), passando a apostar inclusive sobre esportes.

Sentei-me num canto, sempre observando. De vez em quando, eu reabastecia as bebidas. Os caras estavam tão concentrados no jogo que quase se esqueciam de que eu estava lá, exceto Phillip, que continuou me mandando mensagens de texto com explicações, informações e dicas sobre pôquer. Eu digitava loucamente no laptop, documentando tudo o que estava aprendendo.

Enquanto isso, Bob papeava sobre o mercado imobiliário, Wideman falava sobre Sampras, Tobey analisava mãos de pôquer com Houston, Reardon disparava alguns insultos na esperança de desestabilizar os adversários, Phillip contava breves piadinhas e soltava frases de efeito, e Leo tinha colocado os fones de ouvido para se concentrar melhor. Durante algum tempo, Bruce falou sobre a garota que havia cobrado quinhentos dólares para masturbá-lo, mas depois passou a discorrer sobre como fez fortuna como traficante de maconha em Hollywood.

Quando chegou a hora do jantar, pedi comida do Mr. Chow. Os caras não ficaram muito entusiasmados com a ideia de interromper o jogo para comer, então pensei em providenciar mesas menores para, no futuro, deixar que os jogadores comessem à mesa onde as partidas se desenrolavam. Durante a refeição, ouvi Bruce perguntar a Phillip onde poderia levar uma garota para jantar (supus que não estava falando da garota da masturbação).

— Conheço o lugar perfeito — interrompi. — Madeo. É bem romântico, e a comida é sensacional.

— Excelente sugestão — comentou ele.

— Quer que eu faça uma reserva para você?

Graças a todas as reservas que fiz para Reardon e a equipe, agora eu conhecia os *maîtres* de todos os melhores e mais disputados restaurantes.

— Isso seria ótimo. — Bruce sorriu.

— Bruce, me mande uma mensagem quando quiser a reserva, e eu cuido de tudo.

— Obrigado, Molly. Você é a melhor.

No decorrer da semana anterior, eu vinha pensando em maneiras de me inserir na vida dos jogadores, já que queria aumentar as chances de não ser substituída. Sabia como Reardon gostava que eu cuidasse de todos os detalhes para ele, por isso estabeleci como meta fazer o mesmo com os caras da mesa. Porém, sabia que precisava parecer algo natural, que não fosse forçado. Senti que com Bruce a coisa tinha fluido bem. Mais tarde, durante o jogo, recebi uma mensagem de Houston perguntando se eu teria como garantir o acesso dele e de um amigo a uma determinada boate de Hollywood. Eu conhecia todos os *promoters* de lá, então cuidei disso também.

★ ★ ★

Após o jantar, o jogo foi retomado a toda velocidade. Eu me sentei no canto e me pus a observar as mãos de Diego voarem sobre a mesa, empurrando fichas e virando cartas — era impossível acompanhar os movimentos. De repente, todo mundo ficou quieto, e Mark Wideman se levantou. Deu a volta na mesa com as mãos nos bolsos.

No centro, havia uma gigantesca pilha de fichas. Meus olhos percorreram o perímetro da mesa para ver quem ainda tinha cartas.

Tobey.

Tobey estava lá sentado comendo o petisco vegetariano que trouxera de casa. Ele cravou os olhos redondos em Mark.

Mark ponderava enquanto nós todos prendíamos a respiração. Eu não fazia ideia do que estava acontecendo, mas sentia o suspense.

— Dê o *call*!★ — anunciou ele.

Tobey o fitou, perplexo.

— Dar *call*?

— Sim — insistiu Mark. — Bati você?

Tentei somar mentalmente as fichas, mas eram muitas, e estavam espalhadas por toda a parte.

— Você me pegou — disse Tobey, empurrando as cartas na direção de Diego.

Tobey sorriu para Mark.

— Boa mão, cara.

E depois olhou para mim, seus olhos vidrados.

Tobey me escreveu uma mensagem de texto: "Quem é esse cara?"

Mark Wideman. Ele é advogado.

"Entendi", foi tudo que ele respondeu.

Tive o pressentimento de que estava encrencada.

O jogo foi reiniciado e eu prendia a respiração toda vez que Reardon estava com uma mão, e agora Tobey também. Eu conhecia Reardon suficientemente bem para ter certeza de que a graça do jogo não duraria muito se ele perdesse todas as vezes. Estava claro que eu precisava manter Tobey feliz também. No fim da noite, ambos saíram no lucro, mas cada segundo que antecedeu a última mão foi tão recheado de expectativa que, encerrada a noite, eu estava emocionalmente esgotada. Mas adorei cada minuto. A jogatina durou até as três da manhã.

À medida que os caras foram fazendo fila para ir embora, ajudei cada um com seus casacos e tickets de estacionamento, mandei beijinhos ou dei abraços de despedida e fui recompensada por todos com dinheiro vivo ou fichas. Fiquei bastante agradecida; tive a sensação de que era mais do que eu merecia. As gorjetas mais polpudas foram de Phillip, Houston e Bruce, que me deram vultosas somas, mas fiz questão de agradecer a cada um deles com o mesmo entusiasmo. Tobey, apesar de ter sido o maior ganhador do jogo, me deu a menor gorjeta.

Assim que todos se foram, Diego e eu nos sentamos à mesa. Juntamos nossas gorjetas e depois as contamos: quinze mil dólares, 7.500 para cada.

Olhei para ele, perplexa.

— Isso é normal?

— Não — respondeu, dando uma risadinha, feliz da vida. — Nunca vi um jogo assim.

— Diego — murmurei. — São 7.500 dólares. Está brincando comigo, porra?

— É só continuar usando esses vestidos — provocou ele.

Fui para trás do bar e enchi duas taças de champanhe para nós.

— Isso merece um brinde — declarei. — A uma divisão meio a meio, como amigos e aliados!

— Gostei disso.

Mesmo que nem sempre recebêssemos a mesma quantia em gorjetas, era bom ter um parceiro.

Bebemos o champanhe num silêncio feliz. Diego morava bem longe de Beverly Hills e havia passado a carreira trabalhando como crupiê em cassinos inglórios e dando *bad beats* para caras cujas vidas podiam ser arruinadas pela carta errada. Estava nas nuvens, sentindo-se no País das Maravilhas tanto quanto eu, ou até mais.

— Espero que isso dure para sempre.

— Nada dura para sempre, ainda mais na jogatina — disse ele, com ar de quem sabia das coisas.

Fiz força para tirar da memória as palavras de Diego. Em vez disso, ouvia a voz da minha mãe e o que ela me dizia toda noite, quando me colocava na cama para dormir: "Você pode fazer o que quiser, meu bem, qualquer coisa

que botar na sua cabeça." Talvez não fosse aquilo que ela tinha imaginado, mas era o que eu mais queria no mundo, e eu faria tudo ao meu alcance para que durasse.

---

* *Call*: pagar ou igualar o valor de uma aposta feita por um oponente; colocar no pote (as fichas apostadas no centro da mesa) uma quantia de dinheiro igual à aposta ou à subida mais recente. (N. do T.)

CAPÍTULO 9

Nos dias seguintes ao jogo, a rotina era sempre a mesma: organizar os jogadores. Pagar o vencedor, quem quer que tivesse sido. Cobrar e buscar o dinheiro de quem tinha perdido, fosse quem fosse.

A princípio, a parte do dinheiro me deixava estressada. Eu me sentia mal pedindo aos perdedores que desembolsassem a grana, e levava muito tempo para percorrer de carro a cidade de uma ponta à outra, cobrando e pagando. No entanto, logo percebi que esses encontros cara a cara eram ótimas oportunidades de conhecer de verdade os homens que se sentavam à mesa de pôquer.

Numa quarta-feira específica, fui incumbida de ver Tobey e Phillip.

Fui primeiro à casa de Tobey. Estava me acostumando a ir lá: Tobey ganhava toda semana.

Subi devagar a íngreme ladeira, apertei o interfone do sistema de segurança e me apresentei:

— É Molly, vim deixar um cheque.

O longo zunido indicou que eu tinha autorização para entrar. Os portões se abriram aos poucos, e segui em frente. No fim do acesso para veículos, erguia-se a residência palaciana de Tobey.

Ele já estava na porta quando cheguei.

— Eiiii, como vai?

— Oi — respondi, entregando-lhe a pesada e desajeitada Shuffle Master. — Obrigada por nos deixar usar isso aqui no jogo.

— Sem problema — disse ele, pegando a máquina. — Eu queria conversar com você sobre uma coisa.

— O que foi?

Ele semicerrou os olhos por um momento.

— Acho que vou começar a cobrar aluguel pelo uso da Shuffle Master.

Meus olhos passaram por cima dele e pousaram no vasto *foyer* da mansão nas colinas, através do qual era possível ver o oceano.

Gargalhei. Sem dúvida ele estava contando uma piada. Não era possível que estivesse falando sério sobre cobrar aluguel por uma máquina que ele mesmo insistia em usar, de caras cujo dinheiro vinha tomando toda semana.

Contudo, Tobey não estava brincando, seu tom de voz era absolutamente sério, e logo parei de rir.

— Ok — falei, a voz parecendo um chiado. — Quanto?

— Duzentos dólares.

Sorri para esconder minha surpresa.

— Tudo bem. Tenho certeza de que não será um problema — respondi.

Eu sabia que deveria perguntar a Reardon primeiro, mas quis dar a impressão de que tomava decisões. Depois pensaria num jeito de lidar com o chefe.

— Beleeeeza — disse ele. — Obrigado, Molly. E tem outra coisa. Gostaria de saber quem vai jogar a cada semana. Se tiver algum cara novo, eu gostaria mesmo de saber quem é. De antemão. — Ele pronunciou essas palavras devagar, que pareciam suaves por fora, mas continham em seu âmago uma ameaça afiada e mordaz. Imaginei que isso provavelmente tinha a ver com a mão que ele perdera para Mark Wideman.

— Sem problemas — repeti, querendo dar o fora de lá antes que fosse obrigada a prometer a ele meu primogênito recém-nascido e minha alma.

— Beleza, falo com você mais tarde — disse ele, dando um tchauzinho animado.

Enquanto meu carro descia a ladeira, balancei a cabeça. Eu jamais entenderia gente rica.

★ ★ ★

Phillip estava à minha espera em seu clube de charutos favorito, um local discreto e escondido em um edifício de dois andares em Beverly Hills. O elevador se abriu e vi um luxuoso *foyer* de mogno e, atrás dele, um saguão com decoração moderna repleto de homens fumando charutos. Constrangida, olhei ao redor à procura de cartazes de É PROIBIDA A ENTRADA DE MULHERES, mas o *maître* sorriu e me levou até Phillip, que estava sentado sozinho no bar tomando uísque.

Ele tinha nas mãos um baralho, e me recebeu com um sorriso torto.

— Eu simplesmente não consigo ficar longe das cartas. Na verdade, isso aqui é para você. Vou lhe dar uma aula de pôquer.

Enrubesci. De alguma forma, esperava que os caras não tivessem percebido que eu sabia bem pouco sobre pôquer.

— Como sabe que não sou uma profissional que fica lá de bobeira só para aprender os *tells* de vocês? — perguntei. Graças a uma busca no Google, eu tinha aprendido um pouco do jargão do pôquer: *tells* são mudanças sutis de comportamento do jogador que dão pistas sobre sua mão.

Ele riu, admirado.

Fomos para uma mesa no canto e deslizei discretamente na direção dele o envelope com o cheque. Ele o pegou, aproximou-o do rosto e depois me fitou.

— Em geral, a grana que ganho no pôquer não tem cheiro de flores. Que atencioso de sua parte.

— O vidro de perfume vazou dentro da bolsa — falei, dando uma desculpa esfarrapada, constrangida de novo.

Seu rosto ficou sério, e ele embaralhou as cartas. Duas para mim, duas para ele.

— Estas são as *pocket cards*, as duas cartas que ficam com você. Não deixe ninguém vê-las.

O pôquer tem menos a ver com as cartas recebidas e mais com a forma como você joga. Dá para ganhar com uma mão ruim se você for capaz de ler seu oponente e compreender a mensagem que suas ações comunicam, coisas como o estilo pessoal de aposta ou as expressões faciais.

Ele desprezou uma carta no topo do baralho que chamou de *burn card* e, em seguida, virou três cartas para cima no meio da mesa.

— Veja bem, não se apaixone por uma bela mão, porque quando vier o *flop*, na mesma hora a sua bela mão pode ficar completamente horrorosa. O pôquer é um jogo de probabilidades, matemática simples e capacidade de ler as pessoas. Se for blefar, precisa acreditar em si mesma. Tenha em mente que os outros jogadores estão de olho, procurando informações a seu respeito: expressões faciais, linguagem corporal, a quantia apostada e a forma como você aposta. Quando tiver a mão que considerar a melhor em determinada rodada, o que a gente chama de *nuts*, pode tentar manter seus adversários no páreo, apostando de uma forma que dê corda aos outros e os arraste junto com você ou apostar de forma agressiva e levar o pote. E se for *all in*, é melhor ter pensado bem e avaliado com atenção. Tenha certeza de que está com o *nuts* ou dê um jeito de fazer seu adversário acreditar nisso.

"No entanto — continuou ele —, jogar melhor que o adversário nem sempre funciona. Até os melhores jogadores do mundo enfrentam noites em que tudo dá errado. É preciso reconhecer essas noites e ser disciplinada com as marés de azar e a quantia de dinheiro que você se dispôs a perder. Saiba quando sair da mesa."

Tentamos algumas mãos dando cartas com a face virada para cima, enquanto Phillip ia fazendo os cálculos e determinando as probabilidades de cada uma das minhas mãos iniciais e como elas iam mudando ao longo da rodada. Depois do *flop* (as três primeiras cartas abertas na mesa), vinha o *turn* (a quarta carta comunitária aberta pelo *dealer*) e, por fim, o *river* (a quinta e última carta comunitária).

— Acho que entendi — disse para Phillip.

Joguei as primeiras mãos exatamente do jeito que ele me ensinou. Porém, depois de algum tempo, fiquei entediada e continuei apostando até mesmo com minhas mãos ruins.

Ele olhou para mim, decepcionado.

— Acho que eu não seria uma boa jogadora de pôquer. Fico ansiosa demais para ver o que vem depois, mesmo quando estou com uma mão ruim.

Ele riu.

— Não se esqueça, pôquer é mais que um jogo, é uma estratégia para a vida. Se é para correr riscos, é melhor que sejam calculados.

Fiz que sim com a cabeça, ouvindo com atenção e assimilando tudo aquilo.

Peguei o carro e fui para o trabalho, ainda pensando na lição de pôquer. Parecia mais uma lição de vida. Entrei no escritório e, antes mesmo de ter a chance de dizer "oi", Reardon estava enumerando milhares de coisas que TINHAM que ser feitas IMEDIATAMENTE.

— Busque e separe a correspondência, pague as contas. E você precisa desempacotar as caixas no escritório. E compre mais camisas pretas para mim. E não se esqueça de arquivar os documentos e organizar todos os contratos vigentes, levar todos aqueles formulários ao City National e...

Eu assentia freneticamente, tomando notas enquanto Reardon enumerava sua longa lista de exigências. Desde que o jogo tinha começado, ele havia aumentado substancialmente a minha de carga de trabalho. Comecei a receber ordens às sete da manhã, e, às vezes, eu levava até a meia-noite para dar conta de todas as tarefas. A não ser pelos dias de jogo, geralmente eu ficava no escritório ou na casa dele, fazendo tudo que precisava ser feito. Reardon sabia que tinha um enorme poder de barganha comigo, e, dessa forma, me sujeitei a ser a escrava dele em tempo integral, em troca do direito de ser a anfitriã de seu jogo de pôquer em meio período.

Durante um mês inteiro, tudo correu às mil maravilhas. Ao longo de quatro terças-feiras seguidas, ganhei milhares de dólares e ouvi as conversas das pessoas mais bem informadas da cidade, por dentro de praticamente todo tipo de assunto importante. Os ricos e famosos estavam a par de informações privilegiadas, das quais as pessoas comuns nada sabiam. Eu passava horas apreciando o magnetismo do jogo e a interação entre aqueles homens. Por que aqueles caras com uma vida aparentemente glamorosa e plena tinham interesse em passar horas e horas num porão fedido observando padrões aleatórios saírem de um baralho de 52 cartas? Certamente não estavam lá para ganhar o pão de cada dia... bem, talvez Houston Curtis estivesse.

Após um mês ouvindo e observando, eu já tinha alguma noção: eram homens que arriscaram tudo para alcançar um enorme sucesso. Arriscaram, passado do verbo arriscar. Agora estavam numa boa, seguros, sãos e salvos. Eles podiam dormir com qualquer mulher que quisessem, comprar qualquer coisa, fazer filmes, viver em mansões, adquirir e eviscerar enormes corporações. Ansiavam pela adrenalina das apostas: era isso que os fazia voltar. O pôquer era muito mais que um jogo — era escapismo, aventura, fantasia.

Para mim também se tornara uma fuga. O pôquer era uma maneira de evitar "crescer" e "amadurecer", o que significava sucumbir a uma vida de ingratas obrigações, pelo menos na visão do meu pai. Decidi que aquele jogo seria a etapa seguinte do meu aprendizado. Tudo que se passava diante dos meus olhos era mais uma aula de economia, psicologia, empreendedorismo e do sonho americano.

Assim, quando Reardon dizia "Pule", eu pulava, obedecia sem questioná-lo. No entanto, aquilo não significava que eu estava feliz.

— Isso é tudo? — perguntei a Reardon, com mais do que uma pontinha de sarcasmo.

Nesse dia ele havia delegado o equivalente a uma semana inteira de tarefas, na expectativa de que eu desse um jeito de fazer tudo antes de seguir para a casa de Tobey e lhe entregar o dinheiro ganho no jogo.

— Só mais uma coisa — disse ele. — Chega desse seu trabalho como voluntária.

— Está falando do hospital? — perguntei, sem acreditar.

— Estou.

— O quê? Por quê? — perguntei, furiosa. — Isso nunca afetou minhas funções aqui.

— Não é isso. Não quero que traga germes do hospital para o escritório. E você é pobre demais para ficar fazendo trabalho voluntário. Quando for rica, aí pode se voluntariar à vontade. Mas você é pobre e burra e precisa ocupar seu tempo ficando mais inteligente e descobrindo como não ser pobre.

— Você não pode estar falando sério — falei, esperando um pingo de compaixão.

— Estou falando muito sério. É o trabalho voluntário ou o pôquer. Você decide.

Olhei para a cara dele, incrédula.

— Isso não faz o menor sentido. Você está maluco.

— Beleza. — Ele deu de ombros. — Nada de jogo na terça.

Com os olhos marejados, saí da sala dele bufando de raiva, pensando no sorriso que as crianças no hospital conseguiam abrir apesar da situação delas. Elas mereciam apoio e incentivo, precisavam de mim e de todos os outros voluntários. E eu precisava delas. Precisava sentir que não estava me perdendo naquele novo mundo de ostentação e dinheiro. Era egoísta, eu sabia, mas o choque de realidade que eu vivia no hospital me ajudava a manter os pés no chão. Reardon vivia tentando me deixar mais durona e esperta; para ele, idealismo e burrice eram a mesma coisa. Ele não me mandava embora porque eu quase me matava de tanto trabalhar, e era a única assistente que ele teve na vida que não havia desistido depois de uma semana. Reardon raramente admitia isso, mas muito de vez em quando me dizia que eu tinha potencial, que poderia "ficar inteligente". Logo em

seguida vinha um insulto, é claro. Ele era uma espécie de fada madrinha do mal.

O trabalho voluntário era um dos últimos resquícios da minha antiga identidade. Uma identidade, eu lembrava a mim mesma, que passava praticamente despercebida. Depois pensei no jogo. Pensei no glamour e nas altas apostas, além do *frisson* de bisbilhotar as conversas de alguns dos homens mais ricos e poderosos do planeta.

Eu tinha pensado que poderia ser idealista e capitalista ao mesmo tempo, e um dia eu seria. Contudo, naquele momento, teria que escolher.

Meu velho eu odiava meu novo eu, mas obriguei minha antiga versão a ficar em silêncio enquanto digitava um e-mail para o supervisor do hospital.

Assim que enviei o e-mail, com Reardon em cópia oculta, entrei como um furacão na sala dele.

— Satisfeito? — perguntei.

Ele abriu um largo sorriso.

— Um dia — disse ele —, um dia você vai entender. Trabalho voluntário não resolve seus problemas. Toda garota idiota que conheço está salvando filhotes ou bebezinhos em vez de encarar a realidade de como é o mundo e de como sobreviver nele.

— Você é uma pessoa má. É o diabo encarnado — declarei.

Ele começou a gargalhar feito um louco.

— Estou realmente preocupada com a sua alma.

— Você está preocupada com a minha alma? — perguntou ele, rindo ainda mais. — Vá se preocupar com os relatórios sobre o solo da nova propriedade, sua idiota.

CAPÍTULO 10

Nosso jogo de pôquer tinha decolado em grande estilo e de forma vertiginosa. Logo ganhou a reputação de ser o melhor de Los Angeles. A fórmula de deixar de fora os profissionais, convidando celebridades e outras pessoas interessantes e importantes — e mesmo a mística de jogar num salão reservado do Viper Room — resultou num dos convites mais cobiçados da cidade. Toda semana eu tinha que dizer "não" para gente importante. Não demorou muito para sermos obrigados a fazer duas noitadas por semana, e eu era a dona das chaves.

Havia novos rostos à mesa:

John Asher, que passava metade do tempo se lamentando por seu divórcio com a atriz e modelo Jenny McCarthy e a outra metade sendo alvo das implacáveis piadinhas dos jogadores.

Irv Gotti (que não tinha qualquer parentesco com os Gotti, uma família italiana mafiosa) era o criador da gravadora Murder Inc. e cuidava da carreira de artistas como Ashanti e Nelly. Chegou a levar Nelly a um ou dois jogos.

Nick Cassavetes, cineasta, filho de Gena Rowlands e John Cassavetes, que recentemente havia dirigido o filme *Diário de Uma Paixão.*

Um filhinho de papai chamado Bryan Zuriff, que era podre de rico e tinha um ar de superioridade em relação a tudo e a todos.

Chuck Pacheco, um dos principais membros do famoso grupo de farras de Tobey e Leo.

Leslie Alexander, dono do time de basquete Houston Rockets.

E de vez em quando aparecia um ou outro jogador da NBA.

Apresentar o rosto novo fazia parte da diversão semanal. Eu achava interessante observar a dinâmica. No começo, o novato sempre ficava meio constrangido, e eu fazia o melhor possível para deixá-lo confortável. Os frequentadores habituais, sobretudo Todd Phillips e Reardon, tentavam desestabilizá-lo. Era como assistir a um grupinho esnobe e exclusivo de meninas adolescentes. Se o recém-chegado começasse a ganhar logo de cara, pegavam ainda mais no pé dele. Se perdia ou jogava mal, os caras eram bem mais amigáveis. Se o novo jogador fosse uma celebridade ou um bilionário, aí a situação mudava, e ele era tratado como um membro da realeza.

Dá para dizer muito sobre o temperamento e o caráter de um homem vendo-o ganhar ou perder grana. O dinheiro é um grande equalizador.

`

As vezes, ocorria alguma falha de comunicação, e Reardon acabava convidando alguém sem me avisar, o que estourava a capacidade da mesa. Nesse caso, eu precisava desconvidar um dos caras, uma tarefa nada divertida. O jogador preterido sempre levava para o lado pessoal, berrando comigo ou alardeando seu status:

"Você sabe com quem está falando?"

"Boa sorte da próxima vez que quiser uma gorjeta minha."

"Espero que tenha um plano B, porque vou fazer você perder seu emprego."

Eu ouvia todas essas coisas, e era difícil não ficar chateada. No entanto, tão logo eles recebiam permissão para voltar, eu percebia que toda aquela bravata tinha sido em vão, porque os abraços, os beijos e as gorjetas retornavam assim que o cara praticamente pulava para cima da mesa, feliz da vida por ser um dos meninos bacanas de novo.

E não eram apenas os jogadores de cartas de Hollywood que queriam participar do nosso jogo: os amigos de todo mundo e os amigos dos amigos queriam estar lá para assistir. Para mim, uma parte considerável do sucesso daquele empreendimento dependia da discrição; por isso, sempre que possível, eu tentava dissuadir os jogadores de trazer espectadores a tiracolo, mas não conseguia impedir que os caras levassem namoradas para se exibirem na frente delas, tampouco a presença ocasional de uma ou outra celebridade. A bem da verdade, famosos eram sempre bem-vindos. Como na ocasião em que as gêmeas Olsen apareceram com um bilionário que eu estava tentando convidar para o jogo. Elas simplesmente entraram, sem nenhuma contestação.

Certa noite, Reardon me mandou uma mensagem de texto instruindo-me a ir buscar alguns amigos dele que estavam esperando na casa noturna e levá-los escada abaixo para participarem do jogo. Corri o mais rápido que pude — porque não queria perder um segundo. Reconheci Neil Jenkins, um sujeito alto e bonitão, que viajava pelo país inteiro a bordo do jatinho particular da família. Estava parado junto ao bar com alguns outros caras, e fiz um gesto para que me acompanhassem.

Como regra geral, eu mantinha distância dos amigos de Reardon. Todos eram mulherengos, e eu já ouvira histórias demais a respeito deles. Toda vez que as pessoas conversavam sobre esses relatos, eu fingia estar atarefada e distraída, mas sempre registrava tudo. Nunca quis ser motivo de fofoca nem tratada como as muitas mulheres que eles seduziam e depois descartavam.

Levei o grupo escada abaixo e voltei para meu posto atrás de Diego. Dei uma olhada de relance para Neil e sua trupe e reparei num sujeito que nunca tinha visto antes. Ele era mais jovem que os outros e bem bonitinho. Nossos olhares se cruzaram e eu logo desviei o rosto. Quando tive certeza de que ninguém à mesa estava precisando de nada, perguntei a Neil e seus amigos se queriam alguma bebida.

— Meu nome é Drew. — O novato bonitinho se apresentou.

— Molly — respondi com um sorriso simpático, mas não exagerado. — Quer beber alguma coisa?

— Só uma cerveja.

Havia algo de confortável na presença de Drew. Ele podia muito bem ter sido um dos caras com quem havia crescido no Colorado. Estava vestido de maneira despojada e informal, tomando cerveja, enquanto os amigos bebiam Red Bull com vodca. Quando lhe entreguei a bebida, nossos olhares se cruzaram de novo.

Dei uma bronca em mim mesma. Não era a hora certa. Aqueles não eram os caras certos. Eu precisava me concentrar no trabalho. Eu me ocupei o máximo possível com o jogo, mas o jogo estava ocupado demais consigo mesmo — não havia muito que eu pudesse fazer. Sentei e fingi trabalhar em meu computador. Drew veio falar comigo.

Recém-formado em Columbia com um diploma em astrofísica, ele era inteligente e engraçado, e parecia a mundos de distância das besteiras que obcecavam aqueles caras. Eu me vi sorrindo e gargalhando à vontade com ele.

Meu telefone tocou e olhei de relance para a tela. Era Blair, exigindo saber onde eu estava.

Era aniversário dela, e eu tinha prometido que tentaria sair mais cedo do trabalho, mas já sabia que isso não ia acontecer.

Escrevi de volta pedindo desculpas, prometendo que depois compensaria minha ausência, lamentando um imprevisto de última hora que tinha surgido... as desculpas de sempre, pífias e nem um pouco convincentes.

Ela nem respondeu.

Phillip me chamou, depois Bob precisou da minha atenção, e a seguir Tobey quis alguma coisa, então me esqueci de Blair e me concentrei no jogo. Enquanto isso, continuei lançando olhares furtivos para Drew e me perguntando se eu poderia abrir uma exceção à minha regra sobre socializar com os amigos de Reardon.

Quando eles se levantaram para ir embora, entreouvi uma conversa sobre um clube de striptease. Drew levantou para se juntar ao grupo, e depois olhou de relance para mim. Acenei cordialmente, decepcionada ao constatar que minha teoria estava errada: ele era igual aos outros.

Ele se aproximou de mim.

— Ei, você se incomoda se eu ficar um pouco mais?

— Não, nem um pouco — respondi, ainda fingindo estar atarefada, para que ele não visse meu sorriso.

★ ★ ★

`

As duas da manhã, restávamos apenas Reardon e eu, contando as pilhas de dinheiro. Tentei parecer indiferente e desinteressada quando comentei:

— Então, Drew parece ser um cara legal e normal.

Reardon revirou os olhos.

— Ele é dono dos Dodgers, idiota.

— Como assim, dono dos Dodgers?

— A. Família. Dele. Comprou. O. Time. De. Beisebol. Dodgers. — Às vezes, ele gostava de falar assim, como se eu fosse uma criança de dois anos.

— Bom, não quis dizer que *gostei dele* de verdade... Só achei que ele é uma melhoria comparado aos seus outros amigos.

Dê adeus a essa ideia, pensei, consciente da precária posição que eu ocupava na escala social.

Reardon me lançou um olhar de quem sabia das coisas.

Meu rosto enrubesceu.

— Pequena Molly e Pequeno McCourt — caçoou. — Em todo o caso, ele está namorando a Shannen Doherty.

Claro. Ele estava namorando uma das atrizes mais famosas de Hollywood.

— Já disse que não ligo — menti, meu coração apertado se abatendo um pouco mais.

— Claro — disse Reardon.

Eu me concentrei no dinheiro.

Quando acabei de arrumar tudo e saí de lá, eram quatro da manhã e eu tinha perdido de vez a festa de aniversário de Blair. Eu me sentia péssima, mas que opção eu tinha?

Entrei na surdina, na ponta dos pés, com a esperança de não ter que encará-la. Ela estava sentada na sala com uma garrafa de vinho, o rosto vermelho e manchado.

— O que houve? — perguntei, correndo na direção dela.

— É o Jason — disse ela, começando a chorar de novo. — A gente brigou e ele foi embora, e minha melhor amiga nem deu as caras na minha festa. É o pior aniversário da minha vida.

Ela enterrou o rosto nas mãos, soluçando. Blair e Jason, sua mais recente obsessão, viviam brigando e fazendo as pazes.

Eu me senti ainda pior. Cheguei perto dela e fiz carinho em suas costas.

— Vamos dormir. Está tarde e amanhã de manhã tudo vai ficar bem.

Ela se sentou com a coluna reta, o rosto emplastrado de rímel e lágrimas secas.

— Onde você estava? — perguntou ela, fungando.

— Trabalhando — disse.

— O quê? Que tipo de trabalho segura você até as três da manhã? — perguntou, choramingando.

— Tem muita coisa acontecendo — aleguei, o que, tecnicamente, não era mentira.

— Eu me sinto muito distante de você. E como se eu nem a conhecesse mais. Antes não tínhamos segredos! — A dor estampada nos olhos dela partiu meu coração, mas eu não sabia o que dizer. Sabia que estava colocando o pôquer na frente dos meus amigos e da minha família, mas Blair podia contar com o dinheiro dos pais. Eu tinha que abrir meu próprio caminho.

Eu não poderia voltar para minha antiga vida. Estava cansada de lutar para sobreviver. Estava cansada de ser uma ninguém.

★ ★ ★

No dia seguinte ao jogo, por mais exausta que eu estivesse, as pessoas precisavam ser pagas, e, para tanto, outras precisavam pagar. E cabia a mim o papel de coletora. A primeira parada foi o endereço de Pierre Khalili. Na noite anterior, sua maré de azar não havia mudado, e ele me devia uma robusta bolada de seis dígitos.

Na maior parte do tempo eu temia fazer essas cobranças. Percebi que para os caras era algo um tanto castrador, porque pagar significava derrota, e eles não eram o tipo de homem cujo ego aceitava de bom grado a ideia de perder, sobretudo na frente de uma mulher. Comecei a perceber que, para fazer essas cobranças, era necessário ter certa sutileza, e eu vinha trabalhando em algumas técnicas para suavizar o golpe. Por exemplo, se eu dissesse "Ah, ainda bem que você é tão rico e bonito" com um olhar de admiração, quase todos abriam um sorriso presunçoso e me entregavam de modo frívolo os cheques, para provar que minhas palavras faziam sentido.

No entanto, eu não estava preocupada com Pierre. Ele era um perfeito cavalheiro. Criado em Londres, vinha de uma das famílias mais abastadas do Irã. Era culto e sofisticado.

Meu telefone tocou enquanto eu seguia de carro para a requintada casa de Pierre em Bel Air. Era Blair, que andava emburrada desde o aniversário dela.

— Oi, Blair — falei, na esperança de que seu mau humor tivesse acabado.

— O Brian ligou e me convidou para a festa pós-Oscar de Patrick Whitesell! — exclamou ela. Brian era o ator que ela tinha namorado antes de começar a sair com Jason. — Vem comigo? Por favor!

— Quando?

— Hoje à noite. Você vai, certo? Você perdeu o meu aniversário, está me devendo essa.

Ir a essas festas era uma mescla de coisas boas e ruins. Eram eventos glamorosos, repletos de celebridades e gente chique, mas quase sempre faziam com que eu me sentisse inadequada e simplória por estar lá. Em

geral, acabava num canto com uma taça de vinho na mão, morrendo de vontade de estar em casa.

Mas Blair tinha razão, eu estava em dívida com ela.

— Você nunca mais saiu de casa; anda cheia de mistérios. Não sei mais nada de você. Virou agente dupla? A CIA está nos escutando?

Estacionei em frente aos portões da casa de Pierre, enormes e revestidos de hera.

— Claro que vou com você, mas agora preciso desligar — respondi, tentando me livrar do telefone.

— Oba! Beleza, amo você. A gente se vê à noite.

Desliguei e toquei o interfone.

★ ★ ★

O mordomo de Pierre me conduziu pela casa enorme até um pátio (que de tão grande mais parecia um campo de futebol), onde Pierre tomava uma taça de vinho rosé e lia o jornal.

— Querida, você está ainda mais deslumbrante do que da última vez.

Sorri, feliz da vida. Sempre fico meio boba quando recebo elogios.

Ele me entregou um envelope, e pelo peso percebi que era dinheiro vivo.

— Incluí aí um extra para você — disse o mais benevolente perdedor do pôquer na história do mundo.

— Pierre, sério, você não devia ter feito isso — protestei. Eu me sentia mal de verdade quando as pessoas perdiam.

— Eu quis. Você trabalha com afinco e é muito boa nisso. Não gostaria de se encontrar comigo em Santa Barbara para assistir a uma partida de polo no fim de semana? Mando um helicóptero buscá-la se não quiser dirigir.

Mantive o olhar firme e encarei Pierre, tentando dar a impressão de que recebia convites como aquele o tempo inteiro, mas, por dentro, estava quase explodindo. Dei asas à imaginação e vislumbrei grandes chapéus, champanhe e a sensação de voar em meu próprio helicóptero, mas então a voz da razão entrou em cena. Interrompendo meu devaneio, ela me disse que não seria sensato me envolver com um jogador. Eu gostava de Pierre como amigo. E ele claramente estava dando em cima de mim. Não podia encorajá-lo.

— Parece incrível, mas já tenho planos para o fim de semana.

— Em outra oportunidade, então, querida. Vejo você no jogo semana que vem?

— Com certeza. — Sorri, aliviada por ele ser tão cortês.

No carro, durante o trajeto de volta para casa, foi inevitável me sentir impressionada diante de como minha vida havia mudado em tão pouco tempo. Eu ganhara acesso a um mundo do qual jamais imaginei que faria parte. Não podia me dar ao luxo de dar um passo em falso. Sabia que tudo

poderia ser arrancado de mim tão depressa quanto me fora dado. Sabia que precisava ser bastante analítica quando aquele tipo de oferta surgisse; deveria pensar nas coisas a longo prazo, e não a curto. Tinha que manter o delicado equilíbrio de curtir a fantasia do jogo sem invadir demais a vida dos jogadores.

No passado, toda vez que eu precisava de orientação, recorria aos meus pais. Minha mãe era uma pessoa equilibrada, ponderada, cheia de princípios e compaixão, e as observações perspicazes do meu pai sobre o comportamento humano sempre me ajudavam a encontrar meu caminho ao navegar por territórios desconhecidos. Porém, eu não tinha contado a eles sobre o jogo. Era estranho guardar segredos de Blair, mas era ainda mais estranho não contar aos meus pais a verdade sobre a minha vida. Era como criar uma nova espécie de distância, do tipo que jamais tinha existido.

Subitamente senti uma ânsia avassaladora de falar com a minha mãe. Queria contar a ela um pouco das coisas extraordinárias que vinham acontecendo.

— Oi, querida — disse ela, toda afetuosa.

— Oi, mãe, tudo bem?

— Tudo, querida. E você, como está? Como é L.A.?

— É incrível, mãe, sensacional. Estou fazendo tudo dar certo. Ganhando um bom dinheiro e conhecendo gente realmente importante e poderosa, celebridades megafamosas, e me divertindo à beça — desabafei.

— Que bom, querida, como está a Blair?

— Tudo bem, na mesma. Mas, mãe, escuta! Um cara me convidou para ir com ele assistir a um jogo de polo em Santa Barbara, no helicóptero dele!

— Parece emocionante. Como está o Christopher? Ele terminou a químio? — perguntou, referindo-se a um dos garotos do hospital.

— Hã, não sei. Tirei folga na semana passada — menti.

— Bom, na semana que vem você descobre e me conta.

— Claro — prometi.

A deliciosa leveza que eu sentia um momento antes se tornou uma pesada sensação de culpa.

Enquanto isso, Todd Phillips estava querendo falar comigo na outra linha, provavelmente para me perguntar onde estava sua fatia do dinheiro de Pierre.

— Tenho que desligar, mãe.

— Querida, está tudo bem? Você está diferente, com a voz estranha.

— Estou bem. Tudo ótimo. É que preciso ir.

A distância entre nós aumentou.

— Amo você — disse ela.

— Eu também.

E atendi a outra linha para falar com Phillips.

★ ★ ★

Naquela noite, troquei a calça jeans e o suéter pelo vestido preto novo, completando com meus Louboutins afivelados.

— Uau! — exclamou Blair. — Onde arranjou esse vestido?

— É usado, era de uma das namoradas do Reardon.

Caramba, essa mentira saiu rápido e fácil da minha boca, pensei. Eu me sentia compelida a minimizar a importância de tudo agora, de cada detalhe, para não ter que responder a perguntas sobre o que eu estava fazendo para ganhar dinheiro.

O que eu tinha vontade de dizer era: "COMPREI COM O FRUTO DO MEU ESFORÇO, E PAGUEI EM DINHEIRO VIVO! *E eu troco mensagens com Leonardo DiCaprio e Tobey Maguire, e tenho vinte mil dólares no meu armário!*"

Mas não podia.

★ ★ ★

Quando chegamos à festa, astros e estrelas faziam pose no tapete vermelho, e o lugar fervilhava de *paparazzi*. No momento em que entramos, Blair encontrou Brian.

— Mol, já volto. O Brian quer me mostrar a vista do terraço. — Ela deu uma risadinha e uma piscadela.

Sorri, balançando de leve a cabeça.

Sério, BLAIR?

Suspirei e agarrei uma taça de champanhe de uma bandeja de prata. Esperei um pouco e, constrangida, fingi que estava digitando no celular. Depois de um tempo, nem sinal de Blair. Zanzei pela casa, que era enorme e fria e estava apinhada de celebridades — modelos de corpo escultural e mulheres peitudas tipo coelhinhas da *Playboy*. Do lado de fora, na varanda, dei um gole no champanhe e admirei a forma como a cidade cintilava lá embaixo.

Achei que seria diferente estar lá usando um vestido novinho em folha e sapatos adequados, mas Hollywood era bem mais sofisticada que um par de sapatos novos. Os maiores astros e estrelas do mundo orbitavam em torno daquele planeta, e coexistir com eles era algo intimidador. Eu estava acostumada à sensação de inferioridade, tendo crescido com meus irmãos super-heróis. Eu simplesmente queria algo que fosse só meu. Havia dois homens conversando no pátio, e eu devia ser tão invisível quanto imaginava, porque nem sequer notaram a minha presença lá. Um era um grande diretor de cinema que reconheci fácil, e o outro era um conhecido dono de uma agência de talentos.

— Ele vai fazer? — perguntou o diretor.

— Já concordou com as cifras.

— Como você sabe?

— Meu menino jogava com ele no Jogo de Hollywood.

— Que jogo?

— O Jogo de Pôquer Secreto.

Agucei os ouvidos.

— É superexclusivo. Você precisa de um convite pessoal e de uma senha.

Abafei uma risada com esse exagero sobre a senha.

— Está falando sério?

— Ninguém sabe onde eles jogam. Ninguém que joga fala a respeito. Mas todo mundo sabe. E todo mundo quer estar lá.

— Quem comanda o jogo, como é que a gente entra?

— É uma garota. Ela controla a lista.

E aí a ficha caiu e me dei conta de que eu *podia* ter tudo que quisesse. Não havia mais razão alguma para sentir pena de mim mesma ou me achar inferior. Eu tinha acesso total: contratos, acordos, filmes, aquisições, fusões... o céu era o limite. Eu só precisava alimentar a coisa com sangue fresco e novo; e precisava de uma visão estratégica para preencher aquelas dez preciosas cadeiras ao redor da mesa. O recrutamento para o jogo era essencial, e, embora eu não detivesse o verdadeiro controle da lista, o que importava de fato era a ilusão. Depois de centenas de horas observando os caras em ação no jogo de pôquer, eu confiava na minha capacidade de blefar. Bebi de um só gole meu champanhe e me aproximei dos dois.

— Não pude evitar e acabei ouvindo sem querer a conversa de vocês — falei, puxando assunto.

Ambos olharam de relance para mim, surpresos, tentando decidir se eu era uma simples caipira ou alguém com quem deveriam ser gentis.

— Meu nome é Molly Bloom e sou a responsável pelo jogo a que vocês se referiram. Se me derem seus cartões, posso entrar em contato caso apareça um lugar à mesa. — De repente, aqueles dois homens poderosos estavam tateando e apalpando os bolsos feito doidos à procura dos cartões.

Os dois começaram a me fazer uma enxurrada de perguntas.

— Quem joga? Onde é o jogo? Quando é o próximo jogo?

Eu me mantive reservada e evasiva.

— Entrarei em contato, prometo.

Apertei a mão de ambos e saí. Conforme eu me afastava, pude sentir que ainda me observavam.

CAPÍTULO 11

O Natal chegou, e me ocorreu que fazia dois anos que não voltava para casa. Minha agenda era incrivelmente exigente, entre as necessidades de Reardon — em ritmo constante de expansão — e o pôquer. Percebi que a iminente crise no setor de habitação no país estava deteriorando o mercado imobiliário. Reardon andava ainda mais estressado e difícil que o habitual. Eu passava o tempo todo com ele, e tinha a sensação recorrente de ser seu saco de pancadas. Eu tinha me acostumado ao estresse constante, a dormir pouco e a viver em um permanente estado de medo de perder tudo. Minha vida nada tinha de estável; eu estava completamente atrelada aos caprichos de Reardon. Sabia que, se ele decidisse que o jogo já não lhe servia mais, num piscar de olhos poderia acabar com tudo. Eu passara um ano inteiro me inserindo com muito cuidado na vida dos jogadores, transformando-me numa *concierge* que atendia a todas as necessidades deles, dentro e fora do pôquer. Era como ter quinze Reardons na vida, mas eu não me importava. Depois da festa do Oscar, havia superado a timidez quando me via rodeada de pessoas bem-sucedidas, famosas ou com qualquer atributo que fizesse delas um ótimo acréscimo à nossa mesa.

Embora eu tivesse vencido meus medos, não era nada fácil encontrar os jogadores certos. Em primeiro lugar, eu precisava ser discreta. Além disso, devia checar se o novato de fato tinha o dinheiro que alegava ter (você ficaria pasmo se soubesse quantas pessoas em Los Angeles dirigiam Ferraris e ostentavam relógios com diamantes incrustados, mas sem ter um centavo no bolso nem patrimônio algum). Em terceiro lugar, precisava ter certeza de que não fossem jogadores muito bons. Por fim, tinha que me assegurar de que todos os caras elitistas e presunçosos do grupo central aprovariam a participação dos novos convidados. No começo, consegui recrutar uma porção de *fishes* [peixes] — jogadores ruins e incompetentes, na gíria do pôquer. Na primeira noite em que eles chegavam para jogar, ficava estressadíssima, torcendo para que meus *fishes* perdessem, fossem simpáticos e recebessem a aprovação geral dos outros caras. E depois, se eles de fato perdessem, eu ficava estressada de novo, esperando que pagassem a dívida. Todos os caras do grupo principal gostavam mesmo de mim, tratavam-me com respeito e me autorizavam a cuidar do dinheiro deles. Eu não podia fazer nada que traísse sua confiança.

Por outro lado, era bem mais difícil conquistar a simpatia de Reardon, embora eu já estivesse trabalhando para ele havia um bom tempo. Eu ainda tinha a sensação de que precisava provar meu valor a ele, todos os dias. Ele era bastante rigoroso comigo, embora no fundo acreditasse em mim. Eu evitara voltar para minha terra natal porque tinha certeza de que Reardon veria como fraqueza o fato de eu sentir saudade da minha família, e eu sabia muito bem o que ele pensava da fraqueza. Mas naquele ano decidi arriscar. Reardon disse que por ele estava tudo bem. Eu sabia que não era verdade, mas escolhi acreditar — achei que merecia uma folga.

Embarquei na véspera de Natal, e minha mãe me buscou no aeroporto e me levou direto para o abrigo Denver Rescue Mission. Era uma tradição da família servir comida para os moradores de rua nas festas de fim de ano. Naquele ano, tive uma sensação diferente. Ainda me compadecia das pessoas no abrigo, mas também me sentia um pouco distante. Passei a noite inteira checando o celular.

— Querida, por que não guarda essa coisa um pouco? — disse, por fim, minha mãe.

Ela tinha razão. Deixei o celular no carro e tentei me fazer presente. Desde que eu começara a trabalhar para Reardon, era a primeira vez que me afastava do celular por mais de um minuto. Eu dormia com o aparelho literalmente em cima do peito.

Quando voltamos ao carro, vi que havia cinco ligações perdidas e diversas mensagens de texto. Senti um frio na barriga, e a velha ansiedade voltou. Era Reardon, enfurecido por diversos motivos. A televisão não funcionava. Eu não tinha configurado direito o aparelho. Havia um milhão de coisas a fazer no escritório e eu não tinha cuidado de tudo. Ele precisava de reservas em restaurantes e também que eu entrasse em contato com uma das equipes de construtores; e por que diabos não estava atendendo o telefone? Liguei para a operadora Comcast e confirmei que estavam tendo alguns problemas técnicos e que a área estava sem sinal de TV a cabo. Então, telefonei para Reardon e transmiti a mensagem. Mas ele não estava interessado em ouvir explicações razoáveis. Ele queria punir alguém. Por isso, passou um bom tempo berrando comigo enquanto eu estava no carro com minha mãe e meus irmãos. Todos ouviram aquele longo sermão. Fiquei absurdamente constrangida.

— Isso vai custar a você mais uma multa!

Pouco tempo antes, Reardon começara a me multar toda vez que eu não fazia as coisas "direito". A pior parte era que ele já nem me pagava mais por intermédio da empresa. Primeiro meu salário sofrera uma redução assim que comecei a trabalhar no pôquer, embora minha carga horária tivesse aumentado. À medida que as gorjetas cresceram, meu salário foi completamente abandonado. Agora as gorjetas eram minha única fonte de

renda; portanto, ser multada por Reardon não significava ter o salário reduzido, era ter que tirar dinheiro do meu próprio bolso.

Recentemente, Reardon se mudara para uma casa nova e me mantinha trabalhando todo dia até meia-noite, empacotando coisas e abrindo caixas. Pelo visto, eu não tinha feito um bom trabalho na hora de embalar uma prateleira de mármore que o antigo dono da casa tinha a intenção de guardar.

— VOCÊ não dá a mínima porque não é seu, essa merda me custaria uma grana preta se quebrasse. Você fez um trabalho desleixado. Bom, agora você vai se importar. Vou multá-la em mil dólares. Volte aqui e faça as coisas direito.

Toda vez que eu protestava por causa de uma multa ou me opunha a alguma coisa, ele ameaçava me tirar do jogo. Eu simplesmente acabei aceitando isso como parte da minha nova vida, como ter que pagar o pedágio para atravessar uma ponte.

— Não tenho como controlar as operadoras de TV a cabo, Reardon — aleguei.

Ele berrou ainda mais alto:

— Você anda fazendo um trabalho de merda ultimamente, e não dá a mínima, não está nem aí.

— Reardon, eu me importo, faço tudo que posso, me desdobro, mas estou com a minha família e não posso falar disso agora. Preciso desligar.

E, pela primeira vez desde que comecei a trabalhar para ele, desliguei o telefone primeiro.

★ ★ ★

Meu quarto estava exatamente igual a dois anos antes, no dia em que entrei no carro rumo a L.A., talvez um pouco mais limpo. Parecia que uma vida inteira havia se passado, mas lá estavam todas as minhas coisas, familiares como sempre, como se eu nunca tivesse ido embora. Eu me sentei diante da minha escrivaninha e olhei ao redor, contemplando tudo. Quando o telefone começou a tocar, não quis atender, mas tive mais receio do drama que se desenrolaria caso ignorasse Reardon do que da longa bronca que ouviria se atendesse.

— Oi, Reardon.

— Você está demitida.

— O quê?

— Nada mais de jogo.

— Está falando sério? Está me demitindo na véspera de Natal? Porque a Comcast está tendo problemas técnicos?

— Vou dizer com todas as letras para você entender. Você está demitida. Feliz Natal.

Reardon já havia me demitido antes, em alguns períodos isso ocorria diariamente, mas aquele era um novo nível de crueldade. Passei a noite inteira agoniada e estressada. Meu estômago revirava sem parar. Minha intenção era aparecer exibindo minhas roupas novas e chiques, deliciar todo mundo com histórias interessantes da minha nova vida, quem sabe até pagar a conta do jantar, e depois voltar correndo para o aeroporto tendo deixado a família com a certeza absoluta de que eu era bem-sucedida e feliz. Em vez disso, lá estava eu, recebendo ordens e sendo humilhada aos berros na frente de todos.

— Não entendo — disse meu irmão Jeremy, confuso.

Jeremy, o atleta olímpico, modelo da Tommy Hilfiger, menino de ouro. Graças às suas habilidades no esporte e ao seu rosto capaz de vender qualquer produto, ele podia dispensar os nada glamorosos empregos do mundo real.

— Você é melhor que isso — argumentou ele.

Era difícil explicar às pessoas, mas a visão que eu tinha da vida estava gravada em minha mente, e os chiliques e acessos de raiva de Reardon eram um mal necessário. Era claro e compreensível que as pessoas não reconhecessem o que significava controlar aquela mesa de pôquer. Não o dinheiro, que era ótimo e capaz de mudar a vida de uma pessoa, mas a rede de conexões, as informações, o acesso. O pôquer era meu cavalo de Troia, que eu poderia usar para me infiltrar em qualquer parte da sociedade que quisesse. O mundo das artes, das finanças, da política, do entretenimento: a lista era infinita. Eu tinha percebido que não importava o fato de não ser incrivelmente brilhante em alguma coisa — eu era ótima em reconhecer uma oportunidade. Possuía um espírito empreendedor, e os jogos, no que dizia respeito às oportunidades, eram uma mina de ouro. Sem contar que eu tinha a chance de aprender com alguns dos maiores experts do mundo em suas respectivas áreas. Dessa forma, talvez meus pais ou meus irmãos ou Blair não compreendessem, mas eu compreendia. Precisava amenizar as coisas com Reardon, mas queria que os ânimos se acalmassem primeiro.

Liguei para ele na manhã seguinte, imaginando que agiria como se nada tivesse acontecido, o que geralmente fazia, e me daria novas ordens. No entanto, a voz dele estava diferente, parecia muito séria.

— Vou colocar uma garota nova para gerenciar o jogo. Ela vai ligar para você hoje. Se der um jeito em sua vida, pode voltar ao trabalho na segunda-feira, mas só como minha assistente. Nada de pôquer.

— Reardon, não é justo. Chego ao escritório todo dia às sete da manhã e só vou embora quando você manda, às vezes por volta das dez da noite. Se cometo erros, são pequenos e insignificantes. Organizo sua vida e sou a única pessoa que ajuda você a cuidar da empresa.

— A escolha é sua, você pode ter seu emprego de volta se quiser, mas já tomei minha decisão quanto ao pôquer. Esta conversa acabou. — E desligou.

Como ele poderia fazer isso comigo? Meu coração martelava no peito. A sensação era a de que água gelada corria em minhas veias.

Eu vou dar um jeito, vou consertar as coisas, ele vai mudar de ideia, disse a mim mesma.

Meu telefone tocou de novo, não reconheci o número.

— Molly? — perguntou uma voz feminina.

— Sim.

— Oi! — Era a garota nova. — Reardon me pediu para ligar e pegar o nome e o número dos jogadores...

Minha ansiedade se converteu numa fúria incandescente. De jeito nenhum eu permitiria que aquilo acontecesse.

— Eu ligo de volta para você — prometi, rangendo os dentes de raiva. Dessa vez, desliguei primeiro.

Respirei fundo. Precisava pensar. Precisava agir de maneira estratégica. Observando os caras em ação no jogo, tinha aprendido que eram as cabeças calmas, frias e desembaraçadas que levavam a melhor. Jogar uma mão de pôquer ou tomar decisões de cabeça quente raramente produzia um resultado positivo.

As probabilidades estavam contra mim. Reardon era parte do clube dos meninos bilionários. Ele apostava com os jogadores, falava a língua deles e era temido por muitos. Eu, por outro lado, era a garota que lhes servia bebidas, ria de suas piadas, fazia favores a eles — e era sempre muito bem recompensada. Na mente deles, eu pertencia a Reardon. Eu precisava de um aliado que fosse tão poderoso quanto ele, ou mais, e que de fato aceitasse arriscar o pescoço por mim. A opção óbvia era Phillip Whitford. Ele tinha poder, influência, integridade, e havíamos nos tornado amigos próximos. Liguei para ele e expliquei a situação.

— Ele não pode fazer isso — disse Phillip, com a voz calma, mas firme.

Eu queria manter a compostura, mas aquilo era tão injusto que só de explicar o ocorrido para Phillip comecei a chorar, de tão furiosa.

— Molly, não chore. Vamos dar um jeito nisso. Olha só o que a gente vai fazer…

Phillip propôs realizar o jogo na casa dele com a presença de todos os jogadores com exceção de Reardon. Ele conversaria com os caras sobre o que Reardon tinha feito e tentaria convencê-los a me deixar assumir oficialmente as rédeas do jogo. A probabilidade era pequena, mas era minha única chance.

— MOLLY, VAMOS EMBORA, POR QUE ESTÁ DEMORANDO TANTO? — berrou meu irmão Jordan do andar de baixo.

Tínhamos planejado tirar um dia para esquiar, somente eu e meus dois irmãos. Fazia muito tempo, talvez seis ou sete anos, desde a última vez que

isso havia acontecido. Eu estava ansiosa.

★ ★ ★

Fiquei em silêncio no carro a caminho da montanha.

— Mol, o que foi? Você está esquisita a viagem toda.

— Desculpe, é que estou estressada com coisas do trabalho e tal — respondi, e me esforcei para parecer alegre.

Subimos no teleférico, brigando para ver se levantaríamos ou não a barra de segurança, como tínhamos feito tantas vezes na infância. Decidimos descer a Ambush — pista onde tínhamos aprendido a esquiar no estilo mogul. Parada lá no topo, fitando da borda o íngreme descampado repleto de montinhos de neve, quase pude ver meu pai lá, de casaco vermelho, apoiado em seus bastões e, aos berros, mandando a gente manter os joelhos juntos. Eu me lembrei da primeira vez que tinha ido àquele lugar após a cirurgia. Fazia meses desde que não saía da cama, e já estava subindo uma encosta de montanha. Foi a descida mais importante da minha vida. Todo mundo tinha me considerado uma carta fora do baralho, mas voltei aos esquis. Conquistei uma vaga na equipe nacional, cheguei a usar o uniforme e a subir no pódio com uma medalha em volta do pescoço. Não sei se nada disso teria sido tão bom se não tivesse treinado com tanto afinco, desafiado todas as probabilidades para chegar lá. Sorri comigo mesma e a calma tomou conta de mim. Eu não tinha nada a perder, e muito a ganhar. Eu me senti livre e viva.

Observei meu irmão Jordan descer primeiro; ainda era um esquiador incrível. Ele sempre demonstrou um enorme talento, mas havia muito desistira das competições para correr atrás do sonho de cursar a faculdade de medicina.

Jeremy desceu em seguida. Ele era o número um do mundo e vinha numa série de vitórias sem precedentes que nenhum outro esquiador conseguia alcançar. Vê-lo esquiar era impressionante. Era meu irmãozinho caçula, mas também o melhor esquiador do mundo. No momento, ele também vinha jogando como *wide receiver* no time de futebol americano da Universidade do Colorado e era a estrela do time. Eu sentia orgulho e entusiasmo por meus irmãos, porque eles não contavam apenas com o talento nato. Ambos treinavam ou estudavam com mais dedicação do que os oponentes, tratavam as falhas e os fracassos como oportunidades para melhorar ainda mais. De repente me senti confiante e inspirada. Peguei impulso com meus bastões e parti, apontando os esquis com fluidez através da profunda linha sulcada. Meus irmãos vibraram.

— Você ainda sabe como se faz, maninha — disse Jeremy, todo orgulhoso.

Abri um largo sorriso e expulsei da cabeça o pôquer, a cidade de L.A. e Reardon.

CAPÍTULO 12

Todo mundo confirmou presença no jogo de terça-feira — quer dizer, todo mundo menos Reardon, que não fora convidado. Ele estava de férias e só voltaria de viagem tarde da noite naquele dia. Antes de me mandar embora e de tentar me substituir, ele me pedira apenas para convidar os caras para um jogo na quinta, o que me dava uma pequena dose de consolo.

Cheguei ao endereço de Phillip para organizar as coisas. Sua casa era elegante, com as nuances rústicas de um retiro de escritor, toda de madeira polida e repleta de estantes abarrotadas de livros. O quintal era vasto e tinha árvores abundantes, com destaque para uma videira coberta de trepadeiras. O ambiente exalava o clima de um romance de Fitzgerald. A casa inteira era requintada e simples, sem ostentação, o oposto do estilo dinheiro-demais-e-bom-gosto-de-menos que impregnava a maioria dos lares de L.A.

Tentei manter a pose e me mostrar calma, mas, por dentro, estava um caco. Se aquela noite desse errado, eu perderia tudo. Porém, se meu plano funcionasse, não apenas o jogo seria meu como também me veria livre da mão opressora de Reardon. Eu estava apostando todas as fichas, e era assustador, mas, ao mesmo tempo, empolgante. De repente, senti uma íntima ligação com os jogadores e o jogo.

Phillip sorriu quando cheguei.

— Você está linda. Vai dar tudo certo — disse ele.

Retribuí o sorriso e o abracei.

— Obrigada por tudo o que está fazendo.

Eu sabia que Phillip estava se arriscando. Reardon era um inimigo terrível.

★ ★ ★

Os jogadores começaram a chegar. Bruce Parker, Steve Brill, Todd Phillips, Tobey, Houston Curtis e Bob Safai: casa cheia. Tobey era o único que sabia do meu esquema.

Todos pareceram empolgados por estarem na bela casa de Phillip, que contrastava de maneira gritante com o escuro e maltratado porão do Viper Room. Imediatamente pude ver que se sentiram mais relaxados e confortáveis ali.

Se eu assumir as rédeas do jogo, disse a mim mesma, *vou colocar as coisas em ordem*. *Vou aprimorar.* Imaginei fazer os jogos em formidáveis salas de estar, com mesas de petiscos guarnecidas de caviar e queijos finos. Contrataria garotas lindas para servir bebidas com discrição, e enquanto meus convidados jogariam pôquer na cobertura, a cidade de Los Angeles cintilaria de histórias lá embaixo. Se aqueles caras estavam à procura de escapismo, eu os levaria pela mão.

— Cadê o Reardon? — perguntou Todd.

Meu coração quase saiu pela boca.

— Hoje ele não vai jogar — respondeu Phillip, de forma despreocupada.

O jogo começou com tranquilidade. Fiquei agradecida por ver que todos estavam se divertindo. O único que aparentava estar infeliz era Phillips, que alegava preferir o desmazelo aos confortos de uma casa maravilhosa. Phillips era por natureza um sujeito do contra e encrenqueiro, características completamente perdoáveis levando-se em conta sua aguda perspicácia e seu *timing* para a comédia. Ele era adepto de um tipo de humor negro e cáustico e literalmente levava a mesa às lágrimas, o que, numa mesa de pôquer, é algo muito valioso.

Quando chegou o jantar — pratos do Mr. Chow, como sempre —, os homens optaram por fazer uma refeição civilizada em vez de comer à mesa de jogo, o que era mais adequado diante do ambiente e das circunstâncias. Preparei a sala de jantar, e eles atacaram as iguarias como se jamais tivessem visto comida na vida, mal me dando tempo para recuperar o fôlego. Zanzei até o jardim cheio de aromas. Sentei num banco de madeira entalhada e olhei para o céu. O sol já estava se pondo, e era a hora do dia em que a luz é perfeita e os contornos se suavizam. Através das portas francesas, vi os caras conversando, gargalhando e gesticulando com seus *hashis*.

Quero tanto que isso dê certo, mais do que qualquer outra coisa que eu já tenha desejado na vida. Eu me sentei em silêncio no jardim, de quando em quando checando os jogadores. Assim que acabassem de comer, eu precisaria tirar os pratos. Eles pareciam estar no meio de uma conversa séria. Meu corpo inteiro ficou paralisado. Dei uma volta no jardim, e quando voltei ao banco vi que Phillip caminhava em minha direção. Ele estava olhando para baixo, com as mãos enfiadas nos bolsos.

— Perdi, não foi? — perguntei, com a sensação de que estava prestes a vomitar.

Era um risco, um risco calculado, como Phillip me ensinara. Comecei a balbuciar, dizendo a mim mesma que se tratava só de um jogo, que eu ficaria bem.

— Molly, MOLLY! — Ele me interrompeu em voz alta. — Você ganhou. O jogo é seu.

Um sorriso perplexo mas enorme se abriu em meu rosto.

Joguei os braços em cima dos ombros dele e o abracei com tanta força que ele começou a gargalhar.

Na verdade, tinha sido uma votação unânime.

— Você é um homem bom, Phillip Whitford — falei, sorrindo.

Passei o resto do jogo flutuando nas nuvens. Nessa noite, além das gorjetas, recebi um coro de elogios e promessas pessoais de fidelidade. Todos gostavam de Reardon, mas não achavam certo ele me excluir do jogo. Depois que os jogadores foram embora, Phillip abriu uma garrafa especial de champanhe. Nós nos sentamos na varanda dos fundos.

— Por que você me ajudou? — perguntei.

— Porque não era justo e porque sempre torço para o azarão.

Sorri e bebi mais um gole de champanhe.

De repente, me lembrei de que ainda tinha algo a fazer.

— Ainda não acabou — comentei. — Ainda vou ter que encarar Reardon.

— Quer que eu fale com ele? — perguntou Phillip, gentil.

— Preciso fazer isso sozinha, mas agradeço um milhão de vezes pela oferta.

Eu sabia que, cedo ou tarde, Reardon descobriria, e, embora os jogadores tivessem jurado lealdade a mim, já tinha convivido tempo suficiente com aquele grupo para saber que não podia relaxar.

Cheguei em casa por volta das 3h30. Deitei na cama, e o sono se esquivava de mim.

★ ★ ★

Meu telefone começou a tocar às 5h30.

— Venha para cá — rosnou Reardon. Eu já o vira furioso antes, mas nunca daquele jeito.

— Estou a caminho — respondi para o nada. Ele já tinha desligado.

Eu me arrumei rápido e pulei para dentro do carro. A quietude das primeiras horas do amanhecer e a falta de tráfego na Sunset me deixaram ainda mais nervosa. A paisagem do lado de fora do carro passava em câmera lenta. O que Reardon faria comigo? Ele ficava louco da vida com as coisas mais insignificantes, qual seria sua reação diante daquilo? Será que me machucaria? Ou me obrigaria a sumir de Los Angeles? Eu não conseguia nem imaginar.

Entrei na garagem e permaneci sentada no carro por alguns minutos. Meu rosto no espelho parecia abatido e amedrontado. *Você precisa encarar essa*, disse a mim mesma. Respirei fundo e saí do veículo.

Reardon me deixou esperando por alguns minutos antes de atender à porta.

— Vá me esperar no quarto de hóspedes — ordenou ele, no tom de voz mais sério que já o vira usar.

Seus olhos castanhos estavam semicerrados, e à meia-luz da alvorada pareciam duas fendas quase negras.

O quarto de hóspedes ficava nos fundos da mansão. Não fazia ideia de por que ele tinha me mandado para lá. Ainda assim, abri caminho naquela direção, obediente, e depois aguardei. Cinco minutos. Dez minutos. Minha ansiedade crescia, e tive a sensação de que ia desmaiar. Eu me concentrei em respirar fundo, mas o ar não passava pela garganta.

Devo deixá-lo falar primeiro? Assumo um tom de força ou uma postura mais passiva? Eu me sentei na cama com o queixo apoiado nos joelhos dobrados. Não me sentia forte. Eu me sentia como uma menininha esperando na sala do diretor da escola. Àquela altura, eu queria simplesmente que ele colocasse logo em ação o que estava planejando, seja lá o que fosse. No que eu estava pensando, afinal? Meu plano parecia uma idiotice agora. Reardon jamais me deixaria escapar incólume.

Por fim, ele entrou, interrompendo a evolução ruidosa dos meus pensamentos, e se sentou de frente para mim. No começo ele não abriu a boca, apenas me encarou, rígido e impassível.

Encarei-o de volta, na medida do possível, tentando não chorar. Estava prestes a me render e a pedir perdão, prometer que voltaria ao trabalho e que sumiria para sempre do jogo, quando ouvi a voz dele emergindo de um lugar longínquo.

— Estou orgulhoso de você.

Só podia ter ouvido mal.

— Estou orgulhoso de você — repetiu, e começou a abrir um sorriso largo.

Em nenhuma das hipóteses que havia imaginado, um diálogo parecido com esse ocorria.

— Está? — perguntei, pronta para que ele voltasse atrás e começasse a berrar comigo.

— Estou. O jogo é seu. Você fez por merecer.

Balancei a cabeça, incrédula. Não era possível ser tão sortuda. As coisas não funcionavam assim na vida real. Vi Reardon sorrindo para mim como um pai cheio de orgulho.

Meu corpo inteiro relaxou, talvez pela primeira vez desde que me mudara para Los Angeles, e um enorme sorriso se alastrou por meu rosto. Eu nunca sentira tamanha felicidade nem ficara tão espantada.

Dei um pulo e abracei Reardon pela primeira vez desde que nos conhecemos.

Ele gargalhou e deu de ombros.

— Você merece, sua idiota. É uma ótima aluna.

★ ★ ★

Eu tinha chegado lá, o jogo era meu, e agora tinha o respeito de Reardon. Era quase 2006, hora de um novo ano, uma nova eu. Tive a sensação de que era o dia da minha formatura.

Reardon deu um tapinha de leve na minha cabeça.

— A pequena Mol está crescendo — disse ele, olhando-me com uma sensação de orgulho. E logo mudou de assunto. — O que a gente vai fazer no Ano-Novo? Temos que esboçar um belo plano.

Parte três

MARÉ DE SORTE

Los Angeles, 2006-2008

Maré de sorte **(locução substantiva)**
Uma série de resultados num jogo de azar a favor de um dos apostadores, dentro de um período de tempo relativamente curto.

CAPÍTULO 13

Numa irônica guinada, Phillip, Reardon e eu decidimos ir juntos para Miami. Era quase um gesto franco de paz e harmonia. Phillip e alguns de seus amigos da exclusivíssima escola particular em que ele havia estudado quando criança fretaram um iate por uma semana. Todos compramos passagens de avião de primeira classe. Pela primeira vez na vida, viajei de primeira classe. Mal podia acreditar na diferença. As comissárias de bordo, geralmente de rosto impassível, sorriam para mim. Elas me acomodaram num enorme e luxuoso assento de couro e me trouxeram uma taça de champanhe. Olhei ao redor para conferir se os outros passageiros também estavam tão eufóricos quanto eu diante daquele tratamento digno da realeza. Eles pareciam entediados. Comecei a apertar botões, e a poltrona se transformou numa cama. Olhei, incrédula, para Reardon. Ele riu. Eu me virei e espiei os passageiros da classe econômica, espremidos em seus minúsculos assentos, e decidi que nunca mais na vida voltaria para lá. Depois a comissária me mostrou o entretenimento disponível a bordo, com todos os filmes em cartaz na época. Quando desembarcamos, um motorista estava postado junto à esteira de bagagens segurando um cartaz com o nome de Phillip. Ele carregou nossas malas até um Mercedes preto novinho em folha e nos informou que o trajeto não seria muito longo. Chegamos à marina e um membro da tripulação nos recebeu. O lugar estava apinhado de imensos e luxuosos iates.

— Qual é o nosso? — perguntei, depois de me apresentar para o sujeito.

Ele apontou na direção de um branco e azul-marinho que parecia ter o tamanho de um navio de cruzeiro.

Meus olhos se arregalaram. De repente, me senti insegura. Eu tinha certeza de que todas as outras pessoas a bordo estavam totalmente acostumadas àquele estilo de vida, e não queria parecer o único peixe fora d'água. Refreei meu deslumbramento e fingi que estava entediada, tal como vira os outros passageiros da primeira classe fazerem.

O iate era incrível, diferente de tudo que eu havia visto na vida. Era uma verdadeira mansão flutuante e totalmente funcional, equipada com sala de estar e de jantar, academia e até mesmo um helicóptero. Como eu imaginava, todos os meus colegas passageiros pareciam à vontade naquele ambiente. As mulheres eram sílfides, modelos e *socialites* inacreditavelmente glamorosas. Os homens eram todos playboys bem-vestidos que praticamente

exalavam cheiro de dinheiro antigo. Todos — sem exceção — pareciam ter saído das páginas da *Vogue*. Um membro da tripulação chamado Jason me mostrou meu quarto.

— O pôr do sol é daqui a uma hora. Serviremos coquetéis no convés norte.

★ ★ ★

Os dias seguintes foram incríveis. Era como ter caído de paraquedas dentro de um episódio do programa *Lifestyles of the Rich and Famous* [Estilo de vida dos ricos e famosos]. Em momento algum da minha formação de classe média — por mais que eu fantasiasse a respeito do tipo de vida que eu desejava —, jamais havia imaginado o grau de luxo que o dinheiro era capaz de comprar. Reardon, Phillip e eu passamos os dias seguintes pegando sol, à toa, comendo as suntuosas refeições preparadas pelo chef do iate. À noite, íamos a festas em outras embarcações ou rumávamos para South Beach a fim de dançar nas boates, onde sempre nos conduziam para o começo da fila e éramos tratados como membros da realeza.

As casas noturnas também me deixaram boquiaberta. Todos os clichês de riqueza e excesso estavam estampados nesses lugares. Um grupo de modelos famosas cheirava carreiras de cocaína espalhadas em seus espelhinhos de maquiagem, usando cédulas de cem dólares enroladas. Uma após a outra, garrafas de champanhe eram entornadas ou sacudidas... Perdi a conta depois de cinquenta garrafas, o que significava que havia o equivalente a cinquenta mil dólares de Dom e Cristal derramadas no chão. Outra modelo estava dando uns amassos no belo e milionário herdeiro grego de estaleiros que ficara famoso graças a um relacionamento anterior com Paris Hilton. Segundos depois, a própria Paris entrou na pista e caminhou direto para o ex e a nova "amiga". Diante dos meus olhos, a *socialite* acertou um soco no rosto da outra garota. Pelo visto, fui a única a ter notado aquela confusão.

Ninguém parecia dar a mínima para qualquer outra coisa que não fosse se divertir. Não havia regras nem limites, nenhuma preocupação com o valor da monstruosa conta que, apenas em champanhe, devia estar na casa dos oitenta ou cem mil dólares, segundo meus cálculos. As modelos atraíam ricaços, atletas profissionais e celebridades. Toda noite na balada eu tentava superar minha timidez e conversar com o maior número possível de pessoas, mencionando o pôquer com toda a tranquilidade e reunindo nomes. Aquele playground sem lei de ricos e famosos era o melhor e mais fértil terreno para encontrar novos jogadores. Estava sempre agindo a partir desse ponto de vista. Consegui uma quantidade impressionante de telefones, tanto de potenciais jogadores quanto de pessoas que conheciam alguém que adorava jogar. O pôquer derrubava muros com facilidade.

Na véspera do Ano-Novo fomos a uma festa oferecida pelo *rapper* P. Diddy, onde alguns dos maiores nomes da música se revezaram em cima do palco. Alguém me deu uma pílula de ecstasy. Sempre tive medo de drogas, mas enfiei o comprimido goela abaixo. Trinta minutos depois, senti todas as células do corpo formigando e me vi habitando uma suave bolha de felicidade e amor. A música, as luzes, tudo era lindo e perfeito. A única coisa que eu queria era dançar. Todo mundo era meu melhor amigo e, quando soou a meia-noite, o ar se encheu de glitter e tive a sensação de que a festa inteira queria me beijar. Juntos e aos berros, todos fizemos a contagem regressiva, e eu não conseguia me lembrar de outro momento da minha vida em que me sentira mais feliz.

★ ★ ★

Depois da pós-festa e da pós-pós-festa, os primeiros sinais do amanhecer fizeram os baladeiros saírem correndo em busca de uma cama, feito vampiros. O efeito de minha pílula já tinha praticamente terminado, mas eu ainda me sentia inebriada e feliz.

— Ai, meu Deus, fala sério, não posso ver o sol nascer de novo — entreouvi uma morena de pernas longas exclamar enquanto deixava para trás um rastro de lantejoulas.

— Eu sei, vou surtaaaaaar — disse a amiga loira dela, aparentando estar esgotada. — Vamos tomar nosso Xanax agora — propôs.

Então, em perfeita sincronia, ambas abriram frascos idênticos e engoliram, a seco, as pílulas brancas de ansiolítico. Voltei para o iate morrendo de fome, então fui até a cozinha preparar um lanche. Meus ouvidos ainda zuniam por conta da música alta na boate, e me sentia com adrenalina demais para dormir. Peguei a comida e subi até o topo da embarcação. Minha mente começou a voltar à realidade. Sentei de pernas cruzadas e me pus a observar, conforme o sol despontava sobre o oceano. No dia seguinte, voltaria para Los Angeles e tudo seria diferente. Eu estava tão extasiada com minha vitória — e com o fato de minha relação com Reardon ter sobrevivido ao meu plano — que nem sequer havia parado para pensar no que realmente significava ter assumido o controle do jogo. Até então, eu vinha agindo sob a tutela protetora, ainda que opressora, de Reardon. Agora estava sozinha. Não contava mais com um bode expiatório, não tinha mais o apoio de um lunático que apavorava todo mundo. Eu sabia que tinha muito a aprender, e que não dispunha de tempo para estudar. Porém, de alguma forma, não sentia medo. Estava empolgada. Tudo poderia acontecer, e enfim meu destino dependia apenas de mim.

CAPÍTULO 14

Voltei de Miami cheia de energia, meu cérebro inundado de ideias que eu queria implementar no jogo.

Meu pai era uma pessoa que estava sempre processando e analisando tudo. Com ele, as discussões nunca eram simples; as palavras eram dissecadas, era preciso determinar as fontes das referências. Crescer nessa situação era por vezes irritante, mas me dei conta de como esse tipo de pensamento era, na verdade, uma importante habilidade no mundo real. De modo a realmente comandar o jogo do jeito que eu sonhava, oferecer algo de qualidade e me tornar insubstituível, precisava processar e analisar meus jogadores, entrar na psique dos apostadores.

Eu tinha consciência de que não se tratava apenas de um jogo de pôquer. As apostas eram altas demais para que fosse um mero joguinho caseiro regado a nachos e cerveja. Os jogadores não eram profissionais e também eram ricos demais para fazer do carteado seu ganha-pão.

Meu jogo tinha a ver com escapismo. Para proporcionar a fuga completa, eu devia oferecer mais que fichas, cartas e uma mesa. Tinha que vender um sonho — o sonho de uma vida ainda melhor e mais empolgante, em que o recruta pudesse bater papo com celebridades e lindas mulheres e fosse servido como a pessoa mais importante da mesa.

No entanto, para que a pessoa estivesse disposta a se jogar no mundo do pôquer, ela precisava ter o gene. Aqueles jogadores podiam se dar ao luxo de escapar para qualquer lugar do mundo. Eu precisava fazer com que quisessem escapar para a minha mesa, e não para Maui ou Aspen. Eles precisavam querer jogar pôquer. Num cenário comum, seria impossível detectar quem tinha o tal gene. A questão nada tinha a ver com patrimônio líquido, classe social, etnia ou carreira. Era isso, em parte, o que fazia da mesa um lugar tão interessante — tratava-se de um grupo eclético, reunido por uma espécie de mutação genética. E, a despeito de todos os estigmas negativos, os apostadores parecem ter uma reserva infinita de esperança e otimismo. Todos acreditam que são capazes de ganhar alguma coisa a partir do nada. Toda semana, eles apareciam para jogar com esperança renovada, independentemente dos resultados das semanas anteriores. Ainda mais se, junto com a adrenalina da batalha, viesse uma assistente que cuidava de todos os tópicos do jogo e de qualquer aspecto da vida dos próprios jogadores, caso eles quisessem. Essa assistente era eu, é claro.

Meus recursos eram, portanto, a habilidade para propiciar uma fuga, um faro apurado para detectar quem tinha o gene e a sagacidade para criar um ambiente onde a empolgação pela vitória podia ser fomentada, e eu mesma.

Lição um: cuide para que os jogadores estejam sempre confortáveis.

Lição dois: alimente a máquina com sangue novo.

Lição três: seja insubstituível.

Lição quatro: tudo sempre gira em torno do dinheiro.

Era evidente que eu tinha aprendido muito com meu pai.

★ ★ ★

Pus mãos à obra no mesmo instante.

Marquei reuniões em três dos mais luxuosos hotéis de Los Angeles.

Minha primeira parada foi no Peninsula, um hotel discreto e requintado que hospedava os mais ricos entre os ricos. Entrei com o carro na garagem de paralelepípedos e fui recebida pelo refinado gerente, que calçava belos mocassins Prada. Depois de pedir à equipe que me servisse um cappuccino espumoso, ele me acompanhou pelo hotel de modo que eu pudesse conferir os quartos de sonho e as impecáveis áreas verdes.

A essa altura, eu já aprendera a agir com confiança, ou ao menos fingir até conseguir o que queria.

— Serei a anfitriã de "eventos de *networking* da indústria do cinema" — expliquei. — Contaremos com a presença de muitas celebridades... — Fiz uma pausa para efeito dramático. Mesmo nos endereços mais pomposos e badalados, a promessa de certos nomes de alto calibre sempre abria portas. — Então... — Deixei a frase suspensa no ar. — O senhor compreende a necessidade de certo nível de privacidade.

— Claro. Claro. Tudo que for necessário, srta. Bloom.

— Precisarei que uma mesa de pôquer seja levada ao quarto na data marcada. O senhor sabe como são os rapazes!

Dei um sorrisinho e ele riu junto comigo, dizendo que, sim, ele sabia.

— Com certeza temos condições de atender a toda e qualquer necessidade que a senhorita possa ter — garantiu ele. — Permita que eu lhe dê meu cartão. Anotei o número do meu telefone pessoal no verso. Por favor, não hesite em ligar caso precise de mais alguma coisa.

Ele praticamente me deu um beijo quando me levou até a porta. E não foi o único: minhas reuniões no Four Seasons e no Beverly Hills Hotel foram bem parecidas. Contei aos gerentes a mesma história do Peninsula, e acrescentei que usaria semanalmente o melhor quarto disponível. Eu estava começando a entender o que Phillip quis dizer em nossa aula. O blefe e a percepção são bem mais importantes que a verdade e a circunstância.

Em todo hotel que eu visitava as pessoas me recebiam com o mesmo tratamento de rainha. Era impressionante o impacto que as celebridades tinham sobre todos na cidade. Minha sensação era a de que mesmo se eu contasse à equipe dos hotéis que estava organizando um evento de venda de armas, tráfico de drogas e prostituição, bastaria citar os grandes nomes da indústria do entretenimento que compareceriam, e então todo mundo assentiria, murmuraria palavras de aprovação e atenderia a todas as exigências.

Saí da última reunião caminhando nas nuvens. Com três endereços luxuosos à disposição, eu poderia deslocar o local do pôquer de um lado para o outro ao meu bel-prazer, o que me traria três grandes benefícios: o jogo já não seria um alvo fácil para quem tentasse entrar de penetra; eu teria o controle do ponto escolhido; e isso traria um ar de mistério, o que, na minha opinião, era sempre algo positivo, especialmente em se tratando de jogatina... e de homens.

Tudo estava saindo do meu jeito. E a única coisa em que conseguia pensar era: *Que comecem os jogos.*

★ ★ ★

Agir por conta própria e sem Reardon significava que eu precisava ter certeza de que a coisa era de fato legalizada.

Os jogadores disseram que tinham sido informados por todos os advogados de que o jogo era limpo, mas isso não era suficiente para me deixar tranquila, tampouco para me proporcionar alguma informação útil acerca do *meu* papel.

Eu precisava ter meu próprio advogado.

Wendall Winklestein era um prestigioso criminalista, e foi muito bem recomendado por diversos caras que participavam do jogo. Wendall era dono de um requintado escritório, com caríssimas obras de arte penduradas nas paredes. Seu bom gosto era um testamento visual do fato de que ricos muitas vezes se comportavam mal.

Entrei no escritório e senti que ele, por trás de sua mesa de trabalho, me fitava com um olhar malicioso.

— Então você é a princesa do pôquer.

Por dentro eu estava de cara fechada, mas, por fora, esbocei um sorrisinho.

— Venho organizando jogos de pôquer, sim. Quero ter certeza de que isso é legal.

Ele mudou de tom e passou de libertino a advogado.

— Você está cobrando comissão?

— Não.

— Como ganha dinheiro?

— Gorjetas.

Ele levantou as sobrancelhas.

— Todo mundo quer participar do jogo — expliquei. — Na primeira noite, meu antigo patrão disse aos jogadores que quem quisesse ser convidado de novo precisava me dar gorjeta.

Wendall riu.

— Esperto.

Depois ficou sério de novo.

— Aqui vai meu maior conselho: não infrinja a lei quando estiver infringindo a lei.

— Como assim?

— O que você está fazendo se inclui no que chamamos de "área cinzenta". Não viola nenhum estatuto estadual ou federal, mas é um pouco indefinido. Precisa manter as mãos limpas e ficar longe de problemas. Nada de drogas ou prostitutas, nada de agenciar apostas esportivas e nada de contratar capangas para cobrar dívidas. E, Molly, pague seus impostos.

— Posso dar conta disso.

— Se quiser me contratar, cobro um adiantamento de 25 mil dólares — disse Winklestein. A julgar pela maneira como ele me olhou, imaginei que talvez tivesse em mente alguma outra forma de pagamento.

— O senhor aceita dinheiro vivo? — perguntei, tirando da bolsa um envelope, pois já havia me preparado para aquela quantia.

— Dinheiro vivo está ótimo — respondeu, sorrindo de forma lasciva.

★ ★ ★

Realizei meu primeiro jogo no hotel Peninsula, porque meu contato lá me ofereceu um considerável desconto pelo uso do quarto. O jogo foi marcado para as oito da noite, mas solicitei um check-in antecipado, a fim de garantir que tudo correria à perfeição.

Diego me esperava com a mesa, e o gerente do hotel nos recebeu com entusiasmo, chamando o carregador de malas para nos ajudar a colocar o móvel no elevador de serviço e levá-lo até o andar. Tão logo o carregador pegou sua gorjeta e se foi, Diego e eu rearrumamos a mobília de modo a abrir espaço para a peça central: a mesa de pôquer com dez cadeiras, dez pilhas de fichas e, é claro, a Shuffle Master de Tobey. Diego saiu com a promessa de voltar uma hora antes do início do jogo, e então me vi sozinha naquela inacreditável e deslumbrante suíte palaciana.

Corri de um lado para o outro verificando tudo. O gigantesco banheiro era quase do tamanho do meu apartamento, e continha aqueles maravilhosos roupões felpudos e macios que vemos nos filmes. O gerente deixara para

mim uma garrafa de champanhe e uma travessa de frutas. Abri a garrafa e me servi uma taça. Até as frutas vermelhas eram mais saborosas num lugar desses. Pulei na cama. Era o paraíso. Não fazia ideia de que uma cama pudesse ser tão confortável. Mergulhei numa pilha de travesseiros, gargalhando alto.

O jogo só começaria dali a seis horas, então coloquei meu biquíni e fui pegar sol. A piscina na cobertura do Peninsula oferecia uma linda vista da cidade. Das barracas às paradisíacas cadeiras reclináveis, a decoração era toda branca, e somente a piscina azul-turquesa e o límpido céu azul destoavam. Eu me acomodei numa espreguiçadeira estofada; o sol estava ameno, e soprava uma brisa refrescante do oeste. Um dos funcionários passou, serviu-me um copo de água de rosas e me entregou duas rodelas de pepino para colocar sobre os olhos. Perguntou o número do meu quarto e voltou dois minutos depois trazendo um Bellini, com os cumprimentos do gerente do hotel. Bebi meu drink em minha barraca particular, com a sensação de que era impossível a vida ser melhor. Porém, se eu quisesse manter tudo aquilo, precisava continuar atenta e trabalhar com afinco. Pus de lado o drinque e comecei a atender às ligações dos jogadores.

★ ★ ★

Só voltei para o planeta Terra quando me sentei a fim de me preparar para o jogo. Comecei a ficar nervosa. Fitei meu rosto sem maquiagem, livre de fingimento. Será que eu estava atolada até o pescoço numa situação além de minhas forças? Sim, desde o dia em que cheguei com meu carro a Los Angeles, mas isso não era suficiente para me deter.

Os participantes do jogo daquela noite seriam um grupo conhecido — Reardon, Steve Brill, Cam (sócio de Reardon), Tobey, Houston Curtis, Bob Safai, Bruce Parker e Nick Cassavetes. Como sempre, eu havia informado Tobey de antemão sobre a escalação da noite, a cortesia que ele exigia e que me poupava de seu olhar mortífero e aterrorizante caso chegasse e encontrasse um desconhecido à mesa.

— Beleza — dissera ele.

E foi nesse momento que enviei a mensagem de texto para todos os demais. Todo mundo que convidei concordou e confirmou presença.

Eu mal podia esperar para ver a expressão no rosto deles quando entrassem naquele quarto deslumbrante e vissem qual seria o ambiente do jogo dali por diante. Tudo estava planejado para ser extraordinário. Contratei inclusive duas massoterapeutas profissionais para massagear os ombros dos jogadores, algo que alguns dos caras haviam mencionado em outras ocasiões. Chequei a documentação das mulheres e confirmei que eram licenciadas; em Hollywood nunca se sabe, sobretudo quando há

pessoas ricas e famosas envolvidas. Cheguei até a pedir ao meu advogado que redigisse acordos de confidencialidade para elas assinarem.

O maior perigo era ficar atarefada e atarantada demais e esquecer de registrar por escrito um *buy-in*. Os caras tinham que assinar seus *buy-ins*, mas, às vezes, estavam tão mal-humorados que se recusavam ou então achavam que dava azar assinalar suas iniciais. Insisti, argumentando que era algo necessário para que depois do jogo ninguém pudesse contestar a contabilidade. Agora que eu estava no comando, teria que ser mais assertiva. Um erro significava que haveria na escrituração um rombo de pelo menos cinco mil dólares, valor do *buy-in*, e eu seria a responsável por cobrir a diferença. Dois erros e... eu sequer conseguia pensar naquilo.

Num esforço para evitar qualquer potencial desastre, pedi a Diego que me auxiliasse com os *buy-ins* e os registros contábeis, e pedi à minha amiga Melissa que me ajudasse a dar conta das solicitações dos caras. Ela estaria lá para reabastecer os drinques e cuidar dos pedidos de comida, que chegariam a custar milhares de dólares por noite e eram tão extensos e detalhados que obter todos os itens era quase um trabalho em tempo integral.

★ ★ ★

A suíte que nos deram ficava num dos andares mais altos, um quarto enorme e estonteante todo em tons de branco, bege, rosa-claro e dourado, com móveis e peças de decoração caríssimos. Portas francesas se abriam para uma varanda imensa. Havia uma mesa abarrotada de frutas, queijos selecionados, charcutaria e chocolates finos. Uma brisa agradável entrava e refrescava o quarto, que recendia a velas perfumadas e flores recém-colhidas. As duas massagistas estavam a postos, Melissa tinha chegado na hora marcada, e Diego trouxera um *dealer* a mais. Uma música suave tocava baixinho ao fundo. Eu estava usando um vestido longo branco, muitas joias de ouro e um coque no topo da cabeça.

O primeiro a chegar foi Houston Curtis (como de hábito).

— Uau! Isto é sensacional! — exclamou, indo até a varanda para admirar a vista.

Eu me juntei a ele lá fora, e Melissa se aproximou para lhe oferecer um drinque.

— Posso lhe servir alguma coisa? Água, chá, champanhe?

Houston, o homem que sempre queria chá gelado diet sabor framboesa (que, aliás, eu já havia deixado na geladeira), olhou bem ao redor e fez um pedido mais elaborado.

— Champanhe? Por que não?

Sorri.

— Você gostou mesmo? Acha que os outros vão gostar?

— Ah, com certeza! E elegante, cheio de classe. E bom não ser mais no Viper. Quer dizer, eu adorava o Viper. Mas este lugar é muito agradável. Até o cheiro é bom.

Reardon foi o próximo a chegar.

— Que maneiro — disse ele, zanzando de um lado para o outro.

Ele checou o celular e o esfregou na minha cara. A foto na tela mostrava algumas belas garotas nuas numa pose bastante flexível.

— Talvez eu precise deste quarto mais tarde — disse ele, gargalhando e agarrando o cardápio. — Mol, peça um pouco de caviar. Ossetra, com torradas triangulares e…

— Já sei, Reardon — respondi. — Sei do que você gosta.

Agora nós dois estávamos rindo.

Os demais chegaram, todos com expressão de aprovação diante da mudança de atmosfera.

Tobey foi o último a chegar.

— Que legal! — comentou ele.

Olhei para ele, surpresa; uma delicadeza vinda de Tobey era o equivalente a receber um abraço da rainha.

Assim que os homens se ajeitaram nas cadeiras ao redor da mesa e Diego começou a dar as cartas, eu me se sentei numa cadeira ao lado, contemplando a cena como se estivesse assistindo a um filme que eu mesma tinha dirigido. Eles embaralhavam as fichas nas mãos, criando um coro de estalidos que havia se tornado tão familiar para mim quanto o som do tráfego. As fichas se acumulavam em volta dos jogadores e formavam caminhos em pilhas de alturas variadas. Observei os homens jogando e conversando, recostando-se nas cadeiras enquanto as belas moças massageavam seus ombros; naquele momento, eles se esqueciam de tudo que havia na vida e se concentravam unicamente no que estava acontecendo naquele quarto, e eu soube que tinha sido bem-sucedida. O elenco inteiro estava afiado. Vi Melissa trazer coquetéis, vi as mãos de Diego voarem, vi Tobey de olho nos outros jogadores.

Havia algo naquela atmosfera rica que fez com que as apostas ficassem mais altas. Depois de pouco mais de três horas de jogo, Bob Safai já tinha perdido trezentos mil dólares, uma quantia enorme para um *buy-in* de cinco mil. De alguma forma, Steve Brill estava ganhando a maior parte do dinheiro. Prendi a respiração por um momento, mas depois relaxei de novo, porque Safai parecia não dar a mínima.

Já eram quatro da manhã quando os últimos jogadores foram embora. Diego me cumprimentou.

— Belo jogo. Você conseguiu. Você ganhou.

— *Nós* ganhamos — corrigi.

Contei as gorjetas e dividi as pilhas. Dez mil para cada um.

CAPÍTULO 15

Os caras adoravam jogar em hotéis. Adoravam as novas mordomias. Além disso, treinei minha equipe para dizer "sim" para tudo, a menos que fosse ilegal ou degradante. Em vez de criar meu próprio e caríssimo ambiente, eu tirava proveito do fato de os hotéis de luxo que eu escolhera já terem pensado em tudo. Já estavam acostumados às exigências dos hóspedes mais ricos e mimados (não estou dizendo que os meus caras eram assim, mas a equipe desses lugares estava preparada para tudo).

Comecei a criar um "kit pôquer", baseado nas solicitações que recebia com mais frequência. Uísque escocês puro malte, caviar, champanhe. Você precisa de um carregador de celular? Beleza. Está com dor de cabeça? Paracetamol com cafeína e uma compressa gelada. Dor de barriga? Deixa comigo. Precisa de reservas de viagem que não podem ser feitas em nome de sua empresa? É só me dar os detalhes. Quer que reserve um quarto no Four Seasons para a semana que vem? Sem problema, que tipo de quarto? Sua namorada está desesperada por "aquela" bolsa esgotada em todas as lojas? Consigo uma e debito do dinheiro que você ganhar no jogo. Precisa do atendimento de um acupunturista durante a partida, enquanto você joga? Feito. Era "sim" o tempo inteiro. Eu não podia ignorar o fato de que o "sim" havia se tornado o meu mantra. Tenho o mesmo nome da famosa personagem do épico romance *Ulysses*, de James Joyce. O monólogo final de Molly Bloom, em fluxo de consciência, é sobre dizer "sim" ao ato de se apaixonar e se entregar ao marido. Eu também estava me apaixonando. Por um jogo de pôquer.

★ ★ ★

O lugar mais atrativo e o fato de que todos os participantes eram tratados como se fossem James Bond simplesmente davam ao jogo uma aura ainda mais valiosa. Comecei a ganhar tanto dinheiro que mal sabia o que fazer com ele. Aos poucos, fui incrementando minha vida. Reardon concordou em transferir para meu nome o financiamento de seu Mercedes Classe S. Era um veículo prateado veloz, sexy e elegante. Eu adorava o carro dele e costumava ficar sentada no banco do carona enquanto ele dirigia, cortando outros automóveis, ditando centenas de exigências e berrando ao celular. Eu

tentava abstrair e imaginar como me sentiria se o carro fosse meu. Isso aconteceu bem antes do que eu imaginava. Ele foi até meu apartamento para me entregar o Mercedes e arremessou as chaves em minhas mãos.

— Divirta-se com seu novo carro, jogadora — disse ele, sorrindo feito um pai todo orgulhoso... ou talvez um cientista louco.

Sua nova assistente (ele já tivera cinco nos três meses desde que voltáramos de Miami) parecia apavorada e insegura atrás do volante do carro que ela foi dirigindo enquanto seguia Reardon até minha casa.

— SAI DAÍ, VOCÊ É RETARDADA OU O QUÊ? — berrou ele para a loirinha. Aterrorizada, a mulher rastejou de maneira desajeitada para o banco do carona, passando por cima da marcha. Fechei a cara e lancei um olhar decepcionado para Reardon. Depois abri um sorriso afetuoso para a garota. — Se você for a metade do que a Molly é, talvez eu dê um carro para você também, mas duvido muito. Ela é difícil de igualar.

Um sorriso estampou meu rosto e meu coração. Por mais que Reardon fosse cheio de defeitos, eu sabia que ele me adorava. Ele pisou no acelerador e saiu cantando pneus em meio a uma nuvem de poeira, cascalho e insultos.

— BLAIR? — berrei. Ela saiu. — Olha só meu carro novo! — anunciei, dando pulinhos. Eu tinha passado da fase de minimizar as coisas.

— Uau! Sério? Vamos dar uma volta!

Entrei e deslizei o banco o máximo possível para trás, sentei com a coluna ereta e tentei enfiar a chave na ignição. Não entrava, e o carro não dava partida.

— Ah, meu pai tem um carro igual a esse. É só pisar no freio e apertar aquele botão. E recline um pouco o banco. Parece até que é a primeira vez que você dirige um carro — disse Blair, rindo.

Segui as instruções dela e o motor V12 deixou escapar um ronco gutural. Pisei fundo e nós duas berramos quando o carro nos levou em disparada colina acima, numa velocidade alarmante.

Virei à esquerda na Sunset, abaixei os vidros e liguei o rádio. Todo mundo na rua olhava para a gente. Pelo visto, em L.A., um belo carro significava muita coisa. Pisei no acelerador de novo e meu elegante Mercedes avançou tão rápido que fui jogada para trás em meu luxuoso banco de couro. Blair gargalhou.

— É muito poder na mão. Tem certeza de que dá conta do recado?

Sorri e não quis dizer o que de fato me passou pela cabeça, porque era algo ofensivo e grosseiro. No entanto, poder era exatamente o que eu queria. Eu queria mais, adorava o poder. Pisei com tudo no acelerador. Estávamos voando a 150 por hora na Sunset.

Gostei do *frisson* e da descarga de adrenalina que senti ao violar a lei. Mudava de uma pista para a outra, costurando e ultrapassando os outros carros. Estava inebriada com o poder a meus pés. De repente vi uma viatura

da polícia atrás de mim com a sirene acesa. Entrei cantando pneus no Beverly Hills Hotel. Todos os manobristas me conheciam.

— Bem-vinda de volta, srta. Bloom — disseram eles.

Almoçamos à beira da piscina, o tempo todo na expectativa de avistarmos um policial, mas ninguém apareceu.

★ ★ ★

Eu já morava com Blair havia dois anos no apartamento comprado pelos pais dela. Parecia uma eternidade desde que tínhamos nos conhecido numa festa idiota, escondidas num banheiro tentando fugir de uma estrela de *reality show* traída. Agora Blair estava em um namoro sério, e eu me sentia pronta para deixar o ninho. Estava pronta para a independência, para alugar um apartamento por conta própria. Durante a vida toda, morei com outras pessoas, e a perspectiva de ter um lugar só meu era bem empolgante. Encontrei um apartamento no vigésimo andar de um prédio chique da Sunset. Todas as outras vezes que eu alugara um apartamento tinham sido estressantes: arranjar o dinheiro, pedir aos meus pais, tentar cobrar a parte dos colegas que moravam comigo. Sem contar que a grana nunca era suficiente. Dei uma olhada na vista, no sexy banheiro de mármore, todo espelhado, no quarto amplo, e concluí que o lugar tinha que ser meu. A corretora começou a fazer contas e a acrescentar itens: primeiro mês, sinal e seguro...

Eu me virei e a interrompi enquanto ela digitava na calculadora.

— Diga ao proprietário que pago adiantado os seis primeiros meses, em dinheiro, se ele me der um desconto.

A velhinha me olhou, surpresa.

— Bom, mas então... tudo em dinheiro vivo?

— Dinheiro vivo.

Eu já vira Reardon lidar com aquele tipo de negociação centenas de vezes, mas eu mesma nunca tive o dinheiro ou a oportunidade para fazer o mesmo.

Prendi a respiração, já achando que a corretora, Sharon, com seu cardigã abotoado até o pescoço e o cabelo preso num coque banana, me ridicularizaria e chamaria a polícia, mas, em vez disso, ela me pediu que aguardasse um momento. Voltou com um sorriso e uma expressão menos rígida.

— Meu cliente ficará feliz em negociar o preço com a senhorita — disse ela.

Fechei, sozinha, um excelente negócio. E, embora o aluguel fosse cinco vezes mais caro que o valor mais alto que já havia pagado na vida, o apartamento era todo meu. Decorei o lugar com uma linda mobília, roupas

de cama maravilhosamente macias, magníficos tapetes felpudos e até mesmo obras de arte.

★ ★ ★

O jogo parecia irrefreável, e cada noite era mais épica que a anterior. Meu telefone não parava de tocar. Aos poucos, mas de maneira irreversível, fui parando de falar com meus amigos mais antigos. Eu estava mudando, e podia sentir isso. Adorava estar naquelas suítes de hotel, adorava os sons, os cheiros. Eu me tornei uma pessoa cheia de segredos; quando alguém me perguntava qual era o meu trabalho, eu mentia. Dizia que era produtora de eventos.

Eu havia percebido o impacto da apresentação pessoal, e me esforcei para aprimorar minha aparência. Comprei roupas e sapatos caros. Contratei um personal trainer, fiz tratamentos estéticos faciais, fui a manicures e pedicures, cuidei do cabelo nos melhores salões, e voltava à Valerie's sempre que precisava repaginar o visual. Eu mal reconhecia a mulher que via no espelho.

Também quis aperfeiçoar minha mente. Fiz aulas de francês, estudei arte e li livros sobre negócios e estratégia. Feito uma esponja, absorvia todo o conhecimento disponível ao redor. Fiquei muito boa em matemática, uma vez que processava números na cabeça o tempo todo. Observava os caras jogarem, ficava de olho em como contavam mentiras uns para os outros, aprendi seus pontos fortes, suas fraquezas e os *tells* de cada um.

CAPÍTULO 16

Reardon e eu nos tornamos melhores amigos. Eu o ajudava a treinar sua constante enxurrada de novas assistentes (nenhuma durava mais de um mês), e ele me dava conselhos sobre negócios. Continuava louco, mas era assim que ele era, então me acostumei e acabei amando suas particularidades. Certa tarde, ele me ligou enquanto eu atualizava minhas planilhas na beira da piscina.

— Estou passando aí para pegar você, esteja pronta em cinco minutos.

— Reardon, não dá. Estou ocupada e sem roupa para sair nesse instante.

— Apenas esteja pronta, cinco minutos.

E desligou.

Corri para o apartamento, joguei alguma coisa por cima do maiô e prendi o cabelo num rabo de cavalo. Em muitos sentidos eu sempre pensaria nele como meu patrão. Não fazia ideia do nosso destino. Mas estava lá como o ordenado, em cinco minutos.

Reardon me deu uma boa olhada assim que entrei no carro.

— Você está diferente — disse ele.

— Diferente como?

— Melhor — resmungou. — Já não parece uma mendiga do Colorado.

Reardon adorava contar para as pessoas que tinha me encontrado nas ruas de Beverly Hills, com uma mochila nas costas e sem ter onde cair morta. Não era algo assim tão longe da verdade, mas acabou virando sua história favorita, a que ele mais gostava de exagerar. Acho que o lento processo da minha transformação em Los Angeles estava completo.

— Obrigado, babaca, e eu não era mendiga — protestei.

O celular de Reardon tocou, e ele passou o resto do caminho vociferando ao volante e dirigindo a 150 por hora, como sempre. Num movimento brusco, feito uma chicotada, estacionou o carro na área dos manobristas do Beverly Hills Hotel e, cheio de determinação, saiu caminhando a passos largos pelo tapete vermelho. Eu praticamente tive que correr para acompanhá-lo. Nós nos sentamos no balcão e Reardon jogou com um estrondo uma pilha de jornais em cima da cadeira ao seu lado. Eu estava acostumada com esse comportamento. Embora fôssemos só nós dois, ele exigiu uma mesa para quatro, em parte porque gostava de pedir o cardápio completo, em parte porque odiava ficar perto de gente

desconhecida e seus germes. A menos, é claro, que esses desconhecidos fossem mulheres nuas. Ele me olhou de soslaio e sorriu.

— McCourt vem encontrar a gente — anunciou ele.

Era surpreendentemente doce a maneira como Reardon estava tentando bancar o casamenteiro.

Sentindo a barriga revirar, mantive a cabeça abaixada enquanto via, pelo canto do olho, Drew se aproximando da mesa. Fingi que estava absorta na leitura dos jornais.

— Oi, Molly — cumprimentou ele, com um tom afetuoso.

— Oi, Drew — respondi, abrindo um sorriso forçado.

Fazia muito tempo que não o via, mas volta e meia pensava nele. Era o único cara que conheci em Los Angeles que me fez pensar duas vezes.

Ao longo de toda a refeição, Drew e eu ficamos conversando enquanto Reardon mandava mensagens de texto, lia e-mails no celular e saía da mesa a cada cinco minutos para fazer ligações. Conversar com ele era fácil e agradável. Assim que terminamos de comer, Reardon enfiou um maço de notas em minha mão e disse:

— Pague a conta, volto já.

Essa era a maneira de Reardon dizer *Vou deixar você por conta própria agora. Se vira.*

— E então, o que vai fazer hoje à tarde? — perguntou Drew.

— Eu estava trabalhando até ser sequestrada por aquele terrorista. — Apontei para a figura de Reardon, que já desaparecia porta afora. — Que talvez esteja me deixando aqui sem carona.

Em silêncio, amaldiçoei Reardon por me colocar naquela posição constrangedora com o único cara de quem tinha gostado nos últimos tempos.

Drew abriu um sorriso.

— Vou dar uma passada na casa de um amigo. Ele mora aqui do lado. Quer ir comigo?

Claro que eu queria.

★ ★ ★

Algumas semanas depois, estava ajudando a nova assistente de Reardon, Jenna, a preparar um jantar para convidados na casa nova dele. Reardon queria que a festa fosse perfeita, e me pedira para ensinar o passo a passo a Jenna. Sua nova assistente era uma morena deslumbrante, não exatamente esperta, e, para que fique registrado, não tinha sido minha primeira, nem segunda, nem terceira opção entre as entrevistadas. Eu havia encontrado mulheres talentosas e profissionais, mas é óbvio que Reardon escolheu a que parecia uma modelo de lingerie. Pelo modo como ela tremulava os olhos e

requebrava pela sala, era evidente que possuía um tipo específico de habilidade e conhecimento, muito embora nenhum deles tivesse a ver com a administração de um escritório.

Jenna era perita em conseguir o que queria tanto dos homens quanto das mulheres. Ela pestanejou seus enormes olhos castanhos em minha direção.

— Graças a Deeeus, você está me ajudando! Está salvando minha vida. Tem tanta coisa acontecendo; é uma loucuuura.

— Coisas boas, espero! — comentei, sabendo que ela era uma esforçada aspirante a atriz.

— Estou tendo um caso com um homem casado — confessou. — E ele não vem me tratando da forma que uma amante merece.

Não era a resposta que eu esperava.

— Como assim?

— Ele não me dá atenção suficiente, e também não está pagando minhas contas — explicou ela, fazendo beicinho.

Estremeci.

— Bom, agora você tem um emprego novo, pode pagar as próprias contas — respondi, para encorajá-la.

— A questão não é essa — choramingou Jenna. — Mas vou dar um jeito na situação.

— Como? — perguntei, ao mesmo tempo horrorizada e intrigada.

— Bom, ele é um astro do rock famoso, e eu apareci num clipe da banda dele. Ele disse que já não está se entendendo mais com a esposa, e que provavelmente vão se divorciar. Mas isso é o que todos dizem. — Ela jogou a cabeça para trás. — Em nosso último encontro gravei um vídeo nosso sem ele saber. Se ele não começar a me tratar bem, vou divulgar o vídeo!

Arregalei os olhos. Ela era exatamente o tipo de assistente de que Reardon *não* precisava.

— Isso foi bem esperto! — exclamei, mantendo o tom de encorajamento, como se fôssemos melhores amigas. — Onde foi que você escondeu o vídeo?

— Na casa de hóspedes do Reardon. — Ela deu uma risadinha. — Foi onde eu filmei!

— Garota esperta — falei, e depois a despachei para fazer alguma tarefa. Fui falar com Reardon na mesma hora.

— Eu falei para não contratar a Jenna — disse, indignada, com a mão na cintura.

— Você tem que dar um jeito nisso. Não quero drama. E mande ela embora — ordenou Reardon.

— REARDON!

— Apenas dê um jeito.

Eu ainda me sentia em dívida com Reardon, já que ele me deixara ficar com o jogo.

★ ★ ★

Enquanto Jenna estava fora, incumbida de procurar uma marca de caviar que não existia, fui para a casa de hóspedes de Reardon e encontrei a câmera e a fita. Gravei outro vídeo com cenas do quarto e pus no bolso a fita da chantagem.

Eu tinha um amigo músico que costumava acompanhar as turnês dessa banda e me colocou em contato com Gage, o astro do rock e, agora, de um filme pornô caseiro.

Gage me pediu para encontrá-lo no estúdio. Quando cheguei lá, ele estava do outro lado do vidro, cantando. A situação toda era surreal. O empresário dele me recebeu com menos entusiasmo do que eu esperava, considerando que eu estava salvando seu principal cliente de um mundo de sofrimento e prejuízo.

— Quanto? — perguntou logo que me vi.

— O quê? Nada! — respondi, dando-me conta de que eles pensavam que eu queria vender a fita.

— Sério?

— Sim, sério — reiterei, ofendida.

— Sério mesmo? — insistiu ele.

— SIM! — repeti.

— Gage, vem cá!

Gage apareceu e me fuzilou com o olhar.

— Ela não quer dinheiro — disse o empresário.

— Bom, então, O QUE você quer?

— Nada. Só imaginei que você ia querer isto aqui antes que fosse ao ar.

Fomos para os fundos e eles me convidaram para me sentar e conversar um pouco.

— Quer ir com a gente para Vegas e ver nosso show?

Declinei do convite, educadamente.

— Vamos assistir ao vídeo? — propôs Gage, malicioso.

— Tenho que voltar para o trabalho — menti.

— Muito obrigado. Como posso retribuir?

Pensei durante um minuto.

— Você conhece alguém que joga pôquer?

★ ★ ★

O jantar foi marcado para a noite seguinte. Os amigos de Reardon eram, basicamente, um bando de caras endinheirados e degenerados e garotas

jovens, lindas e decorativas. Na verdade, era legal observar desse outro ângulo a vida de Reardon.

Sam e Cam chegaram e afagaram carinhosamente minha cabeça.

— Olha só quem ficou um tesão! — declarou Cam, aos berros. (Cam jamais teve uma voz "interior"; berrar era seu modo normal de falar.)

Eu estava à espera de uma pessoa específica, e Reardon sabia disso.

— Não se preocupe, ele vem — disse.

— Cala a boca, Reardon. Não sei do que você está falando — protestei, tentando não enrubescer.

— Que tipo de problema você está causando agora, Green? — perguntou uma voz atrás de mim. Era Drew. Virei para trás e ele me deu um abraço apertado. — Oi, Molly. Você está maravilhosa!

— Obrigada, Drew. — Senti o rosto corar.

Cam deu um tapão nas costas de Drew.

— McCourt! E aí, jogador? Esta semana os seus Dodgers me arrebentaram. Perdi meio milhão por causa daqueles filhos da puta. Precisei de um carro-forte da Brink's para pagar meu agente de apostas. Não estou brincando, olha só.

Ele sacou o celular e nos mostrou um vídeo em que aparecia fazendo uma dancinha bizarra na frente de um carro-forte da Brink's.

— Dá uma olhada no vídeo seguinte. Sou eu dando treze numa garota.

Eu não precisava ver Cam dando qualquer coisa numa garota, muito menos treze, seja lá o que fosse aquilo.

— Quer uma bebida? — perguntei a Drew.

— Claro. — Ele riu. — Vou com você. Não sei como aguenta isso — disse ele, ainda rindo, quando nos afastamos.

— Não trabalho mais no escritório — expliquei. — Só no jogo. Agora cuido apenas do pôquer. E você, o que me conta? — perguntei, tentando mudar de assunto.

— Não estou mais com a Shannen.

— Que pena, sinto muito — comentei, sem a menor sinceridade.

— É uma coisa boa — disse ele.

Ouvi uma gritaria do lado de fora, e olhei bem a tempo de ver Cam saltando do telhado para a piscina.

— Ah, meu Deus, a coisa começou cedo.

Drew e eu passamos boa parte da noite juntos, no canto do sofá, rindo das palhaçadas e maluquices que aconteciam a nosso redor. Era muito agradável conversar com ele. Ficar perto dele era empolgante e confortável ao mesmo tempo.

★ ★ ★

Dias depois, meu telefone tocou. Era Drew, querendo saber se eu estava livre naquela noite.

— Jantar?

— Claro — respondi, fingindo tranquilidade, enquanto, na verdade, meu estômago se revirava.

— Passo aí para pegar você? — perguntou ele.

Fomos ao Madeo, pedimos uma garrafa de vinho e ficamos conversando sobre família, atualidades, ciências, esportes. Ficamos lá até os garçons começarem a fechar o restaurante. Ele pagou a conta e saímos; uma limusine nos aguardava para me levar de volta para casa.

Olhei para Drew e estava prestes a agradecê-lo por uma noite maravilhosa quando ele se inclinou e me beijou. Foi um beijo perfeito.

O Marreta piscou as luzes da limusine e buzinou, arruinando o momento.

— Beleza, tchau — falei, relutante, e entrei no carro.

— Esse aí é seu homem, baixinha? — perguntou o Marreta.

Gargalhei.

— Poderia ser, se você não tivesse estragado o momento.

Ele caiu na risada.

— Não vá se liberando toda para ele, senhorita. Obrigue o cara a suar a camisa para conseguir.

Não é todo dia que alguém recebe conselhos à meia-noite de um ex-presidiário dirigindo uma limusine, mas o Marreta tinha razão. Por isso, como uma boa menina, fui direto para casa.

★ ★ ★

Uma semana depois, estava seguindo as instruções que Drew me dera para localizar a casa de sua família, no luxuoso bairro de Holmby Hills. Num acostamento perto do meu destino final, havia um mercadinho que vendia mapas das casas de astros e estrelas de Hollywood. A rua se alargava e depois as casas desapareciam, e de ambos os lados viam-se apenas gigantescos muros cobertos de hera. Tudo que eu conseguia ver eram grandes muros e muito, muito verde, cor das trepadeiras e do dinheiro.

Parei junto ao portão e toquei o interfone. Eu estava acostumada a essa rotina agora. Os enormes portões se abriram e comecei a subir a ladeira que levava até a casa. Meu carro avançava e avançava, e a entrada não acabava nunca. Olhei ao redor, a propriedade devia ter vários hectares, porque não havia outras residências à vista. No topo da ladeira, havia um enorme chafariz rodeado de outras fontes menores. Dei a volta e, quando enfim encontrei a casa propriamente dita, vi que era algo monstruoso. Fiquei sentada dentro do carro, respirando fundo. Já tinha visto casas chiques antes, mas aquela estava em outro nível: é diferente quando casas chiques

pertencem aos pais do namorado da gente. De repente, eu estava totalmente constrangida.

Saia do carro, Molly. São apenas pessoas. Saí com cautela, perguntando-me por qual porta deveria entrar.

Por sorte, nesse momento, Drew apareceu.

— Oi — cumprimentou ele.

— Oi — respondi, mantendo certa distância.

— Você quer entrar ou vai ficar aí mesmo? — perguntou Drew. Depois, ele me deu um abraço e me senti um pouco melhor.

★ ★ ★

Segui Drew atravessei portas colossais que se abriram para um saguão de mármore. O pé-direito devia ter mais de quinze metros. As obras de arte nas paredes eram de tirar o fôlego, e o ar recendia a flores recém-colhidas. Passamos por um salão de jantar formal que abrigava a mesa mais comprida que eu já tinha visto, e chegamos à cozinha americana, onde a mãe de Drew estava parada diante do fogão, cozinhando. Jamie era pequenina, menos de 1,60 metro, loira e bonita. Ela largou a espátula e veio em minha direção, estendendo a mão para me cumprimentar.

— Eu sou a Molly.

— Claro que sim — disse Jamie. Seus olhos eram bondosos e sinceros. — Estou muito feliz por conhecer você.

O restante da família foi chegando. O pai de Drew, Frank, apertou minha mão com toda cordialidade. Frank era alto e bonitão. Ele e a esposa formavam um casal lindo. Travis, Casey e Gavin, os três irmãos mais novos de Drew, eram todos bonitos e simpáticos.

— Posso ajudar em alguma coisa? — perguntei, lembrando-me das boas maneiras.

— Ah, não! Mas pode se sentar e papear aqui comigo — disse Jamie.

Eu me sentei no tamborete da cozinha enquanto Frank e os demais se acomodaram na sala contígua para ver um programa de esportes com os melhores momentos do beisebol. Senti instantaneamente uma conexão com Jamie. Parecia tão normal estar lá conversando com a mãe de Drew que era fácil esquecer que eu estava numa mansão de três mil metros quadrados. Enquanto ela fatiava, picava e fervia, contou-me que era não apenas a vice-presidente dos Dodgers, mas também que tinha se formado em direito em Georgetown, tinha um diploma em administração de empresas pelo MIT e, pelo que vi, deve ter frequentado uma escola de culinária em Paris.

Ajudei-a a pôr a mesa e ela foi chamar os rapazes, que a ignoraram por completo, num perfeito clichê sobre como se comportam os homens quando estão vendo algum jogo ou programa esportivo. Foi aí que Jamie, do

alto de seus cinquenta quilos, marchou até a sala de estar e deu a ordem de forma autoritária. De forma obediente, todos se levantaram e a seguiram até a mesa, enquanto eu observava, admirada.

O jantar estava maravilhoso, de dar água na boca, e foi de longe uma das melhores refeições que fiz em Los Angeles. As conversas giraram em torno de esportes, política e negócios. Eles fizeram perguntas sobre minha família no Colorado e sobre meu trabalho no ramo da produção de eventos. Respondi serenamente a todas as perguntas, lembrando a mim mesma de que não estava de fato mentindo. Eu era de fato dona do meu próprio negócio.

A noite foi regada a risadas e uma tranquilidade natural. Eu me senti arrebatada ao observar Drew contar piadas e brincar com os irmãos. Sabia que meus sentimentos por ele estavam ficando mais intensos, mas aquela noite foi um divisor de águas. O estilo de vida, combinado à intimidade e à sensação de normalidade... como não me apaixonar? Além do mais, adorei a família dele. Tirando todos os adornos, eram como a minha família, e exatamente o tipo de família que eu queria para mim algum dia.

Quando terminamos de beber o Brunello que Frank havia selecionado da adega, já era tarde. Os rapazes já tinham subido para fazer o dever de casa, e Drew e Frank ficaram discutindo negócios na sala de estar.

— Molly — disse Jamie. — É tão bom ver o Drew feliz assim; ele gosta mesmo de você.

Retribuí o sorriso dela e disse baixinho:

— Eu também gosto muito dele.

A verdade era que eu estava me apaixonando perdidamente.

CAPÍTULO 17

Ir aos jogos de beisebol com a família de Drew não era nem um pouco parecido com ir aos jogos com meus irmãos quando eu era criança. Naquela época, a gente usava calça jeans e tênis e se sentava nas arquibancadas mais distantes do campo, comia porcaria e gritava junto com a torcida. Já com os McCourt, eu ia bem-arrumada e me comportava de modo civilizado. Nada de cachorro-quente nem cerveja. A família se vestia de forma elegante, sentava-se perto do banco de reservas dos jogadores e sempre levava algum convidado importante. Era uma coisa bastante séria. Eles tinham investido um bocado de dinheiro, tempo e paixão naquilo. Por isso, cada partida era um grande acontecimento.

Certa noite, eu estava sentada entre Drew e o ex-gerente do time, Tommy Lasorda, assistindo a uma partida entre os Dodgers e o San Diego Padres. Eu estava agradecida pela presença de Tommy. Com ele, o clima ficou mais leve, e nas trocas de rebatedores ele cantava músicas para mim.

— Está se divertindo, Molly?

— Ah, sim! — respondi com entusiasmo, e Tommy assentiu e se virou para retomar a conversa com Frank.

Eu podia até ter elevado a qualidade do meu jogo de pôquer, alçando-o do porão para a cobertura, mas o império que eu regia seria sempre um prato repulsivo e de mau gosto para ser servido em jantares formais. Com certeza não era algo adequado para o tipo de companhia com quem eu convivia durante meus passeios com os McCourt. Nem mesmo Drew sabia plenamente do meu grau de envolvimento no negócio. Tudo o que ele sabia era que às vezes eu me tornava vaga e ocupada demais quando deveria lhe dar minha completa e irrestrita atenção.

★ ★ ★

O estádio estava pegando fogo. Todos testemunhamos uma daquelas extraordinárias viradas do beisebol que fazem uma multidão roer as unhas de ansiedade, o tipo de jogo em que a expressão "se segurar na cadeira" foi cunhada. Os Dodgers estavam travando uma batalha contra os Padres, e de repente reagiram e conseguiram mais duas corridas. Nomar Garciaparra se levantou do banco para rebater, e no exato momento em que ele acertou

uma rebatida perfeita, mandando a bola para o alto das arquibancadas num *home run* duplo que empatou a partida, senti meu celular vibrando no bolso. Era Tobey.

O Ben vai ligar para você agora. Dei seu número para ele. Dê um jeito de colocá-lo no jogo!

A multidão estava de pé. Extasiados, os McCourt me abraçavam. Meu telefone começou a tocar.

Ai, claro, isso tinha que acontecer. Como eu poderia sair dali naquele momento?

Espremendo-me e serpenteando, escapei do meio da celebração em massa e lancei para Drew um olhar de desculpas. Ele não pareceu nem um pouco feliz, mas eu não tinha escolha. Precisava atender àquela ligação.

Desde que assumira oficialmente o jogo, toda vez que Tobey ligava eu atendia. No começo do meu reinado do pôquer, a atenção de Tobey era algo lisonjeiro. Contudo, à medida que fui me acostumando à minha nova posição, acabei por constatar que as conversas que antes faziam com que eu me sentisse esperta e especial eram para ele pura questão de estratégia. Eram como o truque com a Shuffle Master, o "generoso" aluguel que provavelmente lhe rendera lucros da ordem de quarenta mil dólares no decorrer dos últimos dois anos.

A última iniciativa de Tobey era tentar aumentar o valor das apostas. Esse *lobby* em particular também era do meu interesse, porque minhas gorjetas eram baseadas numa porcentagem dos ganhos. Embora a porcentagem variasse de jogador para jogador, ganhos maiores em geral equivaliam a gorjetas maiores. O jogo que eu vinha gerenciando tinha um *buy-in* de dez mil dólares, mas Tobey queria aumentar para cinquenta mil. Eu sabia que, caso levássemos adiante a manobra do aumento, perderíamos alguns jogadores cruciais, por isso queria me certificar de que teríamos substitutos a postos antes de implementarmos a mudança. Espalhei a notícia e sondei alguns jogadores que eram apostadores de alto calibre. Eu estava no encalço de Rick Salomon, um jogador de peso considerável, e Arthur Grossman, a mais graúda de todas as baleias.* Eu também ouvira falar que Ben Affleck tinha o hábito de jogar e que apostava alto. Perguntei a Tobey algumas vezes a respeito, e ele prometeu que me colocaria em contato com Ben.

E então ali estava eu, recebendo a ligação dele, e precisava atender, embora fossem os instantes finais da nona entrada da partida, os Dodgers lutando para vencer um jogo crucial.

Corri pelo túnel até a extremidade, mas mesmo assim o barulho ainda era ensurdecedor. Peguei o telefone e rezei para que ele não ouvisse aquela barulheira do outro lado da linha.

— Alô?

— Oi, Molly — disse uma voz familiar, que reconheci de uma dezena de filmes. — Aqui é o Ben. Estou ligando numa hora ruim?

— Não, nem um pouco — menti.

— Ouvi dizer que você comanda um jogo e tanto.

— Pois é. É um jogo bem bacana, tem muita ação. A melhor parte é que a maioria dos jogadores nem sabe jogar direito.

Ben soltou uma sonora gargalhada.

— Parece divertido. Qual é o *buy-in*?

Hesitei. Afinal, cinquenta mil dólares era uma quantia altíssima, e eu não queria afugentá-lo. Celebridades eram um enorme atrativo para o jogo.

— Tenho dois jogos diferentes. O *buy-in* é de dez mil ou cinquenta mil.

— Ótimo. Provavelmente eu estaria interessado no jogo grande. Cinquenta mil.

Ali, de pé com as costas contra a parede e ouvindo a ruidosa gritaria da multidão ao longe, eu via as pessoas passando, num borrão.

Ben Affleck estava interessado no jogo grande. Tobey tinha razão. O campo estava mudando agora, e as apostas, ficando mais altas. Senti uma descarga de adrenalina. Eu passara dois anos observando o tipo de quantia que um cara podia perder no *buy-in* de dez mil dólares: seis dígitos, fácil. Esse jogo seria cinco vezes maior. Eu estava começando a compreender como aquele mundo funcionava, acostumando-me com aquilo. A aposta é compulsiva, e os jogadores sempre querem aumentar suas fichas. Eu podia agir com cautela e manter o *buy-in* de dez mil dólares, mas agir com precaução não era tão divertido.

Voltei para meu lugar na arquibancada. Os Dodgers haviam milagrosamente assegurado a vitória.

— Onde você estava? — perguntou Drew.

— Resolvendo coisas do trabalho — respondi.

— Não podia ter esperado?

Embora Drew soubesse do jogo, era difícil explicar como aquilo funcionava.

Eu podia sentir a decepção dele, mas continuei olhando para a frente, na esperança de que o momento simplesmente passasse. Foi a primeira de muitas vezes que me senti dividida entre minha vida pública e minha vida secreta e clandestina.

---

* *Whale*, no vocabulário do pôquer, refere-se ao jogador endinheirado mas não muito bom com as cartas; sua habilidade é limitada, seu cacife, não. (N. do T.)

CAPÍTULO 18

Drew e eu faríamos uma viagem de última hora para Las Vegas, e prometi que, durante os dias seguintes, dedicaria a ele atenção exclusiva. Para ser realista, porém, era impossível que eu fosse a Vegas sem sondar um pouco o terreno e farejar novos jogadores em potencial, e isso diminuiu tanto minha empolgação por aquele interlúdio romântico quanto minhas possibilidades de ampliar a rede de contatos.

Os caras estavam jogando duas vezes por semana agora, às terças e quintas. Isso significava que eu dispunha da noite de sexta, além do sábado e do domingo para curtir Vegas; na segunda, precisaria voltar para ter certeza de que tudo estava em perfeitas condições para as mesas da semana.

Drew chegaria em trinta minutos e eu estava correndo de um lado para o outro tentando arrumar a mala em casa. Tinha acabado de cuidar das cobranças e dos pagamentos do jogo da noite anterior, e a empregada, que ficaria com minha cachorrinha Lucy, estava tentando me ajudar a aprontar tudo.

Drew me chamou da calçada no exato instante em que enfiava na mala alguns vestidos e joias e vinte mil dólares em dinheiro vivo para apostar um pouco nas mesas durante meu passeio em Las Vegas.

— Você está pronta, meu bem?

— Dois segundos! — berrei, agarrando o passaporte.

— Dois segundos de verdade ou dois segundos vezes dez minutos? — provocou ele.

— Dois segundos de verdade — respondi. — Não se preocupe, não vou deixar o Neil esperando.

★ ★ ★

O plano era pegar uma carona no avião de Neil Jenkins, o jovem amigo bonitão e endinheirado de Drew; o tipo de cara que só namorava modelos da Victoria's Secret, atrizes e coelhinhas da *Playboy*. O tipo de cara que tinha o próprio avião. Eu gostava de verdade de Neil. Ele era lindo, charmoso e um especialista em se divertir o máximo possível.

Nós o encontramos no aeroporto privativo, onde ele nos aguardava com sua comitiva, que contava com três das mulheres mais lindas que já tinha

visto na vida. Todas as garotas se conheciam, e assim que embarcamos elas se sentaram no fundo, aninhadas no sofá, e me lançaram olhares glaciais. Nunca entendi essa dinâmica das mulheres de automaticamente odiarem umas às outras. Tomei a iniciativa.

— Oi. Meu nome é Molly, e vocês são as garotas mais maravilhosas que já vi. Estou bem intimidada com a beleza de vocês.

Elas amoleceram no mesmo instante, e lá pelo meio do voo de 45 minutos estávamos todas conversando e morrendo de rir como se nos conhecêssemos há um milhão de anos. Dois carrões Navigator escuros estavam à nossa espera no aeroporto para nos levar ao hotel, onde fomos escoltados para a entrada VIP. Nosso "quarto" mais parecia uma mansão, com uma impressionante vista da cidade.

Ficamos lá juntos, contemplando a Strip, todos os hotéis iluminados feito um sonho em Technicolor.

— Fico feliz por estarmos aqui — disse Drew.

— Eu também — respondi.

Precisávamos de uma viagem como aquela. Disse a mim mesma para esquecer o trabalho e que naquele fim de semana tudo giraria somente em torno de nós dois. Eu não estava lá para trabalhar. Não iria trabalhar. Nem sequer pensaria em trabalho.

Embora estivéssemos em Vegas, onde as apostas reinavam...

★ ★ ★

Drew foi encontrar Neil enquanto eu me arrumava com minhas novas amigas no banheiro de mármore da *villa* delas, ainda maior que a minha. Tifanny, Lauren e Penélope formavam um trio e tanto. Eram todas coelhinhas da *Playboy* e, quando entramos no cassino, senti o poder de tamanha beleza. Todos os caras nas mesas viraram a cabeça para nos observar.

No mesmo instante me ocorreu que aquela seria uma maneira incrivelmente eficaz de recrutamento. Meus pensamentos começaram a se atropelar. Gostei muito das garotas, e estávamos nos divertindo bastante, mas precisava descobrir se podia confiar nelas antes de trazê-las para meu mundo.

Encontramos Neil e Drew na sala de altas apostas, na mesa de vinte e um. As garotas ficaram de lado.

— Posso jogar? — perguntei.

— Claro! — exclamaram ambos.

Neil apresentou-me a seu anfitrião no cassino.

— Blake, esta é a Molly. Ela comanda os maiores jogos de pôquer em L.A.

Blake se aprumou e apertou minha mão de maneira solene. Recebi seu cartão de visitas e um "cartão de jogador", que registraria minhas apostas nos jogos, de modo que o cassino pudesse me recompensar com cortesias e mordomias.

Drew e eu nos instalamos na mesa de vinte e um. Ele era um jogador experiente, e permiti que me aconselhasse toda vez que eu estava indecisa entre pedir mais uma carta ou parar. Em uma hora e meia, consegui transformar cinco mil dólares em quinze mil.

— Volto já — falei para Drew.

Subi de nível, trocando as fichas pretas de cem dólares por uma pilha menor de fichas alaranjadas que valiam mil dólares cada — e depois fui falar com o anfitrião. Pelo que entendi, ele em geral "recebia" apostadores de grande envergadura como Neil, e seus contatos poderiam ser bastante úteis para mim.

Eu também sabia que não existia uma coisa chamada "favor", por isso precisava dar a ele algum incentivo.

— Vamos tomar um drinque, Blake? — propus.

— Claro.

Olhei de relance para Drew, que ainda estava feliz da vida jogando na mesa. Ele mal parecia ter notado minha escapadinha.

Sentei no bar ao lado do anfitrião e o encarei nos olhos.

— Acho que podemos ajudar um ao outro — comentei.

— Como assim? — indagou ele, acenando para o *barman*.

Fizemos nossos pedidos, então continuei.

— Bem, estou sempre precisando de novos participantes para o meu jogo... e venho pensando em organizar viagens a Vegas. E poderia mandar para cá dez jogadores dos mais importantes da mesa, que usariam, todos eles, seus serviços de anfitrião.

— Ora, isso é interessante.

As bebidas chegaram, e ele inclinou seu copo de Johnnie Walker Blue Label na direção do meu.

— Acho que você acabou de virar minha nova melhor amiga.

★ ★ ★

Quando os rapazes se cansaram das mesas, fomos para a boate. Drew e eu nos sentamos num banco estofado enquanto as meninas dançavam na pista com Neil, atraindo os olhares de todos os homens presentes, incluindo Rick Salomon, um dos jogadores em quem estava de olho fazia algum tempo. Rick era o cinegrafista, diretor e coprotagonista da infame *sex tape* de Paris Hilton que, segundo boatos, ele vendeu para a produtora de filmes pornográficos Vivid por sete milhões de dólares. Salomon também tinha a

fama de ser um apostador de alto calibre. Tínhamos nos encontrado algumas vezes, e eu jamais mencionara o jogo, mas ele sabia quem eu era e percebi que o homem era um tanto cauteloso (esse cuidado todo, mais tarde fiquei sabendo, era fruto de uma completa paranoia). Senti que era melhor esperar que ele viesse falar comigo.

As garotas estavam bebendo uma dose atrás da outra e dançando de forma provocante na pista — não apenas umas com as outras, mas também interagindo com as mulheres nuas — cujo corpo estava coberto apenas por gardênias — que faziam figuração numa pequena banheira em cima do palco. Vi de soslaio Rick assistindo ao espetáculo.

— Ei, como vai o jogo? — perguntou ele, os olhos grudados em minhas novas amigas e a sedutora performance delas em cima do palco.

Olhei para ele de uma forma que dizia claramente que o jogo estava uma loucura de tão bom, mas não abri a boca. Queria que Rick admirasse meu compromisso com a discrição.

— Quem joga?

— Não posso dizer. Mas tenho certeza de que você conhece a maioria.

Ele conhecia, sem dúvida alguma. Era um jogador inveterado, e eu estava falando da roda de pôquer mais icônica de Los Angeles.

— Eles vão estar lá?

— Vão — menti.

— Ligo para você quando a gente voltar a L.A. Provavelmente vou jogar na semana que vem.

Ele meneou a cabeça para mim e se afastou, enquanto eu sorria comigo mesma imaginando o que podia acontecer até quando eu tentava não trabalhar. Tinha triplicado meu dinheiro no vinte e um, e fiz ótimos contatos com o anfitrião e minhas novas amigas. Sabia que todos os Ricks Salomons do mundo seriam presas fáceis.

Agarrei a mão de Drew.

— Cansou de bancar a política? — disse ele, rindo.

— Sim! — exclamei, dando um beijo nele.

Servi-me de uma taça de champanhe e de repente senti uma felicidade delirante. Essa sensação cresce dentro do peito da gente feito um balão de hélio. Fechei os olhos e disse a mim mesma para saborear o momento.

CAPÍTULO 19

Assim que voltamos de Las Vegas, liguei para Blake, o anfitrião do hotel.

— Tenho uma coisa que vale ouro para você — disse ele. — Vou confiar que, em troca, vai cuidar para mim daquele lance da viagem para Vegas.

— Você tem a minha palavra.

— O nome dele é Derek Frost. É um cara jovem, rico e um verdadeiro degenerado. O homem é difícil, mas perde de dez a vinte milhões por ano. Você vai querer o telefone dele.

— Qual é a linha de crédito dele com você? Como ele é na hora de pagar as dívidas?

— Três milhões. Ele sempre quer descontos e concessões, mas nunca deixa de pagar. Só que é um cara esquisito. Ainda que seja um dos nossos maiores jogadores, prefere viajar pela Southwest, mesmo a gente prometendo mandar o jatinho particular que ele quiser.

Balancei a cabeça. Apostadores sempre enxergavam o dinheiro de uma maneira singular. No começo, eu não entendia, apenas balançava a cabeça, confusa, quando reclamavam do preço dos quartos de hotel ou dos restaurantes que forneciam a comida do jogo, mas não viam problema algum ao apostar seis dígitos numa mão horrorosa. Porém, acabei constatando que cada centavo que apostavam era uma oportunidade para ganhar dinheiro, e, mesmo quando as probabilidades estavam contra eles, sempre havia uma chance de ganhar.

★ ★ ★

Liguei para Derek Frost e combinamos um encontro num café. Quando cheguei, o lugar estava vazio, o que era estranho para Los Angeles. Ninguém na cidade cumpria horários de expediente normais, e os cafés em geral viviam lotados durante o dia.

Eu me sentei ao sol do lado de fora e fiquei lendo e-mails enquanto esperava. Depois de alguns minutos, olhei para a frente e vi que um homem alto, moreno e bonitão vestindo — ai, meu Deus — *um uniforme de policial* caminhava em minha direção.

— Molly? — perguntou ele.

Que diabos estava acontecendo? Blake havia armado uma cilada para mim? Eu estava sendo presa? Tive que refrear a vontade de sair correndo.

— Sim — respondi, nervosa. — Você é o Derek?

Tentei chegar a uma conclusão sobre a possibilidade de estar cometendo algum tipo de crime ao me encontrar com um policial num café a fim de seduzi-lo a se juntar a mim em meu jogo de pôquer da "área cinzenta".

— Não se preocupe — disse ele. — Sou apenas um policial voluntário. Nas horas vagas.

— Mas ainda assim é policial, certo?

— Não se preocupe. Não estamos atrás de garotinhas e seus jogos.

— Você não é o que eu esperava — comentei.

— Igualmente — respondeu ele. — Achei que você seria mais velha e não tão bonita.

Sorri, ainda espantada e convencida de que precisava falar com meu advogado.

— Olha, se isso aqui fosse uma tentativa de armação, eu daria as caras de uniforme?

O argumento dele era pertinente.

— Em todo caso — continuou Derek —, é apenas um jogo de pôquer. Não tem nada de ilegal.

Era em momentos como aquele que eu compreendia que estava andando numa linha bastante tênue. Quem atua numa área legítima não tem um ataque do coração quando um potencial cliente aparece usando um traje de agente da lei.

Entramos no café, onde aprendi um pouco sobre Derek. Ele odiava Hollywood e sua "gente falsa", mas adorava apostar. Ele sem dúvida queria participar do jogo seguinte, e definitivamente queria um lugar à mesa no jogo grande.

— Jogadores novos precisam se bancar. Não posso dar crédito nenhum na primeira noite. Então, você precisa levar tudo que quiser apostar, em dinheiro vivo.

— E quanto a fichas de cassino?

— Aceito fichas do Bellagio ou do Wynn.

Eram as únicas fichas que os outros caras aceitavam como pagamento. Acho que isso tinha a ver com o fato de Steve Wynn ser conservador e seus cassinos, sólidos. Suas ações eram confiáveis, e ele era o tipo de empresário que colocava a mão na massa. Meus jogadores mais importantes sabiam que as fichas dele eram boas.

— Sem problemas — disse Derek.

— Ah, e Derek, posso sugerir que use roupas de civil?

Ele riu.

— Pode deixar.

★ ★ ★

Com o acréscimo de Ben, Derek e Rick, eu já tinha um número mais do que suficiente de jogadores para o jogo grande. Comecei a fazer planos para a terça seguinte no Beverly Hills Hotel. Pedi o bangalô número um porque era separado do prédio principal e equipado e decorado de forma impressionante, além de ter um vestíbulo circular que seria útil para manter as entregas de comida e o serviço de quarto à parte do jogo.

Mais celebridades e apostas mais altas significavam que assegurar a privacidade estava se tornando cada vez mais importante. Quanto maiores as apostas, maior a paranoia.

Havia uma porção de variáveis no jogo grande, e eu me sentia ao mesmo tempo nervosa e empolgada. Como Rick se enturmaria com os jogadores mais civilizados? Quanto Derek levaria? Será que Ben ia gostar do jogo? Num esforço para fisgar Arthur Grossman, decidi mencionar o nome de Ben.

Eu vinha fazendo algumas pesquisas e sondagens sobre Arthur, que era conhecido por seu amor pelas mulheres e sua misteriosa, porém vasta, fortuna. Eu sabia que ele tinha bilhões de sobra para cobrir seu *buy-in*. Sabia também que ele adorava celebridades, e que Ben Affleck era a isca perfeita. Escrevi para ele:

Ei, Arthur. Estou organizando um jogo para o Ben e adoraria se você viesse jogar.

Não era de todo uma mentira. Eu estava mesmo organizando um jogo, Ben ia jogar, e com certeza havia um bocado de jogadores que adorariam se Arthur jogasse. Mudar a maneira de dizer fazia a coisa toda parecer um pouco mais instigante.

Depois liguei para Tobey.

— Opa — atendeu ele.

— Ei, você devia ligar para o Arthur. Contei a ele que o Ben vai jogar. Chamei também um cara novo, Derek, e o Rick disse que vai jogar. Se o Arthur jogar, vai ser uma escalação sensacional.

— Beleza, vou dar um toque nele — prometeu Tobey.

Gargalhei. Um gênio do mal com uma predileção por expressões como "dar um toque" e "pé no saco" era um gênio do mal de quem eu poderia gostar.

Vinte minutos depois, Tobey me ligou de volta.

— Ele está dentro.

— Bom trabalho, Hannibal. — Eu tinha adquirido o hábito de chamar Tobey de Hannibal Lecter depois de um jogo recente. Nessa tal noite, vi Tobey persuadir um cara a desistir de uma mão vencedora, o que também é chamado, no vocabulário do pôquer, de *folding the nuts*, ou seja, desistir mesmo tendo a melhor mão possível.

— Juro pela vida da minha mãe que essa mão ganha da sua — dissera Tobey para o sujeito, de maneira convincente e sincera. — Eu não mentiria para você, cara.

O adversário ficou confuso. Eu o vi fitar as próprias cartas, sabendo sem sombra de dúvida que tinha a mão vencedora, mas, de repente, ele ficou inseguro após a fala de Tobey. A sinceridade e a seriedade de Tobey eram tão persuasivas que, no fim das contas, o cara, ainda que relutante, entregou os pontos. Para aumentar o estrago, Tobey depois exibiu, em tom triunfante, seu blefe. A meu ver, as ações dele eram na verdade de mau gosto.

— Vejo você na terça.

Agora as notícias sobre o jogo grande se espalharam, e eu recebia um bocado de ligações de jogadores profissionais praticamente implorando por um lugar à mesa. Alguns me ofereciam dinheiro vivo, outros propunham um *free roll*, ou seja, a chance de ganhar algo sem risco ou custo algum, o que significava que, caso ganhassem, eu receberia uma porcentagem e, se perdessem, eu não teria prejuízo algum. Eu sabia que autorizar a participação de profissionais era o caminho infalível e certeiro para o fracasso. Eles ganhariam todo o dinheiro, e parte do que tornava meu jogo tão especial era a química à mesa e o fato de que ninguém ali jogava para ganhar a vida.

A lista final de participantes para o jogo grande era: Tobey; Ben; minhas duas novas baleias, Derek Frost e Rick Salomon, e, com sorte, Arthur Grossman; Bob Safai; Houston Curtis; e algumas caras novas — Bosko, um senhor garboso e sexagenário; Baxter, um mago das finanças que adorava jogatina; e Gabe Kaplan, que muitos anos atrás, na década de 1970, fora o astro da série *Welcome Back, Kotter*. Todos os jogadores, exceto Tobey e Houston, gostavam de adrenalina. Gostavam de ir com tudo. E o *buy-in* inicial era de cinquenta mil dólares, o que significava que haveria meio milhão de dólares em cima da mesa antes mesmo de as primeiras cartas serem distribuídas. Seria uma noite e tanto.

★ ★ ★

Diego, já com a mesa, me encontrou no hotel. O carregador de malas já havia arrumado a mobília de acordo com minhas instruções.

Diego e eu estávamos ligados por uma amizade especial agora. Nossa parceria estava estabelecida naquele mundo estranho e maravilhoso.

Nessa noite, escolhi com cuidado a roupa que usaria: um vestido preto suficientemente decotado para ser sexy, mas não o bastante para ser vulgar. Louboutins pretos, pérolas Chanel e uma jaqueta leve, que era uma peça importante, porque eu gostava de manter a temperatura baixa no salão do jogo. O ar mais gelado deixa os jogadores atentos, e não existe nada pior que

uma mesa repleta de jogadores de pôquer cansados e letárgicos. Eu queria a mesa explodindo de ação, energia e conversas.

A química à mesa é muito importante. É preciso começar com uma mistura cuidadosamente equilibrada de personalidades. Se o equilíbrio se perder e as apostas forem altas demais para alguns jogadores, isso mata o jogo. Se forem pequenas demais, todo mundo fica entediado. O *buy-in* de cinquenta mil dólares tinha atraído aqueles caras, por isso eu sabia que eles davam conta; sabia também que isso criaria potes de valor alto o bastante para fazer até os caras mais ricos suarem um pouco.

Retoquei o batom e esperei. Tinha convidado as novas amigas que fiz em Vegas, as "coelhinhas" Tiffany e Lauren. As duas apareceram para servir drinques e fazer as vezes de decoração. Estavam de tirar o fôlego. Eu sabia que os homens presentes no jogo naquela noite teriam muitos motivos para querer ficar — perto e longe da mesa.

O primeiro a chegar foi Derek Frost, usando roupas normais, graças a Deus.

— Belo cenário — disse ele, observando em volta e cravando o olhar em Tiffany e Lauren.

As duas garotas e eu nos sentamos para papear um pouco com Derek enquanto esperávamos a chegada dos demais. Tiffany era uma verdadeira profissional. Ela o fitava com seus olhos azul-turquesa, agia como se sua vida dependesse de cada palavra que Derek pronunciava, ria de suas piadas e fazia com que ele se sentisse o único homem no mundo. Era impressionante. E eficaz.

Talvez porque estivesse tão desarmado por Tiffany, ou talvez porque tivesse dito apenas o que diz todo mundo que não tem acesso ao mundo VIP, Derek Frost — o cara que me alugou durante uma hora discorrendo sobre como odiava a Hollywood — ficou claramente empolgado quando Tobey chegou com Houston. Eu os apresentei, e Tobey representou à perfeição sua faceta de astro de cinema charmoso e engraçado.

Baxter foi o próximo a chegar. Ele era um especulador da bolsa muito bem-sucedido, que parecia um pouco excêntrico, mas era um gênio dos números. Ouvi dizer que, durante sua juventude, ele havia sido banido de diversos cassinos por contar cartas e que era um completo animal à mesa — mais tarde constatei que a maioria dos especuladores e investidores também se comportava assim. Ao chegar, ele executava sempre a mesma rotina de esvaziar os bolsos, que sempre continham uma impressionante quantidade de itens: pinos de golfe, canetas, recibos, protetor labial. Ele me entregou um cheque em branco assinado que prendi com um clipe em minha prancheta. Naquela noite, todos os jogadores fizeram o mesmo — puseram em minhas mãos um cheque em branco assinado; o espaço do valor seria preenchido de modo a cobrir o *buy-in* e as perdas da noite, caso as coisas não saíssem do

jeito que queriam. Por enquanto, a *holding* Molly Bloom S.A. estava oficialmente rica.

Baxter foi se juntar aos outros caras. Com um gesto, chamei Derek.

Ele me seguiu até o banheiro, e abriu sua mochila assim que fechei a porta. Ele sabia o que eu queria: tinha 250 mil dólares em dinheiro e mais quinhentos mil em fichas do Bellagio. Conforme eu havia explicado no café, não poderia lhe dar crédito algum; desse modo, ao trazer 750 mil dólares em dinheiro, ele estava apto a pagar o *buy-in* quinze vezes naquela noite.

Embora eu estivesse delirando com a quantidade de dinheiro que havia recebido, sorri como se aquilo fizesse parte da minha rotina. Eu não queria que Derek começasse a repensar o fato de ter acabado de entregar a uma pessoa praticamente desconhecida 750 mil dólares.

— Ótimo, vou colocar no cofre agora.

— Não fuja com a grana — disse ele.

— Não fugirei, policial Frost — respondi, dando uma piscadela.

Nós nos juntamos aos outros a tempo de ver Bosko e Gabe Kaplan chegarem. Eles me cumprimentaram com um "oi" glacial; eram jogadores antiquados, e eu sabia que levaria tempo até me tratarem com algum respeito. Eu não me importava. Meu jogo falava por si.

Bob foi o próximo a chegar, e Baxter me perguntou se poderiam começar.

— Pessoal, vamos começar? — perguntei, minha voz se sobrepondo à animada conversa.

Claro que queriam.

★ ★ ★

Eles se ajeitaram em suas cadeiras e o jogo começou.

Já na primeira mão, Bob, Bosko, Baxter e Derek deram *all in*. O pote ficou com Bob, o que o deixou muito feliz. Diego, de quem Bob judiava quando perdia, também adorou o resultado.

Os caras se reabasteceram de fichas, rindo e contando piadas.

— Quero duzentos — disse Baxter.

Dei uma olhada ao redor da mesa para ver se alguém tinha alguma objeção. Baxter queria se assegurar de que teria fichas suficientes para acabar com Bob.

— Pensando bem, me dê quinhentos — corrigiu Baxter.

Olhei para ele, que meneou a cabeça para mim, e então contei quinhentos mil dólares em fichas para lhe dar.

— Quero quinhentos também — pediu Derek.

Olhei para Tobey no mesmo momento em que ele olhou para mim e assenti, indicando que eu tinha o dinheiro em espécie. Ele arqueou as

sobrancelhas e pareceu impressionado.

Contei as fichas de Derek.

— Me dê mais trezentos — disse Bob.

Um concurso de quem tem mais testosterona, pensei, contando as fichas. As cartas nem sequer haviam sido distribuídas para a segunda mão. Enquanto contava as fichas, olhei ao redor do salão para ver se alguém mais queria brincar de o Cara Mais Rico da Mesa de Pôquer. Como não houve nenhum outro candidato, a ação continuou.

Por fim, Bosko e Gabe saíram para fumar um charuto.

Eu estava na cozinha cuidando das bebidas. Pude ouvir as vozes dos dois homens ecoando no pátio.

— Quem diabos está cuidando deste jogo? — perguntou Gabe. Ele parecia preocupado. Havia muito dinheiro na mesa.

— A garota — respondeu Bosko.

— A garota? O que ela sabe? Quem lida com a grana? Quem oferece crédito? Como a gente sabe que esse tal de Derek é confiável?

— Precisamos ter essa conversa com Tobey — argumentou Bosko. — Não dá para confiar naquela garota para fazer isso.

Meu balão de felicidade murchou. Quis chegar lá pisando duro e dizer a eles que era esperta e capaz e que estava cuidando de todos os detalhes do jogo num nível que faria A CABEÇA DELES GIRAR.

No entanto, não fiz nada disso. Não podia mostrar a eles que aquilo me afetara. Ali não era lugar para sentimentos feridos. Eu não precisava que aqueles caras gostassem de mim, só precisava que acreditassem que eu sabia o que estava fazendo. Mandei uma mensagem de texto para Tobey pedindo que fosse acalmar os nervos dos caras e fazer com que voltassem à mesa.

Nesse exato momento, recebi uma mensagem de Ben.

Cheguei, dizia.

Uma onda de empolgação percorreu meu corpo — e, nesse instante, percebi o quanto eu tinha mudado. No tempo em que ainda era uma garota normal, o nervosismo e o frio na barriga que eu sentiria naquele momento seriam causados pelo fato de que estava prestes a conhecer um dos astros mais lindos e influentes do mundo. Ben Affleck aparecendo para participar do meu jogo de pôquer era algo monumental, mas o frio na barriga que eu experimentava naquele momento era o entusiasmo pelo fato de ele estar jogando na minha mesa, de que ele era parte do meu jogo.

★ ★ ★

Recebi Ben na porta. Ele era alto e bonito, com um carisma relaxado e descontraído que nem todos os ícones possuem ao vivo.

Ele pareceu surpreso quando lhe disse quem eu era.

— Você é tão jovem — disse ele.

— Nem tanto assim — falei, dando uma piscadinha.

Eu tinha 27 anos, mas parecia ainda mais nova.

Peguei o casaco dele e mostrei a planilha do *buy-in*.

Ele arregalou os olhos e consultou o relógio.

— Dois milhões na mesa, já?

— Pois é.

— Beleza, me dê cinquenta mil.

A essa altura, eu já tinha aprendido uma coisa ou outra sobre a psicologia de como um cara pede fichas. A vontade de acumular uma pilha gigantesca de fichas sobre a mesa ou jogar com uma pilha pequena é uma clara indicação de ego e estilo de jogo. Enquanto alguns caras querem as pilhas mais altas possíveis a fim de intimidar a mesa, a opção de *buy-in* de Ben me mostrou que ele era um jogador esperto que gostava de limitar seus riscos e sua desvantagem, sobretudo numa mesa com uma porção de caras com quem não estava acostumado a jogar.

Rick Salomon foi o próximo a me abordar. Ele era sexy. Era bronco e obsceno, mas ainda assim atraente, de um jeito meio homem das cavernas.

Eu o puxei de lado para lhe mostrar a prancheta com a planilha.

— Uau, eles estão excitados mesmo, hein? — disse ele, olhando-me de cima a baixo. — Quer transar?

Olhei para a cara dele, rezando para que meu rosto não estivesse tão vermelho quanto eu sentia que estava.

— Não, obrigada — respondi tranquila, como se ele tivesse acabado de me oferecer um Tic Tac.

Ele riu.

— Me dê duzentos mil.

Puta merda. Eu organizei um jogo de pôquer MONSTRUOSO.

Quando Rick se sentou, reparei que ele concentrava suas atenções em Ben. *Ai, meu Deus, não permita que ele diga nada constrangedor.* Rick não tinha filtro.

— E aí, fera, a bunda da Jennifer Lopez tinha celulite ou era lisinha?

O silêncio cobriu a mesa.

Ben olhou para Rick.

— Era lisinha — respondeu ele, iniciando um pote colossal.

A mesa toda riu, e o gelo foi quebrado. Aqueles caras podiam até ser personagens monumentais jogando com cifras enormes, mas no fim das contas eram apenas homens — e numa mesa de pôquer as pessoas desconhecidas logo se tornavam amigas de longa data.

Depois desse momento embaraçoso, e depois que Tobey assegurou a Bosko e a Gabe que eu sabia o que estava fazendo, o jogo decolou e ganhou vida própria. Foi uma daquelas noites perfeitas em que a conversa é animada, a ação é veloz e furiosa, e cada um dos meus jogadores, em geral

impossíveis de agradar, estampou no rosto um olhar que dizia que eles preferiam estar ali, naquela mesa, do que em qualquer outro lugar do mundo. Minhas gorjetas da noite refletiram o enorme sucesso do jogo. Acho que fui para casa levando quase cinquenta mil dólares. Depois que o último jogador foi embora e Diego e eu limpamos a bagunça, eu me sentei na varanda para ver o sol nascer. Eu descobrira um nicho incrível, tinha aprendido a fórmula para manter meu filão bem-sucedido e legal. Contanto que não cobrasse comissão nem uma porcentagem sobre cada pote, não estaria infringindo lei alguma. Eu não precisava cobrar comissão; enquanto mantivesse meu jogo restrito à participação de celebridades, bilionários e dinheiro fácil, os jogadores continuariam pagando gorjetas generosas a fim de serem convidados de novo, de modo a terem acesso àquele clube exclusivo. Eu havia encontrado uma brecha no sistema; ninguém mais fazia o que eu estava fazendo. Existiam jogos caseiros, jogos com comissão e jogos nos cassinos, mas ninguém pensou em criar um ambiente tão envolvente, tão sedutor e tão potencialmente lucrativo, cujas gorjetas deixadas pelos jogadores na verdade garantissem seu retorno à mesa. Eu estava pagando impostos e jogando de acordo com as regras, mas tinha feito as regras trabalharem a meu favor.

Parte quatro

COOLER

Los Angeles, 2008-2009

Cooler (substantivo)
Caso em que um jogador tem a mão muito forte, que em geral justificaria a aposta máxima, mas perde por um oponente com uma ainda melhor.

CAPÍTULO 20

Meus jogos não eram a única coisa que estava indo muito bem. Meu verão com Drew tinha sido um conto de fadas. Os pais dele tinham comprado uma casa em Carbon Beach, a faixa de areia mais cara de Malibu, conhecida como "praia dos bilionários" e habitada por celebridades e magnatas. Tinham comprado também a casa ao lado, que em algum momento planejavam demolir a fim de ampliar a residência, mas naquele verão cederam-na a Drew. Passamos os fins de semana nessa charmosa e multimilionária casa de praia.

Apesar da riqueza e do status, os McCourt valorizavam o tempo em família. Drew e eu íamos aos jantares nas noites de domingo e com frequência acompanhávamos os pais dele nos jogos de beisebol. Eu adorava ir às partidas dos Dodgers. Ver Jamie e Frank, os pais de Drew, realizando o sonho de serem donos de uma equipe esportiva era inspirador e romântico. Também passamos alguns fins de semana na casa de verão de Cape Cod, e visitei a casa da família em Boston, onde Drew tinha crescido. Eu queria que aquele verão durasse para sempre, mas a estação logo chegou ao fim.

Era o último fim de semana de agosto e nós fazíamos uma agradável caminhada de fim de tarde ao longo da praia. Lucy corria na frente, latindo para as ondas e inspecionando cada cheiro fétido que conseguia detectar.

— O que você vai fazer no seu aniversário? — perguntei.

O aniversário de Drew era na segunda semana de setembro.

— A gente pode ir para Nova York — propôs ele. — Assistir às finais do U.S. Open, comer bem e ver o jogo dos Dodgers contra os Mets.

Sorri. Em meu novo mundo, as férias de verão de fato nunca acabavam. Fazia sempre calor, o clima estava sempre ensolarado e havia sempre um plano novo e excitante.

— A gente pode ir com meus pais no avião deles.

Eu me perguntava se algum dia na vida me acostumaria àquela nova realidade. Eu não queria. Sempre quis me sentir entusiasmada daquele jeito, viva, ávida, cheia daquela intensidade.

Andando de mãos dadas com Drew pela praia, topamos por acaso com Rick Salomon, que alugara uma casa na área para passar o verão, um impressionante testemunho dos enormes lucros que a pornografia era capaz de proporcionar.

Shannen Doherty era ex-esposa de Rick e ex-namorada de Drew, então me encolhi de medo, na expectativa de que o encontro dos dois fosse constrangedor, mas nenhum deles pareceu dar a mínima.

— Ei, acha que a gente pode arranjar um joguinho de pôquer para hoje à noite? — perguntou Rick.

— Claro — respondi na hora.

— Você devia jogar, McCourt — sugeriu Rick.

— Em outra ocasião — disse Drew.

Eu sabia que ele jamais faria isso, e essa era uma das coisas de que gostava em Drew. Ele não era exibido e parecia ter um sólido respeito pelo valor de um dólar, apesar da riqueza de sua família.

— Vou mexer os pauzinhos e ligo para você daqui a pouco — prometi.

No caminho de volta, perguntei para Drew:

— Você não se incomoda, não é?

Eu sabia que tínhamos planos, mas Drew entenderia. Negócios eram negócios.

Ele disse que não, mas senti certa tensão no ar. Era trabalho, e, se fosse no caso dele, eu jamais atrapalharia suas ambições. Porém, fiquei com a angustiante sensação de que deveria tê-lo consultado e pedido sua opinião antes de fazer planos para passar a noite numa mesa de pôquer em vez de ficar em casa com ele.

Organizei o jogo em mais ou menos uma hora. Havia muito mais espectadores que o normal, em sua maioria garotas de biquíni. Sei lá como, o *rapper* Nelly apareceu. Era um sujeito muito bem-educado, e os membros de sua comitiva se sentaram em silêncio nos sofás em volta. Como era o último fim de semana do verão, havia uma porção de festas acontecendo ao longo da praia, e várias pessoas acabaram entrando de penetra. Não era minha forma habitual de lidar com as coisas, mas aquele era o jogo de Rick. No momento em que eu dava a Nelly outro *buy-in*, Neils Kantor entrou como um trovão. Descendente de uma riquíssima família conhecida por suas importantes coleções de arte moderna, Neils possuía a exuberância de uma criança. Contudo, debaixo da fachada juvenil, ele tinha uma mente perspicaz para os negócios. Com gestos entusiasmados, fui chamada para ir lá fora falar com ele. Pedi a Diego que tomasse conta do jogo para mim.

Neils agarrou meu braço de maneira dramática.

— Você vai me agradecer por isso — disse ele, os olhos cintilando e a voz muito animada, enquanto praticamente me arrastava escada abaixo até a areia molhada. — Conheço o Brad há muitos anos, ele administra um fundo de investimentos enorme, e faz isso MUITO BEM. Conheço bastante gente que já investiu milhões com ele. Brad aposta bem alto. Eu me encontrei com ele na praia e trouxe o cara para falar com você.

Neils olhava para mim com a mesma felicidade de um cachorrinho que acabou de buscar a bolinha.

Ainda estava me puxando pelo braço quando paramos na frente de um sujeito muito bonito vestido com roupas de praia.

— Este é Bradley Ruderman — anunciou Neils, orgulhoso.

Depois de trocarmos amenidades, convidei Brad para entrar. Infelizmente, não poderia usar o endosso de Neils como garantia. E tampouco queria pedir a Neils que fizesse o *voguing*. *Voguing* significava garantir os prejuízos acarretados por alguém. Nesse caso, se Brad perdesse, Neils cobriria a quantia que o amigo porventura não pagasse. A única fiança em que eu de fato confiava era a de alguém que participasse do jogo, e Neils nunca tinha jogado. Ele tinha as melhores intenções, sem dúvida, mas eu estava numa posição difícil e um tanto embaraçosa. Expliquei tudo isso a Brad, que agora observava o jogo com uma expressão nos olhos que, mais tarde acabei constatando, era de pura e verdadeira degeneração.

— Eu adoraria deixá-lo jogar, mas preciso que banque sua participação ou arranje alguém que sirva de garantia.

— Arthur seria suficiente? — perguntou ele.

Arthur olhou para cima e logo assentiu com a cabeça. Era tudo que eu precisava. Forneci fichas a Brad.

Brad era o pior jogador de pôquer que eu já tinha visto. Parecia que estava jogando pela primeira vez. Ele perdeu *buy-in* atrás de *buy-in*, até praticamente todo mundo na mesa ficar sem dinheiro e ele atuar como o financiador. Os jogadores olhavam para mim, incrédulos, depois que a agitação e o frenesi chegaram ao fim. Durante o jogo inteiro enviei mensagens de texto para Arthur, verificando cada *buy-in* e explicando a situação. Ele parecia imperturbável e me escreveu:

Ele pode bancar isso.

No fim da noite, Brad estava devendo seis dígitos num *buy-in* de dez mil dólares. Mesmo assim parecia feliz da vida.

— Minha casa fica a poucos metros daqui, bem pertinho. Vou lá pegar um cheque. Tudo bem? — perguntou ele, educado.

— Claro — respondi.

Brad praticamente saiu correndo porta afora. Eu tinha certeza de que ele não voltaria, mas, dez minutos depois, reapareceu com um cheque preenchido no valor total da dívida.

— Muito obrigado! — agradeceu ele, dando-me um beijo na bochecha. — Será que posso participar do próximo jogo? — perguntou na mesma hora, cheio de esperança.

— Claro, eu ligo para você — respondi, tentando esconder minha perplexidade.

Devia haver algo de errado. Aquilo parecia bom demais para ser verdade. Não era possível que o cheque tivesse fundos. Mas tinha, e foi compensado no mesmo instante. E assim teve início a era do Brad Bundão.

★ ★ ★

Drew, Travis e eu ainda estávamos meio bêbados quando fomos de carro até o aeroporto privativo para encontrar os pais deles. Tínhamos feito uma celebração antecipada do aniversário de Drew, e nenhuma noite com nossos amigos era moderada. Mascando chiclete e sem tirar os óculos escuros, tive que me concentrar para manter o equilíbrio enquanto subia os estreitos degraus do moderno jatinho G-5. O estado de Drew e Travis era bem pior que o meu. Drew e eu nos apossamos do sofá nos fundos da aeronave, fazendo força para segurar o riso. Os dois irmãos mais novos dele foram obrigados a se sentar na frente com Jamie e Frank, seus pais, que estavam compenetrados nos negócios, como sempre.

Eu já havia ido a Nova York algumas vezes — com a turma do acampamento de verão numa excursão para a Estátua da Liberdade e o Empire State Building, um pernoite no Queens custeado pelo apertado orçamento da equipe de esqui antes de seguirmos para o Centro de Treinamento Olímpico em Lake Placid, e uma escala a caminho da Grécia. Eu estava empolgada com chance de ver a cidade para valer agora. Tomei um café na tentativa de dissipar os efeitos do álcool. Não queria perder um segundo sequer daquela experiência. Pousamos no aeroporto privativo em Teeterboro, Nova Jersey, onde reluzentes utilitários pretos nos esperavam. Pela janela do carro, observei a lancinante verticalidade da área central de Manhattan. Estacionamos na frente do Four Seasons, e porteiros uniformizados se apressaram em abrir as portas dos carrões, carregaram nossa bagagem e nos conduziram até o lobby requintado. Era como se ter muito dinheiro filtrasse as inconveniências da vida, deixando para a gente apenas as melhores partes.

Adentrei o saguão de mármore e me senti arrebatada. Jamais tinha visto uma elegância tão impactante. Os funcionários nos levaram para a área do check-in, onde o gerente aguardava para receber os McCourt.

Descobri que o quarto que eu dividiria com Drew era uma suíte inteira no quadragésimo andar. Fui até a janela. Estávamos no céu. A cidade tinha uma beleza absurda. Eu mal podia esperar para experimentá-la em primeira mão.

Nessa noite, fomos todos ao restaurante Milos para um jantar em família com Tommy Lasorda; depois disso, Drew, um de seus irmãos e eu rumamos para uma boate. Drew conhecia os *promoters* da casa, por isso recebemos tratamento VIP completo. Ficamos na farra até tarde da noite, e mal tivemos tempo para tirar um cochilo antes de acordarmos bem cedo para uma maratona de eventos esportivos. Nossa primeira parada foi o estádio, no jogo dos Mets contra os Dodgers, onde curamos a ressaca com Bloody Marys e, do camarote, observamos os estrondosos urros das torcidas. Depois,

embarcamos de novo nos carrões pretos e fomos levados para Flushing Meadows, onde acompanhamos as finais do U.S. Open. Nossos assentos ficavam dentro da quadra. Estávamos tão perto da ação que dava para ver o suor voando do rosto de Andy Roddick. Depois de uma rápida troca de roupas no Four Seasons, nos reunimos para jantar no Il Mulino, e de lá fomos direto para uma boate diferente, onde encontramos outros amigos. Nova York movia-se num ritmo e numa escala que eu jamais seria capaz de compreender, e isso me deixou fascinada.

Na noite do aniversário de Drew, pedi que o serviço de quarto trouxesse bolo e champanhe. Drew soprou as velas e garantiu que tinha feito um pedido. Servi champanhe para nós dois e me sentei no colo dele. Eu queria dizer que o amava e que ele era meu melhor amigo. Queria falar do nosso futuro, perguntar o que ele queria da vida, mas Drew não era afeito a essas conversas. Ele era muito fechado e cauteloso com seus sentimentos. Nosso relacionamento dependia de certa dose de desconexão. Contudo, naquela noite, senti tudo que a gente não disse.

CAPÍTULO 21

Voltei de Nova York renovada e inspirada. Minha primeira providência foi pagar minha dívida com Blake, o anfitrião de Vegas, que havia cumprido sua parte do trato ao me apresentar a Derek. Eu precisava levar meus jogadores para um fim de semana em sua cidade.

A segunda pendência a resolver era organizar um torneio, algo que meus jogadores tinham mencionado algumas vezes. Parecia uma boa maneira de recrutar mais gente.

Depois de diversas conversas com Blake, eu me dei conta de que esquematizar um jogo em Las Vegas seria um desafio meio complexo. Para começo de conversa, eu tinha que encontrar um fim de semana em que pelo menos oito jogadores pudessem ir. Alguns desses jogadores precisariam arriscar a sorte nas outras mesas — vinte e um, roleta ou bacará. Era uma exigência de Blake. O cassino só ganha dinheiro de verdade quando é o jogador contra a casa. No pôquer, os jogadores jogam uns contra os outros, e a casa leva uma porcentagem mínima. Além disso, eu precisaria estabelecer linhas de crédito para todos os jogadores antes de o cassino mandar o avião. Antes de acertar a linha de crédito, todos os caras queriam negociar cortesias (as mordomias e os brindes concedidos pelo cassino) e descontos sobre potenciais prejuízos. Atuar como intermediária de tudo isso era uma empreitada e tanto. Para ser sincera, era um pesadelo.

Em seguida, precisava dar um jeito de levar na viagem uma porção de mulheres bonitas. Minhas amigas eram, quase todas, coelhinhas da *Playboy* acostumadas a receber adiantado por suas participações em eventos. Tentei explicar a elas que as gorjetas que receberiam nessa viagem excederiam o valor que elas normalmente ganhavam pelo dia de trabalho, mas, mesmo assim, elas queriam garantias. Depois eu tinha que tentar explicar a cada jogador por que ele não poderia ficar com a maior das *villas* e por que alguns teriam que dividir (ai, ai) um dos quartos de três banheiros e quinhentos metros quadrados. Por fim, precisava planejar o jogo propriamente dito, providenciar a entrega de uma mesa, o transporte das fichas e da Shuffle Master, além de organizar jantares e noitadas nas boates.

O torneio em si era ainda mais complicado.

Torneios são uma coisa bastante diferente dos *cash games*, os jogos com dinheiro, sobretudo porque a quantidade de fichas é finita. O *buy-in* era de cinquenta mil dólares, com direito a um *add-on* (compra de um montante

extra de fichas), que era uma opção de *rebuy* (recompra). Eu esperava formar quatro mesas de oito jogadores e chegar a 3,2 milhões de dólares de premiação total a ser distribuída entre os vencedores, com *cash tables* montadas à disposição para os jogadores que "quebrassem" e tivessem que sair do torneio por conta da falta de fichas.

Para meu primeiro torneio eu precisava de um espaço que fosse discreto e sofisticado, mas visível o suficiente para que outros clientes endinheirados pudessem ver o que estava acontecendo. Não perderia a oportunidade de arrebanhar novos jogadores, tanto para preencher a mesa quanto para exibir o jogo que eu tinha organizado para caras ricos e fabulosos.

Também fiz uma pequena incursão ao cassino Commerce, nos arredores de Los Angeles, e avisei a alguns *floormen* (supervisores das salas de pôquer) que me mandassem jogadores interessados em meu torneio. Disse que, se fizessem isso, eu os recompensaria generosamente.

O burburinho sobre o torneio, a viagem a Vegas com as coelhinhas da *Playboy* e a participação de Brad Ruderman, que continuava perdendo de seis a sete dígitos em todo jogo, se espalharam da forma que eu esperava. Por isso, não me surpreendi quando Jamie Gold me procurou. No entanto, fiz de tudo para parecer simpática e usei todo meu charme.

Marquei uma reunião com ele nas cabanas à beira da piscina do Four Seasons. Convidei as coelhinhas da *Playboy*. Tinha feito minha pesquisa acerca de Jamie. Ele acabara de vencer o Evento Principal do World Series of Poker (WSOP); sua premiação de doze milhões de dólares foi a maior soma da história do torneio. Em geral, eu não teria permitido a participação de um campeão mundial no jogo, mas Jamie era uma anomalia.

Eu passara a noite anterior ao nosso encontro assistindo ao vídeo da partida. Ficou claro que Jamie não era profissional; ele só estava com a corda toda e jogando sem medo. Eu mesma já tinha visto isso de perto — um jogador num dia tão sortudo que não conseguia perder, por mais que fizesse barbaridades com as cartas que tinha.

Havia três coisas de que eu gostava em Jamie: seu *bankroll*★ recém-turbinado, seu estilo desenfreado, e o que eu imaginava ser um ego tremendamente inflado, além de um desejo febril de provar que não era um artista de um sucesso só. Um zé-ninguém com grana de novo-rico numa mesa em que todo mundo era importante? Ele surfaria em sua maré de sorte pelo tempo que seu *bankroll* permitisse.

★ ★ ★

Jamie era pálido, magro e usava óculos de lentes grossas. Por trás de meus óculos escuros, eu o vi contornar a piscina, mas só demonstrei ter notado sua presença quando ele parou na minha frente, bloqueando o sol.

— Molly?

— Jamie! Oi! Reconheci você da televisão — comentei, afagando seu ego.

Eu jamais teria dito isso para uma verdadeira celebridade, mas sabia que isso o motivaria a atender às expectativas da minha percepção implícita.

Eu o apresentei a minhas amigas, e ficou claro que Jamie estava adorando a cena que seus olhos testemunhavam.

— Sente-se — insisti, colocando uma saída de praia e, com um gesto, pedindo ao garçom que lhe servisse uma taça de champanhe.

Elogiei sua performance no WSOP e depois iniciei uma explicação sobre meu jogo habitual.

— O *buy-in* é de cinquenta mil. Mas os caras vão fundo bem depressa. Para falar a verdade, o céu é o limite quando se fala em até onde os *blinds* podem chegar.

— Sem problema. Quanto maior, melhor — comentou Jamie.

Abri um sorriso.

— Em geral, não permito a participação de profissionais — afirmei.

— Ah, não sou profissional. Tenho uma empresa de gerenciamento de talentos e sou produtor...

Ele iniciou uma lenga-lenga sobre os supostos empenhos e empreendimentos de sua carreira, que, imaginei, talvez não fosse muito lucrativa, uma vez que, se eram verdadeiras as histórias que ouvi, ele pedira emprestados os dez mil dólares para pagar o *buy-in* no WSOP.

— Bom, tem uma porção de colegas seus no jogo — declarei, entabulando a lista de celebridades e notáveis que se sentavam à minha mesa. — Não sei bem se tenho um lugar vago para esta semana, mas vou dar um jeito de encaixar você. Não posso conceder linha de crédito no primeiro jogo, então você vai precisar se bancar...

— Não tem o menor problema — falou Jamie, mais que depressa.

Como que seguindo uma deixa, as garotas se levantaram para ir ao banheiro. Observei Jamie de olho nelas.

Estávamos lá sentados, rindo e batendo papo quando Derek Frost apareceu, de cara fechada. Derek foi até a barraca e me entregou um vultoso cheque para cobrir os enormes prejuízos das semanas anteriores.

— Não ganho nunca — disse ele, de mau humor. — Se não ganhar esta semana, desisto e não vou para Vegas.

A viagem para Las Vegas estava planejada para a semana seguinte, e a ausência de Derek causaria um impacto drástico no jogo. Meu contato de Las Vegas queria Derek lá. Eu também precisava dele.

Apresentei os dois homens, mas Derek já sabia quem era Jamie. Eles tinham começado a falar sobre negócios quando as meninas voltaram; ao vê-las, os olhos de Derek se iluminaram, e ele pareceu ter se esquecido do polpudo cheque, de Jamie Gold e do próprio azar.

Nesse momento, Tobey ligou, e pedi licença para atender ao telefone.

— Dei seu número a Kenneth Redding — disse ele. — Ele vai estar em Los Angeles e quer jogar.

— Quem é esse?

— Ele é ação pura. Ótimo para o jogo. Administra um gigantesco fundo de investimentos em Nova York. Ele participa do jogo de lá.

— Jogo de Nova York?

— Sim, um negócio monstruoso. E lá fazem um jogo misto. — Um jogo "misto" significava não apenas o Texas Hold'em, que era o estilo do pôquer dos meus jogos, mas outros estilos, como o *stud*.

— Quanto?

— *Buy-in* de 250 mil.

Ergui as sobrancelhas. Era cinco vezes maior que o meu.

— Vou aguardar a ligação dele. — Minha mente estava a toda. E se eu conseguisse expandir meu negócio? E se eu começasse um jogo em Nova York? Tinha que impressionar Kenneth.

★ ★ ★

Houve um imenso burburinho sobre o jogo daquela semana. Kenneth tinha a reputação de ser um apostador de alto calibre, e Jamie e Derek logo confirmaram presença. O restante do elenco havia sido selecionado com cuidado, e os únicos jogadores das antigas eram, como sempre, Tobey e Houston.

Cheguei a receber uma ligação de Joe Fucinello, um apostador da velha guarda que costumava jogar com Larry Flint e o veterano Doyle Brunson, que tinha cinquenta anos de pôquer nas costas. Joe contava histórias maravilhosas sobre essas figuras lendárias. Aparentemente, Flynt gostava tanto de carteado que participou de um jogo logo após sair de uma cirurgia, numa cama de hospital, com uma agulha intravenosa no braço. Ele instruía a enfermeira a jogar suas mãos por ele.

— Oi, Molly — resmungou Joe. — Ouvi dizer que o Kenneth vai jogar. Tem uma vaga para mim hoje à noite?

— Não tenho, sinto muito. — Faltavam apenas duas horas para o início do jogo.

Joel começou a berrar.

— Bom, então é melhor encontrar um lugar para mim, caralho! Porra, quem você pensa que é? Vai me negar um lugar na mesa? Acho que não sabe com quem está falando.

Joe era um cara baixinho, mas dava medo. Ele frequentava os mais altos escalões; no entanto, tinha credibilidade por transitar no submundo, e

supostamente seu passado era nebuloso. E também era uma pessoa ótima para compor uma mesa de pôquer. Então tive que pensar rápido.

— Joe, calma. Apareça por lá. Se for preciso, a gente faz um revezamento.

— Beleza — disse ele, imediatamente mais calmo. — Four Seasons?

— Isso. Quarto 1204, às dezenove horas.

— Vejo você lá — disse ele, quase encabulado.

★ ★ ★

Eu sempre ficava meio nervosa quando um novo jogador estreava em minha mesa, e naquela noite eu teria três novatos — Jamie Gold, Kenneth Redding e Joe Fucinello. Jamie Gold, como eu imaginara, parecia estar numa missão para provar que pertencia ao clube dos meninos bilionários, e sua estratégia era jogar como se a grana dele fosse tão ilimitada quanto a dos adversários.

Joe Fucinello, Derek Frost e Kenneth Redding estavam jogando no mesmo estilo. Todos eles davam *all-in*, numa disputa acirrada, a cada segundo. Por volta das dez da noite, Derek e Jamie já tinham apostado meio milhão de dólares. Eu nunca tinha presenciado uma ação tão frenética quanto aquela. Estava arrebatada por meus novos recrutas, e percebi que, para aqueles caras, as apostas jamais seriam altas o suficiente. Eles continuariam forçando os limites em busca de adrenalina. Ganhar ou perder. Tudo que queriam era a sensação de estarem vivos.

Meu celular tocou. Como se a noite já não estivesse inacreditável o bastante, do outro lado da linha era um amigo que estava com A-Rod (apelido de Alexander Emmanuel Rodriguez, jogador de beisebol do New York Yankees) à procura de um jogo. Eu os convidei, mas não contei a ninguém. Achei que seria uma cena legal: A-Rod aparecendo de repente.

Eu estava certa. Quando A-Rod surgiu, alto, bonito e muito educado, todos viraram a cabeça e esticaram o pescoço. Homens, não importa a idade, classe social ou conta bancária, idolatram atletas profissionais. Assim que o reconheceram, meus jogadores se transformaram em garotinhos empolgados. E quando A-Rod se sentou para assistir ao glamoroso e bem organizado jogo de pôquer que eu estava comandando, um jogo em que havia milhões de dólares em fichas sobre a mesa, o exibicionismo começou.

— Se eu ganhar trezentos mil na próxima rodada — anunciou Derek subitamente —, vou dar cinco mil para a Gatinha e vinte mil para o Urso-Polar.

Gatinha, uma das massagistas, era uma mãe solteira batalhadora. Urso-Polar era o segundo *dealer*, que Diego levara. Agora que todos os jogos estavam durando cada vez mais, os jogadores queriam uma troca de *dealer*, pois consideravam Diego pé-frio.

Urso-Polar não tinha um centavo no bolso, que dirá vinte mil dólares, e seus olhos brilharam. Infelizmente, Derek quebrou a cara e foi massacrado por Kenneth.

Kenneth estava atropelando e dominando a mesa, Joe estava prestes a perder um milhão de dólares, e Jamie na iminência de dar adeus a 850 mil. Tobey pediu a lista de todas as sobremesas vegetarianas disponíveis na cidade. Eu estava sobrecarregada, atolada até o pescoço, e adorando cada segundo.

Alex Rodriguez assistia a tudo e também estava se divertindo à beça.

— Você é maravilhosa, e seu jogo é incrível — disse ele, já de saída. — Você devia ir para Miami!

— É só me ligar!

Eu queria ter dado mais atenção ao famosíssimo astro do beisebol, que seria um belo chamariz, mas o jogo tinha falado por si só.

E acabei me distraindo com Derek, que adorava choramingar. Ele não parava de me mandar mensagens de texto sobre sua terrível falta de sorte, e sobre como nada de bom acontecia a ele, e sobre como uma nuvem negra pairava sempre sobre sua cabeça. Exceto pelo fato de que sua empresa lucrava cerca de vinte milhões de dólares por ano. Ele adorava se exaltar e disparar apaixonadas e infinitas discussões envolvendo uma injustiça ou outra... Adorava tanto que comecei a achar que ele gostava de perder.

Quando a noite chegou ao fim, Kenneth havia abocanhado uma fortuna, o que, na verdade, era ruim para o meu jogo. Desde que eu começara a manter registros contábeis, constatei que havia criado um equilíbrio quase perfeito. Apesar dos resultados extraordinariamente vultosos, em essência, o dinheiro trocava de mãos no decorrer do ano. A maioria dos jogadores ficava no zero ou perto disso. As exceções eram Tobey, Houston, Diego e eu. Éramos os grandes vencedores. E Brad era um perdedor.

No entanto, ali estava Kenneth abocanhando 1,4 milhão de dólares do meu jogo e levando essa bolada para Nova York. A única coisa boa na vitória arrasadora de Kenneth era o fato de ele ter adorado meu jogo. Sem dúvida, causara uma boa impressão. Disse a mim mesma que precisava manter contato com ele, de algum jeito. Estava intrigada por seu mítico jogo de Nova York. Queria saber mais.

Enquanto isso, o jogo em pleno andamento me chamava. Joe estava vociferando comigo mais uma vez, dessa vez por eu ter convidado Kenneth. Preferi não mencionar que, ao contrário de Kenneth, Joe não fora convidado. Joe tinha *se* convidado, e de maneira bem agressiva. Porém, a pessoa deixa o orgulho de lado quando sabe que está prestes a cobrar um milhão de dólares de um jogador de pôquer perdedor.

Eu não queria perguntar a Derek se ele ainda iria com a gente para Las Vegas, porque isso teria sido imprudente e insensível de minha parte. Na verdade, eu nem poderia perguntar: ele me avisaria. Quando o assunto é jogo ou amor, homens odeiam que corram atrás deles. O problema era que

a viagem inteira se baseava em Derek e na volúpia do cassino por ele. Para Blake e seu estabelecimento, Derek era a maior de todas as baleias, e eu precisava levá-lo. O avião, a *villa*... todas as mordomias que eu havia assegurado estavam condicionadas à presença de Derek.

★ ★ ★

Se eu quisesse mesmo que a viagem para Las Vegas acontecesse, tinha apenas alguns dias para resolver um milhão de coisas. Eu mal dormia, e vinha funcionando à base de adrenalina e irritação. Simplesmente precisava que tudo ficasse mais fácil por pelo menos um segundo, porque, de repente, nada mais estava.

Entrei no banco e me sentei diante da minha gerente, colocando em cima da mesa uma pilha de dólares para depósito, como sempre. Sorri. Ela não retribuiu o sorriso.

— Você não recebeu nossa correspondência? — perguntou ela. Pelo tom de voz, parecia constrangida.

— Não. Não tive tempo de abrir minha caixa de correio. Por quê?

— Sinto muito, Molly, mas não podemos mais permitir que você tenha conta aqui no banco. — O sotaque britânico dela foi incisivo.

— Por quê? Como assim? — falei, gaguejando.

— É seu campo de atuação. — Mesmo com a cadência inglesa firmemente no lugar, o tom de voz era frio.

— Sou uma planejadora de eventos. Pago meus impostos. Minha empresa é legalizada. Qual seria o problema? — perguntei, com o coração na mão.

Após uma breve hesitação, ela sussurrou:

— Eles sabem sobre o pôquer.

Nesse momento, o gerente-geral do banco se aproximou, e meu nível de ansiedade disparou ainda mais.

— Srta. Bloom, podemos ter uma palavrinha?

— Estou com um pouco de pressa — aleguei, querendo sair dali o mais rápido possível.

Eu já estava esperando que uma equipe da SWAT entrasse de supetão na agência.

— Serei breve — disse ele, comunicando com firmeza que aquela conversa era mais obrigatória que opcional.

Fomos até o escritório dele.

— Sinto muito, srta. Bloom, mas *precisamos* encerrar a conta e a senhorita *precisa* esvaziar seu cofre. — Ele proferiu com cuidado as palavras.

— Não estou entendendo.

— Apenas *não* queremos seu tipo de *negócio*.

Jesus, eu estava comandando um jogo de pôquer, não um bordel.

— Vou encerrar sua conta e lhe preparar um cheque. Por favor, esvazie o conteúdo de seu cofre. *Agora*.

Em questão de minutos eu passara de perplexa a apavorada e humilhada.

Fui para o andar de baixo e transferi todo o dinheiro do cofre para dentro de minha bolsa. Tentei enfiar bem fundo os maços presos com elástico de modo a escondê-los, mas era dinheiro demais e não consegui fechar direito a bolsa, por isso a cobri com a jaqueta e voltei para o andar de cima, onde tive a sensação de que o banco inteiro me encarava.

O gerente me entregou um cheque e me acompanhou até a porta.

— *Não* nos veremos de novo, srta. Bloom. Fui *claro*?

Fiz que sim com a cabeça e fui depressa até meu carro.

★ ★ ★

O incidente no banco me deixou assustada, mas meu advogado não se abalou nem um pouco. No entanto, o fato de meu trabalho estar enfiado numa área tão cinzenta a ponto de eu ser incluída na lista negra de um banco não passou incólume por mim.

Nesse meio-tempo, eu estava roendo as unhas de aflição por causa da participação ou não de Derek Frost na minha viagem a Las Vegas. Eu o deixei em paz, mas convoquei as meninas para expressarem o quanto estavam interessadas em "passar tempo com ele" naquele fim de semana. Eu tinha que agir como se não me importasse, como se a ida de Derek na viagem fosse irrelevante. Se estivesse se sentindo pressionado, ele dificultaria bem mais as coisas para mim. Porque, sejamos francos, se Las Vegas quer tanto a presença de uma pessoa, é porque está apostando que ela vai perder muito dinheiro.

Meu instinto me dizia que Derek apareceria, mas, se ele não desse as caras, eu traria a reboque nove outros jogadores que apostavam pesado, e Blake, o anfitrião do cassino, simplesmente teria que lidar com isso. Eu sabia que ele só havia compartilhado o contato de Derek para que eu fizesse o trabalho de convencê-lo a jogar no cassino. Estava começando a entender as sutilezas.

Blake ligou quando eu estava fazendo as malas e me informou que o avião nos aguardava no hangar privativo do Aeroporto Internacional de Los Angeles.

Meu porteiro interfonou para avisar que o carro estava à espera lá embaixo.

Mordi o lábio. Nem sinal de Derek.

Entrei no carro, onde as garotas me esperavam em toda sua desgrenhada glória divina.

— Vegassss! — guincharam todas em uníssono, recebendo-me com um abraço.

— Alguém falou com o Derek? — perguntei.

Nenhuma delas sabia de nada. Entramos na pista do aeroporto e embarcamos no avião, onde um Derek de olhar tranquilo já estava sentado à nossa espera.

Quando o vi, dei-lhe um abraço cheio de entusiasmo, que demorou um pouco além do necessário.

— É melhor eu ganhar neste fim de semana — disse ele enquanto eu passava o cinto de segurança. — Ou vou desistir. Falando sério.

Meneei a cabeça, assentindo com sinceridade. Por mais vezes que esses caras jurassem que estavam fora, eles sempre voltavam.

★ ★ ★

A viagem foi perfeita. A *villa* era magnífica, como o templo de um deus romano. As garotas se divertiram. Os jogadores curtiram ainda mais. O jogo correu bem, os caras passaram bastante tempo apostando nas mesas, e ninguém, nem mesmo Derek Frost, perdeu muito.

Tive literalmente que arrancar os jogadores das mesas para colocá-los no avião de volta a Los Angeles.

Entretanto, por mais que as coisas tivessem corrido bem, até o último momento eu estava aflita. Não consegui relaxar nem mesmo quando estávamos no avião, já na pista de decolagem. Las Vegas fora um estrondoso sucesso, mas agora eu precisava me preocupar com o torneio. Quando olhei ao redor e vi aquelas pessoas sonolentas e felizes, pensei em todo o trabalho nos bastidores que eu tivera que fazer para que a diversão parecesse natural. Enquanto todos à minha volta dormiam, eu olhava pela janela e calculava a porção de coisas que teria que fazer nos dias que estavam por vir.

Havia um jogo na terça-feira, um torneio na quarta e outro jogo na quinta. Era muita logística para dar conta, e eu não dispunha de tempo suficiente para resolver tudo que precisava fazer. Não importava. O resto da minha vida teria que esperar. Incluindo meu namorado, que estava cansado de sentir que era menos importante que o jogo; minha família e meus velhos amigos, que não compreendiam por que eu nunca telefonava para eles; Reardon e os outros caras, que assistiram à minha transformação nessa nova pessoa; e a minha cachorrinha, que se manteria fiel, não importava o que acontecesse.

---

* Refere-se aos fundos de que o jogador dispõe, a quantia de dinheiro disponível para apostar no jogo. (N. do T.)

CAPÍTULO 22

Eu nunca tinha organizado um torneio, mas Diego já, e ajuda dele foi inestimável. Havia muito a se levar em conta, e tudo precisava dar certo para que o evento fosse um sucesso. Todos os caras pareciam empolgados. Houston Curtis apareceu para jogar, embora a festa de aniversário da esposa estivesse marcada para a mesma noite, e eu sabia que ele vinha planejando a festança de arromba da mulher havia um bom tempo.

Os jogadores contavam suas vitórias em mãos e fichas. Eu contava as minhas em jogadores. O número de participantes foi extraordinário: até Arthur Grossman compareceu. Ele olhou para as garotas de maneira descarada e me puxou de lado para perguntar, aos sussurros, quem eram elas.

— Ah, são amigas minhas — expliquei, e ele as comeu com os olhos por mais algum tempo antes de ir bater papo com Tobey.

Arthur logo perdeu toda a grana e saiu do torneio; assim que ele se sentou à mesa do *cash game*, vi alguns caras que ainda participavam do torneio se desdobrando para quebrarem também e assegurarem um lugar ao lado de Arthur no *cash game*. Eles sabiam que a verdadeira mina de ouro era estar com Arthur num jogo sem limite, não num torneio com um número predeterminado de fichas. No intervalo entre uma mão e outra, Arthur me chamou.

— Vou começar a jogar toda semana — disse ele. — Me avise quando houver jogo, por favor.

— Deixa comigo — respondi, como se nada de mais tivesse acontecido.

Até então Arthur aparecia esporadicamente. Agora eu o teria à minha mesa toda semana. Ele era o recruta dos sonhos: um cara com um *bankroll* infinito, um ego gigantesco e, pelo que eu podia ver, habilidades limitadíssimas.

★ ★ ★

Horas depois do início do torneio, a única pessoa que não estava se divertindo era Tobey. Eu havia deixado que ele arquitetasse a estrutura do torneio de modo a acomodar seu estilo de jogo, e ele intensificara seus esforços ao máximo, mas, às vezes, simplesmente a pessoa não consegue

ganhar, por melhor que seja. As vezes, o jogador está num dia ruim. Tobey tinha entrado numa maré de azar, o que para ele significava perder duas mãos seguidas. Ele parecia emburrado e mal-humorado, sinal inequívoco de que estava prestes a reclamar.

Ele se habituara a me criticar acerca de toda e qualquer coisa, questionando em especial o quanto eu estava ganhando para exercer meu papel. À medida que minha influência crescia e minhas gorjetas ficavam mais polpudas, a frequência de sua ladainha aumentava.

Eu não gostava daquilo. Tobey era poderoso e estrategista. Em algum recanto da minha cabeça, havia uma vozinha irritante e persistente dizendo que a infelicidade de Tobey seria uma encrenca para mim, mas tentei manter o foco. Meus jogos estavam bons. Não — estavam excelentes. Estavam ficando lendários, e falei a mim mesma que, enquanto eu os mantivesse naquele nível, minha posição estava a salvo, por mais que Tobey choramingasse. Para piorar ainda mais a situação, Houston Curtis também estava perdendo. A festa que ele tinha planejado para a esposa começaria às nove.

O relógio marcou nove horas, e depois dez.

— Houston — murmurei. — Você precisa ir embora. Você tem a festa.

— Agora não, Molly — disse ele, de olho nas cartas.

No início da manhã, depois de dez horas a fio de pôquer, Tobey e Houston haviam perdido meio milhão de dólares cada um. Eu esperava que Houston parasse de jogar e fosse embora para casa; ele já tinha perdido a festa de aniversário da esposa, e sem dúvida já havia ganhado o suficiente nos últimos anos para absorver aquele prejuízo de quinhentos mil dólares. Contudo, os dois estavam travando uma batalha e nem um, nem outro davam sinais de que desistiriam tão cedo.

Rick Salomon e Andrew Sasson também estavam lá, os dois amando o improvável cenário em que Tobey e Houston tinham um rombo de um milhão de dólares às cinco da manhã. Andrew era um inglês valentão que havia começado trabalhando como leão de chácara em boates e que usara o conhecimento, os relacionamentos e a lábia que tinha para abrir uma casa noturna em Las Vegas. Agora estava em negociações para vender sua empresa por oitenta milhões de dólares. Eu gostava de Andrew, embora ele fosse intratável e cruel. O homem respeitava meu trabalho e sempre, ou quase sempre, me tratava com apreço e gentileza. Também não tinha o menor medo de ofender ou insultar quem quer que fosse, mesmo as celebridades, o que era um atributo revigorante naquela cidade.

Também gostava de Rick. Ele era grosseiro e fazia jus a seu apelido, "Ralé", mas era honesto e justo.

Rick e Andrew estavam se divertindo muito, falando merda para Houston e Tobey. Tobey sorria, mas pela expressão em seus olhos dava para ver que não estava nada feliz.

— *All in* — disse ele, de repente.

— Pago — rebateu Houston.

Olhei para Houston. Os olhos dele estavam desvairados. A disciplina habitual havia desaparecido. Ele estava fora de controle. Eu sabia que, na verdade, ele não tinha condições de apostar em pé de igualdade com aqueles caras... em geral, Houston era um bom jogador de pôquer, o que significava habilidade, psicologia e estatística. Tudo bem diferente daquele estilo desenfreado de jogatina.

Diego virou as cartas.

Tobey havia massacrado Houston desde o início. Houston apostara todas as fichas sem ter nada na mão.

Meu radar foi acionado. De todos os jogadores, Houston era um dos únicos que não tinha um *bankroll* ilimitado. Não me preocupei porque, no início, ele fora bancado por Tobey, e vencia de forma consistente. Porém, depois de ganhar uns dois milhões, ele se livrou da dívida com Tobey. Ganhara uma quantia de dinheiro suficiente para jogar por conta própria e queria converter em dinheiro todas as vitórias, e não apenas parte delas.

Nos últimos anos, Tobey havia arrancado uma tonelada de dinheiro de Houston. Era seguro presumir que Tobey não ficou nem um pouco empolgado quando Houston se livrou da dívida.

Agora Tobey tinha acabado de recuperar as perdas, e Houston estava com um prejuízo de um milhão.

Andrew e Rick gargalhavam feito hienas. Havia uma animosidade absurda contra ele no jogo, porque os caras se ressentiam do fato de Houston ter feito uma fortuna à custa deles.

Tobey se levantou, sorrindo de orelha a orelha.

— Valeu, meu bom rapaz — disse ele, dando um tapinha nas costas de um Houston totalmente arrasado.

— Já vai, irmão? — perguntou Houston, incrédulo. — Acabei de deixar você no zero e agora vai embora?

— Pois é — respondeu Tobey, sem um pingo de arrependimento na voz. — Mesmo assim, obrigado.

Ele sorriu e jogou suas fichas diante de mim.

— Ufa! — resmungou Tobey, com um olhar de quem queria dizer que eu deveria me sentir tão aliviada quanto ele.

Devolvi o sorriso.

— Legal — falei, embora, no fim das contas, Houston tivesse praticamente dado de mão beijada a vitória a Tobey.

Odiei a mim mesma por ter sido tão desleal. Vinha torcendo muito por Houston. Mas sabia que minha estabilidade naquele trabalho dependia, em larga medida, das vitórias de Tobey.

— Obrigado — disse ele, sorrindo como se fôssemos parceiros.

— Sério? Você vai embora mesmo? — perguntou Houston, num tom de voz melancólico.

— Estou cansado — alegou Tobey, que parecia contente.

Seus olhos estavam bem abertos e alertas, e não acreditei em nenhuma palavra, mas era direito dele ir embora. Tobey havia atingido seu limite usual de quatro horas e meia de jogo e o excedeu em cinco horas e meia. Eu sabia que ele queria contabilizar a vitória, e mesmo que talvez não fosse muito ético sair da mesa logo depois daquela mão, tratava-se de uma prática permitida, sem dúvida.

Tobey parecia feliz da vida quando praticamente fugiu porta afora.

★ ★ ★

Houston ficou sem fichas, e Rick e Andrew estavam se divertindo como nunca.

Houston se aproximou de mim.

— Me dá quinhentos mil — pediu ele.

— Venha comigo.

Com um gesto eu o levei para um canto reservado.

Tomar aquela decisão não era fácil. Houston tinha tomado um prejuízo de um milhão num único jogo, mas, nos últimos dois anos, havia ganhado milhões de dólares daqueles caras. Rick e Andrew ficariam ofendidos comigo se eu não lhe desse crédito, uma vez que os milhões de Houston vinham dos bolsos deles. O Houston que eu conhecera como jogador com certeza seria capaz de ganhar daqueles caras, recuperar o prejuízo e terminar o jogo no zero, mas eu não acreditava no Houston daquele dia.

— Houston, é melhor parar por hoje. Você não está jogando bem, está num *tilt* fodido. Nunca o vi jogar tão mal. Você apostou meio milhão numa mão morta!

— Eu sei, foi burrice. Fiz uma leitura errada da situação. Em geral, eu não erro. Sou confiável, Mol! Sempre dei 20% de gorjeta para você. Sabe que pode confiar em mim.

Todas as células do meu corpo me diziam para não fazer aquilo, mas não sabia como negar o pedido. De acordo com os registros dos meus jogos, ele havia ganhado dinheiro mais que suficiente para justificar qualquer dívida comigo.

— Quinhentos mil e nem um centavo a mais — respondi.

No fim das contas, eu havia recebido um bombardeio de críticas por ter deixado Houston jogar e ganhar de forma consistente. Se ele perdesse, eu ainda o teria como jogador; também sabia que não era justo com os outros caras não lhes dar a chance de reaver parte do dinheiro que perderam para Houston.

— Beleza — disse ele. — Vou dar conta do recado. Eu juro, esses caras são muito ruins.

— Só não faça nenhuma idiotice.

★ ★ ★

Saí com Houston e contei quinhentos mil dólares em fichas. Eu tinha recebido vinte mensagens de texto de um Tobey "cansado demais", e algumas de Bob Safai, que fora embora por volta das duas da manhã, mas agora queria voltar para a mesa. Eu sabia que aqueles caras sentiam cheiro de sangue e queriam tomar parte do frenesi da carnificina.

Rick e Andrew comemoraram quando Houston retomou seu lugar à mesa.

Diego e eu nos entreolhamos. Aquilo não era nada bom.

Não demorou muito tempo para Houston perder sua pilha de fichas. Seu estilo de jogo continuava o mesmo do restante da noite, e me dei conta de que, se ele estivesse sentado lá com dez milhões de dólares, teria perdido tudo.

Ele veio até mim, abatido, humilhado, e pediu mais fichas.

— Hoje não, Houston, vá para casa. Vá ficar com sua esposa.

Ele tinha perdido completamente a festa de aniversário da mulher. Eu o observei ir embora e senti vontade de chorar. Fui tomada por um enorme sentimento de culpa. Eu achava que poderia garimpar as partes boas do jogo e me esquivar da escuridão, mas estava errada.

★ ★ ★

No decorrer das semanas seguintes, Houston confessou para mim que havia pedido dinheiro emprestado a Tobey para cobrir seus prejuízos, sob condições terríveis. De acordo com Houston, o acordo era o seguinte: Tobey ficaria com 50% de todos os lucros das vitórias de Houston e não se responsabilizaria por nenhuma perda financeira. Nenhum jogador de pôquer é capaz de arcar com aqueles juros, mas Houston disse que concordava. Ele poderia ter procurado opções bem melhores. Havia um bocado de gente que o teria financiado com termos mais favoráveis... Que inferno, ele poderia ter arranjado dinheiro até com um agiota em condições menos extorsivas. Porém, acho que ele tinha compreendido, como eu, que continuar nas graças de Tobey era essencial para continuar no jogo. Se o que Houston me dissera era verdade, Tobey era dono dele agora, e ambos deviam saber disso. Houston parecia sempre estressado. Ele era dono de

100% de suas perdas e só ficava com metade dos lucros, e era o único à mesa que jogava para pagar a hipoteca.

— Vou ganhar dez milhões de dólares no pôquer este ano! — exclamou Tobey certa vez, sem saber que eu sabia do suposto acordo que eles tinham feito.

Por um breve período, Tobey pareceu ter se esquecido de seu desencanto pelos meus ganhos cada vez maiores. Voltou a fazer pressão por ainda mais jogos e a agir como se fosse meu melhor amigo.

Por enquanto minha posição estava a salvo, mas Houston estava numa espiral descendente, e eu sabia que a coisa não acabaria bem.

CAPÍTULO 23

Em mais um jogo insano, vi Guy Laliberté convencer um jogador a desistir de uma mão vencedora. Guy era um jogador agressivo e implacável à mesa. Começara a vida como um artista de rua cheio de determinação, literalmente fazendo truques para ter o que comer, até que teve a ideia de criar uma performance ao vivo de temática circense. Agora sua pequena trupe, o Cirque du Soleil, era uma empresa que lhe rendia um bilhão de dólares por ano. O outro jogador era um cara bacana da costa Leste que ganhara uma fortuna negociando ações. Ele era um verdadeiro cavalheiro e parecia deslocado em meio às palhaçadas do jogo em Los Angeles.

Tobey estava perdendo de novo. Por isso, é claro, tinha voltado a reclamar de mim, das minhas gorjetas e do jogo em geral. Agora arriscaria seus últimos cinquenta mil dólares numa mão de 250 mil, tentando dar a volta por cima. Jamie Gold estava mais uma vez jogando como se não houvesse amanhã, e Tobey sabia que Jamie era sua melhor chance de sair do buraco.

Jamie e Tobey deram *all in*, e eu não sabia para quem estava torcendo. Jamie já havia perdido quase todo o dinheiro que conquistara em sua vitória no WSOP, e no momento em que perdesse tudo, eu não o deixaria mais jogar. Gostava de Jamie, ele era gentil e generoso. Tobey era o pior em termos de dar gorjeta, o maior vencedor e com certeza o pior perdedor, mas, caso ele perdesse aquela mão, eu teria que me preocupar com minha estabilidade. Prendi a respiração e vi Diego virar as cartas. Tobey venceu.

Como era de se esperar, Tobey se levantou logo após vencer a mão que renovou suas forças e recuperou seu prejuízo.

— Bom, para mim chega. — Ele caminhou em minha direção e colocou fichas sobre minha prancheta. — Uau, você teve sorte por eu ter ganhado essa mão — disse ele, semicerrando os olhos e usando seu costumeiro tom de voz meio-brincando/meio-sério/adivinhe-qual-é-a-verdade.

Fiz que sim com a cabeça.

— Você tem que tirar o Jamie, você sabe.

— Eu sei — concordei, contando a fichas dele.

Ele ergueu uma ficha de mil dólares. Atirou a ficha para o ar e brincou com ela entre os dedos algumas vezes.

— Esta aqui é para você — disse ele, mostrando-me a ficha.

— Obrigada, Tobey — agradeci, estendendo a mão.

No último segundo, ele puxou a ficha de volta.

— Se... Se você fizer algo para merecer estes mil dólares.

Ele falou com a voz alta o bastante para que os outros caras olhassem para a gente e vissem o que estava acontecendo.

Gargalhei, tentando não transparecer meu nervosismo.

— Agora, o que quero que você faça? — disse Tobey, como se estivesse refletindo.

Naquele momento, a mesa inteira estava com os olhos cravados em nós.

— Já sei! Suba na mesa e imite uma foca.

Olhei para ele. Seu rosto estava iluminado como se fosse um menino na véspera de Natal.

— Imite uma foca querendo comer um peixe.

Ri de novo, paralisada, na esperança de que a piada perdesse a graça e ele fosse embora.

— Não é brincadeira. Qual é o problema? Está rica demais agora? Não vai imitar uma foca por mil dólares? Uauuuu... você deve estar muito rica mesmo.

Meu rosto estava queimando. A sala ficou em silêncio.

— Vamos lá — insistiu, segurando a ficha acima da minha cabeça. — IMITE UMA FOCA.

— Não — respondi baixinho.

— NÃO?

— Tobey. Não vou imitar uma foca. Pode ficar com a ficha.

Meu rosto estava pegando fogo. Eu sabia que Tobey ficaria furioso, sobretudo porque, a essa altura, ele havia fisgado a plateia e eu não estava entrando no joguinho dele. Eu estava constrangida e também indignada. Além disso, depois de tudo que eu fiz para agradá-lo e deixá-lo confortável, eu estava perplexa. Sempre me esforcei para acertar todos os detalhes de todos os jogos de acordo com os desejos dele, mudava as apostas por ele, estruturava os torneios em torno das vontades dele, tinha memorizado cada ingrediente de cada prato vegano na cidade para ele. Tobey ganhara milhões e milhões de dólares em minha mesa, e o tempo todo eu suprira cada uma de suas necessidades. E agora ele parecia disposto a me humilhar.

Ele continuou insistindo, a voz cada vez mais alta. Pelo visto, os outros caras estavam começando a ficar incomodados.

— Não — repeti, desejando que ele parasse com aquilo.

Ele me lançou um olhar glacial, jogou a ficha em cima da mesa e esboçou um sorriso, mas a raiva era nítida.

Quando Tobey por fim foi embora, o burburinho tomou a sala.

— O que foi isso?

— Que bizarro.

— Ainda bem que você não obedeceu, Molly.

Eu sabia que a atitude de Tobey era mais que um simples chilique infantil. Era um desafio, porque ele queria mostrar que era o macho alfa.

Quando me recusei a me submeter àquilo, eu não havia tomado a decisão mais estratégica de todas; por outro lado, também precisava manter o respeito dos outros jogadores.

★ ★ ★

Pela primeira vez desde que meus jogos começaram, eu me dei conta de que aquilo poderia chegar ao fim. E muito provavelmente Tobey também percebeu. Ele havia previsto todos os aspectos, menos a crise na economia e quanto dinheiro eu e Diego estávamos ganhando. Nosso salário parecia deixá-lo agoniado.

Ele passou a perguntar sobre meus rendimentos com uma frequência cada vez maior, sem ao menos tentar esconder a insatisfação.

— Acho que o jogo precisa de reestruturação — declarou ele certa noite.

— Como assim?

— Bom, você ganha demais, e a gente demora muito para receber.

Ergui as sobrancelhas. Em que outro universo o sujeito aparece para jogar uma partida de pôquer, ganha UM MILHÃO DE DÓLARES e, uma semana depois, recebe o cheque? A única razão pela qual aquele jogo ainda funcionava era o fato de que eu me desdobrava para recrutar sangue fresco e me empenhava para manter os contatos e Tobey ganhando o dinheiro dos caras. Agora ele tinha a audácia de sugerir que eu pensasse numa forma de impor limites ao meu próprio salário.

Sorri para ele.

— Vou pensar a respeito — murmurei.

— Obrigado — disse ele.

★ ★ ★

O verão chegava ao fim, e Hillary Clinton e Barack Obama batalhavam pela indicação do Partido Democrata para concorrer na eleição presidencial do país. Eu queria que Hillary ganhasse, mas não acreditava nas chances dela. Tobey, por sua vez, era um ferrenho e fervoroso apoiador de Obama, e havia apostado uma soma substancial em seu candidato. Esses caras adoravam apostas paralelas. Cheguei a ver Tobey arriscar uma quantia polpuda no japonês Takeru Kobayashi, campeão mundial na competição de devoradores de cachorro-quente. Isso me deu uma ideia.

— Aposto em Hillary — comentei certa noite durante um jogo.

Eu tinha a infeliz certeza de que Hillary perderia, mas achei que, se deixasse Tobey levar a melhor, poderia recobrar minha vantagem. Eu sabia que ele era poderoso. Figurava na lista de supercelebridades de Hollywood e

sabia tirar proveito da fama. Já que aparentemente só fazia filmes para quem concordasse com suas exigências absurdas e exageradas, Tobey tinha muito tempo livre nas mãos. E tinha uma mente incrivelmente obsessiva. Era a última pessoa do planeta que eu queria ver tramando para me derrubar.

Minha esperança era a de que, se eu deixasse Tobey ganhar de mim, talvez ele se sentisse melhor a respeito das minhas gorjetas. Ainda mais se fosse uma derrota bastante "pública".

Ele ergueu a cabeça e seus olhos cintilaram.

— Sério? Quanto?

— Tenho certeza absoluta de que a Hillary vai ganhar — menti.

— Então você está confiante?

— Muito.

Eu tinha aprendido a blefar com os melhores (e os piores) jogadores.

— Então vamos apostar dez mil.

— Beleza — concordei, impassível.

Diego olhou para mim como se eu estivesse maluca.

— O que está fazendo? — sussurrou ele.

Salvando os nossos empregos, pensei, abrindo um grande sorriso, como se eu estivesse no comando da situação, e demonstrando indiferença diante do fato de perder dez mil dólares numa mesa de apostas.

— Vai mesmo pegar o dinheiro dela? — perguntou Bob, com uma expressão de desgosto e olhando de soslaio para Tobey.

— PODE APOSTAR! — exclamou Tobey.

★ ★ ★

Drew e eu tínhamos planejado uma viagem para Aspen no Ano-Novo. Eu me vi o tempo todo angustiada por causa da sombra dos eventos que pairavam sobre minha boa sorte. A única coisa que as pessoas pareciam discutir era a economia debilitada. Eu tentava ignorar a crise, mas o assunto estava em toda parte, e o consenso era de que as coisas ficariam ainda piores.

Entre o desencanto de Tobey e a agourenta ameaça de uma derrocada econômica, não conseguia sossegar. Servi-me de uma dose de uísque e tentei relaxar.

— Conta para a gente sobre o jogo, Molly. Quem é o jogador que mais ganha?

Desviei os olhos do horizonte, fitei a pessoa que fizera a pergunta, um cara chamado Paul, e sorri para ele. Já não era segredo para ninguém que eu orquestrava o maior jogo de pôquer da cidade, e, embora eu mantivesse a discrição acerca dos aspectos importantes, nos últimos tempos eu tinha começado a "jogar para a galera", toda vez que aparecia a oportunidade de fazer esse papel.

Eu me vestia como uma mulher e agia como uma mulher, mas era capaz de falar fluentemente a língua dos homens. Eles ficavam intrigados com meu jogo, meu estilo de vida e a multidão de garotas bonitas que eu empregava. Agora eu dirigia um Bentley, dividia os custos do aluguel de jatinhos particulares, tinha mesa cativa nas casas noturnas. Contratei uma assistente pessoal para cuidar dos meus afazeres, tinha um chef, e todas as tarefas mundanas haviam sido extirpadas do meu cotidiano. Excluí também todas as pessoas mais próximas de mim. Fazia séculos que eu não conversava com Blair nem com ninguém do meu passado. Eu nunca ligava para meus antigos amigos, que, por sua vez, também tinham parado de me telefonar. Meus familiares sabiam que eu comandava jogos de pôquer e que eu ganhava (e gastava) muito dinheiro, mas, na medida do possível, tentava evitar conversas sobre o tema com eles. Minha família desaprovava a carreira que eu escolhera. Decidi que não precisava da aprovação deles.

Algumas garotas têm coraçõezinhos e estrelinhas nos olhos. Eu tinha cifrões. Lidava com o dinheiro, recrutava novos jogadores. Vivia sempre alerta, à caça de novos negócios, novas oportunidades. Eu era a alma do jogo, e o jogo era a minha alma. E, por causa do meu papel cada vez mais importante, recentemente eu havia reduzido a fatia de Diego de 50% para 25%. Afinal, era eu que arriscava tudo atuando como banco e que precisava encontrar novos jogadores e os manter felizes. Diego era apenas o *dealer*, ele aparecia, fazia seu trabalho e ia embora para casa. Para mim eram 24 horas por dia, sete dias por semana. Ainda assim, fui invadida por um incômodo sentimento de culpa.

Diego ficou chateado, o que era compreensível.

— A única coisa que vai foder com tudo é a ganância — disse ele, embora tenha aceitado seu destino. Suas palavras passaram a ecoar em minha mente, e senti a culpa se avolumando.

Cresça, Molly, eu dizia a mim mesma. *Isso aqui não é o ensino médio, não é um concurso para ver quem é mais popular. Isso aqui é o caminho para ser uma mulher de negócios. São apenas negócios*, pensava. Essa frase era uma maneira bastante útil de justificar meu comportamento ganancioso e deixar a compaixão de lado. Eu a vinha usando bastante nos últimos tempos.

Porém, lá no fundo, sentia que estava me perdendo.

Engoli mais um copo de uísque. Não queria olhar para dentro de mim mesma, não queria pensar em quem eu era ou em quem tinha me tornado. Queria curtir a vida que havia construído com tanto afinco.

Todos bebemos, e deleitei minha plateia fascinada com histórias sobre a mesa de pôquer. De soslaio, vi Drew com a cara amarrada, desaprovando meu exibicionismo, mas fingi que não percebi.

★ ★ ★

Agora era impossível manter separadas minha vida pessoal e minha vida no pôquer. Eu dormia com meus dois celulares sobre o peito; um para o pôquer e outro para todo o restante. Muitas vezes escapulia de fininho da cama de Drew no meio da noite para resolver algum problema ou tratar de uma cobrança ou coleta. Os jogadores eram a prioridade e tinham a primazia. Meu relacionamento amoroso sofria com isso, mas a regra era a seguinte: se um apostador liga às quatro da madrugada e diz que está com o dinheiro ou o cheque na mão, você sai da cama na mesma hora e vai buscar, porque às 4h15 pode ser que o dinheiro já tenha desaparecido. Era assim que as coisas funcionavam.

Já faziam parte do passado as noites em que Drew e eu passávamos juntos tomando vinho, em que ficávamos namorando num restaurante italiano até os garçons fecharem as portas e tínhamos assuntos sem fim para conversas e gargalhadas. Ele também vinha enfrentando questões que o estressavam; embora Drew jamais falasse a respeito, era possível sentir uma mudança. Ele parecia infeliz, insatisfeito. Senti a distância fincar raízes entre nós.

Quando por fim encerrávamos nossa semana de trabalho, em vez de curtirmos um ao outro ou de ficarmos na cama por horas a fio aproveitando o tão necessário sono, Drew e eu nos juntávamos a nossos amigos para jantar em restaurantes da moda e, de lá, íamos direto para boates noite adentro, em que nos perdíamos em meio à música estridente e ao álcool infinito. Minha vida girava em torno de jogatina e farra. Drew começou a sair mais sem mim, sobretudo nas noites em que eu estava trabalhando. Depois veio a fase em que passou a fazer "viagens só dos amigos" sem mim. Eu sabia o que acontecia nessas viagens. Passei a vida em salas de pôquer e recebi o tipo de educação que nenhuma mulher quer. Eu confiava nele, mas sentia saudade dos dias em que ele fazia questão de que eu estivesse junto.

★ ★ ★

Era a primeira semana de junho, e Drew e eu planejávamos passar mais um verão na casa de praia dele em Malibu. Eu alimentava a esperança de que lá voltaríamos a ser quem éramos.

Na noite da véspera, ele havia saído para encontrar amigos na cidade. Tínhamos combinado de jantar com os pais dele. Drew estava atrasado, e eu comecei a ficar inquieta. Saí para dar uma longa caminhada na praia. O sol estava se pondo, e a paisagem estava inacreditavelmente bonita. Quando voltei, nem sinal de Drew.

Estava começando a ficar preocupada. O telefone caía direto na caixa postal toda vez que eu ligava.

De repente, recebi uma ligação de um número desconhecido.

— Mollllll — balbuciou Drew.

— Onde você está?

Ele respondeu com a voz enrolada. Ouvi gargalhadas ao fundo.

— Vou ficar na cidade — berrou ele em meio à barulheira. — Vem para cá.

Ambos sabíamos que ele não queria realmente que eu fosse.

— Está lindo aqui — arrisquei, embora soubesse que era um caso perdido. — E tínhamos combinado de jantar com sua família. Quer que eu vá buscar você?

Ouvi um ruído e então a linha ficou muda.

Lágrimas de frustração marejaram meus olhos. Porém, a frustração logo se converteu em dor, porque, por mais que eu não quisesse encarar a verdade, que já estava evidente fazia um tempo, meu relacionamento chegara ao fim. Eu já não conseguia mais fingir. Um filme dos últimos dois anos e meio passou diante dos meus olhos. Drew foi meu primeiro amor. Pensei no início de tudo, quando nossa relação era doce e inocente. Quando pensei que ele poderia ser a pessoa certa para mim.

Saí para caminhar na praia e me sentei à beira da água. Sabia o que tinha que fazer. Sabia porque era a coisa certa para nós dois. Ele precisava ser jovem e solteiro, e eu, devido ao meu trabalho, não estava na posição de ser a namorada de alguém. Abracei os joelhos junto ao peito e senti uma pontada de dor diante do pensamento de perdê-lo para sempre. Eu não conseguia imaginar minha vida sem ele. Drew era mais que meu namorado — ele havia se tornado meu melhor amigo e minha família.

★ ★ ★

Drew por fim chegou no dia seguinte, já no fim da tarde, quando eu estava deitada na areia. Nem sequer perguntei onde ele tinha estado. Contive minhas lágrimas.

Ele veio me encontrar do lado de fora da casa e tentou se desculpar.

Agarrei a mão dele.

— Está tudo bem, chegou a hora. Você precisa aproveitar a juventude, e eu tenho que me concentrar no trabalho.

Ele virou a cabeça e por um momento achei ter visto os olhos dele rasos de lágrimas. Ele me abraçou e chorei encostada no peito dele. Ele me amparou, mas eu sabia que concordava. Ficamos lá sentados durante um bom tempo.

Cobri meus olhos com as mãos e chorei. Eu não sabia como ir embora; minha sensação era a de que no exato instante em que saísse pela porta, nada mais seria igual. Eu jamais o beijaria de novo, jamais acordaria ao lado dele. Depois de tudo que havíamos compartilhado, nossa vida juntos simplesmente acabaria.

Entrei na casa e comecei a arrumar minhas malas no quarto, meu corpo tremendo, pedindo em silêncio a Drew que me impedisse, que me implorasse para ficar. Mas ele apenas esperou na sala de estar.

Parei na frente de Drew com as malas prontas, e a julgar pela expressão nos olhos dele e sua postura, Drew já tinha desistido de nós. Ele nem ao menos se levantou para me dar um abraço de despedida.

— Eu amo você, sempre vou amar — falei com a voz embargada, e saí da vida dele.

Em minha casa vazia e silenciosa, eu me enfiei na cama e abracei Lucy. Era sábado à noite, e todos os meus amigos tinham saído. Fazia muito, muito tempo que eu não passava um fim de semana sozinha em casa.

Para comandar o jogo, eu aprendera a ser forte, corajosa, e a sufocar minhas emoções. Eu tinha aprendido a ler os jogadores e a jogar meu próprio jogo tático.

Contudo, naquela noite eu estava desarmada; apenas uma garota sozinha numa cidade grande com o coração partido.

Afastar-me de Drew foi a decisão mais madura e difícil da minha vida adulta. Não houve trauma, drama nem superação. Estava simplesmente passando da hora. Eu e ele tínhamos nos aproximado o máximo que nossa vida e nossos defeitos permitiram.

CAPÍTULO 24

Eu me afundei de corpo e alma no trabalho. O jogo se tornou a única coisa que importava em minha vida, mas eu podia sentir o avanço furtivo das sombras. Diego já não era mais meu aliado, Tobey parecia obcecado pelo dinheiro que eu ganhava. A economia estava oficialmente fora de controle, e eu sabia que meus jogadores cujo dinheiro vinha de Wall Street e do ramo imobiliário estavam sendo afetados.

Tudo isso culminou numa ligação que recebi do escritório de Arthur. Era a assistente dele.

— Oi, Molly, é Virginia. Arthur queria saber se você se importaria em fazer o jogo na casa dele na próxima terça.

Na verdade, não era exatamente uma pergunta.

— Claro, sem problemas. A que horas devo chegar para preparar as coisas?

— Ah, não, não se preocupe. Arthur disse que você não vai precisar trabalhar. Ele vai simplesmente pagar você.

A frase desencadeou um silêncio desconfortável.

— Será como férias remuneradas — disse ela, dando uma risada esquisita.

— Tudo bem — concordei, fingindo animação, escondendo o que eu de fato estava sentindo, que era um medo paralisante.

Aquela era uma má notícia, uma péssima notícia. Talvez Arthur estivesse sendo sincero e apenas quisesse ser o anfitrião do jogo em sua casa por uma noite. Ele tinha acabado de construir uma mansão de 85 milhões de dólares e talvez estivesse com vontade de exibi-la para os outros. Eu já havia organizado uma porção de jogos na casa de outras pessoas. O maior sinal de alerta era o fato de que Arthur não queria minha presença lá. Ele estava planejando usar minha equipe, minhas planilhas de *buy-in*, minha Shuffle Master e meu *dealer*.

Era meu jogo sem mim.

★ ★ ★

Na noite de terça, tentei sair com amigas, mas cada segundo me dilacerava. Meu jogo estava acontecendo, e eu não estava lá. Era um exercício inútil

tentar me divertir e, na verdade, não me sentia com a mínima vontade de sair, por isso voltei para casa e esperei.

Por fim, às duas da manhã, o telefone tocou. Era Tobey.

— Você está fodida — disse ele, exultante de alegria.

— O que isso quer dizer exatamente? — perguntei, tentando não chorar.

— Arthur quer fazer o jogo na casa dele a partir de agora.

O tom de voz de Tobey parecia um pouco mais respeitável depois que ele ouviu a comoção em minha voz.

Era óbvio que aquilo me excluía.

— Toda semana? — perguntei, avaliando o estrago.

— Sim.

Fiquei em silêncio por um momento, tentando engolir o nó na garganta e segurar o choro.

— Obrigada por me avisar.

Tentei disfarçar e parecer tranquila, mas as palavras travaram e as lágrimas começaram a escorrer, incontroláveis.

— Vou tentar falar com ele por você — disse Tobey, meio desajeitado.

— Eu agradeço — respondi choramingando, querendo acreditar nele.

— Sinto muito — disse ele, como se tivesse acabado de perceber que eu era uma pessoa de verdade, com sentimentos reais.

Desliguei e me obriguei a me concentrar para encontrar uma solução. Eu ligaria para Arthur e marcaria uma reunião. Explicaria a situação toda. Ele parecia um cara sensato. Devia haver uma forma de chegarmos a um acordo. Tentei dormir, mas minha cabeça estava a mil.

Eu simplesmente lidaria com aquela situação, pensei, e falaria com ele como um ser humano. Explicaria o que o jogo significava para mim, o quanto tinha me arriscado e sacrificado, e explicaria a quantidade de tarefas que eu executava nos bastidores. Ele era um homem de negócios que havia vencido na vida por conta própria, um empreendedor, e com certeza entenderia.

A secretária dele atendeu a minha ligação. Ela anotou meu nome, e, quando voltou à linha, sua voz estava gélida.

Passei o dia inteiro esperando, mas Arthur não retornou. Mandei um e-mail para ele e outro para sua assistente, mas nenhum dos dois me respondeu.

Nesse meio-tempo, muitos caras ligaram para se explicar e pedir desculpas.

— Mol, se Arthur não fosse um peixe tão grande...

— Quer dizer, só este ano ele vai *doar* vinte milhões.

— Ele é um péssimo jogador.

Por melhor que eu fosse em meu trabalho, o jogo girava em torno do dinheiro, e eu não tinha como competir com uma cara que perdia milhões de dólares na mesa de pôquer.

★ ★ ★

A casa de Arthur foi a sede do jogo naquela semana, e também na semana seguinte, e, num piscar de olhos, um mês inteiro de terças-feiras transcorreu assim. Toda semana eu mandava minha mensagem de texto de convite, e semana após semana recebia nãos e pedidos de desculpas. Eu batalhava contra o ímpeto de ficar o dia inteiro deitada na cama chorando. Precisava de um plano. Não podia esperar que a maré virasse — eu mesma precisava fazer alguma coisa. E tinha algumas opções.

Eu poderia aparecer na casa de Arthur e implorar para que ele me desse um emprego no novo jogo. Ouvi dizer que ele incumbira seu contador de cuidar dos registros contábeis, e que uma modelo/atriz — que vinha sendo o alvo mais recente de suas investidas — fora encarregada de servir as bebidas. A coisa toda me deixou mal. Eu sabia que o jogo jamais voltaria a ser meu.

Eu poderia tentar começar um novo jogo em Los Angeles.

Ou poderia ir para outro lugar.

Los Angeles estava cheia de fantasmas. Drew, o jogo e os amigos que eu tinha trocado por uma nova vida. No entanto, ir embora significava mais do que virar as costas para um jogo de pôquer: aquele evento tinha sido minha identidade, a prova de que eu era boa, boa de verdade em alguma coisa. Eu havia construído minha identidade e meu futuro em torno de Reardon, Drew e os Los Angeles Dodgers; agora até mesmo o alicerce desmoronava. Às vezes, um conto de fadas bobo sobre porquinhos construindo casas é mais atemporal que um mundo vivo e tangível que parecia eterno e indestrutível.

★ ★ ★

Um dos piores erros que um jogador de pôquer pode cometer é não saber quando desistir. Passei milhares de horas observando caras que permaneciam com determinadas mãos durante tempo demais, insistindo em ficar à mesa em noites tão azaradas que não conseguiam ganhar rodada nenhuma. Eu sabia que a maior parte das verdades do pôquer se aplicava à vida real, e, embora esse pensamento me deixasse arrasada, sabia que era hora de ir embora.

Fiquei de luto por uma ou duas noites e depois me enfureci — e sentir raiva era melhor que sentir tristeza, era algo mais poderoso. Agora eu podia ver Los Angeles com mais clareza... era o tipo de cidade para onde as pessoas iam a fim de provar seu valor, mostrar que eram boas, dedicadas a buscar a própria glória. Ou você subia até o topo e lutava com toda sua energia para permanecer ali, desconfiando de todo mundo a seu redor ao

mesmo tempo que aceitava a bajulação deles, ou deixava que os vitoriosos mastigassem e cuspissem você, alimentando-se de suas fraquezas. Aquela cidade não era feita para a permanência. Era projetada para o brilho fugaz do gênio, um clarão que logo depois morria com o surgimento de um novo prodígio. Comigo, a história não seria assim.

Desde minha viagem para o leste com os McCourt, eu vinha sonhando com Nova York. Era hora de ir.

Parte cinco

UMA FICHA E UMA CADEIRA

Nova York, 2009-maio de 2010

Uma ficha e uma cadeira
Expressão que significa que, enquanto um jogador tiver uma única ficha e um lugar à mesa num torneio de pôquer, ainda é possível dar a volta por cima e sair vencedor.

CAPÍTULO 25

Meu destino, então, seria Nova York. Pensei na magnitude do lugar. No jogo mítico que era cinco vezes maior que o meu. Minha única chance de me infiltrar era Kenneth Redding, o magnata de Wall Street que infernizara até mesmo Tobey à mesa de pôquer. Eu tinha feito questão de arrecadar o dinheiro dele — 1,5 milhão de dólares — e transferir para sua conta antes mesmo que seu jatinho G-5 pousasse na cidade. E depois, quando ele acabou com meu jogo de novo e abocanhou mais um milhão, eu o paguei sem demora — embora eu tenha precisado cobrir pessoalmente parte da bolada.

Peguei o telefone e liguei para Kenneth. Ele atendeu no primeiro toque.

— Mollyyyyyy — disse, com a voz suave. — Como vai? Está correndo por aí de biquíni com suas amigas?

Eca.

— Claro que estamos. Na verdade, estamos na piscina neste exato momento, falando de você.

— De mim? Ah, adoro isso. E então, o que posso fazer por você?

— L.A. está ficando chata, Kenneth. Precisamos de uma mudança de ares.

★ ★ ★

Peguei um avião para Nova York a fim de sondar o terreno; levei comigo Tiffany, a modelo/coelhinha da *Playboy* que eu conhecera na viagem com Drew para Las Vegas. Ela se tornara uma de minhas melhores amigas, e tinha aquela malandragem e inteligência das ruas impossíveis de ensinar — mas era tão linda que, por trás daqueles enormes olhos azuis, ninguém era capaz de ver isso.

De acordo com Kenneth, o jogo grande em Nova York não acontecia com muita frequência porque era um saco organizar. Quando sugeri assumir o "fardo" da organização, Kenneth disse que, por ele, seria ótimo, mas que os outros caras talvez não topassem. Perguntei se poderia ir ao jogo a fim de conhecer os jogadores e tentar convencê-los. Kenneth concordou.

Decidi me hospedar no Four Seasons de novo. Claro que, assim que entrei no hotel, uma enxurrada de lembranças de Drew inundou minha cabeça. Eu me lembrei de ter fitado o céu de Manhattan, apaixonada pela

primeira vez. Assim, tentando me distrair um pouco, Tiffany e eu saímos para explorar a cidade, zanzando de uma balada para outra, entrando e saindo dos restaurantes e bares mais disputados do momento. Para os desconhecidos, parecíamos uma dupla de garotas festeiras, mas, na verdade, estávamos à procura de contatos, informações e conexões dos quais poderíamos nos aproveitar.

Todo mundo com quem conversávamos adorava a ideia de haver um jogo de pôquer "comandado por garotas gostosas", e, em apenas dois dias, já tínhamos nomes suficientes para começar.

O jogo grande foi marcado para minha última noite na cidade, e fui sozinha. Dessa vez, me vesti como a CEO de uma multinacional, e não como a garota baladeira. Usei um blazer por cima do meu vestido preto e óculos, na esperança de que me fizessem parecer mais velha e me dessem um ar mais intelectual. Queria ser levada a sério.

Permaneci algum tempo sentada no banco de trás assim que meu táxi parou na frente do local do jogo, a casa de três andares na Park Avenue que era a residência de um dos maiores figurões de Wall Street. Eu sabia que seria uma sala intimidadora. Aquele jogo era repleto de personagens imponentes e quase sobre-humanos: eram mestres do universo das finanças, que vinham jogando juntos e apostando quantias mitológicas há mais de uma década. Os caras de Los Angeles podiam até estrelar e dirigir filmes, mas eram aqueles caras de Nova York que preenchiam os cheques que financiavam os filmes, e qualquer manobra que eles faziam repercutia em todo o mercado financeiro.

★ ★ ★

Um homem com um terno sob medida me conduziu por um deslumbrante vestíbulo e uma pequena escadaria que levava a um porão pequeno e inacabado. Não era o que eu esperava. Lá estavam alguns dos homens mais ricos do mundo, disputando o jogo mais monumental de que eu já tinha ouvido falar. Eram cavalheiros distintos, vestindo ternos bem cortados, jogando numa mesa improvisada com fichas baratas e uma cadeira de cada tipo.

Kenneth me apresentou aos jogadores. Eu já tinha sido informada sobre quem era quem. Eles me saudaram com cumprimentos educados, mas indiferentes, e me recostei na cadeira para assistir.

Já sabia muito sobre Kenneth. Ele era um dos homens mais poderosos de Wall Street, e seu sucesso e sua rede de contatos não tinham precedentes. Certa noite, ele me ligou para perguntar se eu poderia conseguir uma reserva num restaurante para ele e mais duas pessoas: Steve Jobs e Bill Gates.

Kenneth ainda queria impressionar os caras nos jogos e garantir que tudo se desenrolasse de forma perfeita. Ele sabia que eu era capaz de fazer isso.

Easton Brandt, o anfitrião, era um bilionário que venceu sozinho na vida, dono de um gigantesco fundo de *hedge* que continha bilhões de dólares em ativos. Ao lado de Easton estava Keith Finkle, uma lenda dos tempos em que comprar e vender ações na bolsa podia alavancar ou destruir carreiras. Ele ganhara uma quantidade obscena de dinheiro, aplicou tudo em seu próprio fundo e em diversos investimentos imobiliários. À esquerda de Keith estava Helly Nahmad, um famoso playboy que namorava supermodelos e andava com Leonardo DiCaprio e sua turma. A família de Helly era dona da maior coleção de arte clássica do mundo, avaliada em, no mínimo, três bilhões de dólares.

Na cadeira número cinco estava Illya. Há rumores de que o pai de Illya, Vadim, comandava a maior operação de corretagem de apostas do mundo, alimentada pela jogatina dos oligarcas russos, amigos íntimos dele. Illya era o menino prodígio que, alguns anos antes, havia desembarcado em Nova York com uma mochila abarrotada de dinheiro vivo — um milhão de dólares — e uma reportagem de capa sobre a fábrica de aço de sua família. Ele perdeu até o último centavo no pôquer, voltou a se arriscar em apostas menores, reergueu seu *bankroll*, e, poucos meses depois, já dominava completamente o jogo. Ao lado dele estava Igor, um russo baixinho e genioso que supostamente era financiado por Vadim. E, por fim, havia os gêmeos. Os dois irmãos idênticos passavam a maior parte do jogo pegando no pé um do outro, e suas provocações não eram nada amistosas. Quando um dos gêmeos perdia um pote grande ou sofria com uma péssima mão, o outro ficava genuinamente feliz.

Fiquei quieta no canto, observando. Kenneth estava numa rodada de quatro milhões de dólares com Illya. Em silêncio, fiz um cálculo mental de quanto em fichas era adicionado ao pote.

Jesus.

Olhei ao redor para ver se havia alguém trabalhando no jogo. Um senhor inglês que pelo visto era o mordomo, um cavalheiro de cabelo branco que dava as cartas e um garoto de olhos pretos de vinte e poucos anos, usando calças largas e folgadas e um boné puxado para baixo. Ele assistia ao jogo com atenção e parecia estar encarregado dos *rebuys*.

Prendi a respiração quando o *dealer* virou o *river*, a última carta. Kenneth perdeu. Esperei que ele explodisse, mandasse o crupiê embora ou decretasse meu banimento perpétuo; o tipo de dramalhão que ocorria com frequência em meu jogo de Los Angeles. Em vez disso, ele empurrou suas fichas para Illya como se não fosse nada de mais, mal interrompendo a conversa com Easton Brandt.

Assisti a tudo incrédula. Era um jogo de cavalheiros, e, pelo menos nos aspectos visíveis, os homens civilizados à mesa pareciam indiferentes à crise

econômica que havia deixado o resto do mundo em polvorosa.

Depois de passar tempo suficiente observando, fui embora para me encontrar com Tiffany, que estava tomando um drinque com alguns jogadores em potencial que havíamos conhecido durante a semana.

Minha mente estava um caos. Eu tinha acabado de adentrar o maior jogo de pôquer caseiro do mundo. Durante quinze anos, o mundo das finanças vinha sussurrando sobre aquele jogo secreto e mágico, e eu sabia o segredo: podia até ter a reputação de um prestigioso e restrito clube secreto, uma sociedade sigilosa, mas se parecia mesmo com uma noitada de carteado numa república estudantil, ainda que com fichas valendo milhões de dólares. Eu sabia que seria capaz de impressionar aqueles homens com detalhes estéticos e um serviço de primeira, mas, se havia uma coisa que eu tinha aprendido em minha vida em Los Angeles, era que vencer contava mais que o ambiente. Eu precisava agregar valor de verdade: jogadores novos com dinheiro muito fácil para perder, gente interessante ou de difícil acesso, como celebridades ou atletas profissionais. Acrescentar uma matemática impecável e realizar cobranças e pagamentos pontuais, além da presença de belas garotas e um cenário incrível. Podia dar certo.

CAPÍTULO 26

Kenneth me ligou no dia seguinte para dizer que os caras tinham concordado em me dar uma chance.

Era tudo que eu precisava.

— Não se esqueça de trazer as garotas. Ah, e dê um jeito de se livrar do Eugene. Ele é irmão do Illya, mas não precisamos dele — disse Kenneth, de forma sucinta e clara.

— Ok.

Senti uma pontada de culpa por Eugene, o menino cujo rosto estava coberto pelo boné e que vigiava os *rebuys*. Parecia ser um cara legal, perdido na sombra do irmão mais velho e apenas tentando fazer parte do mundo dele.

Porém, se era isso que Kenneth e seus amigos queriam, era o que teriam.

Além disso, eu precisava pensar em assuntos mais importantes. Organizaria meu primeiro jogo em Nova York. Eu tinha uma única chance para provar meu valor. Peguei um voo de volta para Los Angeles a fim de me preparar.

Para começar, pedi ao Four Seasons de Los Angeles que ligasse para seu hotel irmão em Nova York e reservasse para mim o melhor e mais lindo quarto que tivessem. Depois, entrei em contato com os assistentes pessoais de cada jogador para descobrir que bebidas, comidas e charutos eu deveria ter à disposição. A seguir, tinha que encontrar as garotas para trabalhar no jogo. Mais importante, eu precisava encontrar pelo menos dois novos jogadores que ou fossem celebridades, ou levassem muita ação para a mesa.

Milagrosamente, montei todas as peças do quebra-cabeça. Convidei Guy Laliberté, e ele concordou em participar na hora. Ele era tão apaixonado pelo pôquer que ficava animado até quando perdia. Convidei também A-Rod. Nada como um lendário atleta profissional para transformar um punhado de caras durões e bem-sucedidos em garotinhas deslumbradas.

★ ★ ★

Tão logo pousamos no JFK, as garotas e eu seguimos direto para o hotel.

Ficamos boquiabertas ao ver o quarto, que era inacreditável. Os janelões do teto ao chão propiciavam uma visão de 360 graus de Manhattan. Na suíte

de quatrocentos metros quadrados, um cômodo era mais impressionante que o outro. Um piano de cauda assentava-se com toda a elegância no meio da sala de estar, ao passo que do teto de seis metros de altura pendiam reluzentes candelabros.

Eu mal havia colocado minhas malas no chão quando meu celular tocou. Era um jogador de pôquer profissional que eu conhecia de Los Angeles. Ele havia feito questão de se apresentar para mim diversas vezes. Queria a todo custo um lugar no meu jogo de Los Angeles. Sempre o tratei com educação, mas jamais o teria deixado participar.

— Oi — falei.

— Você não vai conseguir organizar jogos em Nova York — avisou ele, adivinhando minhas intenções. — É melhor voltar para casa. Nova York é diferente.

Aquilo era uma ameaça? Com certeza não era um conselho amigável. Preferi ignorar o alerta implícito, porque, até onde eu sabia, o cara não passava de um oportunista inofensivo.

— Quem manda nisso aqui é o Eddie — continuou ele.

Eu também sabia quem era Eddie Ting. Ele havia crescido em meio à cena do pôquer clandestino. Tinha começado como jogador nas mesas de um dólar, dois dólares, e era tão bom que, em pouco tempo, juntou dinheiro suficiente para bancar os próprios jogos. A meu ver, ele era um homem de negócios muito sagaz que parecia se importar apenas com lucros, e pisaria em qualquer pessoa para ter sucesso e prosperar. Eddie havia comandado alguns clubes de pôquer multimesas na época em que esse tipo de estabelecimento era abundante e extremamente lucrativo. No fim, acabou se tornando o rei do pôquer em Nova York.

Alguns anos depois de eu ter começado a organizar meus jogos em Los Angeles, Eddie ficou sabendo dos meus lucros e tentou abocanhar uma fatia do bolo. Alugou um apartamento e tentou entrar na cena. Não obteve sucesso, e ouvi dizer que voltou para Nova York com o rabo entre as pernas. Estava bem claro que Eddie não tinha ficado nem um pouco feliz com minha presença na cidade dele. Segundo Illya, Eddie estava furioso pelo fato de eu ter conseguido acesso ao jogo grande, no qual ele vinha tentando se infiltrar fazia anos.

— Obrigada pelo conselho. Espero que esteja tudo bem com você.

Fiz uma nota mental: entrar em contato com Eddie e tentar acalmar os ânimos. A última coisa de que eu precisava era de inimigos.

★ ★ ★

As garotas e eu não medimos esforços nos preparativos para o jogo. Sabíamos que estávamos passando por um teste. Eugene chegou um pouco antes do

horário marcado.

— Uauuuu, que quarto bacana — disse ele, surpreso, meneando a cabeça diante da vista.

Estava usando calças de moletom largas, um blusão de moletom com os dizeres VÁ SE FODER, ME PAGA, e exalava um forte cheiro de maconha e cigarro. Eu não tinha certeza se ele desconhecia o fato de que deveria ao menos fazer um esforço de se vestir de forma mais apresentável ou se não dava a mínima.

Cumprimentei Eugene e, assim que os gracejos se encerraram, disse a ele que eu ficaria encarregada das fichas no jogo.

Ele me encarou com uma expressão carrancuda.

— Ainda posso assistir? — perguntou ele, com sinceridade na voz, sem um pingo de deslumbramento ou bajulação.

Franzi a testa. Eu queria que aquela noite fosse perfeita, e sabia que meu jogador mais valioso se irritava com a presença dele.

— Acho que sim. Só não fique atrás dos jogadores. Isso os distrai.

Ele me lançou um olhar de soslaio, mas assentiu.

Quando o primeiro jogador chegou, as meninas e eu estávamos perfeitamente a postos, usando o quarto de hotel mais luxuoso da cidade de Nova York como o local do nosso espetáculo. Eu havia comprado uma mesa nova, a melhor disponível no mercado, de feltro verde imaculado, borda de mogno, porta-copos customizados e, é claro, um vão sob medida para a Shuffle Master. Um a um, os jogadores foram chegando, homens cuja realidade consistia de previsível luxo, exceto quando eles mesmos se incumbiam de organizar e providenciar as coisas, como acontecia em seus jogos semanais de pôquer. As garotas lançaram mão de todo o charme que tinham. Riam das piadas, maravilhavam-se com as histórias e atendiam a cada necessidade, às vezes antes mesmo de os caras pensarem em pedir alguma coisa. Aprendi a nunca subestimar o poder de fazer um homem se sentir especial e admirado, por isso fiz uma detalhada pesquisa sobre o histórico de cada jogador e memorizei suas maiores conquistas e realizações. No decorrer da noite, fiz questão de mencionar essas proezas e mostrar interesse por elas.

Eles adoraram a mesa. As fichas sob medida tinham o peso certo e a composição exata. Os caras estavam se deleitando com toda aquela atenção. A sala de jogo estava pegando fogo. Foi completamente diferente do primeiro jogo que testemunhei na casa de Easton Brandt. Parecia que nada poderia dar errado.

Guy chegou, carismático como sempre, deliciando os caras com sua incrível história de vida da pobreza à riqueza. Logo depois, decidiram dar início à partida.

O jogo começou de forma agressiva: Kenneth apostou todas as fichas já na primeira mão; Bernie, o jogador recém-incorporado à mesa, Igor e Illya

pagaram a aposta. Prendi a respiração enquanto assistia.

A primeira mão da noite foi de um milhão de dólares.

Nesse ínterim, alguém me pediu para ligar a televisão porque Bush estava fazendo seu discurso à nação sobre a economia em frangalhos. Era setembro de 2008, e enquanto eu reabastecia Igor, Bernie e Kenneth com outros 250 mil dólares para cada, não consegui ignorar a ironia daquele discurso como pano de fundo do maior jogo de pôquer que já havia organizado na vida.

★ ★ ★

Bernie me perguntou se ele poderia comprar um *buy-in* de cinquenta mil dólares. Até onde eu entendia, o *buy-in* e o *rebuy* mínimo eram de 250 mil dólares, então perguntei à mesa se alguém tinha alguma objeção. Como sempre acontecia toda vez que eu pedia à mesa que deliberasse em vez de eu mesma tomar a decisão, houve um debate acalorado e controverso. A-Rod apareceu no meio da discussão, e todos à mesa se esqueceram da briguinha boba e voltaram a ficar numa boa na mesma hora. Entreguei as fichas a Bernie e fui dar atenção a A-Rod, que decidiu se sentar e assistir um pouco.

— Que jogo! — disse ele, fitando as pilhas de fichas.

O jantar tinha acabado de chegar e eu precisava ficar de olho no jogo.

Fiz que sim com a cabeça.

— Está uma loucura.

Por sorte, minha amiga Katherine também chegou, em toda a sua imponência de 1,80 metro, sotaque arrastado da Geórgia e um apertado macacão justíssimo de couro. Os homens ficaram embasbacados. Ela se encarregou de fazer sala para A-Rod, então voltei para a mesa.

Eugene me deu um tapinha no ombro.

— Oi — disse ele, tranquilo. — Você não anotou os cinquenta mil para o Bernie.

Eu o fuzilei com o olhar.

— Anotei, sim — respondi, indignada.

Ele estava enrolando um baseado e nem sequer olhou para mim.

— Não anotou, não.

Fechei a cara.

— Não é a primeira vez que comando um jogo de pôquer.

Ele recebeu com confiança minha encarada, fitando-me com olhos pretos amendoados bem abertos.

— Beleza, se você está dizendo.

Agarrei a planilha e, com um gesto dramático, apontei para o quadradinho ao lado do nome de Bernie.

Não tinha nada escrito.

Meus olhos se arregalaram.

Eugene estava certo. Ele sabia muito bem que, se eu tivesse sucesso naquele jogo, ele perderia o emprego, e aquela era a única noite de que dispunha para se aproximar de seu distante e indiferente irmão.

— Obrigada. Foi muita bondade da sua parte.

Passei o restante da noite colada à mesa. Quando o jogo foi chegando ao fim, agarrei o braço de Eugene.

— Me deixa pagar o café da manhã para você. Eu lhe devo pelo menos isso.

Ele deu de ombros e saiu para fumar seu caprichado baseado.

— O Parker Meridien tem o melhor café da manhã da cidade — disse ele assim que voltou.

— O que você quiser — respondi.

★ ★ ★

Ganhei cinquenta mil dólares naquela noite, o que resolveria muitos de meus problemas. O mais importante era que tinha sido um ótimo jogo. Todos pareciam felizes.

Mais que qualquer outra pessoa, fiquei bastante surpresa por ter dado conta do recado. Quando saí do hotel, o dia raiava. A cidade ainda estava sossegada. Acenei para chamar um táxi e, radiante, rumei para o hotel Parker Meridien a fim de me encontrar com Eugene. Eu ainda estava perplexa com a integridade do rapaz. Sem a ajuda dele, minha noite teria tomado um rumo bem diferente.

Ele apareceu alguns minutos depois de eu ter pedido o café.

— Quero apenas agradecer a você mais uma vez — declarei.

— Vai me agradecer e depois me demitir? — perguntou ele, sorrindo.

— Não, o empego de distribuir fichas é seu pelo tempo que quiser. Você é bem-vindo em todos os jogos que eu organizar.

Ficamos duas horas no restaurante do hotel. Por baixo da fachada de punk de rua, ele era espirituoso, inteligente e intrigante. Conversamos sobre nossas famílias e sobre como era solitário viver à sombra de irmãos. Illya não era apenas um prodígio do pôquer e das apostas, o que, na família deles, era o talento mais valorizado de todos, mas também tinha sido um tenista de nível internacional.

Ele me contou uma história que partiu meu coração e me mostrou que lugar ele ocupava na hierarquia familiar. No último verão, tinha visitado o irmão nos Hamptons com seu novo gatinho de estimação. Eugene e o animal tinham sido picados por um carrapato infectado pela bactéria causadora da doença de Lyme, e ficaram acamados juntos, até que o gato morreu. Como a família inteira estava em viagem em plenas férias de verão,

e seu irmão estava percorrendo o circuito de pôquer em Las Vegas, Eugene ficou de cama sozinho e esquecido. Teve paralisia em metade do rosto, e, mesmo assim, ninguém foi ver como ele estava. Senti um aperto no coração por Eugene. O pai não acreditava em sua capacidade de ser um bom jogador de pôquer devido a seu caráter excessivamente "emotivo". Por isso, Eugene trabalhava como *dealer* num jogo de pequeno porte no Brooklyn, onde apostava o dinheiro que ganhava trabalhando no jogo grande.

— Venha trabalhar para mim — propus. — Você pode monitorar meus jogos. Vai ganhar bem mais.

— O Kenneth não vai deixar.

— Vou começar outros jogos. Um monte deles.

— Estou dentro — disse Eugene, e por baixo do boné preto, seus olhos negros sorriram para mim.

★ ★ ★

Kenneth me ligou no dia seguinte.

— Quase todos os caras gostaram do jogo, mas alguns ainda estão hesitantes. Sugeri ampliarmos o período de teste — contou ele.

Fiquei em êxtase. Com mais tempo, eu sabia que conseguiria identificar meus críticos e encontrar uma maneira de conquistar a simpatia deles.

Um novo cronograma emergiu das cinzas. Toda semana, as meninas e eu pegávamos um avião rumo a Nova York na terça de manhã, chegávamos lá no fim da tarde, trabalhávamos no jogo a partir do comecinho da noite e ficávamos acordadas a madrugada inteira. No dia seguinte nos arrastávamos, insones, de volta ao aeroporto. Eu ainda estava comandando um jogo pequeno em Los Angeles, que não me rendia tanto quanto o jogo que eu tinha perdido, mas pelo menos me mantinha ligada à cena. No decorrer das semanas, Eugene e eu nos tornamos bons amigos, e ele me abastecia com informações importantes. Ele me disse que Keith Finkle era meu crítico mais ferrenho. Sabendo o obstáculo que eu precisava superar, poderia elaborar um plano adequado.

Novos jogadores com muito dinheiro e que jogavam de maneira imprudente eram fundamentais para meu status em Nova York. Meu jogo nova-iorquino tinha um *buy-in* monstruoso e *blinds* enormes, e aqueles caras apostavam quantias de que a maioria das pessoas jamais sequer tinha ouvido falar. Isso basicamente significava que qualquer um que eu levasse para minha mesa devia chegar lá cheio de dinheiro e pronto para aprender.

Contudo, eu estava numa missão. Tinha algo a provar e não deixaria meus adversários assistirem ao meu fracasso.

★ ★ ★

Ativei minha rede de contatos, percorri a cidade para me encontrar com todos os amigos ou colegas endinheirados que fiz e comecei a passar cada vez mais tempo em Nova York com as minhas garotas. Contratei novos recrutas, trouxe meninas de Los Angeles e saía toda noite, zanzando por *vernissages*, eventos de caridade, casas noturnas, restaurantes e *happy hours*.

Sunny era minha *dealer*. Eu a levei comigo de Los Angeles para Nova York. Era uma loira de olhos azuis, uma beldade de espírito livre. Parecia uma ingênua aspirante a estrela de Hollywood, mas estava muito mais interessada em pôquer e na cena da música eletrônica do que nas telas do cinema. Quando não trabalhava como crupiê, estava jogando ou dançando. Ela com frequência desaparecia por dias a fio, até que, por fim, alguém tinha que arrancá-la à força de algum cassino esfarrapado de Los Angeles.

Lola era uma morena sensual de cabelo preto que havia crescido em Long Island, trabalhando e jogando na cena de pôquer local. Dona de uma beleza desconcertante, era também uma jogadora habilidosa — sua verdadeira arma secreta. Quando eu precisava enviar uma espiã para se infiltrar em algum jogo, podia bancá-la (no pôquer, isso é chamado de *staking*, ato de levantar o dinheiro para que outra pessoa jogue, na esperança de que o financiado vença. Todos os eventuais lucros são divididos meio a meio ou segundo um acordo predeterminado entre o financiador e o jogador). E eu sabia que ela me traria novos jogadores e, em geral, um bom lucro.

Julia era uma asiática deslumbrante e um gênio da matemática. Caroline, filha de diplomata, era uma *socialite* que falava cinco idiomas. Kendall era a típica americana, de quadris largos, loira de olhos azuis, e que também atuava como massagista profissional. Rider tinha um talento especial para o trabalho de detetive, o que era útil para quando eu precisasse coletar informações de inteligência para checar potenciais jogadores. Tiffany também veio comigo de Los Angeles. Era minha amiga coelhinha da *Playboy* — uma mestra na arte da sedução. Por fim, havia a "Pequena", uma modelo loira de 1,80 metro, excelente em organização e em todas as tarefas domésticas; era minha assistente pessoal.

Era uma equipe e tanto, e eu me sentia pronta para dominar a capital do mundo. Eu me mudei e arranjei um apartamento chique e moderno em Manhattan, com janelas que iam do chão ao teto, uma vista linda e espaço de sobra para as garotas dormirem.

Fiz contato com *promoters* e garçonetes sensuais de casas noturnas, *gallerinas* (garotas bonitas contratadas pelas galerias de arte) e gerentes dos cassinos de Atlantic City, oferecendo-lhes incentivos em dinheiro vivo para que me mandassem jogadores.

Logo ganhamos fama na cidade inteira. Eramos rodeadas por uma atmosfera de mistério e fascínio; deixávamos um rasto de sussurros por onde passávamos. Em um mês estávamos no comando do jogo grande, que eu revezava entre o Four Seasons e o Plaza, e dois jogos menores que eu realizava em meu próprio apartamento. Por sorte, meus únicos vizinhos no andar eram um jogador da NBA que vivia viajando e um roteirista semifamoso que, por ironia, adorava pôquer e acabou se juntando à nossa mesa. Os porteiros, entretanto, ficaram bastante confusos no começo. Duas vezes por semana, cerca de nove ou dez homens e uma trupe de lindas garotas chegavam às sete da noite e só iam embora quando o dia amanhecia.

No fim, depois de dar aos porteiros gorjetas suficientes para pagarem o aluguel, contei a eles o que estava acontecendo. E demos boas risadas.

★ ★ ★

No entanto, ainda pairava no horizonte um problema chamado Eddie Ting. Na cena do pôquer nova-iorquino as notícias corriam rápido, e em pouco tempo meus jogos estavam se tornando infames. Eddie já havia demonstrado descontentamento quando considerei abrir meu negócio em Nova York. Agora que eu estava capitaneando vários jogos com inúmeros jogadores, eu ouvia falar dele cada vez mais e ficava sabendo dos sentimentos que ele nutria por mim. Essas informações chegavam por meio de muitas pessoas diferentes.

Eddie fora falar com Illya e pedira a ele que me retirasse da coordenação do jogo grande; para minha sorte, sua influência não era tão grande quanto ele desejava. É claro que Eddie estava irritado. Fora barrado dos jogos em Los Angeles e agora estava sendo atropelado na própria cidade por uma garota que nem jogava pôquer.

Certa noite, recebi a dica de que Arthur Grossman estava em Nova York. Eu tinha espiões e informantes de uma ponta à outra da cidade, de *promoters* de baladas e as já mencionadas garçonetes sensuais a *concierges* de hotel. A essa altura, já fincara raízes firmes em Nova York e estava ganhando o dobro, se não o triplo, do que conseguia em Los Angeles. Eu comandava os jogos e todo mundo sabia; ninguém ousaria me desrespeitar ou exigir que imitasse uma foca em troca de gorjetas. No entanto, eu ainda tinha assuntos pendentes. Queria que Arthur me olhasse nos olhos e me dissesse por que havia me cortado do jogo. Minha sensação era a de que havia algo por trás dessa história.

Então, mandei uma mensagem de texto.

Ei, Arthur, ouvi dizer que você está na cidade. Vou sair com as garotas, adoraria me encontrar com você.

Ele respondeu logo em seguida. As pessoas respondem bem mais rápido quando você faz a elas uma oferta em vez de um pedido.

Marcamos um encontro na Butter, uma boate que ficava na mesma rua onde eu morava e era um conhecido ponto de encontro de celebridades. Liguei para um amigo meu, o dono do lugar, e reservei a melhor mesa. Enquanto nos preparávamos, bebemos champanhe, rimos, fizemos a maquiagem umas das outras e experimentamos diferentes roupas. Uma típica pré-noitada com as garotas... isto é, até que nossa cobradora, a Pequena, chegou e colocou em cima da cama uma porção de pilhas de dólares. Nossa arrecadadora de fundos percorrera a cidade fazendo as coletas do dinheiro do jogo grande.

Fizemos uma pausa nos preparativos a fim de examinar os maços de dinheiro e cuidar das contas.

— Aqui, 250 — disse Tiffany, apresentando seu maço.

— Tenho 340 — anunciou Kendall.

Todas nós olhamos para ela. A matemática não era seu forte.

— Já contei três vezes — insistiu ela.

— Eu tenho 280 — disse Julia, agarrando a pilha de Kendall para conferir.

— Tenho quatrocentos mil aqui — falei. — Bom trabalho, Pequena — elogiei, entregando-lhe algumas notas de cem e uma taça de champanhe. — Junte-se a nós.

Pus o dinheiro no cofre e dei os últimos retoques na maquiagem.

★ ★ ★

Passamos deslizando ao longo da fila de espera na entrada da boate, mandamos beijinhos para o *host* e fomos conduzidas até nossa mesa, onde Arthur já nos esperava com seu séquito. Os olhos dele atiravam para todos os lados, cravados naquele grupo de mulheres lindas.

Lancei mão de todo meu charme, fui simpática e doce, como se nada jamais tivesse acontecido. Bebemos e dançamos, e esperei chegar o momento certo. Foi aí que uma das assistentes dele agarrou meu braço, visivelmente bêbada.

— Sinto muitíssimo pelo que aconteceu em L.A. — sussurrou ela em meu ouvido. Seu hálito estava quente e exalava álcool em minha bochecha, e eu quis me afastar, mas aquele era o exato motivo para eu ter ido lá. — Você deve estar muito chateada. Por que ele queria tanto tirar você? — balbuciou.

Olhei para ela.

— Eu não sabia que o Arthur me odiava tanto.

— Não, não foi Arthur. Foi o Tobey. Foi tudo coisa do Tobey. Ouvi a conversa dos dois. Arthur estava preocupado com você.

Eu me recostei, cambaleando. Sabia que Tobey não aceitava a quantidade de dinheiro que eu estava ganhando, mas não tinha percebido quão profundo era o ressentimento dele. Se o que a assistente me disse era verdade, Tobey usou sua fama para atrair Arthur e o dinheiro dele a fim de seduzir os demais jogadores, depois fingiu ser meu amigo para que assim pudesse dar o golpe de misericórdia.

Fiquei amarga, mas também impressionada com a esperteza dele. Eu deveria ter tido mais discernimento.

Eu não disse uma palavra a Arthur sobre o jogo, apenas bebi devagar meu uísque escocês e fingi estar me divertindo.

No fim da noite, Arthur segurou meu braço.

— Venha para L.A. Organize um jogo em minha casa — propôs ele.

E, com essa simples proposta, me dei conta de que poderia ter Los Angeles de volta. Eu queria? Claro que estava louca de vontade de olhar Tobey direto nos olhos, e queria que as coisas funcionassem de acordo com minhas condições. Por isso, concordei.

— Obrigada, Arthur. Eu adoraria.

★ ★ ★

Havia idealizado aquele momento muitas vezes desde que perdera meu jogo: como eles viriam atrás de mim, rastejando e implorando que eu voltasse. Não foi assim tão dramático, mas foi o suficiente para que me sentisse melhor — eu estaria mentindo se dissesse que não estava ansiosa para ver a expressão de Tobey quando eu aparecesse no jogo do qual ele havia tramado minha expulsão.

Entretanto, antes de voltar a Los Angeles, eu tinha um probleminha para resolver. Um dos novos jogadores que recrutei, um cara chamado Will Fester, ainda não pagara a dívida de jogo, e devia cerca de meio milhão de dólares. Isso já fazia três semanas, e as coisas não pareciam nada boas.

Eu só havia lidado com um inadimplente antes, um atleta profissional que, depois do calote, descobri ter sérias ligações com gangues.

Naquela ocasião, um dos meus jogadores, um produtor de hip-hop, se ofereceu para resolver o problema. Ele me puxou de lado após uma partida.

— Aí, Molly, se quiser, eu arranco a grana daquele vagabundo.

— Sério? Como?

— É melhor não fazer essa pergunta.

Com toda educação, rejeitei a oferta.

Na época, foi chato ter que cobrir o prejuízo de quarenta mil dólares, mas era muito melhor que me envolver em extorsão e violência.

Dessa vez, um amigo em comum se ofereceu para entrar em contato com meu caloteiro de Nova York. Esse amigo era um homem bastante poderoso, dono de bilhões de dólares da empresa da família. Will atuava no mesmo ramo, e eu esperava que uma ligação de nosso amigo fosse eficaz, já que os recados de voz que eu deixara na caixa de mensagens dele não tinham sido.

Um dia depois, enfim recebi um telefonema de Will.

— Oi, boneca.

— Oi, Will. — Mantive uma postura amistosa. É muito comum acontecer de caras não pagarem quando se sentem ofendidos ou com raiva.

— Desculpe a demora. Os últimos meses têm sido uma doideira. Você pode me encontrar em Miami? Tenho dinheiro lá e não quero que minha esposa veja essa quantidade de grana saindo da minha conta.

— Claro.

— Amanhã?

— É só me dizer onde e quando.

Esperei com ansiedade até ter um retorno dele. Precisava que esse cara pagasse. O futuro do meu jogo de Nova York dependia disso.

Felizmente, ele me enviou uma mensagem de texto com a indicação de um endereço, e a seguir desliguei e entrei na internet para comprar uma passagem de avião. Eu estava prestes a concluir a compra quando me ocorreu: seria impossível passar pela segurança do Aeroporto Internacional de Miami, o epicentro do tráfico de drogas, transportando meio milhão de dólares em dinheiro vivo. Lá a vigilância era mais rigorosa do que em qualquer outro aeroporto do país.

Eu teria que fretar um jatinho na hora de voltar para casa.

★ ★ ★

Eugene se ofereceu para ir comigo buscar o dinheiro, por isso reservei um quarto de hotel, de modo que pudéssemos transformar a empreitada de cobrança num fim de semana juntos. Rapidamente eu e Eugene tínhamos nos envolvido. Nosso relacionamento evoluiu de modo impetuoso. Era uma experiência empolgante e um tipo de história de amor bem diferente da que tive com Drew. Eugene conhecia meu mundo, havia crescido dentro dele. Eu nunca precisava pedir desculpas por ficar presa no trabalho ou esconder dele parte das coisas que fazia. Nosso amor era aberto e sincero, e, durante um tempo, parecia perfeito.

Tão logo aterrissamos em Miami, enviei a Will uma mensagem de texto. Não obtive resposta. Roendo as unhas de aflição, esperei durante uma ou duas horas.

Ele teria mesmo coragem de me fazer vir até aqui e não dar as caras?

Eu estava em maus lençóis não apenas pela dívida de Will, mas também por conta do avião que havia fretado. Eu andava sem parar de um lado para o outro, muito nervosa.

— Zil, vai dar tudo certo — disse Eugene.

"Zilla" era o apelido carinhoso pelo qual ele me chamava. Era maravilhoso estar com alguém que entendia o que eu estava sentindo na pele. Desde que o pôquer se tornara minha vida, jamais tinha experimentando algo assim.

Will por fim apareceu.

— Peço desculpas, Molly. Os últimos meses têm sido bem difíceis, por causa do mercado e tal.

Fiz que sim com a cabeça, solidária e compreensiva, embora minhas fontes tivessem me informado que Will não saía dos cassinos de Atlantic City e Las Vegas, onde apostava altas somas, apesar do "mercado".

Ele me entregou uma mala com dinheiro vivo, fichas de cassino e uma barra de ouro. Verifiquei o conteúdo e contei o dinheiro. Ainda faltavam cem mil dólares.

— Pago o restante quando estiver de volta em Nova York — prometeu ele, com uma expressão de "da próxima vez, farei o melhor que puder" no rosto.

Tive vontade de berrar com ele e dizer exatamente o que eu pensava a respeito do seu comportamento degenerado, mas eu precisava manter a postura amistosa, pelo menos até receber os cem mil restantes.

Ele foi embora e me voltei para Eugene.

— Zil, quem quer dar o calote não paga parte da dívida. A pessoa dá logo o calote de uma vez e não paga nada.

Fazia sentido, parecia lógico. Eugene sabia bem mais sobre aquele mundo que eu jamais seria capaz de saber. Ele fora criado no meio de apostadores — sempre esteve em seu DNA. Já eu fiquei mal-acostumada em Los Angeles, onde ninguém dava calote graças às consequências sociais do jogo. Lá eram basicamente as mesmas pessoas em todos os jogos, e ninguém queria entrar na lista negra. Em Nova York, minha escalação era nova, e estava claro que havia todo um novo conjunto de regras que eu precisava dominar.

Reservei um quarto no Setai, meu hotel favorito em South Beach. Estava animada para curtir jantares agradáveis com Eugene, deitar na praia e relaxar um pouco. Eugene, no entanto, era o meu vampiro particular e estava absorto num intenso jogo de pôquer on-line estilo um contra um, por isso pedimos serviço de quarto. Ele passou a noite inteira em claro jogando e só foi para a cama às sete da manhã.

— Bem ou mal, eu odeio o sol, Zil — disse ele, a voz arrastada de sono, quando me levantei para passar o dia na praia.

Na segunda noite, banquei Eugene num jogo local. Em teoria, era o maior jogo de Miami, e estava cheio de peixes. Ele só voltou para o hotel

faltando uma hora para nosso voo, marcado para as oito da manhã, e trouxe uma pilha de dinheiro e alguns contatos valiosos.

Foi uma viagem muito diferente de qualquer outra que eu já tinha feito com namorados no passado, mas quando embarcamos em nosso G-5 levando meio milhão de dólares em dinheiro vivo e barras de ouro, achei muito sexy, tipo Bonnie e Clyde, mas sem o banho de sangue.

No momento em que colocávamos o cinto de segurança, Eugene me fitou com seus olhos pretos.

— Eu amo muito você — disse ele.

E eu o amava também. Mais que qualquer outra pessoa com quem já tinha estado. Usávamos nosso amor e nossa obsessão pelas apostas para preencher o vazio de nossas vidas, para nos apartar da realidade da qual estávamos tentando escapar.

★ ★ ★

Las Vegas me chamava mais uma vez. Illya tinha viajado, estava numa de suas esticadas prolongadas na cidade, e eu precisava dele de volta a Nova York para o jogo grande. Illya era conhecido por seu medo de avião e por "ficar empacado" em lugares durante meses por causa desse pavor. Por isso, decidi fazer várias coisas de uma vez só. Eu orquestraria uma viagem a Las Vegas, pegaria Illya e levaria os caras de Nova York para Los Angeles, onde participariam do jogo que eu estava planejando para Arthur.

Enviei os convites, fretei os jatinhos, reservei os hotéis em Las Vegas e Los Angeles e planejei um cronograma com muitas atividades. Levei Eugene comigo, é claro. Para todo mundo, ele era apenas meu empregado. Fizemos um trabalho impecável no que dizia respeito a esconder nosso relacionamento. Sabe-se lá como, de alguma forma, deu tudo certo e embarcamos no jatinho em Nova York rumo a Las Vegas. Como era de se esperar, não se passou um único segundo entre a decolagem e a aterrissagem sem que os caras estivessem apostando em alguma coisa. A viagem inteira consistiu de uma monstruosa disputa de gamão, pôquer chinês e um jogo *freeze-out*★ de quinhentos mil dólares entre o russo Igor e John Hanson, o "Grande Boudini", mentor e parceiro de negócios de Illya. John, que havia sido um dos mais jovens grandes mestres de xadrez da história, parecia um computador humano. Ele e Illya estavam sempre metidos em alguma discussão acalorada sobre estatísticas, probabilidades e estilos de pôquer, como o chinês, o Hold'em e o *stud*.

Antes de tocarmos o solo de Las Vegas, já havia milhões de dólares em jogo.

★ ★ ★

O ritmo iniciado no voo continuou no hotel. Eu sequer havia desfeito as malas em nossa espaçosa e luxuosa *villa* quando os caras começaram uma disputa milionária de Cee-lo, um jogo de dados. Alguns estavam fazendo apostas em esportes. Outros estavam sacando seus baralhos, empenhando enormes somas em rodadas de "preto ou vermelho".

Eu os acompanhava de um lado para o outro com minha prancheta, tentando registrar, de maneira frenética, as cifras de todos. A cada duas horas, alguém me chamava, e eu tinha que calcular seus lucros ou prejuízos.

— Como está minha situação? — Eles viviam repetindo.

Era uma loucura. Eles jogavam algumas rodadas de pôquer, e depois Phil Ivey, o Tiger Woods do pôquer e um dos maiores apostadores do mundo, me perguntou se *eu* estava me sentindo com sorte. Ele adorava jogar *craps* (dados). Saímos do quarto e fomos para as mesas, onde vi Ivey perder três milhões de dólares em meia hora.

Era o primeiro dia, e o estrago já ultrapassava os cinco milhões de dólares.

Naquela noite, fomos para a balada. Muitos caras de Nova York, por mais ricos que fossem, não estavam acostumados ao tipo de acesso à elite social que eu era capaz de proporcionar. Eram reis do mundo financeiro, mas passavam o dia de terno e gravata, a maior parte do tempo em meio a outros caras engravatados. Eu observava o rosto deles, atenta à linguagem corporal dele, e era evidente o valor intrínseco da ostentação. Oferecer um estilo de vida sempre havia sido uma parte poderosa de minhas atribuições. Pouco importava quem era o jogador. Desde que tivesse dinheiro para pagar e jogar, eu poderia garantir acesso às festas mais exclusivas, lindas mulheres, celebridades e bilionários — e os caras de Nova York eram mais fáceis de impressionar que os de Los Angeles. À noite, Eugene se esgueirava de fininho para o meu quarto e sussurrava não apenas palavras carinhosas, mas observações e informações de espionagem. Ele fazia tudo dar certo.

No dia seguinte, aconteceu uma partida de golfe de cem mil dólares por buraco, outro jogo de pôquer com *buy-in* de um milhão de dólares, outra disputa milionária de Cee-lo e rodadas de vinte e um com cada mão valendo trinta mil.

Na hora de embarcar rumo a Los Angeles, os ganhos e as perdas já estavam na casa dos oito dígitos. Ninguém tinha dormido; todos os caras estavam completamente alucinados. Quando partimos de Las Vegas rumo ao aeroporto privativo de Los Angeles, disputas monstruosas de gamão e pôquer chinês já estavam a pleno vapor antes mesmo de o piloto fechar as portas do avião. Eu lutava para manter os olhos abertos, pois não podia deixar de anotar os lucros e os prejuízos.

Vendo tudo aquilo, foi inevitável me perguntar se as coisas estavam saindo perigosamente do controle. Aqueles caras estavam viciados, injetando apostas na veia como se fosse droga. Nunca era o bastante. Os ganhos se multiplicavam, mas jamais cobriam as perdas, apenas criavam uma compulsão ainda maior. Aqueles homens podiam se dar ao luxo, e aquilo era o que eles escolhiam para ter prazer. Eu não estava prejudicando ninguém. Pelo menos era isso que dizia a mim mesma.

---

* Tipo de torneio mais comum, no qual os jogadores são eliminados assim que suas fichas acabam, e não são permitidos *rebuys*. (N. do T.)

CAPÍTULO 27

Apesar da economia devastada, da resistência de meus concorrentes nova-iorquinos, como Eddie Ting, e da percepção de que eu fora obrigada a deixar Los Angeles para manter minha reputação depois de ter perdido tudo, a verdade era que eu havia vencido. E de maneira retumbante. Meus jogos em Nova York eram maiores, melhores e mais lucrativos que os de Los Angeles. No entanto, agora eu tinha uma perspectiva bem diferente, e fazia questão de manter sempre na memória a lembrança da má experiência recente. Eu não me acomodaria: jamais parei de procurar a próxima baleia, o próximo peixe. Eugene passara a ser parte fundamental de tudo isso. Fiz dele meu sócio e sempre o bancava para que participasse de jogos que pudessem render contatos. Graças ao meu financiamento, que valia ouro, Eugene tinha lugar garantido em todas as mesas de pôquer da cidade. Ainda mantínhamos em segredo a parte romântica do nosso relacionamento. Esse arranjo trazia enormes benefícios para mim do ponto de vista comercial, mas eu perdia Eugene para a noite. Pela primeira vez na vida, ele tinha carta branca para apostar em todo e qualquer lugar, e eu enfim entendi por que seu pai dera a Illya, e não a ele, a mochila de dinheiro para se infiltrar em Nova York. Eugene era viciado. Às vezes ficava jogando dois dias seguidos. Ele estava se tornando o maior peixe de Nova York. Infelizmente, quando permanecia tempo demais num mesmo jogo, acabava perdendo, e seu emocional se descontrolava. E aí o *tilt* entrava em cena. Todo seu conhecimento e sua estratégia, conquistados a duras penas, evaporavam. Por mais que recrutasse jogadores valiosos e coletasse importantes informações de espionagem para mim, Eugene também vinha acumulando uma enorme dívida. Agora, eu mal o encontrava.

★ ★ ★

Meus amigos ricos me davam uma porção de dicas valiosas; uma em particular me levou a Glen Reynolds. Diziam que ele era jovem, rico e inconsequente. Um amigo em comum nos colocou em contato, e começamos a conversar por telefone e e-mail. Eu o convidei para alguns jogos. Sem dúvida ele estava interessado, o que ficava evidente pela quantidade de perguntas que fazia, mas não apareceu de imediato. Glen me

ligava um dia depois do jogo, querendo saber das fofocas e dos resultados. Eu ficava feliz de fazer a vontade dele. A isca estava lançada.

Glen finalmente apareceu às nove em ponto numa noite de sexta-feira, num jogo experimental que organizei com apostas menores e *buy-in* de apenas cinco mil dólares.

Naquela noite, todas as garotas estavam trabalhando, vestidas de forma impecável, bebendo para descontrair o clima. Minha esperança, ao abaixar as apostas e criar uma atmosfera mais festiva, era fazer um jogo divertido, em que as coisas fossem mais descontraídas que no jogo grande. Eugene levou alguns dos maiores peixes que conhecia, e preenchi a mesa com o restante de meus recrutas.

Quando entrou, Glen me examinou de cima a baixo e, em seu sotaque de Long Island, com toda a agressividade e veemência de um corretor da bolsa, falou:

— Mas que porra é essa de cuidar de jogos de pôquer? Você devia estar descalça e grávida, numa aula de ioga ou fazendo compras no shopping.

O comentário dele me surpreendeu, mas minha reação também. Eu me senti ofendida; porém, ao mesmo tempo, senti um friozinho na barriga. Era a primeira vez em muito tempo que um homem falava comigo como se eu fosse uma mulher. Glen não era exatamente bonito, mas havia nele algo ao mesmo tempo atraente e ofensivo.

Pelo canto do olho, vi que Eugene nos observava.

Glen pediu Red Bull e vodca, engoliu tudo em dois segundos e instruiu Tiffany a continuar trazendo bebidas. Depois deu a ela uma ficha de cem dólares.

Ele era exatamente quem que eu queria que fosse.

No início da noite, o jogo transcorria da forma que eu esperava — amistoso e sociável. Contudo, depois de tomar alguns coquetéis, Glen começou a aumentar o nível da ação. Quando passou a apostar cem mil, os outros caras sentiram cheiro de sangue na água, e foi o fim do clima de amizade.

★ ★ ★

Alguma coisa acontece com as pessoas quando elas enxergam a oportunidade de ganhar dinheiro. A ganância, temperada com o desespero, sobretudo numa mesa de pôquer, enseja um momento em que os olhos mudam, a humanidade desaparece e os jogadores se tornam predadores frios e sanguinários.

A primeira vez que vi isso acontecer foi em Los Angeles, quando Ned Berkley, o bad boy herdeiro da empresa da família, apareceu para jogar. Era muito óbvio que Ned não conhecia direito as regras do pôquer. Os caras

perceberam na hora, acionaram o modo ganância e se transformaram numa alcateia faminta. No fim da noite, Ned perdera uma pequena fortuna.

Contudo, o bando ainda não tinha terminado de destroçá-lo. Estavam inebriados de cobiça. Logo depois perguntaram a Ned o que ele gostava de jogar.

— Vinte e um — respondeu, sem querer decepcionar seus novos amigos famosos.

Como era de se esperar, ele também era um péssimo jogador de vinte e um. Os caras se revezaram no papel de banca. Eu podia vê-los dando as cartas o mais rápido que podiam, meneando a cabeça e sussurrando entre si.

A cobiça deles era tão transparente que fiquei constrangida ao ver o rosto de Ned registrar o que estava acontecendo. Ele tentava desistir, mas os outros o instigavam a continuar. Ele seguiu jogando, agiu como bom perdedor e pagou o que devia, mas eu tinha certeza de que não voltaria mais.

★ ★ ★

Segurando outro Red Bull e um copo de vodca, Glen se aproximou de mim e pediu mais cem mil dólares.

— Venha falar comigo primeiro.

Entramos no meu quarto, e ele se deitou confortavelmente na minha cama.

— Belo quarto — disse ele, apontando para as janelas que iam do chão ao teto.

— Obrigada. Então, em geral peço aos caras que vêm jogar pela primeira vez que se banquem. Eu tomo conta da grana, como você sabe. Estamos claros quanto a isso?

Eu não estava tão preocupada assim. Número um: meu amigo tinha dado garantias a respeito daquele cara. Número dois: dava para ver que o ego de Glen era do tamanho do mundo, e seus colegas estavam à mesa. Número três: eu havia recebido a informação de que ele ganhara um milhão no último mês.

No entanto... ele estava bêbado e sendo destruído na mesa.

— Sou de confiança. Você não tem com o que se preocupar. — Depois ele disse: — Me fale sobre você... estou fascinado.

Sorri, mas não respondi.

— Beleza, se não vai me contar nada, então acho que vou voltar para a mesa.

Nós nos entreolhamos, e uma química inegável surgiu entre nós.

Eu me levantei para sair, sentindo que ele estava logo atrás. Eugene deu uma longa e atenta encarada no momento em que parei na porta do quarto.

Sorri para ele de forma tranquilizadora.

Eram três da manhã, e alguns dos jogadores mais responsáveis começaram a ir embora.

Keith Finkle, um dos caras do fundo de *hedge* que participava do jogo grande, propôs jogarem *stud*. Glen concordou com entusiasmo.

Ah, não, pensei. Aquilo era péssimo. O Hold'em era uma coisa, mas o *stud* — em que há cartas escondidas e expostas — era um estilo maior e com muito mais risco, e Keith era de longe o melhor jogador que já tinha visto na vida.

Enquanto isso, eu estava recebendo ligações de integrantes dos meus outros jogos — Illya e Helly Nahmad, ambos querendo confirmar que Glen estava em *tilt* e sofrendo uma hemorragia de dinheiro. Confirmei.

Nos últimos tempos, Helly e Illya andavam aparecendo com mais frequência, mesmo nos jogos menores. Ouvi dizer que haviam formado um grupo de apostas em esportes que em teoria incluía John Hanson, o brilhante mestre enxadrista, um garoto do MIT que tinha criado um algoritmo para gerar palpites em times vencedores e um genial programador de TI para acompanhar e manter o registro de tudo.

Ambos chegaram e pagaram um *buy-in* de cem mil, e Keith também acrescentou fichas.

De repente, meu joguinho de Texas Hold'em de cinco mil dólares se tornou uma partida de *stud* de cem mil.

À medida que o dia raiava, as meninas e eu corríamos de um lado para o outro, abaixando as persianas e pedindo café da manhã para todos... exceto Glen, que estava no milésimo Red Bull com vodca.

Minha equipe e eu estávamos exaustas, mas o jogo transcorria maravilhosamente bem, e as garotas estavam ganhando uma bela quantia em gorjetas. Glen apostou quatrocentos mil, então pedimos almoço, mais cigarros e mais vodca. Ligamos o canal de esportes para os caras: eu colocara várias televisões em minha sala de estar justamente para esse fim. Porém, estava quase tirando Glen do jogo, porque não tinha condições de absorver um prejuízo daquele tamanho caso ele decidisse não pagar.

A maior parte dos caras que comandam os jogos basicamente opera pirâmides financeiras, esquemas Ponzi. Oferecem crédito gigantesco sem ter o capital que garanta o empréstimo: é por isso que a maioria dos jogos acaba. Eu não trabalhava dessa forma — não dava crédito que não pudesse cobrir, e eu sempre cobria. Não podia me dar ao luxo de deixar o jogo acabar.

Por sorte, de alguma forma, Glen estava ganhando. Ele sorriu e piscou para mim, e seu flerte mexeu comigo mais uma vez. Havia algo de excitante naquele comportamento inconsequente dele. Olhei para Eugene, e, embora eu ainda o amasse, sabia de suas limitações. Eugene jamais teria condições de ser um namorado de verdade se algum dia eu saísse daquele mundo.

★ ★ ★

Glen e Keith estavam numa mão descomunal, e as coisas saíram de acordo com os planos de Glen. Foi uma imensa vitória para ele. Keith comprou trezentos mil dólares. Glen estava contando as fichas.

— Posso pegar trezentos mil em fichas da mesa? — perguntou.

Olhei para Keith. Cabia principalmente à mesa permitir a um jogador que deixasse seus ganhos de lado daquela forma, porque as regras desautorizavam. Em um jogo do tipo *no-limit*, todo o dinheiro permanece em disputa na mesa.

Apontei para Keith de modo a indicar que a decisão era responsabilidade dele e, como era de se esperar, ele recusou, então os dois continuaram a partida. Já eram quatro da tarde. O grupo estava jogando havia quase um dia inteiro. Dispensei as garotas e convoquei um novo turno de crupiês. A seguir, Glen perdeu uma mão colossal para Illya. Não demorou muito para que a exaustão, ou talvez o Red Bull, começasse a fazer efeito e cobrasse seu preço, e Glen entrou num *tilt* gigantesco. Sua pilha de fichas foi dizimada.

Eu o vi comprar cinquenta mil. Quando um jogador que está perdendo começa a comprar somas pequenas num jogo grande, em geral ele continuará perdendo.

Ele perdeu e se levantou da mesa.

— Para mim já chega.

Foi ao banheiro. No mesmo instante, os caras me rodearam.

— Ele é de confiança?

— Ele vai voltar?

— Posso receber meu dinheiro primeiro?

Eu estava esgotada e irritada.

Glen voltou e, com um gesto, indicou que queria conversar em particular comigo.

— Ei, tenho 350 mil em dinheiro em casa. Ganhei em Vegas no mês passado.

Assenti, fingindo surpresa.

— Posso buscar para você agora ou amanhã.

— Agora seria ótimo.

Enquanto eu me preparava para sair, Eugene agarrou meu braço.

— Você está bem? Quer que eu vá?

— Estou bem. Vou lá e vejo você daqui a pouco — respondi.

Essa era outra regra minha: se puder evitar, jamais deixe um apostador dormir devendo. É melhor que ele não tenha tempo para gastar o dinheiro ou pensar demais e resolver dar o calote.

Corajosamente, Helly ofereceu seu Rolls-Royce Phantom e seu motorista para minha missão de coleta, e assim desfrutei com Glen de uma

embaraçosa viagem no banco de trás daquele carro luxuoso. Ambos estávamos exaustos, e ele tentava curar seu ego ferido. Porém, ainda havia uma tensão sexual evidente entre nós.

Subimos no elevador num silêncio estranho. Ele foi buscar o dinheiro no cofre e me entregou tudo dentro de um envelope. Enfiei-o na bolsa.

— Obrigada.

— Ligo para você amanhã — disse Glen, aproximando-se para me dar um abraço.

Sobressaltada, eu me desequilibrei e ele me amparou, prolongando o abraço por um instante além do necessário antes de me restituir o equilíbrio. Olhei bem para seus olhos e senti que ele ia me beijar.

— Você deve estar exausto — comentei, cortando o clima.

— Pois é — admitiu, ainda me fitando com intensidade.

— Boa noite.

O sol brilhava lá fora, estávamos no meio da tarde.

— Boa noite — respondeu ele.

No trajeto de volta ao meu apartamento contei as cédulas, e estava tudo lá.

Quando entrei, os abutres estavam à minha espera.

— Pegou a grana?

— Está com o dinheiro aí?

— Sim. A gente cuida disso amanhã. Tenho algumas coisas para resolver.

— Posso receber só cem mil? — perguntou Helly.

— Ligo para você amanhã — respondi, entrando em meu quarto.

Ouvi uma batida na porta. Abri e vi Helly parado lá, todo sem graça.

— Estou devendo para meu agenciador de apostas.

Soltei um suspiro e dei a ele o dinheiro, depois fechei a porta e me deitei para descansar um pouco. Minutos depois, Eugene entrou e se aconchegou ao meu lado. Pela primeira vez em muito tempo estávamos dormindo na mesma hora, e eu me lembrei de como era bom não estar sozinha.

★ ★ ★

Acordei com uma mensagem de Glen:

Estou contestando os outros 150 mil. Você devia ter me deixado tirar trezentos mil da mesa.

Resmunguei e afundei meu rosto no travesseiro.

O jogo precisava ser pago, e eu garantira isso. Se alguém não pagasse, eu mesma teria que preencher o cheque. Sabia que o argumento de Glen era fraco — se é que era um argumento —, mas naquele mundo isso não importava. Não existiam tribunais, juízes, contratos ou policiais.

Quando recebia um calote, a maioria dos promotores de jogos se comportava como gângsteres: vendia as dívidas nas ruas ou contratava capangas para tentar intimidar as pessoas a fim de convencê-las a pagar — ou fazia coisa pior. Isso não era uma opção para mim: eu até podia operar numa área cinzenta, mas ainda tinha um sistema moral e consciência da lei (ou pelo menos achava que tinha), e intimidação e violência passavam dos limites. Minha única linha de defesa era a compreensão do comportamento humano e habilidade de resolver problemas. Eu sabia que havia uma solução; só precisava ser esperta o bastante para descobrir qual era.

Depois de observar Glen por mais de 24 horas, o que eu sabia a respeito dele era o seguinte: era dono de um ego gigantesco; tinha um fraco por garotas bonitas e, pelo visto, queria impressioná-las; era um apostador inveterado, um macho alfa, e tinha dinheiro para se bancar. Com base nessas informações, eu sabia que não poderia pressioná-lo, e de nada adiantaria apelar para ameaças ou parecer furiosa. Só precisava ser convincente e fornecer a ele estímulos persuasivos para que pagasse a dívida.

Nessa cobrança, os dois maiores trunfos eram o incentivo, sobretudo o acesso a mulheres bonitas, ótimos jogos e gente importante, e minha feminilidade. Se eu conseguisse fazer com que Glen me visse como uma mulher que ele salvaria apenas ao pagar sua dívida, eu teria uma chance muito maior de receber o dinheiro.

Liguei para ele. Glen atendeu de maneira rude, já preparado para um telefonema de cobrança em que não arredaria pé, manteria sua posição de que a decisão da mesa fora injusta.

— Oiiiiê. O que vai fazer hoje à noite? — perguntei, com toda a leveza.

— Nada — respondeu ele, ainda seco.

— Venha jantar comigo e as garotas. Aí depois vamos para uma boate.

Ele hesitou. Eu precisava que ele dissesse "sim". Ser "sociável" com ele era parte importantíssima do plano.

— Quem vai?

Listei os nomes das garotas que iam.

— Beleza — disse ele. — Que horas?

★ ★ ★

Glen foi pontual, e estava muito contente por ser o único cara rodeado por sete mulheres que mostravam toda a admiração por ele e riam de suas piadas. Nessa noite não se mencionou uma palavra sequer sobre a dívida.

Quando chegou a conta, ele se exibiu, cheio de pompa, com um gesto largo e cerimonioso de quem ia pagar. Sorri e agradeci mil vezes. Por dentro estava rindo. Ele ainda me devia 150 mil dólares, portanto sua tentativa de cavalheirismo diminuiu a dívida para 149 mil.

Fomos para uma boate, onde o *promoter* nos recebeu com sua acolhida habitual e nos conduziu até uma das melhores mesas da casa. A bebida corria solta, as garotas dançavam, Glen ainda parecia feliz. Ele se sentou ao meu lado no sofá. Eu estava fazendo contas (a matemática das dívidas e cobranças) em meu celular.

— Oi — disse ele. — Por que está aqui sentada em vez de se divertir como todo mundo?

Abri um sorriso destemido.

— Estou um pouco estressada, tentando resolver uns problemas.

— Você é bonita demais para ter problemas.

— Vim para cá depois de perder tudo em L.A., e preciso mesmo que isso dê certo. Tenho bocas para alimentar — declarei, apontando para as garotas — e algo a provar.

— Entendo — disse ele, olhando-me nos olhos. — Vamos dar um jeito. Agora venha se divertir. Vai dar tudo certo, prometo.

Bingo.

Duas semanas depois, Glen apareceu em meu jogo grande com um cheque de 150 mil dólares. Nessa noite ele ganhou trezentos mil, então rasguei o cheque.

Ele logo se tornou um dos meus melhores jogadores.

A essa altura, eu raramente via Eugene. Ele participava de jogos dia e noite. Passava dias a fio sem aparecer — então voltava, se enfiava na cama, dormia por 24 horas e depois saía de novo. Já não recrutava quase ninguém, e, embora não o fizesse de propósito, estava dando abertura aos meus concorrentes.

CAPÍTULO 28

Decidi alugar uma casa nos Hamptons para o verão. Estava calor demais na cidade, e, bem ou mal, a maioria dos jogadores tinha ido para aquela área aproveitar a estação. Por isso contratei um corretor de imóveis e encontrei uma espaçosa mansão com jardins impecáveis, piscina com borda infinita e quadra de tênis com instrutor contratado para a temporada. A casa era tão grande que as garotas e eu tínhamos uma ala própria. Estrategicamente, combinei de dividir a casa com Illya e Keith. Isso sem dúvida seria garantia de muitos jogos, e eu poderia compensar o valor do aluguel, que custava os olhos da cara.

★ ★ ★

Na sexta, as garotas e eu nos apertamos em meu Bentley e seguimos rumo ao leste para curtir o primeiro fim de semana do verão. Tínhamos planejado um cronograma repleto de programas — desfiles de moda, a inauguração de um restaurante e, claro, o jogo de polo Bridgehampton anual, o pontapé oficial do início da temporada de eventos sociais de verão. Chegamos no fim da tarde e as garotas deram gritinhos de empolgação quando viram a imensa propriedade. Todo mundo correu escada acima para escolher quartos e começar a se arrumar.

Usando um vestido branco, eu me acomodei na beira da vasta piscina de água salgada e servi uma taça de vinho rosé.

O peso da minha vida tinha dado uma trégua, e, naquele momento, eu estava em paz. Meu coração estava tomado por uma sensação de plenitude que só surge quando tudo no mundo entra de novo nos eixos.

O jogo de polo Bridgehampton era um evento frequentado apenas pela nata da sociedade. *Socialites* vestidas de modo impecável, segurando taças de champanhe com mãos imaculadamente cuidadas, cavalheiros distintos cheirando a herança, celebridades do primeiro escalão e modelos de beleza impossível, todos reunidos sob tendas brancas enquanto lindos cavaleiros como Nacho Figueras se aqueciam nos campos verdejantes. Era fácil se perder na novidade e no glamour daquele mundo, mas eu estava lá com um propósito em mente. Sabia que ali seria um terreno fértil para recrutar novos jogadores. As garotas e eu encontramos uma mesa e bebemos nosso

champanhe enquanto observávamos a cena. Eramos rostos novos no circuito, e não demorou muito para que uma procissão constante de homens começasse a se aproximar da nossa mesa. A essa altura, já éramos profissionais na sutil arte de determinar com rapidez se um cara tinha ou não potencial para jogar.

Eu estava conversando com um bilionário da indústria farmacêutica quando ergui os olhos e vi que Glen estava com o braço em volta de uma loira bonita. Para minha profunda irritação, senti uma pontada de ciúme. Eugene era minha alma gêmea e eu o amava além de minha compreensão, mas ele estava desaparecendo mais e mais a cada dia. Glen era arrogante e egocêntrico. Ele se virou e nossos olhares se cruzaram. Sorri para ele e logo desviei o rosto. Era melhor assim. Nada, absolutamente nada de bom poderia vir de um namoro com Glen Reynolds.

Nessa noite demos uma festa em nossa casa, e continuei o trabalho que havia começado no evento de polo, sondando a multidão à caça de novos alvos/jogadores. Quando me arrastei para a cama, estava exausta, mas extasiada com a quantidade de contatos que conseguíramos obter.

Queria ligar para Eugene e contar como estavam as coisas. Digitei o número dele, mas caiu direito na caixa de mensagens, como sempre. Pensei nele todo vestido de preto, indo de um jogo para o outro, há dias sem dormir, e por fim desabando em seu apartamento na Trump Tower, sozinho. Senti um aperto no peito. Depois, chequei mais uma vez o celular para ver se o monstro do Glen tinha me mandado alguma mensagem de texto. Não havia nenhuma.

Dias depois, quando Glen me ligou e me convidou para jantar, declinei com toda a educação. Porém, ele não era um homem de desistir fácil. Continuou insistindo e insistindo, e eu sempre dizia "não".

★ ★ ★

Então, ele bancou o esperto: Glen sabia que o caminho até meu coração passava por meu jogo de pôquer.

Uma ou duas semanas depois, ele me mandou uma mensagem de texto perguntando se eu poderia organizar um jogo na casa dele na cidade, alegando que seus camaradas de Wall Street estavam a fim de jogar.

Eu não tinha como recusar. Glen se dispôs a levar novos jogadores. Apareci na casa dele com as garotas, meus *dealers*, minha mesa, a Shuffle Master, cadeiras, petiscos e toda a intenção de agir como uma mulher de negócios.

— Querida... — disse Glen ao abrir a porta da frente, exibindo seu sorriso mais charmoso.

Ele me envolveu num abraço apertado. Dei um tapinha cortês em seu ombro e me contorci toda para escapar de seus braços.

— Onde podemos montar tudo? — perguntei, tentando manter o foco.

Ele me conduziu até sua sala de estar. Apesar de bacana, o apartamento tinha apenas um dormitório e era definitivamente a casa de um solteirão. À medida que seus amigos chegavam, ele foi me apresentando um a um. Eram típicos caras de Wall Street, jovens, ricos e cheios de lábia.

Em pouquíssimo tempo, o jogo começou a pegar fogo. A energia era incrível; aqueles caras da bolsa de valores passavam o dia inteiro apostando no mercado e pareciam lidar tranquilamente com aquela atmosfera. Comecei a receber ligações de jogadores pedindo um lugar à mesa.

Mandei uma mensagem para Glen a respeito da última vaga, mencionando que tinha uma porção de boas opções para preenchê-la. Ele respondeu:

Chamei mais um cara para vir jogar.

A campainha tocou. Abri a porta na expectativa de ver outro sujeito de terno sob medida, mas, em vez disso, me deparei com Eddie Ting.

Olhei por cima dos ombros para Glen e ele assentiu.

— Oi, Molly — cumprimentou Eddie, com uma voz bastante simpática.

— Oi — respondi, tentando esconder a raiva.

Fiquei muito irritada com Glen. Como ele podia me pedir para organizar um jogo e omitir o fato de que meu arqui-inimigo e maior rival daria as caras para jogar?

— Preciso falar com você — sussurrei no ouvido de Glen depois de entregar as fichas para Eddie.

Entramos no quarto dele.

— O que está fazendo? Ele vai roubar os jogadores. Isto aqui é meu ganha-pão, o meu negócio — expliquei, em tom exaltado.

— Conheço Eddie há anos; ele queria jogar e quer ficar de bem com você. Juro — assegurou ele, pousando as mãos sobre meus ombros e me fitando com a maior sinceridade. — Ninguém vai roubar nada de você. Garanto.

Claro que agora Eddie queria fazer as pazes comigo. Eu comandava os melhores jogos em Nova York, tinha acesso a jogadores que ele não tinha. Sabia bem o que ele estava tramando.

O jogo transcorreu com tranquilidade; eu me mantive calma com Glen, continuei agindo como se fosse uma situação estritamente comercial, apesar dos flertes evidentes da parte dele.

Ele foi me encontrar na cozinha.

— Você está brava comigo por causa da garota que levei ao jogo de polo ou é sobre esse lance do Eddie Ting?

— Brava? Quem é que está brava aqui? — respondi, tranquila.

— Você me assusta — disse ele.

— Duvido — rebati, reabastecendo o copo dele. — Você não parece ser o tipo de homem que se assusta com facilidade.

— Vai me deixar levar você de carro para os Hamptons este fim de semana?

— Não sei se é uma boa ideia.

— Ah, relaxa. Não estou tentando dormir com você. Quero conversar sobre uma coisa.

Ele viu meu ceticismo.

— Tem a ver com negócios — esclareceu.

Diga "não", Molly, diga "não", diga "não".

Foi um daqueles momentos em que a pessoa tem a clara oportunidade de escolher entre o caminho certo e o errado. Eu sabia bem onde aquela história terminaria. Sabia que o potencial de prejudicar meu jogo era altíssimo. Contudo, sentia tanta falta de Eugene que, às vezes, chegava a doer, e a atenção que eu recebia de Glen era pelo menos uma distração temporária.

— Está bem — cedi, ignorando meu alarme interno. — Mas é melhor que seja mesmo sobre negócios.

Eu sabia muito bem que não era.

★ ★ ★

Sabia também que precisava terminar as coisas com Eugene. Ele era passado. Eu o amava, mas ele já não se encaixava mais no meu mundo. Eu queria ter um namorado de verdade, não um garoto que vivia nas sombras. Mandei para ele uma mensagem de texto; meu receio era de que talvez não conseguisse dar um fim à relação pessoalmente. Tentei ser pragmática; escrevi que aquilo não estava dando certo. A gente nunca se via. Ele deveria fazer as coisas dele, ele era novo, e eu precisava de mais. Ainda poderíamos ser parceiros nos negócios e melhores amigos um do outro.

Eugene apareceu na porta da minha casa debaixo de uma chuva torrencial. Ficou lá parado, ensopado, seus olhos eram duas poças escuras de sofrimento. Eu o levei para dentro, nós nos abraçamos e caímos no choro. Tive a sensação de que meu coração tinha sido arrancado do peito. As lágrimas de Eugene me provocaram a maior tristeza que eu já sentira na vida.

— Por quê, Zilla? Eu amo tanto você, jamais machucaria você desse jeito.

A dor dele me deixou com as pernas trêmulas, mas virei a cabeça e engoli o choro.

— Só não está dando certo. Sempre seremos amigos e sócios.

Ele aproximou seu rosto molhado de lágrimas do meu, colocou a mão sobre minha bochecha e me beijou com sofreguidão. Senti suas lágrimas e sua boca — um beijo intenso e de coração dilacerado. Apertei meu corpo junto ao dele; não fazia ideia de como seria possível sobreviver sem Eugene. O vazio inundou meu peito.

Ele me olhou profundamente... e depois foi embora.

— Sempre vou amar você, Zil, sempre.

Fechei os olhos e o ouvi partindo.

O amor era um risco, um perigo. Eu não podia permitir que ele fizesse parte do meu mundo. Empurrei a dor e o vazio para algum canto da mente e fui fazer as malas para o fim de semana.

★ ★ ★

Glen me buscou em seu BMW preto.

— Eu gosto de você — disse ele, olhando bem nos meus olhos.

— Você nem me conhece — respondi. — Eu não sou nem um pouco seu tipo.

— E qual é meu tipo? — perguntou ele, gargalhando.

— Descalça e grávida — disparei, referindo-me ao comentário que ele fez quando nos vimos da primeira vez.

— A gente pode fazer dar certo — disse ele, ainda rindo.

— Você nunca vai ser capaz de aguentar meu trabalho.

— Posso dar conta. Eu gosto. Acho legal você ser tão ambiciosa.

Eu sabia que ele não acharia legal quando meu trabalho me tirasse da cama cinco noites por semana, ou quando ele não fosse convidado para as noites de recrutamento ou as viagens. No passado, nem sequer teria olhado duas vezes para Glen. Teria mantido a concentração, mas em algum lugar dentro de mim eu estava começando a querer algo mais do que aquela vida.

No começo, namorar Glen foi ótimo. Saíamos como um casal normal para jantar em restaurantes maravilhosos, ele me levava a peças de teatro e eventos beneficentes. Eu ainda amava Eugene. Pensava nele com frequência e me perguntava quando a dor no meu coração ia diminuir. Mas conseguia manter um relacionamento adulto com Glen, e isso era bom. O jogo que eu comandava na casa dele era lucrativo e divertido. Eddie aparecia toda semana, e se esforçava ao máximo para ser meu amigo.

Minha intuição me dizia para não confiar em Eddie, mas estava começando a gostar dele. Era um sujeito engraçado, dono de um humor autodepreciativo, e parecia ter abandonado toda a hostilidade. Em pouco tempo baixei a guarda. Para minha surpresa, nós nos tornamos amigos, amigos de verdade.

Nosso cessar-fogo se mostrou vantajoso. Havia entre nós um vínculo tácito que era fruto de uma experiência em comum... Eddie e eu tínhamos as rédeas dos maiores jogos de pôquer do mundo, e entendíamos um ao outro de uma maneira que ninguém mais seria capaz. Ele ia aos meus jogos levando alguns de seus jogadores mais valiosos, e eu fazia o mesmo quando ia aos jogos dele. Num esforço conjunto, formamos uma frente unida para lidar com as pessoas que nos deviam dinheiro, e um ajudava o outro a fazer as cobranças. Se um cara que devia dinheiro a Eddie ganhava uma bolada em meu jogo, eu transferia o dinheiro a Eddie em vez de pagar o vencedor, e ele fazia a mesma coisa por mim.

Começamos também a sair juntos: Glen e eu fazíamos programas junto com Eddie e a esposa dele.

A vida estava boa. Glen e eu nos divertíamos, meus jogos eram quase todos ótimos e eu não sentia a ameaça iminente de inimigos, fosse declarada ou subversiva. No entanto, rachaduras começaram a aparecer.

Eu ainda pensava em Eugene. Ele despencava cada vez mais fundo no buraco negro. Ainda participava de todos os jogos, inclusive dos mais suspeitos que aconteciam no Brooklyn ou em Long Island. Estava acumulando dívidas gigantescas. A última notícia que eu tinha era a de que ele fora enganado e induzido a pagar meio milhão para virar sócio de um jogo rival. Tentei conversar com ele, fazê-lo dar ouvidos à razão.

— Eugene, você é o trunfo. Não só leva os jogadores para a mesa, mas também joga durante dias a fio, cria ação suficiente para manter todo mundo participando e faz a comissão chegar às alturas — falei nos poucos encontros que tivemos após o término, na maioria dos casos para resolver questões financeiras. Eu sabia que a porta para nosso mundo privado tinha desaparecido.

Eu também estava começando a ter alguns problemas para preencher todas as vagas do jogo grande. Perdi alguns membros — um deles saiu por conta do ultimato de sua jovem e deslumbrante segunda esposa, e o outro desistente faliu por causa de um investimento fraudulento de Bernie Madoff. Não era o fim do mundo adiar durante duas semanas o jogo grande, mas isso me deixava suscetível a ser descartada. Eu não estava disposta a me desfazer daquele jogo. Era lucrativo e grandioso demais.

Certo dia, Eddie me disse:

— Kenneth é simplesmente uma mina de ouro. O que você construiu é impressionante; sempre dá para criar um jogo em torno do Kenneth.

— Está ficando mais difícil do que você imagina — aleguei. — Acho que até os deuses de Wall Street estão baixando um pouco a bola.

— Por que a gente não faz uma parceria no jogo? — propôs Eddie, com toda a tranquilidade. — Posso repor os jogadores que você está perdendo. Além disso, também vou jogar. — Ele tinha uma baleia graúda e uma porção de jogadores estáveis, que vinha depenando ao longo dos anos.

— E, talvez dê certo, vou pensar a respeito...

— Beleza — disse ele, e me serviu uma dose de tequila. — A gente pode formar um time imbatível.

Eu me senti invadida por ideias conflitantes. Por um lado, queria confiar em Eddie, queria acreditar que aquilo não era uma trapaça para roubar meu jogo grande. Por outro lado, seria muito, MUITO bom ter alguém com quem dividir a tensão financeira de cobrir as dívidas dos pagadores atrasados e o estresse de preencher todas as cadeiras da mesa. A essa altura, eu estava bancando e garantindo o jogo. Quando algum perdedor demorava mais de uma semana para pagar, eu mesma preenchia um cheque pessoal de modo a aplacar a ansiedade que o vencedor talvez pudesse sentir.

Eddie e praticamente todo mundo que gerenciava mesas de pôquer permitiam a participação de um ou dois profissionais, e abocanhavam uma porcentagem dos lucros das vitórias e dos prejuízos das derrotas. O fato de não ser jogadora me permitia ser mais objetiva e justa em relação ao jogo.

Apesar das minhas objeções, decidi dar uma chance à proposta de Eddie. Ele apareceu trazendo seus melhores trunfos e alguns profissionais. Kenneth não ficou nada feliz. Eddie, entretanto, foi a alma da mesa, o responsável pela ação mais desenfreada do jogo. Eu sabia que aquela não era sua maneira típica de jogar e que se tratava da oportunidade pela qual vinha esperando. Ele progredira bastante desde os tempos em que jogava em pulgueiros por um ou dois dólares a mão. Kenneth venceu e o jogo foi um grande sucesso. Deixei Eddie conversar com os *dealers* sobre a comissão. Eu jamais tinha cobrado comissão do jogo grande. Sobretudo porque nesse jogo o risco era baixíssimo, e as gorjetas, enormes.

No fim da noite, depois que os jogadores tinham ido embora, Eddie e eu fizemos as contas. Entre a comissão e os nossos *horses* (os cavalos, caras de quem estávamos pegando um pedaço), arrecadamos mais de duzentos mil dólares. Era muito mais do que eu jamais havia ganhado num jogo. Eu me senti energizada por aquele lucro colossal, mas também senti uma pontada de culpa, como se tivesse trapaceado ou roubado meus amigos. Parecia uma sujeira de minha parte.

Eu estava num momento de glória. Tinha me tornado amiga dos meus inimigos, usava meu charme para encantar os críticos e vinha ganhando tanto dinheiro que nem conseguia gastar.

★ ★ ★

Glen, que antes de me conhecer era um jogador esporádico, agora vinha jogando com regularidade. Queria transformar o jogo na casa dele num evento semanal.

— O jogo vai ser seu, e você terá controle total — assegurou ele.

Esse era o problema. Realizar o jogo na casa de um jogador depreciava meu poder. Mas concordei. Ele era meu namorado.

Glen era quase sempre o maior perdedor. Isso representava outro empecilho, porque minha posição agora girava principalmente em torno de cobrar as dívidas do meu namorado para pagar seus colegas de jogo e meu salário.

Eu tinha outros jogos para gerenciar, e escapulir das partidas de Glen não era tarefa fácil. Numa noite específica, em que ele estava sofrendo um prejuízo de duzentos mil dólares, precisei cuidar de outro jogo.

Nessa noite, havia alguns encrenqueiros malucos à mesa de Glen. Um deles era Deacon Right, um jovem herdeiro rico. Deacon era um jogador ruim. Péssimo.

Ele adorava fazer Glen entrar em *tilt*.

— Glen? Sua garota vai dar no pé? — perguntou ele.

E depois ele se virou para mim:

— Você vai embora do jogo do seu homem à meia-noite? Para onde é que você pode ir a uma hora dessas?

Rangi os dentes. Antes de mais nada, não era o jogo do "meu homem", porque eu havia convidado a maioria dos jogadores e estava bancando o jogo. Além disso, estava correndo riscos para fazer daquele jogo um evento bem-sucedido. Deixando Deacon jogar, por exemplo.

Ele não parou por aí.

— Sua garota vai embora e você está perdendo duzentos mil? — insistiu ele.

Glen me lançou um olhar maligno. Eu tinha que estar presente no outro jogo a fim de checar a contabilidade, a planilha e o crédito. Os números da semana anterior foram discrepantes, e eu me preocupei, porque considerava o meu sistema de contabilidade infalível.

Minha vida pessoal e minha vida profissional estavam mais uma vez em conflito, e isso me deixava mal. Naquela sala, naquele jogo, eu não era a animadora de torcida de Glen e tampouco a namoradinha dele. Eu estava gerenciando um negócio. Se fosse embora naquele momento, eu o constrangeria na frente dos amigos, e não queria que ele perdesse ainda mais dinheiro, mas também precisava cuidar do outro negócio.

Eu me levantei para sair e Glen fez sinal para que eu esperasse.

Ele foi até corredor.

— Já é meia-noite — disse.

— Preciso dar uma olhada no outro jogo.

Discutimos por um minuto, e eu o interrompi.

— Estou indo. Volto mais tarde.

Na escada, eu me virei para dizer boa-noite. Ele bateu a porta na minha cara.

★ ★ ★

Assim que cheguei ao outro jogo, Willy Engelbert, um garoto nova-iorquino cheio de dinheiro, veio correndo em minha direção com sua pilha de fichas.

— Mais uma virada insana — disse ele, esbaforido.

— Belo trabalho — falei, olhando com atenção para ele.

Havia alguma coisa estranha. Eu já tinha visto milhares de vitórias e derrotas, e havia algo de errado.

— Posso receber meu dinheiro? — perguntou ele do mesmo modo ofegante e desesperado.

Enquanto isso, o dono da casa e anfitrião do jogo estava perdendo uma pequena fortuna e pelo visto tinha convencido minha assistente a lhe dar muito mais crédito do que eu julgava razoável. Embora fosse abastado e supostamente meu parceiro no jogo, o tal anfitrião era depravado demais para ser digno de confiança.

Fiquei contente por ter tomado a decisão de ir. Aquele jogo estava mais para um vale-tudo. Havia uma porção de rostos desconhecidos que pareciam um pouco deslocados, e o *dealer* já estava trabalhando havia mais de três horas, por insistência do anfitrião. Não gostava que meus crupiês trabalhassem por mais de uma hora por turno de trabalho.

Era hora de recuperar o controle do jogo. Tive uma conversa com o anfitrião, que me mostrou seu saldo bancário on-line e inclusive transferiu um dinheiro para minha conta. Depois, tentei me familiarizar com os rostos novos enquanto corrigia os livros contábeis.

Glen me ligou e berrou ao telefone.

— O jogo já acabou, cadê você, porra? Isso é uma total falta de profissionalismo da sua parte. Preciso que venha para fazer a contabilidade e pagar as pessoas.

Voltei correndo na noite gelada e fiz sinal para um táxi que me levou de volta até o apartamento de Glen, onde cuidei da contabilidade e preenchi os cheques para os vencedores e a equipe. De acordo com meus cálculos, Glen tinha perdido 210 mil dólares, razão pela qual ele estava irritado. Assim que acabei de fazer os cheques, ele saiu caminhando a passos pesados e entrou no quarto.

Saí de casa na ponta dos pés e voltei para o outro jogo, a fim de me assegurar de que tudo estava correndo com tranquilidade. Quando enfim me dei por satisfeita ao constatar que minha equipe tinha tudo sob controle, voltei para o apartamento de Glen. O sol já raiava lá fora.

Eu me enfiei na cama devagar, rezando para não acordá-lo.

— Vou ficar com o dinheiro das gorjetas de hoje, e quero receber retroativamente por todos os jogos que fizemos juntos — disse ele, de costas para mim.

O ódio se alastrou dentro do meu peito feito um incêndio numa floresta. Quis berrar a plenos pulmões todos os motivos pelos quais aquela exigência dele era injusta, desonesta e antiética — como, por exemplo, o fato de que ele era um corretor de Wall Street e aquele era o meu negócio.

Eu tinha passado a vida inteira construindo esse negócio para que pudesse jogar de acordo com minhas próprias regras e amar um homem de verdade, e não porque eu precisava dele.

Naquele momento, Glen se tornou meu inimigo. Assim, em vez de discutir com ele, eu me acalmei. Precisava elaborar uma estratégia.

— Depois a gente conversa sobre isso — respondi, virando para o outro lado na cama.

Fingi que estava dormindo até ele sair para trabalhar.

★ ★ ★

Acordei às seis da manhã com um torpedo do meu *dealer*.

O jogo deu uma diferença de dez mil de novo.

Tive um lampejo de Willy e do quanto ele me deixara desconfiada. E, quando comecei a investigar mais a fundo, descobri que o jogo da noite anterior não era o único que apresentava discrepância nas últimas semanas.

Entrei em contato com os outros gerentes de jogos que Willy frequentava, e todos confirmaram a presença dele em jogos em que houve alguma divergência contábil.

Acusar alguém de trapaça sem ter provas concretas causaria uma avalanche de problemas. Willy simplesmente negaria, diria que se tratava de uma coincidência, e era bem provável que depois saísse falando mal de mim pela cidade. Eu precisava de provas. Precisava pegá-lo no flagra. Por isso, mandei instalar câmeras discretas, posicionando-as de modo que não comprometessem nenhum dos outros jogadores mostrando suas mãos ou seu rosto.

De acordo com meu raciocínio, a única maneira de Willy conseguir se safar impunemente da trapaça era se de alguma forma acrescentasse fichas à sua própria pilha sem pagar o *buy-in*. Era possível que tivesse encomendado fichas customizadas idênticas às minhas ou que, sabe-se lá como, estivesse roubando do meu conjunto de fichas ou das pilhas em cima da mesa.

Como era de se esperar, Willy apareceu novamente no jogo seguinte. Ele, que era um péssimo jogador, de alguma maneira, terminou a noite com um pequeno lucro. E depois quase implorou para receber na mesma hora o dinheiro.

Assisti à fita de segurança, e ficou claro como a luz do dia que, durante todo o jogo, Willy tirava fichas de dentro do próprio bolso e as colocava em cima da mesa.

Liguei para ele e, com o pretexto de que todos os cheques estavam prontos, pedi que passasse em meu apartamento.

Ele apareceu com as bochechas rosadas por conta do frio e vestindo um casaco caríssimo.

— Oi! — cumprimentou ele com um beijo e um abraço. — Quero só dizer que seus jogos são sensacionais, você comanda o melhor jogo da cidade, e todo mundo sabe disso.

Sorri e agradeci.

— Quero lhe mostrar uma coisa.

Ele assistiu à fita e seu rosto ficou pálido.

— Molly, você não entende a pressão que estou sofrendo — alegou ele, agitado. — Eu me meti numa encrenca com algumas pessoas ruins e não posso pedir ajuda a minha família; eles me matariam. Eles já me acham um fracassado.

Ele começou a chorar. Dei-lhe alguns lenços de papel.

— Eu entendo — menti.

Pobre menino rico, que preferia roubar em vez de enfrentar os pais. Ele era um ladrão, um trapaceiro, um covarde, mas eu precisava que ele me visse como alguém que estava lhe fazendo um favor, e não como uma adversária. Willy estava desesperado e era inescrupuloso, uma combinação que fomenta inimigos poderosos. Por isso, exerci o papel de aliada.

— Escute, não vou mostrar esta fita para ninguém, mas você precisa pagar o dinheiro dos jogos em que trapaceou. Além disso, nunca mais vai poder jogar de novo. Vou rasgar estes cheques, e você pode me pagar quando se recuperar dos seus problemas financeiros. Você joga com uma porção de amigos do seu pai e pessoas importantes que podem ter um papel crucial no seu futuro.

Agradecido, ele concordou comigo na mesma hora e pediu desculpas sem parar.

Eu sabia que, se tivesse batido de frente com Willy sem ter provas, ele ficaria furioso. Sabia também que os outros gerentes de jogos de pôquer da cidade não teriam lidado de forma tão diplomática quanto eu.

— Pague suas dívidas e o vídeo é seu.

Ele me deu um abraço e depois saiu, humilhado e derrotado.

— Obrigado por lidar dessa forma com a situação — disse ele, baixinho. — Você é uma boa garota.

★ ★ ★

No fim das contas, Willy me pagou tudo que devia, e eu lhe entreguei a fita. É claro que mantive uma cópia, mas nunca mais voltei a ter notícias dele e jamais precisei usá-la.

Esse fiasco me ensinou uma lição valiosa: não poderia deixar outra pessoa comandar meus jogos. Eu tinha que estar lá pessoalmente.

★ ★ ★

Logo depois de Willy ir embora, um dos meus jogadores habituais me ligou para contestar uma quantia de 250 mil dólares que ele havia pagado a Illya em dezembro.

Naquele momento, esse jogador em questão devia cerca de um milhão ao jogo, e basicamente estava dizendo que não pagaria 250 mil. Liguei para Illya, que, é claro, alegou que o cara estava errado.

Fechei os olhos e recostei a cabeça no sofá, exausta como nunca na vida. Insone e emocionalmente esgotada como estava, o peso das responsabilidades que eu suportava sozinha sobre os ombros começava a ser esmagador. Para piorar as coisas, eu tinha que conversar com Glen.

Sem saber como estaria seu humor, hesitei quando ele abriu a porta.

Ele me deu um abraço apertado.

— Sinto muito, meu bem. O que fiz foi inadmissível. Você pode ficar com tudo, o jogo, a coisa toda.

Queria acreditar nele, mas não acreditava. Estava cansada demais para brigar e me deixei desabar nos braços dele. Eu ansiava pela bondade de Eugene, pela a pureza do seu amor.

Eu me convenci de que estava ajudando Eugene, mas estava ajudando a mim mesma, e senti no peito o peso da culpa. Eu não ajudei Eugene, eu o arruinei.

Nessa noite, Glen e eu saímos para jantar e acabamos bebendo vinho demais. Ele agarrou minhas mãos como se fosse me pedir em casamento.

— Qual é o número?

— Como assim?

— Qual é a quantia que faria você abandonar o pôquer? Assino o cheque agora. Invisto em qualquer coisa que quiser.

Ele sacou o talão de cheques. Seus olhos estavam ensandecidos.

— Qual é o número? Escrevo o valor agora mesmo!

— Por quê? Para virar meu dono?

Fui tomada por uma raiva repentina. Glen estava acostumado a usar seu dinheiro para controlar situações. E agora estava tentando usá-lo para me controlar.

— Não tem número nenhum, Glen. Não estou à venda.

★ ★ ★

As coisas com Glen foram de mal a pior. Ele passou a ser cada vez mais controlador. Eu, por outro lado, me afastava. Quanto mais procurava me livrar de Glen, mais sentia que ele tentava me controlar, e com o único meio eficaz de que dispunha: o jogo.

De acordo com meus registros, ele nunca me pagou os 210 mil dólares que perdera na noite de nossa primeira briga. Ele começou a se recusar a pagar a grana que perdia em outros jogos e que, a meu ver, ele me devia. Quando eu tentava cobrar, ele dizia que eu era uma péssima namorada.

Quando por fim me hospedei num hotel — onde me registrei com um nome falso — e lhe escrevi um e-mail de despedida, Glen ficou arrasado. Ele me ligava sem parar, ligava para meus amigos e minhas assistentes. Apareceu no Plaza e exigiu saber em que quarto eu estava. Perdeu completamente a compostura.

De alguma forma, isso não me surpreendeu.

★ ★ ★

No dia seguinte, mandei um e-mail a Kenneth Redding a respeito do jogo grande. Ele respondeu de imediato.

A gente vai jogar hoje à noite na casa do Eddie.
Achei que vocês dois estavam organizando o jogo juntos.

Senti o sangue, de súbito, afoguear meu rosto. Merda. Merda. Merda.

No mesmo instante entendi o que estava acontecendo. Glen provavelmente falou com Eddie e o forçou a tomar partido. E Eddie, que eu considerava como amigo, não era amigo de ninguém. Ele era um homem de negócios, e viu sua oportunidade de tomar meu lugar e conquistar Glen como um trunfo.

Senti a raiva explodir dentro de mim. Peguei um copo e o arremessei com força na parede. O vidro se espatifou em mil pedaços.

★ ★ ★

As semanas seguintes foram um inferno. Eddie se apoderou do jogo grande, Glen estava fazendo em sua casa o meu jogo das noites de segunda, e eu mal conseguia organizar um jogo por semana. Nem Glen, nem Eddie retornavam minhas ligações. De acordo com meus registros contábeis, ambos me deviam um bocado de dinheiro.

Se você vai me roubar ou deixar de cumprir com sua palavra, pelo menos tenha a coragem de olhar na minha cara.

Minha mente estava girando. Eu não ia ficar deitada e aceitar aquele destino. Não fugiria apavorada com o rabo entre as pernas como fiz em Los

Angeles. Além do mais, dessa vez eu não tinha para onde ir.

Comecei a engendrar planos para recuperar meu jogo. Eu tinha informações que poderiam arruinar os dois. Claro que tinha. Sabia dos segredos de todo mundo. Eu era a anfitriã das noitadas de transgressões. Mas eles também poderiam me arruinar na mesma hora. Todos nós estávamos expostos de alguma forma. Alguns de nós estavam infringindo bastante as leis. Por isso decidi fazer a coisa certa.

Eu tinha mais contatos. Tinha outros jogos. Porém, a novidade de Nova York estava se degastando.

Parte seis

BARALHO FRIO

Nova York, junho de 2010-2011

Baralho frio (locução substantiva)
Baralho que foi manipulado ("marcado") para que o jogador não consiga ganhar.

CAPÍTULO 29

O verão chegou de novo, e o longo e frio inverno, literal e metaforicamente, deu lugar à esperança e ao hedonismo. Aluguei outra mansão nos Hamptons e me preparei com as garotas para uma enxurrada de festas, partidas de polo e, é claro, jogos de pôquer.

Eu tinha reconstruído meu elenco de jogadores e estava ganhando dinheiro de novo, mas já não curtia tanto assim. Estava cansada. Cansada de ser passada para trás. Aparentemente, a menos que estivesse disposta a me rebaixar ao nível deles, jamais teria condições de competir com indivíduos sem honra. Vivia em constante estado de alerta com as pessoas ao redor, e a sensação que tinha era a de que todo mundo estava tentando roubar meus jogos, e todos os meus "amigos" ou estavam na minha folha de pagamento, ou eram jogadores na minha mesa de pôquer. Eu estava ficando fatigada do peso e da solidão.

Passei julho em Ibiza e Saint-Tropez fazendo o que sempre tinha feito: recrutando, sendo diplomática e cuidando dos jogos. Certa noite em Ibiza, angariei cinquenta mil dólares de várias pessoas que me deviam dinheiro. Todas simplesmente me entregaram maços de dinheiro vivo. Contudo, a paixão e o entusiasmo estavam ausentes. Em vez de dançar em cima das mesas com os demais, eu me sentei num sofá e fiquei observando o turbilhão de garotas seminuas, caras suados, drogas, álcool e fingimento.

Fui embora da boate e voltei a pé e sozinha para o hotel. O sol estava nascendo, e minhas amigas ficariam fora por mais algumas horas. Eu não conseguia me livrar da sensação de vazio.

Por mais acostumada que estivesse a andar por aí carregando maços e maços de cédulas dentro da bolsa, havia ocasiões em que a quantia em dinheiro que eu precisava carregar pela cidade ultrapassava os cinquenta mil dólares, e, nessas circunstâncias, eu tinha que tomar medidas de segurança.

Eu havia contratado um motorista especificamente para essas ocasiões.

Instruí Silas a me pegar no horário marcado porque precisava ir ao centro da cidade coletar uma quantia grande. Silas tratava as ruas de Nova York como se estivesse jogando video game, e conseguia me levar de meu apartamento no Upper West Side ao Distrito Financeiro em menos de dez minutos.

Entrei no Escalade preto e abri meu notebook.

— Oi, Molly.

— Oi — respondi, examinando planilhas.

— Como vai?

— Tudo bem — falei, angustiada pela extrema disparidade entre a quantia que me deviam e a que eu devia. Minha exposição era enorme e a ansiedade de ter que cobrar e buscar meu próprio dinheiro toda semana estava me afetando. Silas não costumava ser tão tagarela, um dos motivos pelos quais eu gostava dele. Nunca lhe disse o que eu fazia da vida, e, embora tivesse certeza de que ele sabia, Silas nunca me perguntou.

— Ei — continuou Silas, seu sotaque italiano transformando as palavras num charco que eu precisava atravessar com dificuldade se quisesse entender o que ele estava dizendo. — Tenho uns amigos que moram em Nova Jersey. Eles gerenciam jogos com um pessoal de fundos de *hedge*... querem conhecer você.

Levantei os olhos do laptop. A parte mais importante do meu trabalho era encontrar sangue novo para o jogo, e, mesmo que fosse um pouco invasivo da parte de Silas tentar se envolver, dicas úteis vinham dos lugares mais estranhos.

— Beleza — respondi. — Pode dar meu número de telefone a seu amigo, Silas. Obrigada.

Sorri para ele pelo retrovisor e pus meus fones de ouvido para terminar de fazer as contas sem ser interrompida nos próximos seis minutos do trajeto.

Eu me esqueci por completo da conversa até que, horas depois, Silas me ligou.

— Falei com meus amigos e eles querem se encontrar com você — disse ele, em seu sotaque carregado.

Não estranhei o fato de Silas estar agindo como intermediário. Todo mundo sempre queria uma fatia do bolo, e, se ajudasse a fechar o negócio, ele conseguiria uma.

— Seus amigos podem me encontrar no Four Seasons. Estarei lá na sexta-feira.

Eu já havia marcado uma reunião lá com um *marchand* que estava interessado em um pequeno jogo semanal para alguns negociantes de arte, donos de galeria e artistas. Assim, se esse encontro não desse em nada, eu não teria desperdiçado meu tempo.

★ ★ ★

Eu estava sentada no canto terminando meu chá gelado quando os "amigos" de Silas apareceram. Reparei neles na mesma hora. Eram dois homens corpulentos, parados na área do bar, olhando ao redor, confusos. Vestindo

ternos reluzentes e correntes de ouro, parecia que tinham acabado de sair dos bastidores do filme *Os Bons Companheiros*.

Meus olhos se arregalaram. Aquilo com certeza não era o que eu esperava, e era o tipo de reunião da qual eu jamais gostaria de participar na vida. Porém, eles me avistaram e agora vinham andando em minha direção. Eu me levantei para cumprimentar os dois gigantes, que pareciam duas torres à minha frente.

— Eh... você é a Molly? — disse um deles, aparentemente perplexo.

Eu estava acostumada a esse tipo de reação. Em sua maioria, os novos jogadores ficavam surpresos quando descobriam que eu era uma mulher jovem e miúda vestida de modo profissional, com terninho Armani e colar de pérolas.

— Oi — cumprimentei com educação, como se o comportamento deles fosse aceitável. Fiz sinal para o garçom, que lançou para meus companheiros uma olhada rápida e desdenhosa. — O que gostariam de beber?

Eles se sentaram nas elegantes e confortáveis poltronas de couro, sua linguagem corporal revelando que estavam se sentindo bastante deslocados.

— Ah, sim... para mim... hã... vou querer um... martíni de maçã — disse o maior dos dois, que se apresentou como Nicky.

Quase cuspi meu chá gelado na mesa. O cara durão queria um martíni de maçã? Sério? A coisa toda me deu vontade de rir. Os trajes, o drinque adocicado. Era demais.

O menor, Vinny, falou comigo.

— A gente quer conversar com você sobre uma parceria — disse ele num tom de voz que sugeria mais uma ordem do que uma oferta. — A gente pode ajudar você a fazer as cobranças. Ninguém vai foder você. Ouvimos dizer que você comanda um jogo muito bom, um belo jogo, mas todo mundo tenta foder você porque é mulher. Se firmar uma sociedade com a gente, ninguém nunca mais vai foder você.

Por mais que a declaração dele fosse verdadeira, e embora a oferta fosse bastante tentadora, eu sabia que não era algo respeitável.

Fiquei em silêncio e tomei um gole mais demorado que o normal do meu chá gelado.

— Caras, realmente agradeço a oferta, mas a verdade é que não preciso de ajuda nenhuma — respondi, tentando manter um contato visual firme mas amistoso.

— Olha, aqui não é Beverly Hills — retrucou Vinny. — É assim que funciona: você dá um pedaço para a gente, e a gente garante sua segurança. Na verdade, não é uma oferta, é como a coisa funciona.

— É que não é esse tipo de jogo — aleguei, tentando argumentar. — Se fizer negócios com vocês, perco meus clientes.

Aquilo era verdade. A limpeza de meu negócio vinha da inexistência de vínculos com o submundo. A polícia não dava a mínima para os jogos de

pôquer, desde que não tivessem relação com violência, drogas, prostituição ou agiotagem. Envolver-me com aqueles caras não garantiria em nada minha segurança — e me deixaria exposta a encrencas ainda maiores.

Ficamos algum tempo num vaivém, andando em círculos. Vinny começou a ficar irritado, e Nicky o fuzilou com o olhar.

— Olhe só, me deixem pensar a respeito. — Eu já estava quebrando a cabeça em busca de uma solução, uma maneira de ter alguma utilidade para eles sem envolvê-los no meu negócio. — A gente volta a se falar daqui a uns dias.

Eu me levantei para apertar a mão dos dois, que se agigantaram à minha frente.

— Ei — propus, num adendo: — Parece que este é um jeito difícil de ganhar a vida. Eu conheço pessoas, sabem? Se quiserem tomar um rumo diferente, posso ajudar vocês, apresentá-los a algumas pessoas que talvez apreciem as... hã... habilidades singulares que adquiriram.

Abri meu sorriso mais sincero, e eles me encararam como se eu fosse uma criatura de outro mundo.

— A gente entra em contato — disse Vinny, em voz baixa.

★ ★ ★

Na mesma semana, Nicky me ligou.

— Você acha mesmo que pode me ajudar? — Sua voz parecia melancólica, nada a ver com a postura de um cara durão.

— Do que está precisando?

— Quero fazer algo diferente. Não sei o quê, apenas diferente.

Em silêncio, vibrei de alegria.

— Claro. Por que a gente não se encontra para almoçar depois das festas de fim de ano e conversa a respeito?

— Obrigado, Molly.

Graças a Deus, pensei. Problema resolvido. Não preciso mais pensar mais nisso.

Mal tive tempo de notar que em meu telefone havia uma ligação perdida de Nicky. Ele ligou de novo, mas eu estava atolada demais de trabalho para atender. Deixei de responder às duas ligações seguintes. Tinha que lidar com problemas maiores: um dos meus jogadores preenchera um cheque de 250 mil dólares que, sem fundos, foi devolvido pelo banco. E Kenneth, que era dono de um patrimônio de zilhões de dólares, estava protelando um pagamento de quinhentos mil.

Depois chegou o Natal e era hora de voltar para casa. Eu precisava ir. Fazia séculos que não voltava ao Colorado, e estava com saudade da minha família.

CAPÍTULO 30

O Colorado estava lindo, coberto de neve branca e imaculada. Fazia muito tempo que não voltava para casa. De manhã, desci as escadas e lá estavam minha mãe, minha avó e meus irmãos, todos de pijama, sentados assistindo a um vídeo no YouTube que mostrava um recente "desejo" realizado pela instituição de caridade do meu irmão, dedicada a ajudar cidadãos idosos pobres a concretizar sonhos acalentados durante a vida toda. Saí para dar um passeio com minha mãe, e todos os vizinhos me cumprimentavam pelo nome. Quando fizemos uma parada na Starbucks local, a barista quis saber como estava meu dia e continuou o bate-papo perguntando o que eu faria no restante daquele "lindo dia". Era completamente diferente da minha vida em Nova York; parecia outro planeta.

Minha família era maravilhosa, mas naquele tempo parecia um grupo de desconhecidos para mim. Por mais velha e bem-sucedida que eu tivesse me tornado, a sensação de inferioridade e de ser uma forasteira jamais me abandonava. Meus irmãos estavam fazendo coisas extraordinárias. Jordan fora aceito no programa de residência em Harvard; casou-se com o amor da sua vida e planejava começar uma família. Depois de se aposentar de sua ilustre carreira esportiva, Jeremy não perdeu tempo e logo criou uma empresa de tecnologia de ponta e foi reverenciado pela revista *Forbes* como uma das "30 pessoas notáveis com menos de 30 anos na área de tecnologia". Além do caráter inegavelmente tocante de seu trabalho filantrópico, Jeremy recebeu um polpudo investimento para financiar sua empresa e estava conquistando uma boa repercussão na imprensa. Tentei deixar de lado meus sentimentos de inadequação e apenas apreciar a companhia da minha família. Não era fácil.

No jantar, fiquei encarando o prato enquanto ouvia meus irmãos discorrerem sobre suas vidas. O pôquer era a única coisa em que eu era boa de verdade. Havia construído do zero um empreendimento multimilionário, mas, ainda assim, não sentia que merecia um lugar àquela mesa. Comi em silêncio, reabastecendo sem parar minha taça de vinho. Eu não tinha nada digno de nota para acrescentar à conversa. Minha família sabia a respeito do jogo. Tentavam ignorá-lo, tratando-o como se fosse apenas uma fase em minha vida. Aquilo chegou a tal ponto que não consegui mais controlar a frustração que estava sentindo por ser, a meu ver, desvalorizada; eu queria me rebelar. Comecei a falar — sobre o dinheiro, os "amigos" famosos e

bilionários, os jatinhos particulares, o motorista em tempo integral, a equipe, as casas noturnas. Só porque meus familiares não achavam essas coisas impressionantes não significava que o resto do mundo não sonhava com a vida que eu descrevia. Eu sabia que meu discurso estava sendo detestável.

Pude ver o julgamento e a desaprovação nos olhos deles.

— É realmente essa a vida que você quer? — perguntou Jordan.

— Sim. Não julgo a vidinha perfeita, certinha e entediante de vocês. — Estava ficando irritada, estridente e sem dúvida bêbada demais. — Estou pouco me fodendo para o que vocês pensam sobre a minha carreira. Vocês não fazem ideia dos obstáculos que superei, então podem guardar seus comentários virtuosos e olhares de reprovação.

Subi correndo as escadas e fui para meu velho quarto, bati a porta e chorei no travesseiro. Com raiva, sequei as lágrimas e abri meu computador. Estava envergonhada e furiosa comigo mesma, queria ir embora. Reservei lugar num voo e agendei um carro para me buscar.

Minha mãe bateu na porta.

— Querida, só estamos preocupados — disse ela assim que entrou. — Amamos você e estamos todos muito orgulhosos. Mas é que você está diferente. Parece infeliz.

— Não precisa se preocupar, mãe. Estou bem. Só cansada. Quero me deitar, ok?

— Tudo bem, querida. Eu amo você demais. — Ela me abraçou.

Tranquei a porta e fiz as malas.

Deixei um bilhete.

Me desculpem, preciso voltar para Nova York.

Quando o carro chegou, saí da casa levando a mala de mão. Pude ouvir minha família às gargalhadas na sala de estar. Parei, hesitante. Eles estavam olhando velhos álbuns de fotografias e tirando sarro uns dos outros. Em silêncio, fechei a porta da casa. Eu não queria me despedir; queria apenas voltar para Nova York o mais rápido possível.

★ ★ ★

No avião, durante a viagem de volta para a cidade grande, pensei no jogo, nos negócios. Era a única coisa que me dava a sensação de ser especial, a única coisa que não tinha despedaçado meu coração. Havia desafios, mas sempre encontrava uma maneira de superá-los. Não era apenas o jogo; era o mundo de oportunidades que vinha com ele.

O jogo era minha porta de entrada para qualquer mundo de que eu quisesse fazer parte. O mundo dos fundos de *hedge*. O mundo da arte. Eu poderia organizar um jogo para políticos, artistas, membros da realeza. Todos

os estratos da sociedade continham apostadores, e prospectá-los era minha especialidade.

No trajeto de carro entre o aeroporto e a cidade ponderei as possibilidades. Nova York estava coberta de neve e decorações natalinas, e me senti animada por estar de volta. Eu amava mesmo aquela cidade. Senti uma energia e uma paixão renovadas.

Cheguei ao meu prédio, cumprimentei o porteiro, Roger, como se tivesse encontrado um velho amigo, e subi.

O edifício estava em obras, e o silêncio e o vazio tomavam conta do corredor. Os poucos inquilinos que lá moravam tinham viajado por conta das festas de fim de ano. Lucy estava com minha vizinha June, que também era a passeadora dela. De tão empolgada para ver minha cachorrinha, parei no apartamento de June para pegá-la. Minha vizinha não atendeu, por isso subi até meu apartamento.

Roger bateu na porta com minha bagagem. Havia mais malas do que o habitual porque eu trouxera algumas coisas do Colorado.

— Boas festas, Roger — disse a ele, dando-lhe uma gorjeta bem generosa.

Quando ele já estava indo embora, eu me lembrei de perguntar sobre a correspondência.

— Algum pacote?

— Acho que não. Se tiver algum, trago aqui em cima.

Agradeci e fechei a porta.

Comecei a desfazer as malas quando ouvi uma batida na porta. *Provavelmente é o Roger com a correspondência*, pensei. Abri a porta para um desconhecido. Ele entrou com todo o ímpeto. Antes que eu pudesse protestar, ele me puxou para dentro do apartamento e fechou a porta.

Abri a boca para gritar e ele sacou uma arma do casaco e me empurrou com violência contra a parede. Senti a dor descer pelo corpo a partir do centro do meu crânio.

Ele enfiou o cano da arma dentro da minha boca.

— Fica de boca fechada, porra — ordenou ele.

O tempo desacelerou.

Uma arma na boca, havia uma arma na minha boca. Meus dentes rangiam enquanto o aço frio e implacável batia contra eles.

Uma onda de medo e adrenalina irrompeu em minhas veias. Meneei a cabeça para mostrar que eu concordava e que agiria de acordo com as vontades dele. O homem então tirou o revólver da minha boca e o apertou contra minha nuca.

Talvez Roger voltasse. Era minha única esperança.

— Anda — ordenou ele, empurrando-me com o revólver até meu quarto.

Ele me empurrou na direção da minha cama e eu caí em cima do colchão, exatamente onde não queria estar. Ainda tinha a esperança de que Roger aparecesse, mas e se não houvesse nenhum pacote... ou se ele tivesse esquecido? Pior ainda, e se aquele louco tivesse atirado nele?

Eu precisava me recompor, mas, vivendo aquele terror, era muito difícil pensar com clareza. Eu me ajeitei depressa e me sentei apoiando as costas na cabeceira.

— Eu tenho dinheiro — falei. — Tenho muito dinheiro.

— Onde?

— Tenho dinheiro vivo no cofre.

Ele me agarrou pelo cabelo. Minha cabeça ainda doía no ponto que se chocou contra a parede. Eu estava tonta.

— Cadê?

— No closet. — Apontei para o canto do quarto.

Tudo bem, aquela era boa notícia. Talvez ele estivesse lá pelo dinheiro. Um fiapo de lucidez retornou. Olhei para o rosto dele; ele tinha cabelo preto, olhos grandes e negros. Estava com a barba feita. Por que não estava de máscara? POR QUE NÃO ESTAVA USANDO MÁSCARA? Naquelas circunstâncias eu poderia identificá-lo com facilidade. A resposta me atingiu em cheio, feito uma tijolada.

Ele vai me matar.

Eu tinha deixado minha família para trás sem sequer dizer adeus. Tinha agido de forma horrível e mesquinha.

Ele vai me matar.

O homem agarrou meu braço e me levou até o closet, depois colocou a mão no meu ombro e me forçou a ficar de joelhos. Meu corpo estava mole; a compreensão de que aqueles eram provavelmente meus últimos minutos no planeta tinha substituído a tristeza por medo.

Ele apontou a arma na direção do cofre.

Entorpecida, digitei a senha no teclado. A arma estava pressionando minha cabeça.

A porta de metal se abriu para revelar as pilhas de cédulas meticulosamente dispostas em maços de dez mil dólares e as caixas de joias, ao lado de documentos importantes como minha certidão de nascimento e meu passaporte.

— Passa a grana e as joias — disse ele.

Percebi empolgação em sua voz.

Passei para ele os maços de dinheiro vivo.

Entreguei as joias que minha avó deixara para mim.

— Me dá uma bolsa — ordenou o homem.

Ele precisaria de uma para carregar todo o dinheiro. Eu me levantei com cuidado e lhe dei uma Balmain da minha coleção de bolsas de grife.

Ele enfiou dentro da bolsa os maços de dinheiro, um colar de ouro com o retrato da minha bisavó, de quem herdei o nome, a aliança de casamento da minha mãe e um par de brincos de diamante da minha avó. Demonstrando muito contentamento, fechou o zíper da bolsa.

Depois ele se abaixou, ficou de frente para mim e, com as mãos ásperas e calejadas, agarrou meu rosto, aproximando o rosto dele até ficar bem rente ao meu. Seu hálito recendia a dentes podres e cigarro.

Ele encostou a boca na minha orelha e sussurrou:

— Ainda acha que dá as cartas, sua putinha de merda?

— Como assim? — perguntei, num fiapo de voz.

— Isso é culpa sua. Se não tivesse sido uma vadia tão arrogante com meus amigos, eu não teria que fazer o que preciso fazer.

E foi nesse momento que tudo fez sentido: ele fora mandado pelos caras que conheci no Four Seasons.

O homem deslizou o dorso da mão sobre minha bochecha.

— É uma pena, você tem um rosto tão bonito.

Puxando-me pelo cabelo, ele me fez ficar de pé.

Golpeou minha cabeça contra a parede. Tudo começou a girar. Caí no choro. Assim que abri os olhos de novo, senti o impacto do punho dele no meu rosto. Ele me acertou outro soco, agora no nariz.

Tive a sensação de que todos os meus nervos explodiram. Logo depois, veio a dormência. Levei a mão ao rosto; o sangue jorrava do meu nariz para dentro da minha boca. Eu não conseguia respirar. Estava sufocando no meu próprio sangue. Ele me bateu de novo. Seu punho parecia uma barra de ferro malhando os ossos delicados do meu rosto. Imaginei todos os ossos quebrando, estilhaçando-se. Meu rosto parecia estar inflando feito um balão. Gritei e tentei escapar dele, mas não havia para onde correr dentro do closet, então me arrastei para dentro o máximo possível, espremendo-me contra os vestidos e casacos, sangrando em cima de peles macias e sedas farfalhantes.

Tudo doía. Doía tanto que quase não doía mais, como se fosse uma sensação única e completa que apenas mudava minha maneira de perceber que eu estava viva. Eu era como um animal ofegante, preso numa armadilha.

Ele me arrancou do closet e depois tirou a arma de dentro do casaco.

Vi o rosto da minha mãe e do meu pai, dos meus irmãos, Lucy, Eugene.

— Por favor, eu tenho família. Por favor, não me mate — implorei, engasgando.

Eu não me importava com o que ele queria. Faria qualquer coisa. Só não queria morrer.

— Molly — disse ele, agora numa voz triste e tão suave quanto o toque de sua mão em minhas costas. — Eu avisei. A gente não queria que fosse assim...

Ele apontou a arma para meu rosto. Eu me encolhi e fechei os olhos. Pareceu ter transcorrido uma eternidade.

— Abra os olhos. A gente pode ter uma relação muito boa. Só não nos desrespeite nunca mais.

Consegui menear a cabeça.

— E nem pense em ligar para a polícia. A gente sabe onde sua mãe mora... numa casa muito bonita nas montanhas do Colorado.

Ah, Deus, ah, Deus, o que foi que eu fiz?

— Não vou ligar... juro — respondi, soluçando.

— Esse é o nosso primeiro e único aviso.

Vi o punho dele vindo em direção ao meu rosto de novo. E depois, escuridão.

Quando recobrei os sentidos, estava sozinha. Meu corpo inteiro estava mole; rastejei até a porta da frente, me levantei segurando a maçaneta e fechei o trinco. Depois me sentei com as costas apoiadas na porta, esperando, com os ouvidos aguçados.

Eu não podia ligar para ninguém, nem para a polícia, nem para a segurança do prédio, para um namorado ou para meus amigos. Talvez pudesse ligar para Eugene.

Disquei o número dele.

— E aí? — disse Eugene ao atendente.

Ele se mantivera frio e distante desde que começara a namorar Glen.

— Eugene, você pode vir aqui? Preciso de você. — Minha voz estava fraca e chorosa.

— Ah, agora que não está com o Glen você precisa de mim? Me desculpe, Zil, você tomou sua decisão e fez sua escolha. Estou ocupado.

— Por favor, Eug — implorei.

— Não dá. Sinto muito. — E desligou.

Eu estava completamente sozinha.

Não sei por quanto tempo fiquei lá sentada, encostada na porta. Eu me sentia fraca e paralisada. Quando enfim me levantei com as pernas trêmulas e fui para o banheiro, meu reflexo no espelho estava horrendo. Olhos inchados e pretos, o lábio cortado e ensanguentado, e sangue ressecado salpicando todo o rosto, o pescoço e o peito. Minhas roupas estavam cobertas de sangue. Era como olhar para a imagem de outra pessoa. Entrei no chuveiro e fiquei parada debaixo da água, o calor chicoteando minha pele machucada e cortada. Não dei a mínima. Ajoelhei-me e solucei debaixo da água, chorando pelas coisas que perdera, pela solidão, por todas as coisas que eu tinha a esperança de ser.

Acima de tudo, chorei porque eu sabia que não desistiria — nem mesmo agora, nem mesmo depois daquilo.

CAPÍTULO 31

Passei a véspera de Ano-Novo sozinha, esperando que meus ferimentos sarassem. Menti para amigos e para meus pais. Entorpecida, observei pela janela quando deu meia-noite e 2011 chegou. Passei uma semana sem sair de casa. Ficava a maior parte do tempo na cama, enrodilhada com Lucy, que me encarava com seus olhos profundos, expressivos e preocupados. Quando enfim saí de casa, via o rosto do meu agressor em toda parte. Tinha certeza de que meu motorista fazia parte do esquema, e estava quase convencida de que um dos porteiros recebera dinheiro para deixá-lo entrar. Eu não confiava em ninguém.

Recebi outra ligação de Vinny. Dessa vez liguei de volta.

— Molly, como vai?

— Bem.

— Vamos marcar outra reunião. Acho que agora você vai ver as coisas com mais clareza.

— Tudo bem, combinado.

Eu não tinha escolha e sabia disso.

— Semana que vem — propus. — Nesta semana, vou viajar. — Eu não podia encará-lo com os todos os hematomas e machucados. Não lhes daria essa satisfação.

Na véspera do dia em que em teoria eu tinha um encontro marcado com os homens que me bateram e me assaltaram, os homens com os quais eu talvez fosse forçada a fazer algum tipo de acordo, peguei o *The New York Times*. Na primeira página, li:

OPERAÇÃO ANTIMÁFIA DO FBI PRENDE AO MENOS 125 PESSOAS

Continuei lendo. Era a maior ação policial contra a máfia na história da cidade de Nova York.

Nunca recebi a ligação que eu esperava de Vinny... ou de quem quer que fosse. Mal podia acreditar na minha própria sorte.

★ ★ ★

Minha sorte, no entanto, não durou muito: uma intimação chegou via carta registrada. Brad Ruderman, um dos participantes do meu velho jogo de Los Angeles, fora indiciado pelo governo federal. Supostamente seu fundo de *hedge* era um esquema Ponzi, uma pirâmide financeira. Brad "Bundão" Ruderman era conhecido nos meus jogos de Los Angeles como "dinheiro grátis". Assim que eu enviava as mensagens de texto com o convite para os jogos semanais, era comum os outros jogadores responderem com a pergunta "Brad vai jogar?". Ele era tão ruim que, às vezes, passava a impressão de que estava querendo perder de propósito. Na verdade, ninguém conseguia ser tão ruim no pôquer depois de dois anos jogando regularmente. Mas Brad Bundão conseguia.

Eu o conhecia bem; por isso, depois de alguns meses convidando-o para meu jogo, eu o chamei de lado para uma conversa.

— Talvez isso não seja para você — aleguei com toda gentileza, e ofereci a ele aulas de pôquer. Queria que Brad continuasse jogando, mas também queria que ele tivesse alguma uma chance de ganhar.

Até mesmo Tobey o ensinava a jogar, o que me deixava um pouco chocada. Por fim entendi qual era a motivação dele. Tobey adorava os jogos de que Brad participava porque a presença dele atraía os jogadores de primeira linha. Brad precisava melhorar para que continuasse voltando. Se ele perdesse demais, desistiria.

Eu gostava de Brad, mas havia algo de estranho nele, certo distanciamento. A meu ver, ele parecia um pouco perdido. Nosso vínculo de amizade tornou-se tão forte que fui ao funeral da mãe dele. Ele parecia um pouco torturado também, mas, em geral, era bastante agradável e simpático. Agora entendi por que seu comportamento era tão esquisito: Brad vinha guardando um segredo enorme. A maioria dos investidores do fundo administrado por ele eram seus próprios familiares e amigos. Ele nem sequer tinha registro junto à Comissão de Valores Mobiliários, e, quando sua prisão foi decretada, seu fundo contava com meros sessenta mil dólares — cifra bem distante dos 45 milhões de dólares que ele divulgava para seus investidores. Era por isso que Brad, embora jamais ganhasse, continuava jogando. De repente, tudo fez sentido. Ele podia até ter perdido 5,3 milhões nas mesas de pôquer, mas usava o jogo para levantar milhões, convencendo os caras a investirem em seu fundo ao mesmo tempo que permitia que eles levassem embora seu dinheiro.

Agora o promotor público queria meu depoimento. Brad já revelara informações sobre o jogo, os jogadores, a quantia que perdeu, para quem iam os cheques, e trouxe à tona o fato de que, segundo constava, o jogo era gerenciado por mim. Continuei lendo a intimação. Brad alegava que eu o atraíra para meus jogos, e que, naquelas salas clandestinas, ele acabou desenvolvendo um vício em apostas. Alegou que, no fim das contas, o vício

o levou a deixar de lado seus valores morais, culminando na fraudulenta empreitada da pirâmide financeira.

Então, embarquei num voo rumo a Los Angeles.

★ ★ ★

Meu velho advogado de Los Angeles me buscou no aeroporto. O depoimento foi tão desagradável quanto eu esperava. Depois de horas contornando perguntas e apenas confirmando detalhes inócuos, eu estava exausta. O interrogatório desenterrou lembranças da minha vida em Los Angeles que eu empurrara para aquele porão da minha mente que eu me recusava a visitar.

Fazia muito tempo que não voltava à Califórnia. Eu me hospedei no Four Seasons; o hotel me trazia muitas lembranças, era como se houvesse uma porção de fantasmas assombrando os corredores, mas muita coisa havia mudado. Eu era uma pessoa diferente. E o jogo de Los Angeles também tinha mudado. Rick Salomon acusou Arthur Grossman de trapacear e, embora tenha se retratado, já não era convidado para os jogos. O mais interessante de tudo: agora Tobey também quase nunca era convidado para jogar.

Arthur se tornara o maior ganhador do jogo, e permitia que um dos profissionais da cidade jogasse em troca de aulas. Os *dealers* recebiam salário e as garotas iam e vinham, dependendo se eram as atuais namoradas dele ou não.

Eu me sentei no pátio, fitando a cidade que outrora achava que era minha. Os conhecidos pontos de referência, a vista que costumava evocar uma tremenda sensação de confiança e triunfo, agora pareciam me evitar.

Eu me perguntei se, no fim, Tobey achava que tudo aquilo tinha valido a pena.

CAPÍTULO 32

Era início de março, e mais uma vez o frio era substituído por um clima mais temperado, o que me deixava um pouco animada. Eu corria de um lado para o outro da cidade, participando de reuniões, fechando acordos e descobrindo novos apostadores em Nova York. Minha visita a Los Angeles serviu para me lembrar de que eu já tinha perdido tudo e reconstruído tudo uma vez, e era capaz de fazer isso de novo. Assim, meu plano naquele momento era o seguinte: reerguer meu império em Nova York — mas não para sempre. Quando estivesse pronta, eu sairia de cena com elegância e começaria uma vida nova, o mais longe possível do pôquer.

Passei a agir por conta própria; tornei-me uma pessoa cautelosa e tinha receio de trazer para perto quem quer que fosse. No entanto, aquela era a postura mais segura. E eu estava descobrindo o charme de uma nova espécie de clientela: russos com dinheiro. Esse novo subgrupo de jogadores me deixou intrigada: eles eram ao mesmo tempo severos e generosos, e me respeitavam, chegando a me reverenciar.

E também amavam o luxo, apreciavam os detalhes e pareciam ter bem pouco apego ao dinheiro — algo que eles aparentemente adquiriam sem esforço e do qual se desfaziam com a mesma facilidade. Essa era uma das diversas nuances do estilo de comportamento dessa comunidade que eu julgava fascinante, bem como jamais perguntar um ao outro em que trabalhavam. Esse tipo de indagação era tido como falta de educação. Quem fizesse a pergunta mais comum entre meus jogadores norte-americanos — "E aí, cara, o que você faz da vida?" — seria alvo do desprezo e do desrespeito de meus novos amigos russos.

Eu me tornei próxima de um homem chamado Alex, que parecia ser uma espécie de líder. Ele era incrivelmente inteligente, sofisticado e misterioso, com uma postura serena mas imponente.

Nova York passava a impressão de contar com um estoque infinito de russos — com seus carrões de luxo, sapatos chiques e relógios de grife — que estavam interessados em jogar. Parecia que seus bolsos não tinham fundo. Eles não reclamavam, pagavam sempre, não pediam descontos nem acordos, e queriam jogar todos os dias da semana.

Eu estava de novo a caminho do topo, e gostei daquele tempero internacional.

★ ★ ★

Tinha reconstruído também meu jogo grande, que agora estava melhor do que nunca. Além dos russos, os caras de Wall Street, os atletas e as celebridades estavam de volta. Planejei um jogo épico para determinada noite — na ocasião, um dos meus jogadores mais poderosos de Londres estava na cidade, e os russos avisaram que levariam alguns caras vindos de Moscou que, segundo rezava a lenda, estavam entre os maiores apostadores do mundo. Se a noite corresse como o planejado, serviria como uma prova irrefutável de que eu sempre seria capaz de voltar, melhor e mais forte — independente de quem tentasse me derrubar.

Eu estava sentada em minha penteadeira preparando-me para o jogo. Eram dez da noite e eu tinha acabado de voltar de uma ronda de cobranças que demorou mais que o esperado.

Eu me maquiei depressa, e depois meu telefone tocou. Era um número não identificado.

— Alô? — atendi, olhando no espelho.

— Não vá a seu jogo hoje à noite — alertou-me uma voz abafada.

— Quem é? — perguntei.

A linha ficou muda.

Desde o ataque em meu apartamento, eu tinha começado a mudar regularmente os locais dos jogos e contratado guarda-costas.

Eu estava no topo de novo. Imaginei que a voz no telefone era de algum dos meus rivais tentando me assustar.

Terminei de me arrumar, tentando ignorar a misteriosa ligação. Coloquei um vestido de seda branco, sapatos *nude* de salto agulha afivelados, meu casaco de pele de raposa prateado e uma pulseira de diamantes Dior *vintage*. Graças aos russos, eu tinha voltado a achar divertido me arrumar toda; eles gostavam de glamour e da apresentação elegante. Dei uma última olhada no espelho e saí. Chamei o elevador. Nesse momento, meu celular começou a tocar sem parar. Eu o tirei da bolsa e olhei de relance para a mensagem de texto.

A mensagem era de um dos meus jogadores, Peter, que já estava no local do jogo. Eu estava na porta do elevador. O elevador chegou, as portas se abriram, mas não entrei; só fiquei lá parada, em choque.

O FBI está aqui! Uns vinte agentes. Estão procurando você.

Li as palavras dezenas de vezes, tentando dar algum sentido a elas.

Fiquei paralisada. Todo o resto continuou em movimento. O universo inteiro girava e eu estava petrificada naquele corredor. Depois de um momento, o transe se dissipou. O elevador chegou e foi embora, as portas se abriram e se fecharam, e eu reagi. Voltei correndo para meu apartamento.

Senti que dispunha de muito pouco tempo para agir. A essa altura, os agentes deviam ter percebido que eu não estava no jogo. Meu apartamento seria a parada seguinte do FBI, isso se já não estivessem na entrada do prédio, a postos e esperando que eu pusesse os pés para fora. *A polícia federal. A polícia federal*.

Aquilo era algo infinitamente maior que qualquer coisa que eu pudesse ter previsto. Eu queria minha mãe. Agarrei a bolsa, fiz uma mala às pressas, peguei Lucy e saí em disparada pela porta.

Enquanto eu descia os 21 andares, fechei os olhos, na esperança de que o FBI não estivesse no saguão do prédio. A porta do elevador se abriu, e eu me preparei para o choque.

Não havia ninguém lá.

Saímos pela porta da frente e avançamos em meio à brisa fresca da noite. Prendi a respiração quando cheguei ao meio-fio, já esperando as luzes, os gritos e o pânico. Não havia nada fora do normal, apenas transeuntes com roupas sociais e o fedor dos cavalos das carruagens do Central Park, do outro lado da rua.

Meu Escalade preto estava à minha espera.

Eu me virei e olhei para meu glamoroso apartamento dos sonhos. A placa onde se lia EMPIRE na lateral da entrada do edifício reluzia em letras vermelhas. Fiquei triste. De alguma forma, eu sabia que era a última vez que estaria lá.

★ ★ ★

— Para onde? — perguntou meu novo motorista, Joe, de maneira jovial e tranquila.

Achei estranho que naquela noite o mundo de todas as outras pessoas não estava chegando ao fim, apenas o meu.

— Joe, a gente precisa sair daqui. Por favor. Rápido.

— Para onde, srta. Bloom?

— Apenas dirija, por favor.

Liguei para a casa do meu advogado.

— Sinto muito por incomodá-lo. Os federais deram uma batida no meu jogo hoje. Arrombaram a porta e estavam à minha procura.

— Onde você está? — perguntou ele, alerta, deixando a sonolência para trás em um segundo.

— Dentro de um carro, a caminho do aeroporto. Quero ir para casa, para o Colorado. — Minha voz estava embargada. — É... é crime sair do estado?

Eu mal podia acreditar nas palavras que estavam saindo da minha boca.

— Não, não é crime, mas pode ser que eles já estejam no aeroporto para prendê-la. Fique em Nova York hoje à noite. Hospede-se num hotel, durma

na casa de um amigo, e lido com isso amanhã de manhã bem cedo.

— Eu só quero ir para casa. Ligo para você do Colorado.

— Se prenderem você, não diga nada. É só me ligar que vou até lá. LEMBRE-SE, NÃO DIGA NADA.

— Ok — concordei.

Com meu cartão de crédito, comprei uma passagem para um voo que sairia do aeroporto de Newark.

Depois pedi ao meu motorista que me deixasse no JFK.

Eu tinha a esperança de que, se os federais estivessem rastreando meus passos, essa manobra os despistasse. Cada segundo parecia uma eternidade. Fui até o balcão comprar uma passagem. Encarei com nervosismo o rosto da funcionária da companhia aérea enquanto ela digitava minhas informações no sistema.

Meu voo ainda demoraria umas duas horas, então peguei Lucy e minha mala e me tranquei num reservado de um dos banheiros. Ficamos lá sentadas até a hora de embarcar.

Enfim, chegou a hora. Eu me aproximei do portão de embarque. Era isso. Se eu passasse daquele ponto, iria para casa, pelo menos por um momento, pelo menos por tempo suficiente para ver meus pais e lhes dar um abraço de despedida.

O sol vinha surgindo sobre a cidade de Nova York. Vi a ilha desaparecer devagar à medida que o novo dia raiava e o avião subia, adentrando as nuvens. Tive vontade de chorar, mas me sentia entorpecida e morta por dentro. Quando pousamos, peguei minha bagagem e encontrei meu motorista.

Ele fez o trajeto conhecido para a casa da minha família nas montanhas, enquanto lembranças da infância — quando eu esquiava todo fim de semana com a família — surgiam na minha cabeça.

Por fim entramos na garagem da casa da minha mãe. Toquei a campainha, e ela atendeu de roupão. Ao me ver, arregalou os olhos, surpresa. Sem forças, desabei nos braços dela.

— Querida, o que foi? Me diga, querida, pode confiar em mim, está tudo bem com você?

E então tive uma crise de choro. Minha mãe me amparou, e eu não conseguia parar de chorar.

★ ★ ★

Depois de contar a ela o que tinha acontecido, eu me enfiei em sua cama e ela ficou junto comigo, afagando minha cabeça até eu adormecer, num sono sem sonhos. Acordei quando o sol estava se pondo. Aninhada lá no meio da floresta, eu me sentia a mundos de distância de minha vida no pôquer.

Minha sensação era a de que eu poderia me esconder lá para sempre. Mas eu sabia que não podia, e precisava enfrentar aquela situação.

Liguei para meu advogado; ele disse que eu era um dos alvos das investigações, e isso exigiria o pagamento de honorários adicionais para que ele trabalhasse em minha defesa. Acessei minha conta bancária.

Meu saldo mostrava: –9.999.999,00. Verifiquei as outras contas, e todas mostravam o mesmo saldo negativo.

Liguei para o meu banco:

— Preciso saber por que todas as minhas contas estão negativas.

— Sinto muito, srta. Bloom — disse, constrangido, o gerente do banco. — Há aqui uma notificação pedindo para entrar em contato com o escritório do promotor público federal.

Na mesma hora, liguei para meu advogado, que me informou que todos os meus bens haviam sido confiscados pelo governo. Ele disse que o governo queria que eu me apresentasse para "falar com eles" sobre crime organizado.

Pensei nos olhos sem alma do meu agressor em Nova York, e principalmente na ameaça que ele fez à minha mãe.

— Não, não vou fazer isso — respondi, com firmeza.

— Eu falo com eles.

— O que acontece agora?

— Bom, se você não cooperar, não tenho como recuperar seu dinheiro, e há a possibilidade de você ser indiciada.

— Mas nós analisamos as leis — aleguei, referindo-me à pesquisa que eu pedira que ele fizesse acerca dos estatutos federais em torno do pôquer. Sua opinião profissional, bem como o parecer do advogado de Los Angeles, era a de que eu não estava violando nenhuma lei federal. Portanto, o fato de que eu poderia acabar sendo acusada em âmbito federal me deixava perplexa.

— O governo faz isso às vezes — explicou o advogado. — Eles tentam pressionar as pessoas para arrancar informações delas.

Eu não tinha nenhum dinheiro, nenhuma resposta e nenhum desejo de entrar num programa de proteção à testemunha.

Poucos anos antes, eu tinha chegado a Nova York num rompante de ostentação e fúria. Agora saía de lá em silêncio e sozinha.

Meu telefone parou de tocar, as garotas sumiram. Vendi minha mesa de pôquer, a Shuffle Master, entreguei o apartamento. Paguei aos caras da empresa de mudanças para colocarem dentro de caixas uma vida inteira e guardá-la num galpão em algum lugar do Queens.

★ ★ ★

Eu me mudei de volta para casa. Tentei aprender a viver na quietude, junto à natureza. Havia muitas perguntas sem resposta. O medo do desconhecido era uma presença constante em minha vida. Eu tinha dias bons e dias ruins. Às vezes, era invadida por uma incrível sensação de alívio; outras vezes ficava tão deprimida que nem sequer conseguia sair da cama.

Eu me lembrei de um velho jogador profissional que conheci no salão de pôquer do Bellagio. Na ocasião, eu estava tentando fisgar uma baleia enorme, em quem eu me mantinha de olho enquanto fingia ver Eugene jogar.

O profissional estava sentado à minha esquerda; ele tinha acabado de perder para uma mão que, em teoria, era bem pior que a dele. Então o homem se virou para mim e, com seus olhos sábios, anunciou:

— O pôquer vai partir seu coração, minha jovem.

— Ah — respondi, sorrindo. — Eu não jogo.

— Todos nós jogamos — retrucou ele. — O pôquer é o jogo da vida.

Ele estava certo. O pôquer tinha destroçado meu coração.

Porém, aprendi a passar pela coisa toda e sobrevivi. Eu saía para fazer caminhadas, lia, escrevia.

Meu irmão e eu fizemos uma viagem de sete dias ao Peru, terminando em Machu Picchu. Lá, eu me sentei no cume de uma colina e me maravilhei diante da espantosa obra-prima ao redor — o legado que aquela formidável civilização deixara para trás. Pensei no jogo. Quando eu comandava partidas de pôquer naquelas suítes e coberturas luxuosas, eu achava que estava no topo do mundo, mas se tratava de um mundo material. Havia empolgação e drama demais à minha volta. Todos os reis daquele mundo sentavam-se juntos, jogando e brincando com seus impérios. Depois que o *dealer* dava a última carta, depois que a mesa era levada embora, depois que as camareiras chegavam, não restava o menor resquício de rivalidade, não sobrevivia vestígio algum de glória, nenhum monumento grandioso à vitória. Restava apenas silêncio, como se nada tivesse acontecido.

EPÍLOGO

Passei dois anos juntando os cacos da minha vida. Seis meses depois da incursão dos agentes federais no meu jogo, Alex e alguns outros russos foram presos. Sobre eles pesava a acusação de comandarem um gigantesco esquema fraudulento, por meio do qual lesaram seguradoras em seiscentos milhões de dólares. De acordo com meu advogado, restava pouca dúvida de que era esse o motivo do envolvimento do FBI. Eu sabia que a poderosa rede de contatos que eu havia construído ao longo de anos e os relacionamentos que tinha cultivado já não eram mais viáveis. Não apenas a notícia correu rápido entre a comunidade do pôquer, mas a imprensa também divulgou em peso o indiciamento de Bradley Ruderman e a subsequente ação judicial em que todos os jogadores que haviam recebido um cheque dele no jogo estavam sendo processados. Muitos eram celebridades. Os jornalistas fuçaram um pouco e revelaram tudo sobre os jogos, os jogadores e a garota que comandava a operação toda. A imprensa se referia a mim como "Madame do Pôquer" ou "Princesa do Pôquer", e coisas piores. Os *paparazzi* apareceram na casa da minha mãe, na casa do meu pai, na escola onde cursei o ensino médio. Ligaram para meus amigos, ex-namorados, me mandaram uma enxurrada de e-mails. Não falei com ninguém, e, por fim, eles foram embora.

Eu me mudei de novo para Los Angeles pouco antes do meu aniversário, quase dois anos depois do dia em que meu mundo desmoronou. Encontrei um apartamento bonitinho, nada como as casas luxuosas em que morava em minha vida anterior, mas o transformei num espaço só meu. A maioria dos meus "amigos" tinha abandonado o barco depois que o dinheiro se foi, mas ainda me restavam alguns amigos de verdade que fiz ao longo do caminho, e me sentia grata por contar com eles. Certa manhã, saí para passear com Lucy e dei de cara com Eugene. Lá estava ele, como se o tempo não tivesse passado, com seus olhos pretos sorrindo para mim. Ele se mudara para Los Angeles e, por coincidência, morava num apartamento alugado a poucos quarteirões do meu.

— Zilla! — disse ele, com a voz suave, e me deu um abraço apertado.

Fiquei muito feliz por Eugene ter dado o fora de Nova York. A última notícia que eu tivera era a de que ele havia feito uma parceria com Eddie Ting, que, como era de se esperar, o apunhalou pelas costas. Passamos um

bom tempo conversando, relembrando os bons tempos, loucos tempos. Pedi desculpas pela maneira como eu o tratei.

— Sempre vou amar você, Zil, e já perdoei você há muito tempo. Você é a mulher mais forte e mais linda que conheço, com os menores pezinhos e bracinhos.

Gargalhei. Eu sentia tanta falta dele, sentia saudade de viver em nosso mundo de fantasia. Ele era a única pessoa que me conhecia de fato, me via de verdade, e vice-versa. Ele era minha alma gêmea, e o que eu sentia por ele era visceral, mas sabia que jamais poderíamos ser um casal. Ele era um apostador; sempre viveria à noite, viveria para a mão, a partida e a jogada seguintes. Nós nos entreolhamos; toda a paixão, o amor e a história eram vertiginosos.

— Melhor eu ir embora — comentei, um tanto relutante.

— Ok — disse ele.

Demos um abraço de despedida.

Caminhei até minha casa pensando na ironia de Eugene ter se mudado para tão perto. Pensei na minha vida insana no pôquer, da qual eu sentia saudade de vez em quando. O perigo, o dinheiro, a empolgação… mas não era algo sustentável. Eu tinha aprendido a viver de forma diferente agora. Dormia bastante, passava muito tempo ao ar livre, no sol, fazia refeições saudáveis, levava uma vida frugal. Estava em paz.

★ ★ ★

Quando me preparei para dormir naquela noite, vesti uma camisola de seda branca La Perla que Eugene me dera de aniversário muito tempo atrás.

Sorri. Ele estava bem, e isso era tudo o que eu queria dele. Escrevi um pouco antes de pegar no sono, aconchegada com Lucy, a única coisa verdadeiramente constante na minha vida.

Acordei com o toque incessante do meu celular. Confusa, olhei a hora. Cinco da manhã? Eu já não recebia ligações de números estranhos em horários estranhos. Atendi.

— Molly Bloom?

— Sim?

— Aqui é Jeremy Wesson, do FBI. Estamos do lado de fora do seu apartamento. Se não sair imediatamente, vamos arrombar a porta. Você tem vinte segundos.

Tomei um susto, meu coração disparou, as mãos ficaram trêmulas. Aquilo era uma brincadeira de mau gosto, alguém tentando me machucar? Fiquei sem entender.

— Quinze segundos, srta. Bloom.

Corri até a porta e a abri.

Foi uma cena de filme: agentes do FBI, talvez vinte deles, talvez mais, fuzis, algemas, vozes berrando comigo, as coisas que eles vociferam para criminosos violentos. Eles só tiraram minhas algemas para que eu pudesse trocar de roupa. Tive que fazer isso na frente das agentes mulheres. Nada de sutiã com aro, ordenaram elas. Como não me deixaram tocar em nada, elas mesmas me vestiram. Depois de recolocar as algemas, me enfiaram num utilitário preto.

— Para onde estamos indo? — perguntei baixinho.

— Para o centro da cidade. — Foi tudo o que disseram.

Entramos num estacionamento às escuras no subsolo de um prédio.

— Vocês estão prontos para a prisioneira? — perguntou um homem num radiocomunicador.

— Estamos — responderam.

Levaram-me para cima, e alguém anunciou alguma coisa sobre a prisioneira estar no andar.

Tomaram minhas impressões digitais, tiraram minha foto, e depois me pediram para ficar de pé de frente para a parede. Uma agente colocou grilhões nos meus pés.

— Vire-se — ordenou ela.

Ela prendeu uma enorme corrente em volta da minha cintura. Depois aferrolhou minhas mãos algemadas à corrente, e outra agente me levou para uma cela. Era difícil caminhar com os grilhões, que cortavam meus tornozelos, mas não ousei reclamar. Abriram a porta de uma cela imunda. Aterrorizada, olhei para o rosto delas. Elas me conduziram para dentro da cela e, com uma chave enorme, me trancaram lá.

— Quanto tempo vou ficar aqui? — perguntei educadamente.

— Eu tentaria ficar o mais confortável possível, querida — respondeu a mulher.

Ouvi os policiais berrarem "Prisioneiros no andar!". Ergui de repente a cabeça. Esperei até surgirem no fim do corredor os donos dos passos arrastados. Avistei dois olhos pretos amendoados muito familiares... *Eugene!* Perscrutei o rosto dele, e ele me fitou por um momento antes de desviar os olhos com frieza. Atrás dele estavam seu irmão Illya; Helly, o playboy abastado; Noah, o matemático chamado de "oráculo", que fazia previsões sobre resultados esportivos. Em seguida, apareceu Bryan Zuriff, um ricaço filhinho de papai. Quando meu advogado enfim apareceu, entregou-me o copioso processo de indiciamento, que detalhava a suposta conspiração criminosa. O documento parecia um roteiro de filme. Os réus iam de um homem conhecido como "Vor", chefão do crime organizado russo que também figurava na lista dos dez fugitivos mais procurados do mundo; Helly, o playboy endinheirado que tinha namorado inúmeras supermodelos; John Hansen, o grande mestre do xadrez; Noah, o sabichão em matemática; a Pete, o Encanador, que tinha perdido tanto dinheiro na jogatina que foi

obrigado a vender parte de sua empresa de encanamentos e instalações hidráulicas, que agora em teoria estava sendo usada como fachada para lavagem de dinheiro. E também foram indiciados Eugene, seu irmão e seu pai, que de acordo com os autos comandavam uma operação de corretagem de apostas de cem milhões de dólares a partir de seu apartamento na Trump Tower, onde eu passei tantas noites.

Ao todo eram citados 34 réus, e eu nunca tinha ouvido falar da maioria deles.

Eu era a única mulher.

Por fim, fui liberada mediante pagamento de cem mil dólares de fiança e recebi a ordem judicial para comparecer diante do juiz federal do distrito sul da cidade de Nova York para apresentar minha defesa.

★ ★ ★

Estar num tribunal foi uma das experiências mais bizarras que já tive. Nos bancos do lado esquerdo da sala de audiência estavam os amigos e familiares dos réus e também jornalistas. Olhei de relance para minha mãe, que, sem saber, estava sentada ao lado da mãe de Eugene, que parecia angustiada. Fiquei de coração partido por ela; toda a família fora indiciada. Os bancos do lado direito eram reservados aos réus, e os denunciados que ainda estavam encarcerados se sentavam atrás de uma divisória de vidro na ponta da sala. Para me tranquilizar, meus dois advogados estavam sentados comigo, um de cada lado, explicando-me tudo que acontecia e certificando-se de que eu estava bem. Olhei ao redor para meus supostos coconspiradores. Alguns usavam ternos elegantes, outros vestiam agasalhos aveludados, outros usavam o uniforme do presídio. Eu tinha lido o comunicado à imprensa no site do FBI. Eu estava diante da possibilidade de ser sentenciada a uma pena de cinco a dez anos de prisão.

O juiz entrou e todos ficamos de pé. A maior parte de seu discurso tratou sobre questões meramente processuais. Olhei ao redor à procura de Eugene. Ele estava sentado na primeira fila e vestia roupas casuais. Esperei enquanto cada um dos réus, muitos dos quais precisavam de tradutores, alegava sua inocência. Por fim, o juiz chamou meu nome, o último da lista. Eu me levantei, embora mal conseguisse sentir as pernas. Todos os presentes se voltaram para mim, e senti que a sala começou a girar.

— Como se declara, srta. Bloom?

— Inocente, meritíssimo — consegui responder.

— Desculpe. Não consigo ouvi-la aí do fundo. Como a senhorita se declara acerca das acusações feitas contra sua pessoa?

O tribunal inteiro ficou em silêncio. De alguma forma, recorri a uma reserva adicional de força que eu desconhecia.

Falei com uma voz sonora e vigorosa:

— Eu me declaro inocente de todas as acusações, meritíssimo.

O ano seguinte à minha prisão foi angustiante e aterrorizante, mas também foi um ano de muito crescimento. Decidi não recorrer. Infelizmente, nem sempre se trata de uma questão de culpado ou inocente. Se eu tivesse escolhido lutar e contestar o indiciamento, isso teria me custado milhões de dólares (eu mal tinha dinheiro para arcar com as viagens para comparecer à corte nas datas obrigatórias), bem como anos da minha vida — tudo isso sem garantia alguma de justiça. Também me recusei mais uma vez a cooperar com o governo. Assim, no dia mais frio do ano, 12 de dezembro de 2013, capitulei: hasteei a bandeira branca e acatei as acusações. Nesse dia, eu me tornei uma criminosa condenada, e desde então aguardo sentença.

Não sei qual será a sentença proferida pelo honorável juiz federal, mas sei que, independente do que ele decretar, ele não decide meu destino. Eu decido. Já me perguntaram muitas vezes: se eu tivesse de fazer tudo de novo, escolheria o mesmo caminho? A minha resposta é sim, mil vezes sim. Vivi uma grande aventura. Aprendi a acreditar em mim mesma. Tive coragem e fui com tudo. Também fui inconsequente e egoísta. Eu me perdi ao longo do caminho. Abandonei coisas que eram importantes e as troquei por riqueza e status. Desejei demais o poder e magoei pessoas. Porém, fui obrigada a encarar a mim mesma, a perder tudo e a quebrar a cara na frente do mundo inteiro, e as lições que aprendi na minha trajetória rumo ao topo foram tão valiosas quanto as que aprendi na derrocada. Sei que desta vez vou usar tudo que aprendi para fazer algo que seja importante e relevante.

NOTA DA EDITORA

Em 2014, Molly Bloom foi sentenciada a um ano em liberdade condicional e duzentas horas de serviço comunitário. Sua multa foi estipulada em mil dólares.

O juiz responsável pela condenação alegou que a prisão seria uma pena muito severa para Molly, e que sua participação no esquema de apostas do crime organizado americano-russo era pequena.

AGRADECIMENTOS

Escrever este livro não foi uma empreitada isenta de desafios.

Quero agradecer às pessoas que ficaram a meu lado, me encorajaram e acreditaram em mim.

Carrie, obrigada por acreditar na minha história e por trabalhar incansavelmente para fazer do livro o que ele é. Você é uma colaboradora e amiga extraordinária.

Lisa Gallagher, tenho a sensação de que conheci você milhões de vidas atrás. Passamos juntas por tanta coisa... Você se empenhou intensamente, como agente e como amiga. Não consigo imaginar uma parceira mais brilhante, astuta e solidária que você para me acompanhar nessa jornada.

Susan, você é incrível. Seu trabalho árduo e sua bondade foram parte essencial desse processo.

Lynn, minha editora, obrigada por todo o apoio.

Joseph, obrigada por sua criatividade e visão.

Matthew, sou muito agradecida por nosso encontro afortunado anos atrás. Você se tornou um dos meus melhores amigos e um dos meus conselheiros mais confiáveis. Sou um grande fã do clã Hilzik. Obrigada por sua ajuda e orientação e por sempre me fazer rir.

Jim Walden, como posso agradecer à altura? Você é um verdadeiro gladiador. Sua integridade, sua compaixão e seu inabalável comprometimento com a justiça restauraram minha fé nos meus momentos mais sombrios.

Sarah Vacchiano, sua generosidade e competência tiveram para mim um significado muito maior do que você jamais imaginará. Sinto-me honrada por tê-la ao meu lado e como minha amiga.

Leopoldo, o que posso dizer? Você foi parte fundamental tanto deste livro quanto da minha vida inteira. Você ilumina o mundo com sua bondade radiante. Eu amo muito você.

Jordan e Jeremy, obrigada por seu amor incondicional. A cada dia fico mais e mais impressionada pelos seres humanos extraordinários que se tornaram. Vocês não são apenas meus irmãos, mas meus melhores amigos.

Gram, sinto-me abençoada por ter passado tanto tempo com você, primeiro quando éramos crianças, e depois já na vida adulta. Amo você.

Ali, eu me sinto arrebatada e repleta de amor só de escrever seu nome. Você ficou ao meu lado sem hesitação, sem fazer nenhum julgamento.

Amparou meu espírito desalentado com bondade e delicada orientação. Você me ensinou, por seu exemplo, o valor da gratidão, da compaixão e da generosidade. Você é minha melhor amiga, minha irmã e minha bússola. Não existem palavras para descrever com justiça minha gratidão — apenas uma vida inteira tentando ser tão boa para você como você é para mim e para o restante do mundo. Você é mesmo a minha heroína.

Steph, você é uma enorme inspiração para mim. Obrigada pela amizade incondicional, pelas sessões de estratégia e por seu apoio resoluto.

LL, você foi um dos primeiros amigos que fiz em Los Angeles. Obrigada por voltar para minha vida quando mais precisei de você.

E por fim, papai, para mim o senhor sempre foi descomunal. O senhor me ensinou a ser destemida e a acreditar nos meus sonhos, e me deu a coragem e os conselhos para realizá-los.

Amo você, papai.

SOBRE A AUTORA



© AAron Ontiveroz/The Denver Post via Getty Images

Molly Bloom cresceu em Loveland, no Colorado, Estados Unidos. Formou-se em ciência política e foi atleta da seleção americana de esqui. Operou por anos uma das mais valiosas mesas de pôquer do país, até ser presa, em 2013, pelo FBI. Suas memórias narradas em *A grande jogada* foram adaptadas para o cinema, na produção dirigida por Aaron Sorkin, com Jessica Chastain, Idris Elba e Kevin Costner no elenco. Atualmente, Molly mora em Los Angeles.

LEIA TAMBÉM



Endurance
Scott Kelly



Bilionários por acaso
Ben Mezrich